

*A
MENSAGEM DE*

ROMANOS

DAVID K. BERNARD

A Mensagem de Romanos

Por David K. Bernard

1987 David K. Bernard

Reimpresso: 1990, 1993, 1995, 1997, 2000.

Algumas citações das Escrituras nesta publicação (no original) são da New King James Version; algumas são da New International Version. Em português, as citações são da Versão Almeida Corrigida Fiel, sendo algumas da Versão Almeida Corrigida, da Almeida Revista e Atualizada no Brasil e Melhores Textos.

Todos os direitos reservados. Nenhuma porção desta publicação pode ser reproduzida, armazenada por meio eletrônico ou de qualquer forma transmitida, por nenhum meio, eletrônico, mecânico, fotocópia sem a prévia permissão de David K. Bernard. Breves citações podem ser usadas em revistas literárias.

Título Original: The Message of Romans

Publicado pela Word Aflame Press

8855 Dunn Road

Hazelwood, MO 63042-2299

BS2665.3.B39 1987

ISBN 0-932581-18-8

Este volume foi traduzido originariamente para o português por: Robert M. Norris e Philip D. Walmer, e publicado em fevereiro/2001. Nesta edição, foi utilizada parte da tradução já existente, que foi também revisada por Alcina M.S.Lima (Janeiro/2006). Nova revisão em Outubro 2009, por Alcina Lima.

Pedidos desta edição para:

IGREJA PENTECOSTAL UNIDA DO BRASIL

Rua Ramos Ferreira, 2339, Praça 14 – Manaus – AM

CEP: 69020-080 - Fone: (92) 232-8820

Em Portugal: 265553245/918504126

Para Charles, meu amigo (e cunhado)

Para Karen, minha irmã menor

Para Julie, minha irmã mais nova

ÍNDICE

Prefácio	5
Introdução	7
I. Prólogo (1:1-17)	15
Introdução pessoal	
A. Saudação (1:1-7).....	15
B. Interesse Pessoal de Paulo (1:8-15).....	17
C. Tema da Epístola (1:16-17).....	18
II. Culpa Universal (1:18-3:20)	21
A necessidade universal da justiça de Deus	
A. A Culpa dos Gentios (1:18-32).....	21
B. A Culpa dos Judeus (2:1-3:8).....	25
C. Conclusão: O Mundo Inteiro é Culpado (3:9-20)..	34
III. Justificação pela Fé (3:21-5:21)	37
Os meios de receber a justiça de Deus	
A. A Explicação da Doutrina (3:21-31).....	38
B. A Prova das Escrituras (4:1-25).....	44
C. Bênçãos Permanentes da Justificação (5:1-11)...	52
D. Aplicação Universal (5:12-21).....	55
IV. A Vida do Crente (6:1-8:39)	62
A vida de santidade que resulta de receber a justiça de Deus	
A. Morto para o Pecado, Vivo para Deus (6:1-14)....	63
B. Livre do Pecado, Escravo da Justiça (6:15-23).....	66
C. Livre da Lei (7:1-13).....	67
D. Incapacidade da Carne (7:14-25).....	71
Vida no Espírito (8:1-39).....	74
V. A Condição de Israel (9:1-11:36)	86
A rejeição da justiça de Deus por Israel, em relação ao passado, presente e futuro	
A. As Promessas de Deus Não São para Todos os do Israel Natural (9:1-13).....	86
B. A Soberania de Deus (9:14-29).....	90
C. A Rejeição de Israel por Deus Deve-se à Descrença de Israel (9:30-10:21).....	94
D. O Remanescente Presente e a Futura Restauração de Israel (11:1-36).....	102
VI. Exortações Práticas para o Viver Cristão (12:1-15:13).....	111
A justiça de Deus na vida prática	
A. A Conduta, como Membro da Igreja (12:1-21).....	111
B. A Conduta como Cidadão do País (13:1-10).....	117
C. Nosso Grande Incentivo e Esperança (13:11-14)..	120
D. Questões de Consciência (14:1-15:13).....	121
VII. Epílogo (15:14-16:27)	132
Conclusão pessoal	
A. A Razão de Paulo para Escrever (15:14-21).....	132
B. Os Planos Pessoais de Paulo (15:22-33).....	133

C. Recomendações a Febe (16:1-2).....	136
D. Saudações aos Santos Romanos (16:3-16).....	136
E. Admoestação Final (16:17-20).....	139
F. Saudações dos Companheiros de Paulo (16:21-24)..	140
G. Doxologia (16:25-27).....	141
Bibliografia	143

Prefácio

Romanos tem sido chamado a obra-prima teológica do Novo Testamento e, talvez, de toda a Bíblia. Se uma pessoa pode compreender os conceitos do Livro de Romanos, ela terá um sólido fundamento para o estudo de toda a Bíblia.

Este estudo de Romanos está baseado na premissa de que Romanos é parte da inspirada Palavra de Deus e, por isso, tem autoridade e não contém falhas.

Embora muitos livros tenham sido escritos sobre Romanos, muito poucos foram escritos de uma perspectiva da Unicidade Pentecostal, que o autor acredita que seja o mais apostólico ponto de vista bíblico. O propósito deste livro, todavia, não é defender uma denominação ou um dogma preconcebido, mas uma compreensão e análise do Livro de Romanos. Ao mesmo tempo, o autor pretendeu incorporar vistas gerais e assuntos não discutidos por autores de outros segmentos doutrinários. O índice tem a forma de um sumário geral do Livro de Romanos, enquanto sumários mais detalhados aparecem no começo de cada uma das seções maiores.

Assume-se que o leitor tem acesso à Versão King James (*KJV*) da Bíblia¹. Para ajudar o leitor, este livro usa a Nova Versão King James (*NKJV*), como um texto primário de estudo, com o uso secundário da *KJV* e da Nova Versão Internacional (*NIV*). A *NKJV* não é uma versão nova, mas antes uma versão mais recente, com uma revisão mais extensa da *KJV*. Embora a *KJV* tenha sido originalmente produzida em 1611, ela passou por numerosas revisões; a *KJV* usada com mais frequência hoje é efetivamente a edição de 1769, de Dr. Blayney, de Oxford. A *NKJV* tem um vocabulário modernizado, incluindo pontuação e gramática, ao mesmo tempo em que procura preservar a exatidão e reter a forma e estilo tradicionais.

Tanto a *KJV* como a *NKJV* são baseadas no *Textus Receptus* (Texto Recebido), que é o texto tradicional do Novo Testamento Grego, sustentado por mais de noventa por cento dos manuscritos. A maioria dos estudiosos hoje usa um outro texto grego, ligeiramente diferente, chamado aqui de “texto crítico”, e identificado como o Nestle-Aland Text (26ª. Edição) e Texto da União das Sociedades Bíblicas (3ª. Edição) do Novo Testamento Grego. Onde o texto crítico omite uma palavra ou frase importante, ou, então, difere significativamente do *Textus Receptus*, este livro faz a indicação. Como o leitor irá observar, as variações são relativamente mínimas; nenhuma delas afeta significativamente o conteúdo da doutrina.

Este livro surgiu de cinco anos de ensino de Romanos no Jackson College of Ministries. A cada ano, o estudo de Romanos dava ao autor uma maior clareza, enriquecimento e inspiração. Espera-se que o leitor seja, igualmente abençoado, ao mergulhar no estudo da Palavra de Deus.

¹ Na tradução para o português foram utilizadas as versões: Almeida Corrida Fiel, Almeida Revista e Corrigida, Edição de 1995, Almeida Revista e Atualizada no Brasil e Melhores Textos. (NT)

Introdução

A Necessidade da Teologia.....	7
Inspiração e Lugar no Cânon.....	7
Texto.....	8
Autor.....	8
Data e Lugar Onde Foi Escrito.....	9
Destinação Original.....	9
Propósito.....	10
Estilo e Estrutura.....	11
Sumário e Conteúdo.....	11
Definição de Termos-chave.....	12

Introdução

O Livro de Romanos é um dos mais poderosos e influentes livros da Bíblia. Ele é o primeiro da lista entre os livros escritos por Paulo, em profundidade teológica e significância, tanto como em extensão. Ele discute a doutrina cristã da salvação de uma forma mais detalhada que qualquer outro livro da Bíblia. Seus conceitos teológicos aplicam-se a toda a raça humana, independente de lugar, cultura ou época.

A Necessidade da Teologia

Antes de discutir os fatos concernentes ao Livro de Romanos, é importante deixar clara a necessidade do estudo da Bíblia de uma perspectiva teológica. Por teologia, queremos dizer um estudo sistemático e lógico da doutrina bíblica.

Estudar teologia nos capacita a desenvolver um sistema organizado de pensamento nas áreas doutrinárias. Isto, por sua vez, nos habilita a: (1) fazer uma defesa consistente da fé e (2) conhecer todo o material bíblico relativo a uma doutrina específica. Desta maneira, podemos cumprir as admoestações escriturísticas de: (1) ser estudioso (diligente) obreiros aprovados por Deus, que não têm de que se envergonhar, mas que partilha corretamente (maneja bem) a Palavra da verdade (II Timóteo 2:15); (2) usar as Escrituras proveitosamente, para ensinar, redarguir, corrigir, e instruir em justiça (II Timóteo 3:16); (3) para sermos fortes em nossas crenças, para não sermos levados em roda por todo vento de doutrina (Efésios 4:14); estar apto a responder a qualquer um que perguntar sobre a nossa fé (I Pedro 3:15).

Alguns supõem erroneamente que a teologia tem efeito danoso na espiritualidade. Nada pode estar mais longe da verdade. Um estudo sincero, acompanhado de oração, das doutrinas bíblicas irá, na verdade, aumentar a espiritualidade. De facto, verdadeira espiritualidade, em oposição ao misticismo ou existencialismo, pode ser desenvolvida somente através de um sólido entendimento da Palavra de Deus. A verdade nos liberta espiritualmente (João 8:32). Quanto mais compreendemos os princípios divinos, o poder de Deus irá operar em nossas vidas e em nossas igrejas.

Uma outra conclusão errônea é dizer que há pouca conexão entre as crenças doutrinárias, por um lado, e caráter e estilo de vida, por outro. Ao contrário, o que nós cremos irá, com certeza, determinar nossa conduta. Pontos de vista doutrinários inadequados ou falsos afetam fortemente nossa maneira de viver, as ações que nós tomamos e as escolhas que nós fazemos. Quanto mais assimilamos os princípios divinos, mais semelhantes a Cristo nos tornaremos em nossa vida prática.

A maneira de crescer em maturidade e fé é ter um equilíbrio de teologia e espiritualidade. Nós devemos ser tão zelosos no estudo e meditação da Palavra de Deus como o somos na adoração a Deus e companheirismo uns com os outros. Nós devemos ser tão zelosos na oração e adoração, como o somos no estudo.

De uma determinada forma, todo ministro deve ser um teólogo, e cada teólogo deve ser um ministro. Para ministrar a outros, nós precisamos ter uma sólida base nas Escrituras. Nossas mentes devem ser saturadas com a Palavra de Deus. Nossos conselhos e pregações devem proclamar os princípios divinos, não nossas próprias ideias. Por outro lado, cada estudante da Bíblia deve estar envolvido em ministério prático, não apenas um “elefante branco” de teoria. A Palavra de Deus torna-se viva quando a colocamos em ação. Somente aplicando-a em todos os aspectos da vida, podemos verdadeiramente compreender a Palavra de Deus.

Inspiração e Lugar no Cânon

Uma vez que Romanos é parte da Bíblia, a reivindicação de sua inspiração irá permanecer ou cair juntamente com a reivindicação de toda a Bíblia. Romanos contém algumas reivindicações internas de sua autoridade escriturística. Primeiro, ele reivindica ser de autoria de um apóstolo escolhido por Deus (Romanos 1:1). O autor afirma que suas palavras são verdadeiras (Romanos

9:1). Ele admoesta os leitores a se separarem de qualquer um que se recuse a obedecer às doutrinas que eles aprenderam, o que certamente inclui as doutrinas do próprio livro de Romanos (Romanos 16:17). Se aceitarmos Romanos como válido, temos que aceitar suas reivindicações de ser a inspirada Palavra de Deus.

Reconhecendo que Romanos é inspirado por Deus, todo o Cristianismo tem reconhecido que é correta a sua colocação no cânon (a lista dos livros aceitos como fazendo parte das Escrituras). Desde os primórdios, a igreja tem reconhecido a canonicidade de Romanos. Pedro referiu-se a todas as epístolas de Paulo como Escrituras, o que certamente inclui este livro, talvez sua primeira epístola (II Pedro 3:15-16). Muitos líderes da história antiga da igreja citam ou aludem a Romanos como Escritura. Entre os anos de 90 e 150 de nossa era, por exemplo, Policarpo, Clemente de Roma, e a *Didache* citam ou aludem a Romanos, e Irineu declarou que ele é autêntico. Cerca do ano 250, Justino Mártir, Clemente de Alexandria, Orígenes e Tertuliano referiram-se ao livro como tendo autoridade. Nós não temos nenhum registro de que sua autenticidade ou canonicidade tenha sido alguma vez colocada em discussão. Todos os cânones mais antigos, traduções e credos de concílios reconhecem que ele é parte do Novo Testamento.

Texto

Os estudiosos geralmente concordam que todos os dezesseis capítulos de Romanos pertencem ao livro e foram escritos por um só autor. Todos os manuscritos de Romanos existentes incluem os dezesseis capítulos. Nos tempos antigos, algumas pessoas fizeram circular o Livro de Romanos sem o capítulo 16. Alguns até mesmo omitiram inclusive o capítulo 15. Uma vez que o capítulo 16 consiste basicamente de cumprimentos aos santos romanos, é compreensível que alguns o omitissem ao circular o livro em outras igrejas. Em vista de seu conteúdo não doutrinário, não haveria motivos para que ele fosse incluído no livro, caso ele não fosse genuíno. Ninguém se beneficiaria por forjar tal capítulo.

A omissão do capítulo 15 por alguns resultou, aparentemente, da influência de Marcion, um herético dos primórdios da igreja que repudiava o Antigo Testamento. Uma vez que o capítulo 15 contém uma sequência de citações do Antigo Testamento e descreve o Antigo Testamento como escrito para o nosso ensino (Romanos 15:4), não é de admirar que Marcion o eliminasse, como ele fez com muitas outras porções do Novo Testamento. A primeira metade do capítulo 15 continua e conclui o pensamento do artigo 14. Claramente, então, não está completo sem o capítulo 15 e não pode ser o final do livro.

Este comentário usa primeiramente a Nova Versão King James para a tradução da epístola em inglês, usando também a KJV. Isto tem a vantagem de evitar palavras arcaicas e a pontuação arcaica presentes nas revisões mais antigas da Versão King James (KJV). Além disso, a *KJV* nem sempre facilita um estudo doutrinário detalhado, baseado em palavras-chave, porque, por razões estilísticas e contextuais, ela usa palavras inglesas diferentes, para traduzir a mesma palavra grega. Onde a *NKJV* segue esta prática, este comentário procura prover informações adicionais, em situações significativas.

A KJV e a NKJV são baseadas no texto grego de Erasmus, de 1527. Este texto não leva em conta a evidência dos manuscritos mais antigos, descobertos a partir daquela época, nem reflete as conclusões do criticismo textual moderno. Para dar ao leitor a maior quantidade possível de informações, este livro identifica palavras ou frases, significativas consideradas pela maioria dos estudiosos hoje como não fazendo parte do texto grego original. Ele irá também destacar quaisquer outras variações significativas do texto crítico atual.

Autor

Uma vez que o Livro de Romanos é parte da Palavra Inspirada de Deus, em última análise, Deus é o verdadeiro Autor do livro. Na verdade, Deus usou um agente humano para escrever o livro, e, de acordo com Romanos 1:1, aquele autor humano foi Paulo.

Paulo, cujo nome hebraico era Saulo (Saul), era um judeu muito devoto e altamente educado (Atos 22:3; Filipenses 3:4-6). Inicialmente, ele perseguia os cristãos amargamente, mas, depois de uma experiência de conversão miraculosa, ele começou a pregar o evangelho ao qual ele tinha inicialmente feito oposição. Ele recebeu seu chamado apostólico de Deus, e a sua compreensão do evangelho, por revelação divina (Gálatas 1:1, 11-12). Ele tornou-se o apóstolo principal (chefe) dos gentios, o maior missionário da igreja cristã primitiva, e o escritor da maior parte do Novo Testamento. Atos 9 e Atos 22 registam a conversão de Paulo, enquanto Atos 13-28 registam seu ministério.

Os estudiosos concordam que Paulo escreveu Romanos. Somente uns poucos críticos radicais têm desafiado esta opinião, e suas conclusões não têm recebido aceitação significativa. Para os crentes na Bíblia, a afirmação de Romanos 1:1 é conclusiva.

Paulo ditou Romanos para um escrivo cristão chamado Tercio (Romanos 16:22). Aparentemente, Febe, uma obreira da igreja de Cencreia, entregou a carta de Paulo (Romanos 16:1-2).

Data e Lugar Onde Foi Escrito

A evidência interna indica fortemente que Paulo escreveu o Livro de Romanos em Corinto, nos três meses que ele permaneceu lá, durante sua terceira viagem missionária (Atos 20:2-3). Paulo tinha pregado o evangelho todo o caminho, desde o Ilírico (norte da Grécia), mas não tinha ainda pregado em Roma (Romanos 1:13; 15:19). Ele estava coletando uma oferta especial na Macedônia e Acaia (onde Corinto estava localizado), para levar para os santos em necessidade em Jerusalém (Romanos 15:25-26). Paulo falou desta arrecadação aos coríntios (I Coríntios 16:1-4; II Coríntios 8-9), e cumpriu esta tarefa no final de sua terceira viagem missionária (Atos 24:17). Ao tempo em que Paulo escreveu Romanos, ele estava hospedado com Gaio (Romanos 16:23), e a igreja de Corinto tinha um membro chamado Gaio, que Paulo mesmo tinha batizado (I Coríntios 1:14). A cidade da qual Paulo escreveu tinha um procurador, o que indica que ela era capital de uma província ou pelo menos uma grande cidade (Romanos 16:23). Paulo menciona Cencreia, o porto marítimo oriental de Corinto, como se ela estivesse próxima de onde ele se encontrava (Romanos 16:1-2). Em resumo, tudo aponta para a estada de Paulo em Corinto, durante sua terceira viagem missionária.

Dada esta evidência, a maioria dos estudiosos afirma que Paulo escreveu Romanos durante o inverno de 57-58 a.D., provavelmente durante os primeiros dias de 58, talvez em fevereiro. Alguns datam o livro do ano anterior. Tanto uma data, como a outra, o colocam na primeira metade do reinado do imperador Nero (a.D. 54-68), durante um tempo relativamente próspero e pacífico para a cidade de Roma. Isto também faz de Romanos um dos primeiros livros do Novo Testamento a serem escritos. Ela é uma das primeiras epístolas paulinas, vindo somente depois de Tessalonicenses, Gálatas e Coríntios.

Destinatário Original

O Livro de Romanos é uma carta, endereçada por Paulo aos crentes cristãos da cidade de Roma (Romanos 1:7). Roma, a capital do Império Romano, era a maior e mais importante cidade do mundo nos dias de Paulo. Nessa época, Roma tinha uma população estimada em mais de 4.000.000, incluindo uma grande população judaica – grande o suficiente para sustentar pelo menos onze sinagogas.² A religião tradicional politeísta de Roma estava em decadência e havia, aparentemente, um grande número de gentios “tementes a Deus”. Estas pessoas frequentavam a sinagoga e direcionavam suas vidas de acordo com a Lei moral [os Dez Mandamentos], embora não tivessem oficialmente se tornado judeus prosélitos, através da circuncisão.

Aparentemente, a igreja de Roma era muito grande. Romanos 16 indica que os crentes encontravam-se em diversos grupos através da cidade. Em 64 a.D., o historiador romano, Tácito,

² D. Edmund Hiebert, Na Introduction to the Pauline Epistles (Chicago: Moody Press, 1954), página 165.

registrou a existência de “uma imensa multidão” de cristãos em Roma.³ Os comentários de Paulo sugerem que a igreja era forte e madura e já existia há vários anos (Romanos 15:14, 23-24).

Quem fundou a igreja em Roma? Paulo certamente não o fez, uma vez que ele nunca tinha estado lá. A Igreja Católica Romana afirma que Pedro fundou a igreja de Roma, mas a evidência interna exclui esta possibilidade. Paulo declara expressamente que ele “não edificaria sobre fundamento alheio” (Romanos 15:20), todavia, ele planejava ir a Roma para comunicar-lhes “algum dom espiritual (Romanos 1:11-15). Além do mais, se Pedro tivesse fundado a igreja ali e fosse o Bispo de Roma, Paulo certamente o teria incluído entre os vinte e oito santos romanos que ele mencionou em Romanos 16:3-16.

Talvez algum dos judeus romanos presentes no Dia de Pentecostes tenha recebido o Espírito Santo e retornado para Roma com o evangelho (Atos 2:10). Talvez alguns parentes do centurião romano, Cornélio tenha levado o evangelho para Roma (Atos 10). Caso contrário, a igreja de Roma veio à existência pela imigração de cristãos de outras partes do Império Romano, provavelmente de igrejas que Paulo tinha estabelecido na Ásia Menor. Isto parece provável, uma vez que Paulo já conhecia muitos dos crentes romanos, tendo convertido alguns e trabalhado na propagação do evangelho com outros (Romanos 16:3-16).

Parece que a maioria da igreja de Roma era formada de gentios (Romanos 1:5; 11:13; 15:14-16). Entretanto, tudo indica que havia um número significativo de cristãos judeus na igreja (Romanos 4:1; 9:10). Paulo esperava que seus leitores estivessem familiarizados com a lei, o que sugere que muitos na igreja eram judeus, judeus prosélitos ou gentios “tementes a Deus” (Romanos 7:1).

É claro que, como Paulo reconheceu em uma outra de suas cartas, seus escritos aplicavam-se não somente às igrejas locais às quais eram endereçados, mas a todos os cristãos (I Coríntios 1:2).

Propósito

O propósito imediato da carta era informar e assegurar aos cristãos romanos da intenção e plano de Paulo de visitá-los em breve (Romanos 1:11-13). Ao lado deste propósito imediato para escrever, Paulo, evidentemente, tinha um propósito muito maior e mente. Ele desejava dar a eles uma compreensão clara e ordenada do evangelho. O Livro de Romanos, como um todo, efetivamente se parece mais com um tratado doutrinário do que com uma carta.

Por que Paulo sentiu a necessidade de enviar um tal tratado aos romanos? Ele não estava respondendo a problemas internos da igreja, ou atacando um grupo em particular de falsos mestres. Ele reconheceu a maturidade da igreja de Roma, mas, como o apóstolo dos gentios, ele sentia de forma profunda a sua responsabilidade para com a igreja da principal cidade dos gentios. Uma vez que ele nunca tinha tido a possibilidade de ensinar-lhes pessoalmente, ele sentiu-se compelido, por seu divino chamado, a mandar a eles, por escrito, esta mensagem dada por Deus (Romanos 15:14-16).

Através desta apresentação doutrinária, ele procurou ganhar o apoio de suas orações e outras formas de assistência para seus esforços missionários (Romanos 15:24, 30). O mais importante, ele queria salvaguardá-los contra falsas doutrinas e alistá-los na defesa da verdade. Ele conhecia judaizantes e outros falsos mestres que os atacariam e ele queria equipá-los para resistir ao erro e lutar pela verdade.

Neste maior propósito para sua epístola, nós vemos a mão de Deus em ação. Deus inspirou Paulo a escrever Romanos, para que a igreja pudesse ter uma clara e poderosa instrução do evangelho da salvação pela fé. Desta forma, Deus projetou Romanos para ter uma aplicação universal.

³ Idem, página 171.

Estilo e Estrutura

O estilo de Romanos é caracteristicamente Paulino, com os termos e expressões favoritas de Paulo mostrando-se através de todo o livro. As secções sobre a justificação pela fé e sobre a vida dos crentes (capítulos 3-8) estão estreitamente relacionadas com uma carta anterior, escrita aos gálatas. A secção sobre um viver cristão prático (capítulos 12-15) tem muitos ensinamentos em comum com a primeira carta que Paulo escreveu aos Coríntios.

O estilo de Paulo em Romanos é muito forte e poderoso. Embora Paulo enderece a carta para a igreja de Roma, ele declara seus argumentos de uma maneira tal que dá a eles relevância universal.

O Livro de Romanos é pesadamente doutrinário. Ele contém mais citações do Antigo Testamento do que o restante das epístolas paulinas juntas (excluindo Hebreus). Sua apresentação da doutrina é sistemática e lógica. Como resultado, Romanos é o mais formal dos livros de Paulo e, de facto, de todos os livros da Bíblia.

Estruturalmente, nós podemos dividir o livro em três secções maiores:

- (1) *Prólogo* – introdução pessoal (1:1-17);
- (2) *Corpo* – substância ou conteúdo da doutrina (1:18-15:13);
- (3) *Epílogo* – conclusão pessoal (15:14-16:27).

Sumário do Conteúdo

Romanos 1:16-17 declara o tema do livro: O evangelho de Cristo é o poder de Deus para a salvação. Este poder salvador vem para todos os que crêem. Os justos devem viver pela fé.

Nós podemos dividir o corpo da epístola em cinco pontos maiores, tendo todos como centro a justiça de Deus, que Ele coloca sobre os crentes:

- (1) *A Culpa Universal* – A necessidade universal da justiça de Deus (1:18-3:20);
- (2) *Justificação pela Fé* – Os meios de receber a justiça de Deus (3:21-5:21);
- (3) *A Vida do Crente* – A vida de santidade que resulta de receber a justiça de Deus (6:1-8:39);
- (4) *A Condição de Israel* – A rejeição da justiça de Deus por Israel, com relação ao passado, presente e futuro;
- (5) *Exortações Práticas para o Viver Cristão* – A justiça de Deus na vida prática (12:1-15:13).

Como este breve esboço demonstra, Romanos está organizado de forma muito lógica. E, primeiro, prova que todos os homens são pecadores e precisam de salvação; depois, ele explica como todos os homens podem ser salvos – através da fé em Cristo, baseada na morte e ressurreição de Jesus. Então, ele descreve a nova vida que resulta de ser salvo – a vida de santidade e andar no Espírito. Depois disto, ele lida com uma séria objeção, nos dias de Paulo, aos seus ensinamentos, nomeadamente: por que o povo escolhido de Deus, Israel, não seguia esta doutrina da salvação pela fé? Finalmente, ele dá algumas instruções bem práticas com relação à conduta do justo, em seu relacionamento com Deus, com a igreja, com os homens de um modo geral e uns com os outros.

Embora Romanos ensine a doutrina de uma maneira organizada, numa sequência racional, ele não é uma teologia sistemática no sentido estrito. Isto é, ele não tenta discutir todas as maiores doutrinas e apresentá-las como um sistema completo. Por exemplo, discussões sistemáticas de Cristologia e de Escatologia estão ausentes em Romanos. Há alusões à forte crença de Paulo na divindade de Cristo (Romanos 9:5; 14:10-11), mas encontramos seu tratamento sistemático da Cristologia em Colossenses. Da mesma maneira, Paulo toca no assunto dos eventos finais (Romanos 11:25-27), mas encontramos sua apresentação específica da escatologia em I e II Tessalonicenses.

Além disso, Romanos não contém uma discussão sistemática do arrependimento, batismo na água e batismo do Espírito Santo, uma vez que ele estava se dirigindo a crentes que já tinham recebido estas experiências. Todavia, Romanos 6 e 8 efetivamente contém importantes referências a estes eventos passados. Podemos também observar que o Livro de Romanos quase nunca menciona

perdão e remissão de pecados. Em vez disso, ele quase sempre fala de conversão em termos de justificação. Ambas são importantes maneiras de olhar a obra de Deus para a salvação do homem.

Embora Romanos não seja realmente uma teologia sistemática que trate da completa doutrina cristã, ele cobre muitos princípios importantes de uma forma compreensiva. Exemplos disso são as doutrinas do pecado, justificação pela fé, justiça, graça, lei e santidade.

Definições de Termos-Chave

Neste ponto, é de utilidade definir alguns termos doutrinários chave que aparecem no texto de Romanos, na *KJV* ou na *NKJV* e nestes comentários.⁴

Carnal: da carne, natural, especificamente: físico, material (15:27); (2) Da natureza humana pecaminosa (8:6-7).

Carne: (1) O corpo físico (2:28); (2) A humanidade (3:20); (3) A natureza humana, incluindo a herança natural humana (1:3), a fraqueza humana (6:19) e a humanidade sem pecado de Cristo (8:3); (4) A natureza humana pecaminosa, com seus desejos pecaminosos, incluindo a natureza humana não regenerada, antes da conversão (8:8-9) e a natureza pecaminosa ainda presente no crente (7:18).

Espírito: (1) O espírito humano; a consciência dada por Deus, a parte espiritual do homem, em contraste com a parte física, parte do homem (1:9). (2) O Espírito de Deus; Espírito Santo; Espírito de Cristo (1:4; 8:11).

Evangelho: A boa nova de que Jesus morreu, foi enterrado e ressuscitou por nossa salvação (1:1, 16). (Veja I Coríntios 15:1-4).

Exortação: Encorajamento, conforto (12:8).

Expição: (1) Uma cobertura para o pecado; satisfação da justiça divina. Neste sentido, ela aparece somente no Antigo Testamento (Êxodo 29:33), mas, em Romanos 3:25, na *KJV*, a palavra propiciação significa “um sacrifício de expiação”, como está traduzido na *NIV*; (2) Em Romanos 5:11, na *KJV*, a palavra expiação pode ser entendida como “reconciliação”.⁵

Fé: Resposta positiva do homem à graça de Deus, que inclui tanto aceitação quanto apropriação (ou aplicação); os meios pelos quais o homem se apropria da graça de Deus. Inclui: crença, confiança, compromisso e resposta obediente (3:22).

Fé salvadora: Aceitação do evangelho de Jesus Cristo como único meio de salvação, e obediência àquele evangelho (aplicação ou apropriação daquele evangelho).

Graça: Favor imerecido de Deus para o homem; as bênçãos imerecidas de Deus; a obra de salvação de Deus no homem (3:24).

Ira de Deus: Atitude judicial de Deus em relação ao pecador, Seu ódio ao pecado e a punição do pecador (1:18).

Justificação: (Veja a forma verbal para as citações escriturísticas). (1) O ato pelo qual Deus declara o pecador justo; (2) Alguma coisa que mostra ou demonstra que alguém é justo.

Justificar: (1) Declarar justo, considerar alguém como justo (3:26, 28); (2) Mostrar ou demonstrar que alguém é justo (3:26; Tiago 2:24).

Lei: (1) Os cinco livros de Moisés (3:21); (2) O Antigo Testamento (3:19); (3) Um princípio (3:27); (4) A Lei de Deus; a lei moral de Deus; a revelada vontade de Deus em qualquer tempo (2:14; 3:20). (5) A lei de Moisés (3:28).

Ministro: (1) Servo, ministrador, ou diácono (13:4; 15:8; 16:1); (2) servidor público (13:6).

Ministrar: (1) Servir, ajudar (12:7); prestar um serviço público, administrativo ou religioso (15:27).

Mortificar (*KJV*): levar a morrer, matar (8:13).

⁴ No original esta lista encontra-se em ordem alfabética. Para respeitar a intenção do autor, foi feito o mesmo nesta tradução. (NT)

⁵ As versões utilizadas para traduzir estes comentários utilizam as mesmas palavras indicadas, na língua portuguesa. (NT).

Propiciação: (1) Lugar de expiação; trono de misericórdia; (2) Sacrifício de expiação, alguma coisa que permite a Deus perdoar os pecados sem violar Seus princípios de justiça; uma oferta que afasta a ira judicial divina; uma oferta que satisfaz a justiça divina (3:25).

Reconciliação: Restauração de um relacionamento; restauração ao favor de alguém (5:10-11).

Redenção: Completa libertação pelo pagamento de um preço (3:24).

Reprovado (KJV): Não aprovado no teste, desqualificado, sem valor, baixo, vil, depravado. Uma mente réproba é uma mente na qual a distinção entre o certo e o errado está confusa ou perdida (1:28).

Santificação: Separação do pecado; santidade; o processo de efetivamente tornar-se justo (6:19-22). Consiste de um ato inicial de separação do pecado no novo nascimento, mais a obra progressiva de crescimento em santidade, até o fim da vida. A *KJV* traduz a mesma palavra grega como “santidade” cinco vezes (incluindo Romanos 6:19, 22), e como “santificação” cinco vezes (incluindo I Coríntios 1:30; II Tessalonicenses 2:13).

Velho homem: o estilo de vida não regenerado, uma natureza dominada pelo pecado (6:6). (Ver também Efésios 4:22; Colossenses 3:9).

I.

Prólogo

(1:1-17)

Introdução Pessoal

A. Saudação (1:1-7).....	15
B. Interesse Pessoal de Paulo (1-8-15).....	17
C. Tema da Epístola (1:16-17).....	18

Prólogo (1:1-17)

A porção introdutória da epístola de Paulo aos Romanos consiste em: expandir a passagem da saudação; uma discussão breve dos planos de Paulo para suas viagens e o propósito de ter escrito; e uma declaração poderosa do tema da epístola.

A. Saudação (1:1-7)

(1) Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, (2) o qual foi por Deus, outrora, prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, (3) com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de David (4) e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor, (5) por intermédio de quem viemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé, entre todos os gentios, (6) de cujo número sois também vós, chamados para serdes de Jesus Cristo. (7) A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos, graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

O Livro de Romanos começa com uma saudação padronizada de uma carta típica da época do Novo Testamento. Este tipo de carta começa com o nome do escritor, o nome do destinatário e uma declaração de saudação. Paulo expande esta forma e dá a ela uma rica fraseologia cristã.

Versículo 1. Primeiro, Paulo apresenta-se a si mesmo como servo de Jesus Cristo, uma frase que faz lembrar aquela usada pelos profetas do Antigo Testamento: “servo de Jeová”. A palavra grega é *doulos*, que literalmente significa “escravo”. O chamado mais alto de Paulo e o seu marco mais nobre de identidade foi o de ser escravo devoto de Jesus Cristo.

A seguir, Paulo descreve a si mesmo como chamado por Deus para ser um apóstolo, título que literalmente significa “enviado” ou mensageiro. Embora Paulo não tenha reivindicado ser um dos doze (I Coríntios 15:5), ele foi enviado pela Igreja e pelo Espírito Santo como um apóstolo aos gentios (Atos 13:1-4; 14:14; Gálatas 2:7-9). Ele foi chamado para ser apóstolo, separado para a pregação do evangelho de Deus. Nenhum simples mortal poderia dar-lhe este ministério; ele o recebeu diretamente de Deus (Gálatas 1:1, 15-16).

Literalmente, o evangelho significa as “boas novas” acerca da salvação. Ele não é do homem, mas sua fonte é Deus. As boas novas são que Jesus veio ao mundo como Deus manifestado na carne, morreu pelos nossos pecados, foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia (I Coríntios 15:1-4).

Versículo 2. O evangelho não é novo. Deus havia prometido o evangelho previamente, através dos profetas do Antigo Testamento. De facto, o Antigo Testamento prediz o nascimento de Cristo (Isaías 7:14; 9:6), seu sofrimento e morte por nossos pecados (Isaías 53), seu sepultamento (Salmos 16:10) e ressurreição (Salmos 16:9-11, 110:1), bem como a nova aliança (Jeremias 31:31-34) e o derramamento do Espírito Santo (Joel 2:28-29). O Livro de Romanos toma grande cuidado em basear todos os seus maiores pontos doutrinários no Antigo Testamento. (Veja, por exemplo, os versos 1:17, 3:10-21, e 4:1-8).

Versículo 3. O evangelho diz, com respeito ao Filho de Deus, Jesus Cristo, que Ele é o Senhor de todos. O termo *Filho* refere-se à manifestação de Deus na carne. Como homem, Jesus é o Filho de Deus – a manifestação de Deus na carne – porque o Espírito de Deus efetuou a concepção que ocorreu no ventre de Maria (Lucas 1:35). Com respeito à Sua natureza divina, Jesus é o único Deus revelado no Antigo Testamento. Com respeito à Sua natureza humana, Jesus é descendente de David (Mateus 1:1; Lucas 3:31), gerado por Deus e nascido de Maria.

Versículo 4. A ressurreição de Cristo dentre os mortos declara, ou faz conhecido a todos, que Ele era de facto, o Filho de Deus. Um poder sobrenatural efetuou a ressurreição, especificamente, o poder do Espírito de santidade. O Espírito de Santidade não é outro que não a

própria natureza santa e divina de Cristo, pois Ele ressuscitou a Si mesmo dos mortos (João 2:19-21). Os versículos 3 e 4 contrastam a humanidade de Cristo (“segundo a carne”) com a sua divindade (“segundo o Espírito de santidade”). O “Espírito de santidade” de Cristo é o Espírito Santo, pois as duas frases são linguisticamente equivalentes. De facto, “o Senhor é o Espírito” (II Coríntios 3:17). A expressão “dos mortos” está no plural também no grego, indicando que a ressurreição do corpo de Cristo é apenas a primeira das muitas ressurreições físicas que ocorrerão pelo poder de seu Espírito (Romanos 8:11; I Coríntios 15:20-23).

Versículo 5. Através de Cristo, Paulo recebeu “graça e apostolado”, o que provavelmente significa “a graça do apostolado”. Graça é o favor imerecido de Deus. Deus derramou esta graça sobre Paulo para produzir obediência à fé – “a obediência por fé” (16:26) ou “a obediência que vem pela fé”.

Aqui fé não significa doutrina ou crença propriamente dita. Logo de início, o Livro de Romanos esclarece que a fé genuína sempre produzirá obediência e não pode dela ser separada. Justificação pela fé está inseparavelmente unida à obediência ao evangelho. Este conceito é reiterado até o fim do livro (15:18; 16:26).

Deus deseja ter crentes obedientes entre todas as nações – os gentios, por amor de Seu nome. Deus quer que o nome de Jesus seja exaltado por todos. Com esta declaração, a saudação tocou em todos os aspectos essenciais da salvação do Novo Testamento: o evangelho, o Senhor Jesus Cristo, a Encarnação, a Ressurreição, o Espírito, santidade, graça, fé, obediência, e o nome de Jesus. A saudação introduz o tema do livro – justificação pela fé que é obediente – e identifica esta doutrina como sendo o cumprimento do Antigo Testamento.

Versículo 6. Os leitores de Paulo foram referidos como pertencentes a Jesus Cristo. Eles estavam entre os gentios que foram chamados para pertencer a Jesus.

Versículo 7. Paulo dirigiu-se particularmente à igreja em Roma. Em virtude de terem sido chamados para pertencerem a Cristo, os crentes são também amados por Deus e chamados para serem santos – santificados, separados, consagrados e dedicados. O Novo Testamento usa este termo para todos os crentes, e todos os crentes devem ser separados do pecado e dedicados a Deus; todos devem ser “o povo santo de Deus”.

A forma cristã na saudação de Paulo é “graça e paz”. A saudação grega comum era *chairein* (saudações), mas Paulo usou *charis* (graça). A saudação comum hebraica era *shalon* (paz), e Paulo, aqui, usou o equivalente em grego, combinando assim, numa frase cristã, as formas grega e hebraica de saudação. Graça (favor imerecido) é a causa, e paz (harmonia com Deus e a consequente tranquilidade da alma) é o efeito. Tanto uma como outra vêm de Deus nosso Pai, através do Senhor Jesus Cristo, isto é, por causa da morte, sepultamento e ressurreição – a obra mediadora – do homem Jesus Cristo (I Timóteo 2:5).

Esta frase de saudação é típica das epístolas de Paulo. Ela não é uma referência ao trinitarianismo. Se assim fosse, surgiria aqui uma questão necessitando de resposta: Por que ele omitiu o Espírito Santo? Antes, a saudação enfatiza a necessidade de se reconhecer Deus não somente como Criador e Pai (o que os judeus e muitos pagãos faziam), mas também reconhecer a revelação de Deus em Cristo. Ela torna evidente que a provisão de Deus para a salvação vem somente através de Jesus Cristo.

O artigo definido “o” não aparece no grego antes de “Senhor Jesus Cristo”. Assim, o versículo 7, literalmente, diz: “Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e Senhor Jesus Cristo”. A conjunção grega aqui é *kai*, que, dependendo do contexto, pode significar tanto “mesmo”, como “e”. E, assim, a frase poderia também ser traduzida “de Deus nosso Pai, (Ele) mesmo o Senhor Jesus Cristo”.

Quando comparamos Romanos 1:7 com frases similares encontradas em outras passagens, nas epístolas de Paulo, encontramos um forte indício de que Paulo quis identificar Deus, o Pai, e o Senhor Jesus Cristo como sendo o mesmo ser. Por exemplo, II Tessalonicenses 1:12, I Timóteo 5:21, II Timóteo 4:1 e Tito 2:13, todos identificam Deus e Jesus Cristo como sendo o mesmo ser. Isto está especificamente claro, porque a regra de Granville Sharp aplica-se ao texto grego desses

versículos: “Se dois substantivos do mesmo número, gênero e caso são conectados por kai, e se o primeiro substantivo tem o artigo definido, mas o segundo não o tem, então ambos os substantivos referem-se ao mesmo ser”.⁶

B. O Interesse Pessoal de Paulo (1:8-15)

(8) Primeiramente, dou graças a meu Deus, mediante Jesus Cristo, no tocante a todos vós, porque, em todo o mundo, é proclamada a vossa fé. (9) Porque Deus, a quem sirvo em meu espírito, no evangelho de seu Filho, é minha testemunha de como incessantemente faço menção de vós (10) em todas as minhas orações, suplicando que, nalgum tempo, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião de visitar-vos. (11) Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados, (12) isto é, para que, em vossa companhia, reciprocamente nos confortemos por intermédio da fé mútua, vossa e minha. (13) Porque não quero, irmãos, que ignoreis que, muitas vezes, me propus ir ter convosco (no que tenho sido, até agora, impedido), para conseguir igualmente entre vós algum fruto, como também entre os outros gentios. (14) Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; (15) por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma.

Versículo 8. Depois de expressar sua saudação, Paulo descreve seu grande interesse pela igreja de Roma e seu grande desejo de visitá-la, o que explica a razão de ele querer escrever-lhes. Como na maioria das suas epístolas, ele incluiu ações de graça e uma oração. Primeiro ele agradeceu a Deus pela boa reportagem de sua fé através do mundo. Da mesma forma que Deus ofereceu graça através de Cristo, Paulo também ofereceu graças a Deus através de Cristo.

Versículo 9. Depois das ações de graça, Paulo assegurou aos romanos o seu grande sentimento de responsabilidade para com eles, o que demonstrou através da oração feita em seu favor. Deus era a sua testemunha de que ele orava sem cessar pelos crentes romanos. Esta passagem é um testemunho poderoso da importância da oração intercessória. Embora Paulo nunca tivesse se encontrado com os crentes romanos, nem os tivesse levado à conversão, ele achou que era válido e importante orar por eles constantemente.

Paulo servia a Deus em espírito, significando isto o serviço do homem inteiro, e não somente do corpo ou somente da alma. Ele não servia a Deus meramente com o seu ser físico, mas do mais profundo do seu ser espiritual, em humildade e comunhão. Paulo serviu a Deus no evangelho do Seu Filho. A única maneira pela qual podemos verdadeiramente servir a Deus hoje é obedecendo e disseminando o evangelho do Seu Filho – as boas novas de que Deus veio em carne como o Filho, e que o Filho morreu pelos pecados do mundo.

Versículo 10. Ao mesmo tempo, nesta carta, Paulo estava orando para que, pela vontade de Deus, ele pudesse de alguma forma ir a Roma (15:32). Isto demonstra não somente a importância da oração, mas também a importância de orar pedindo que seja feita a vontade de Deus. Toda oração deve estar sujeita a uma condição: “... venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu...” (Mateus 6:10). Todos os planos devem estar sujeitos a uma condição: “Se o Senhor quiser” (Tiago 4:15).

Versículo 11. Paulo desejava ardentemente visitar a igreja de Roma, a fim de partilhar eles algum dom espiritual. Ele não se referiu aqui a um dos dons especiais de Romanos 12, ou de I Coríntios 12; antes, ele quis compartilhar o entendimento da verdade, para que eles pudessem ser firmados de maneira mais completa.

Versículo 12. Diplomáticamente, Paulo qualificou sua declaração, expressando seu desejo de ser abençoado por eles, tanto como de abençoá-los, uma ideia que ele enfatizou outra vez no epílogo (15:32). Sua fé mútua encorajaria um ao outro. Isto demonstra a importância da comunhão

⁶ Ver H.E. Danna e J.R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament*, (New York: Macmillan, 1957), p. 147.

cristã e da humildade. Paulo era humilde, não somente em seu serviço para com Deus (1:1, 9), mas também para com aqueles a quem ele pregou o evangelho. Apesar da sua grande sabedoria, experiência e chamado apostólico, ele não os tratava como inferiores a ele, de nenhuma maneira, mas acreditava que poderiam encorajar-se mutuamente. Esta é uma importante atitude que todos os pregadores e professores deveriam adquirir e refletir. Deus lhes tem dado um ministério especializado, mas não lhes dá o direito de serem arrogantes, condescendentes ou soberbos.

Versículo 13. Paulo tinha planejado várias vezes visitar Roma, mas foi impedido por razões que ele explicou mais completamente no capítulo 15:19-23. Como o apóstolo dos gentios, ele queria fruto espiritual naquela que era a principal cidade dos gentios, da mesma forma que já tinha frutos entre os gentios de outras áreas. Aqui ele usou uma frase característica para enfatizar seus planos: “Porque não quero, irmãos, que ignoreis”.

Versículo 14. Por que Paulo era tão humilde ao lidar com aqueles a quem ministrava? Por que teve tão grande desejo de ministrar aos romanos? Neste versículo ele expressou a grande obrigação ou dever que tinha de pregar o evangelho a toda a humanidade. Ele considerava seu ministério não apenas como a concessão de um dom, mas ele sentia que fazendo isto estava como que pagando uma dívida.

Gregos eram todos aqueles cuja linguagem e cultura eram gregas. Para os gregos, todos os não gregos eram considerados como bárbaros. Sábios eram os cultos e inteligentes; e “ignorantes” incluía, provavelmente, a maioria do povo comum.

Versículo 15. Por causa de seu ardente desejo, dado por Deus, e da responsabilidade que sentia sobre seus ombros de pregar ao mundo inteiro, Paulo certamente estava pronto, com tudo o que havia nele, para pregar também em Roma. Ele desejava intensamente testemunhar na capital e maior cidade do mundo de seu tempo. Além disso, em Roma habitava gente de todas as partes do Império Romano. Para alguém que se sentia obrigado para com o mundo inteiro, esta cidade cosmopolita e influente exercia uma atração irresistível.

C. O Tema da Epístola (1:16-17)

(16) Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; (17) visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

Estes dois versículos resumem o argumento doutrinário da epístola.

Versículo 16. Primeiramente, Paulo proclamou que não tinha vergonha do evangelho, o qual são as boas novas da salvação através de Cristo. (O texto crítico original omite “de Cristo”). Usando esta frase na negativa, Paulo quis talvez enfatizar que ele na verdade gloriava-se do evangelho. Esta afirmação, certamente, significa que ele não estava desapontado com o evangelho, nem embaraçado por ele. Ou seja, não seria uma vergonha para ele pregar o evangelho até na Roma intelectual, poderosa e mundana. Ele tinha esta confiança porque sabia, pela experiência, como o evangelho era poderoso. Da mesma forma, nós não devemos nos sentir envergonhados de pregar e ensinar o evangelho completo em qualquer circunstância, porque ele tem o poder de sustentar miraculosamente suas reivindicações, superar toda oposição e transformar vidas.

Especificamente, o evangelho é o poder de Deus para salvação. Ele abriga poder sobrenatural. A salvação cobre toda a provisão de Deus para o homem inteiro – corpo, alma e espírito, no passado, presente e futuro. Ela inclui justificação, santificação e glorificação. O evangelho é a solução para todos os problemas do homem e provisão para todas as suas necessidades.

O poder salvador do evangelho vem a todos os que crêem. O verbo no tempo presente indica que a salvação não é atribuída simplesmente sobre uma profissão de fé, mas sobre um relacionamento contínuo de fé. Como Charles Erdman comentou, “Fé não é a mera aceitação intelectual de uma verdade; ela expressa uma relação com uma Pessoa divina; uma atitude de

confiança, submissão e amor”.⁷ O *Wycliffe Bible Commentary* declara que a palavra grega *pistewo*, traduzida como “crer”, tem um significado muito profundo: “Crença no conteúdo do evangelho é somente uma parte do seu significado. Além disto, ela significa confiança ou comprometimento pessoal, a ponto de entregar-se um ao outro... Crer em Cristo é entregar-se a ele. Confiar em Cristo é tornar-se totalmente envolvido com a verdade eterna ensinada por Ele e sobre Ele no Novo Testamento”.⁸

O evangelho veio primeiro ao judeu, depois aos gentios. O texto literalmente diz “o grego”, significando pessoas que falavam a língua grega. Para os judeus dos dias de Paulo, este termo era mais ou menos equivalente ao termo “gentio”, uma vez que o grego era a linguagem do comércio através do mundo conhecido de então. A designação “primeiramente do judeu” não indica preferência, pois Deus não mostra parcialidade (2:11). Isto simplesmente declara um facto histórico da ordem no tempo. A justificação pela fé veio primeiro aos judeus; Cristo veio primeiro aos judeus; o batismo do Espírito Santo veio primeiro aos judeus. Todavia, agora, no plano de Deus, o evangelho veio também aos gentios.

Versículo 17. Este versículo declara novamente a verdade de que a salvação vem pela fé. O evangelho revela a justiça de Deus àqueles que têm fé. “*A Justiça de Deus*” tem um significado duplo: (1) A justiça pessoal de Deus e (2) a justiça que Deus confere ao crente. Isto é tudo o que Deus demanda do homem e também tudo o que Deus providencia para o homem através de Cristo. A revelação da justiça de Deus também é dupla: (1) A justiça de Deus é mantida e (2) o homem recebe justiça (3:26). Esta revelação ocorre “de fé em fé”. Ela é baseada na fé e revelada àqueles que têm fé. Do início ao fim, ela é um produto da fé. Todos os aspectos da salvação, desde a justificação inicial até a santificação progressiva e a glorificação final, vêm pela fé em Deus e não por obras humanas. A vida Cristã progride de um passo de fé a outro; ela é uma vida contínua de fé.

Para demonstrar que a justificação pela fé não era um novo conceito, Paulo citou Habacuque 2:4, que diz: “Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé”. O “justo” aqui significa o “justificado” – alguém que está em estado legal correto diante de Deus. Esta postura vem através da fé, não por obras. Aqui, mais uma vez, a ênfase está numa vida contínua de fé, e não somente fé em um determinado ponto no tempo.

O profeta Habacuque clamou ao Senhor contra a opressão sofrida pela nação judaica. Ele perguntou para Deus por quanto tempo Ele deixaria que os justos sofressem, enquanto os maus prosperavam. Deus respondeu com as palavras de Habacuque 2:4. Os justos devem esperar pacientemente no Senhor, em confiança e obediência, e, no final, a justiça de Deus prevalecerá. Nesse meio tempo, o justo vive pela sua fé, não pela sua força ou por circunstâncias favoráveis.

Paulo tomou Habacuque 2:4 como seu texto e usou o princípio enunciado por ele como o tema da epístola. De facto, podemos ver todo o livro de Romanos como uma tese elaborada sobre este versículo: Os justos (capítulos 1-3) pela fé (3-5) viverão (capítulo 6-16). (Esta é a ordem real das palavras desta frase no grego). Gálatas 3:11 e Hebreus 10:38 também citam este versículo. Romanos 1:17 enfatiza “o justo”, em contraste com o ímpio ou injusto (aquele que não foi justificado); Gálatas 3:11 enfatiza “pela fé”, em lugar de obras da lei, e Hebreus 10:38-39 enfatiza “viverá” – vida, em vez de morte.

A fé não somente mantém a existência terrena do justificado, como Habacuque enfatizou, mas fé em Deus também traz vida eterna. O homem que é justificado pela fé – a única maneira pela qual alguém pode ser realmente justificado, terá vida, tanto agora como na eternidade.

⁷ Charles Erdman, *The Epistle of Paul to the Roman* (Philadelphia: Westminster Press, 1966), p. 32.

⁸ The Wycliffe Bible Commentary, Charles Pfeiffer and Everett Harrison, eds. (Chicago: Moody Press, 1962), p. 1185.

II.

A Culpa Universal

(1:18 - 3:20)

A necessidade universal da justiça de Deus

A. A Culpa dos Gentios (1:18-32).....	21
B. A Culpa dos Judeus (2:1-3:18).....	25
1. Princípios do julgamento dividido (2:1-16).....	25
2. Aplicação aos judeus (2:17-29).....	30
Nota: O papel da circuncisão judaica e o batismo cristão.....	31
3. Respostas e objeções (3:1-8).....	32
C. Conclusão: O Mundo Inteiro É Culpado (3:9-20).....	34

A Culpa Universal

Para poder explicar a justificação pela fé, Romanos começa demonstrando a culpa universal do homem e a correspondente necessidade da justiça de Deus. Em primeiro lugar, os gentios não seguiram a lei de Deus revelada através da natureza e da consciência. Depois, os judeus também falharam em viver de acordo com a vontade de Deus, apesar de Deus ter-lhes dado uma revelação muito mais completa na lei de Moisés. Assim, todos pecaram e são destituídos da glória de Deus. De facto, o Antigo Testamento já atestou esta verdade. Todos os homens são pecadores. Portanto, todos precisam da justiça de Deus para poderem ser salvos.

A. A Culpa dos Gentios (1:18-32)

(18) A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; (19) porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifestado entre eles, porque Deus lhes manifestou. (20) porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis; (21) porquanto, tendo conhecimento de Deus não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. (22) inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos, (23) e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homens corruptíveis, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. (24) Por isso Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seus próprios corações, para desonrarem os seus corpos entre si: (25) pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criaturas, em lugar do criador, o qual é bendito eternamente. Amém. (26) Por causa disso os entregou Deus a paixões infames: porque até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza; (27) semelhantemente, os homens também, deixando o contacto natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, re recebendo em si mesmo a merecida punição de seu erro. (28) E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem cousas inconvenientes, (29) cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos da inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, (31) insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia. (32) Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morrer os que tais cousas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem.

Nesta discussão da pecaminosidade do homem, Romanos trata primeiramente do homem de modo geral – os pagãos, os idólatras, aqueles que não tinham uma revelação especial da lei – e descreve a sua degradação. Os judeus poderiam concordar prontamente com esta colocação, e muitos pagãos também concordariam, pois escritores pagãos nos dias de Paulo descreveram com, ainda maiores e mais repulsivos detalhes, cada pecado listado.

Versículo 18. Da mesma forma que a justiça de Deus é revelada no crente (1:17), também a ira de Deus é revelada contra o não crente. Não devemos associar a ira divina com a pecaminosidade que frequentemente acompanha a ira humana, tais como vingança, amargura, o ódio pessoal. Antes, a ira de Deus é sua atitude judicial em relação ao pecado. A ira que Deus sente contra o pecado é uma parte necessária do seu amor pelo homem, porque o pecado danifica, perverte e destrói o homem. Como explicado em versículos subsequentes, Deus revela sua ira ou julgamento do pecado através da natureza, consciência e história humanas.

A ira de Deus é revelada no céu contra toda impiedade e injustiça. Impiedade denota falta de piedade, desumanidade, crueldade, irreverência e falha em servir a Deus. Injustiça refere-se a toda

imoralidade e maldade. Por seu mal, homens descrentes e injustos suprimem, impedem e subjagam a verdade que Deus lhes tem dado.

Versículo 19. Todos os homens têm a verdade de Deus disponível para eles. Existe uma oportunidade universal para conhecer a Deus, pois Deus é manifesto e mostra o seu caráter. Os capítulos 1 e 2 demonstram que Deus tem tornado a verdade clara a todos, através da criação e da consciência.

Versículo 20. Em particular, todos têm a oportunidade de conhecer duas das qualidades invisíveis de Deus – Seu poder eterno e a Sua divindade (deidade, natureza divina) – através da criação visível. Se o pagão observar a natureza e refletir sobre ela, ele reconhecerá que a criação tem um Criador. Ainda mais, este Criador deve ter grande poder – de facto, deve ser divino. Contemplando a criação de Deus, o pagão pode descobrir muitos aspectos do caráter de Deus, tais como sua sabedoria, ordem e bondade. Na sua pregação aos ouvintes pagãos em Listra e Atenas, Paulo usou tais raciocínios da natureza, para levá-los ao único Deus (Atos 14:14-17; 22-31), e esta introdução ecoa o ensinamento de Salmos 19:1-6. Mesmo que o pagão não possua a palavra de Deus falada ou escrita, ele tem evidência suficiente na natureza para convencê-lo de que Deus existe e que tem poder supremo e é digno de louvor. Consequentemente, nenhum ser humano tem desculpa por falhar em servir a Deus. Se uma pessoa agir de acordo com o conhecimento de Deus disponível a ela, louvando-O e procurando-O, Deus o levará a um conhecimento salvador.

Apesar da evidência irrefutável que indica o Criador, a raça humana como um todo se tem desviado Dele e não O louva. Esta passagem traça a queda da raça humana, que classificamos em cinco passos maiores, para uma melhor análise.

(1) Indiferença a Deus.

Versículo 21. Mesmo sabendo da existência de Deus, os homens não o glorificaram nem deram graças a Ele por Sua providência. Os primeiros pecados foram a recusa de louvar e a ingratidão, isto é, indiferença para com Deus. Por causa desta atitude, o povo mantinha pensamentos vãos e fúteis, e começou a perder a luz que tinha. Seus corações foram insensatos, o que aqui denota a falta de discernimento espiritual ou juízo moral (como em Salmos e Provérbios) antes que uma falta de inteligência. Este versículo enuncia um princípio básico a respeito da verdade: se alguém não age de acordo com a verdade, ele a perde. Se o homem recusa andar na luz que ele possui, aquela luz diminuirá e será extinta. Finalmente, ele viverá nas trevas.

(2) Idolatria.

Versículo 22. Ignorando a verdade que tinham, os homens imaginavam e professavam que eles mesmos eram sábios nos seus pensamentos insensatos. Eles se tornaram arrogantes no seu próprio intelecto.

Versículo 23. Isto os levou à insensata prática da idolatria. Como poderiam deuses inanimados, de madeira e pedra, ter criado o mundo? Como poderiam representações rudes de bestas ter poder sobre aquelas mesmas criaturas viventes? Como poderiam ídolos receber louvor dos homens que os fizeram? E mais, quando o homem ignorou a verdade sobre Deus ele perdeu a compreensão de Deus. Ele trocou a glória do Deus imortal pelas imagens do homem mortal, de pássaros, de animais, e até de répteis.

(3) Impureza Sexual.

Versículo 24. A idolatria conduziu à imundícia ou impureza sexual. Este padrão é aparente no Antigo Testamento, na história do Império Romano e nas culturas idólatras dos nossos dias. A moralidade não pode ser mantida sem Deus. A crença em Deus é o único fundamento da moralidade absoluta. Sem Deus, todos os juízos morais são relativos, subjetivos e incertos.

Por causa da idolatria, “Deus os entregou...” Uma forma desta frase aparece três vezes nesta passagem. Deus não os forçou a pecar, mas, por causa do seu pecado, Ele lhes permitiu se aprofundarem mais e mais no pecado. Ele não mais os restringia com a sua graça divina, mas concedia-lhes a “liberdade” para pecar que eles demandavam. É claro que esta “liberdade” para pecar, na realidade, resultou na escravidão ao pecado, degradação e condenação.

Especificamente, Deus os entregou aos desejos pecaminosos de seus corações. Sem Deus como a fonte da moralidade, eles começaram a ceder à impureza, degradando seus próprios corpos.

Versículo 25. Eles trocaram a verdade de Deus por uma grande mentira e o louvor do Criador pelo louvor da criatura. Idolatria é o louvor de coisas criadas. Assim, o louvor do corpo através da indulgência sensual, da imoralidade sexual é o desenvolvimento lógico da idolatria. O idólatra adora imagens de homens e de animais, até que finalmente começa a adorar seu próprio corpo.

Neste ponto, Paulo intercalou uma expressão parentética, inspirada, de louvor ao Criador. Ele é bendito para sempre! Amem! (Assim seja!). Fazendo assim ele demonstrou que pelo menos ele não seria culpado de deixar de glorificar a Deus.

(4) *Homossexualidade.*

Versículo 26. Porque o homem persistiu nas suas concupiscências, Deus o entregou a vis afeições e paixões infames. Quando o homem rejeita a lei moral, chega um momento em que nada mais parece errado a ele. Quando o homem cede constantemente às concupiscências naturais e pecaminosas, sem restrição, ele finalmente passa a explorar vícios não naturais para saciar seu velho apetite. Impureza heterossexual, muito difundida na sociedade, leva à homossexualidade.

Versículo 27. Esta passagem descreve, de forma clara, o lesbianismo (versículo 26) e o homossexualismo masculino (versículo 27) e os classifica como pecaminosos. Não indica que a concupiscência homossexual pode ser “natural” para algumas pessoas, mas rotula todos os desejos e atividades desse tipo como vis, não naturais e vergonhosos. A natureza mesma testemunha que desejos e ações sexuais são pecaminosos. Na natureza, o desejo sexual existe em razão da necessidade de reprodução. O relacionamento sexual também ajuda a unir o esposo e esposa num casamento vitalício. Isto, por sua vez, cria a unidade familiar e preenche o propósito original de Deus na criação da mulher, como companheira e ajudadora do homem (Gênesis 2:18-25). A homossexualidade não supre nenhuma destas coisas. Do ponto de vista bíblico, social e biológico, a homossexualidade é contrária à natureza e é errada.

Isto não significa que o indivíduo homossexual seja necessariamente pior do que outro qualquer pecador, pois ele pode reter um certo nível de moralidade em outras áreas. O aumento da incidência deste pecado é, primeiramente, uma indicação do crescente colapso da sociedade como um todo e não somente do indivíduo. Por exemplo, o colapso da família é um fator que contribui para produzir tendências homossexuais.

Aqueles que participam destas atividades indecentes recebem em si mesmos o devido pagamento ou castigo por sua perversão. Embora “punição” possa referir-se ao seu julgamento espiritual, aqui é mais provável que se refira a penalidades físicas e psicológicas, tais como doenças sexualmente transmissíveis e outros problemas de saúde provocados pelo abuso frequente do corpo de uma maneira não natural.

(5) *A Mente Corrompida.*

Versículo 28. Finalmente, Deus os entregou a uma mentalidade corrompida, réproba ou depravada. A palavra grega literalmente significa “não aprovado no teste, desqualificado, sem valor, vil, abjeto ou baixo”. As distinções entre o certo e o errado são confusas ou perdidas. Depois de se envolver em todo tipo de concupiscência não natural, o homem finalmente perde até a moralidade ensinada pela natureza e a consciência. Eles não acham mais que as coisas que cometem são erradas. Como eles não querem reter o conhecimento de Deus, Deus permitiu-lhes a perda de todo o senso de moralidade, e isto permitiu que eles fizessem todo tipo de coisas más.

No contexto desta passagem, *réprobo* não significa alguém que cometeu um pecado imperdoável, ou que está além da salvação, pois este capítulo coloca toda a raça humana, particularmente os gentios, nesta categoria. É claro que, quando alguém alcança o ponto onde perde a distinção entre o certo e o errado, ele não sabe mais o suficiente para poder arrepende-se e ser salvo. Ele é incapaz de escutar a natureza e a consciência, porque a sua mente está demasiadamente distorcida. No entanto, ainda é possível a essa pessoa vir a reconhecer o certo e o errado através da pregação da Palavra de Deus e do poder do Espírito Santo, que traz a convicção. Esta é, de facto, a

esperança da raça humana no dia de hoje. Indivíduos que vivem nos pecados descritos nesta passagem ainda podem ser salvos dos seus pecados. Por exemplo, a Igreja de Coríntios continha ex-idólatras, ex-fornicadores e ex-homossexuais (I Coríntios 6:9-11).

Esta passagem dá uma relação dos pecados característicos de uma sociedade depravada, estando muitos deles em paralelo com os sinais dos últimos dias constantes de II Timóteo 3:1-9.

Versículo 29.

- (1) Injustiça
- (2) Imoralidade Sexual (omitido do texto em exame)
- (3) Malícia
- (4) Cobiça (ganância)
- (5) Maldade
- (6) Inveja
- (7) Homicídio
- (8) Contenda (não debate, no sentido moderno).
- (9) Engano (logro, incluindo mentiras, defraudação, ardis).
- (10) Malignidade
- (11) Murmuradores, tagarelas, mexeriqueiros.

Versículo 30.

- (12) Detratores (depreciadores, difamadores).
- (13) Aborrecidos de Deus
- (14) Violentos (a palavra grega significa insolente)
- (15) Orgulhosos (arrogantes, soberbos).
- (16) Presunçosos
- (17) Inventores de males (inventam meios de cometer a maldade).
- (18) Desobedientes aos pais.

Versículo 31.

- (19) Néscios (sem bom senso, sem entendimento).
- (20) Não confiáveis (infieis nos compromissos).
- (21) Sem afeição natural
- (22) Irreconciliáveis (rancorosos – omitido no texto em exame).
- (23) Sem misericórdia (cruéis, implacáveis, insensíveis, desumanos).

Versículo 32. O mundo sabe que estas coisas são erradas; pode-se tirar este conhecimento da própria lei natural. Até os pagãos sabem que aqueles que praticam estas coisas merecem julgamento e morte. Toda sociedade humana tem suas leis ou tabus, embora imperfeitamente definidos ou observados, contra muitos destes pecados. Por exemplo, toda cultura humana proíbe o assassinato e desaprova pelo menos algumas formas de fraude, desobediência aos pais e pessoas não merecedoras de confiança. Em geral, as sociedades humanas têm reconhecido a pena de morte como sendo justa para alguns crimes. (Para maior discussão sobre a consciência e a perda dela, veja o contido em 2:15).

Apesar deste conhecimento original, as pessoas continuam a praticar esses pecados. Para acarretar-lhes ainda mais juízo, eles não somente os praticam, mas aprovam os que os praticam; eles têm prazer em encorajar os pecados dos outros. Por exemplo, a sociedade moderna aprova abertamente a imoralidade sexual e a violência nos filmes e na televisão.

Esta progressão pecaminosa é um retrato exato da história humana do livro de Gênesis. De facto, a Bíblia descreve os últimos dias como sendo particularmente maus (Mateus 24:5-24; II Timóteo 3:1-9). O princípio degenerativo também se aplica a cada sociedade e a cada época. Ocasionalmente na história, uma sociedade que foi fundada sobre os altos princípios morais tem emergido, mas sempre tem seguido o caminho da decadência. Quando a sociedade degenera-se

moralmente, ela se torna mais e mais propícia a cometer os pecados descritos. Por esta razão, muitos desses pecados são mais prevaletentes e mais abertamente aceitos em nossos dias do que nos tempos passados. Por esta razão, muitos deles são sinais do fim dos tempos.

Este princípio degenerativo é evidente também nas vidas humanas individuais. Se uma pessoa recusa andar na luz que possui, ela se tornará progressivamente mais pecaminosa. É impossível manter-se o mesmo depois de encontrar-se com a verdade; ou a pessoa a aceita e se aproxima mais e mais de Deus, ou a rejeita e afasta-se mais e mais de Deus. Isto não significa necessariamente que cada pessoa ímpia viverá em detalhes cada passo ou cada pecado da lista, mas o potencial está presente.

Em resumo, devemos notar a natureza lógica desta progressão; um estágio leva naturalmente ao próximo. Ainda mais, a progressão é sempre degenerativa. Esta progressão degenerativa, que leva às profundezas da degradação, começa com o que parecem ser pecados pequenos: a recusa de louvar a Deus e a ingratidão. As pessoas se tornam depravadas porque se recusam a andar de acordo com a luz que lhes foi dada. Sem a graça restrigente de Deus, a raça humana nunca melhora moralmente e nem fica moralmente estável. Se Deus o deixar sozinho, o homem sempre cairá mais profundamente no pecado.

Porque os gentios abandonaram o conhecimento de Deus, Ele não os impediu de aumentar a sua pecaminosidade. Consequentemente, o mundo gentio fica culpado, sem escusa diante de Deus.

B. A Culpa dos Judeus (2:1-3:8)

Após demonstrar a culpa do mundo gentio, Romanos fala com aqueles que concordam com esta análise. A primeira metade do capítulo 2 fala genericamente a qualquer um que julga os gentios como culpados, mas recusa-se a reconhecer a própria culpa. Assim fazendo, este capítulo estabelece diversos princípios importantes com respeito ao julgamento de Deus.

A segunda metade do capítulo 2 aplica estas conclusões especificamente ao judeu, demonstrando que os judeus são tão culpados quanto os gentios. O começo do capítulo 3 antecipa e responde brevemente diversas objeções à afirmação da culpa universal, particularmente a culpa judaica. Um tratamento mais profundo destas objeções fica adiado para mais adiante, neste livro, após o pleno desenvolvimento de todas as consequências lógicas da justificação.

1. Princípios do Julgamento Divino (2:1-16)

(1) Portanto, és inescusável, ó homem, qualquer que sejas, quando julgas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu que julgas, praticas o mesmo. (2) E bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade, contra os que tais coisas praticam. (3) E tu, ó homem, que julgas os que praticam tais coisas, cuidas que, fazendo-as tu, escaparás ao juízo de Deus? (4) Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade, e paciência e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te conduz ao arrependimento? (5) Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, (6) que retribuirá a cada um segundo as suas obras; (7) a saber: a vida eterna aos que, com perseverança em favor o bem, procuram glória, e honra e incorrupção; (8) mas ira e indignação aos que são contenciosos, e desobedientes à iniquidade; (9) tribulação e angústia sobre a alma de todo homem que pratica o mal, primeiramente do judeu, e também do grego; (10) glória, porém, e honra e paz a todo aquele que pratica o bem, primeiramente ao judeu, e também ao grego; (11) pois para com Deus não há acepção de pessoas. (12) Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram, pela lei serão julgados. (13) Pois não são justos diante de Deus os que só ouvem a lei; mas serão justificados os que praticam a lei (14) (porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem por natureza as coisas da lei, eles, embora não tendo lei, para si mesmos são lei. (15) pois mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os), (16) no dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Cristo Jesus, segundo o meu evangelho.

Versículo 1. Este versículo descreve a culpa do homem que está sempre julgando os demais. Se os gentios ficam sem escusas por rejeitar a Deus e praticar o pecado, então o homem farisaico é também culpado por condenar os outros, enquanto ele mesmo comete os mesmos pecados. Os pecados na lista do capítulo 1 são tão generalizados que todos têm sido culpados de cometer um ou mais deles. Condenando os demais que cometem estes pecados, o homem condena-se a si mesmo e está sem escusa.

De facto, as pessoas que mais julgam as outras são frequentemente as mais culpadas. Os que, obsessivamente, condenam outros por certos pecados estão frequentemente tentando encobrir as suas próprias fraquezas nessas mesmas áreas.

Versículo 2. Deus não julgará como nós julgamos; Ele julgará de acordo com a verdade. Ele condenará a todos os que pecam. (Veja mais discussão sobre o assunto após o versículos 5).

Versículo 3. As pessoas têm a tendência de escusar-se a si mesmas daquelas mesmas coisas que elas condenam nos outros. Elas identificam rapidamente os pecados dos outros e estão prontas a considerar aqueles pecados como revelação do seu mau caráter. Quando elas cometem os mesmos pecados, porém, frequentemente recusam-se a reconhecê-los como pecados. E, mesmo quando o fazem, elas tendem a vê-los como justificáveis, ou, pelo menos, compreensíveis exceções ao seu bom caráter. Por exemplo, quando alguém se ira, as pessoas o vêem como indisciplinado e esquentado, mas a pessoa justifica-se a si mesma, raciocinando que foi provocada sem razão, ou que teve um dia excepcionalmente mau.

Uma outra tendência humana é a pessoa pensar que ela está acima da lei de Deus, simplesmente porque reconhece a lei e lhe professa obediência. Ela pensa que escapará do julgamento porque não é ignorante da lei ou não vive em rebeldia completa a ela. Contudo, se a sua vida não alcança o que professa, ela não escapará do julgamento de Deus.

Os pregadores, especialmente, precisam ser cuidadosos em praticar o que pregam, não permitindo neles mesmos, nem desculpando em seus filhos aquilo que eles desaprovam nos outros. Frequentemente, o facto de alcançar posição, poder e sucesso em círculos religiosos leva pregadores e os membros de sua família a viver como se não fossem mais responsáveis. Isto é uma ilusão satânica. Todos são responsáveis perante Deus. Nenhum pecador será desculpado nem escapará do julgamento divino.

Versículo 4. Todos precisam se arrepender – voltar do pecado para Deus. Como Paulo pregou aos atenienses, Deus “notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam” (Atos 17:30). Deus não exige de nós alguma coisa que não podemos fazer. A riqueza da bondade, tolerância (a retenção da ira, a demora da punição), e a longanimidade (paciência) de Deus dão-nos a oportunidade para arrependimento. Infelizmente, as pessoas frequentemente interpretam esta demora como se fosse uma omissão de punição do pecado ou uma licença para pecar, em vez de uma oportunidade para arrependimento. (Eclesiastes 8:11).

A bondade de Deus é que leva as pessoas ao arrependimento. Este conceito indica que a graça de Deus precede a salvação, habilitando a pessoa a arrepender-se. Deus nos escolheu antes que escolhêssemos a Ele (João 15:16). Esta “graça precedente” (a graça que precede a salvação) não é concedida somente a um grupo seleto, mas se manifestou salvadora a todos os homens (Tito 2:11), porque Deus não mostra parcialidade (Romanos 2:11). Esta graça pode ser resistida, porque a pessoa farisaica despreza a bondade, a paciência e a longanimidade de Deus. Ela rejeita a obra da graça que leva ao arrependimento.

Versículo 5. Ironicamente, esta pessoa de coração endurecido, não arrependido, rejeita as verdadeiras “riquezas” espirituais, enquanto “prezam” e acumulam a ira a ser revelada no dia do juízo. Como é triste que a sua única possessão de significância eterna seja a ira divina!

Demonstrando a culpa do homem farisaico, este capítulo anuncia diversos princípios do juízo divino, os quais discutiremos sob cinco categorias.

(1) O julgamento de Deus é de acordo com a verdade.

(Veja versículo 2). Escusas humanas, imaginações vãs e auto-decepção não protegerão qualquer pessoa da ira divina. Deus julgará de acordo com a realidade, em verdade absoluta e justiça absoluta.

(2) O julgamento de Deus será de acordo com as obras.

Versículo 6. Paulo citou este princípio de Salmos 62:12 e Provérbios 24:12. Deus retribui a todos de acordo com as suas obras, e não de acordo com os seus privilégios. Ele julgará com base na conduta, e na mera profissão verbal, de acordo com a ação, em vez do mero conhecimento.

Será que isto contradiz a doutrina da justificação pela fé, introduzida no capítulo 1 e expandida nos capítulos 3 e 4? Ensina realmente o capítulo 2 a justificação pelas obras? Não há nenhuma contradição aqui, da mesma forma que não há contradição entre os escritos de Paulo e os de Tiago. (Veja Parte III).

Primeiro, esta sessão não apresenta as obras como base de salvação, mas apenas como base justa de condenação. Ninguém será desculpado com base nas obras; na verdade, todos são condenados nessa base (Romanos 3:20). Somente através da fé em Cristo obtemos a justiça que Deus requer (Romanos 3:22). Na teoria, se alguém vivesse perfeitamente sem pecado, essa pessoa seria justa à vista de Deus. Na prática, todos têm pecado (Romanos 3:23), portanto, Deus não pode julgar ninguém com base em suas obras. Assim, o meio da salvação é ainda fé em Cristo. O crente recebe justiça imputada de Cristo. Deus julgará o crente baseado na vida sem pecado de Cristo, e não no seu registro pecaminoso passado.

A ênfase nas obras nos mostra, no entanto, que a fé salvadora consiste de mais do que o “simples crer”. Sob inspiração divina, Paulo estabelece que ninguém pode ser salvo desassociado do fazer bem o, mas ele esperou até capítulos subsequentes para explicar como alguém pode fazer o bem, que é somente através de uma vida de fé. A salvação foi designada para produzir justiça real em nossas vidas. Ela consiste tanto da santificação, como da justificação (Romanos 2:7, 13; 8:4). Fé que não produz obras é sem valor. Fé genuína sempre produz fruto, na forma de boa conduta.

Versículo 7. O contraste aqui não é entre salvação versus condenação pelas obras, mas entre duas escolhas de vida. Fé/obediência contra descrença/desobediência. Aqueles que continuam pacientemente na fé – fazendo o bem, assim procurando glória eterna, honra e imortalidade – herdarão a vida eterna.

Versículo 8. Aqueles que não obedecem à verdade, mas procuram os seus próprios interesses e ainda a injustiça receberão a ira e indignação de Deus.

Versículo 9. Todo aquele que pratica o mal receberá tribulação (aflição) e angústia. O julgamento virá primeiramente aos judeus e, então, aos gentios, da mesma forma que a salvação (Romanos 1:16).

Versículo 10. Aqueles que fazem o bem receberão glórias, honra e paz. Tanto os judeus como os gentios podem receber esta recompensa.

Se quisermos harmonizar a doutrina do julgamento baseado em obras, constante do Capítulo 2, à doutrina da justificação pela fé do Capítulo 3, devemos reconhecer que a fé e a obediência são inseparáveis. Há dois lados na mesma moeda. Como Dietrich Bonhoeffer observou, “*somente aquele que crê é obediente, e somente aquele que é obediente crê*”.⁹ Devemos reconhecer que, quando Paulo falou da fé, ele tinha em mente “a obediência da fé”. (Veja Romanos 1:5; 16:26).

Comentando Romanos 2:13, William Newell explicou a equivalência entre a fé e a obediência: “Deus não está dizendo, neste versículo, que alguém será justificado por ‘fazer’ (pois Ele nos fala claramente em outro lugar que ninguém o será), mas Ele está dizendo aqui que o que seu juízo requer é o ‘fazer’ e não o simples ‘ouvir’. Nós vemos que o evangelho fala da ‘obediência da fé’, enquanto desobediência e incredulidade são palavras que podem ser usadas uma pela outra”.¹⁰ W. H. Griffith Thomas citou G. Campbell Morgan, com aprovação: “As obras serão o teste final do julgamento. Fé que não produz obras é considerada sem valor... uma vida piedosa será

⁹ Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, 2nd ed., R. H. Fuller, trans. (New York: Macmillan, 1959), p. 69, ênfase no original.

¹⁰ William Newell, *Romans Verse by Verse* (Chicago: Moody Press. 1938), p. 63.

de nenhum valor, se não produzir verdadeira justiça”.¹¹ Thomas também citou F. Godet, com aprovação: “Fé não é a prerrogativa sombria de poder pecar com impunidade, mas, pelo contrário, é o meio de vencer o pecado e agir santamente; e, se este fruto não é produzido, ela é morta e será declarada vã”.¹²

Esta passagem das Escrituras mostra-nos a importância de lidar efetivamente com o pecado em nossas vidas – primeiro, procurando evitar o pecado e, segundo, arrependendo-nos de qualquer pecado cometido. (Veja I João 2:1-2). Fé mental somente, ou uma simples decisão de fé, não basta. O Capítulo 2 ensina que Deus nos julgará com base em nossas vidas, se elas foram ou não efetivamente santas. Capítulos subsequentes ensinam que fé é o único meio pelo qual podemos vencer o pecado e viver vidas santas.

(3) O julgamento de Deus será imparcial.

Versículo 11. Deus julgará a todos justamente e sem favoritismo. Tanto judeus como gentios têm a mesma escolha entre salvação e condenação (versículo 9-10). Deus não passará por cima dos pecados do Seu povo; na verdade, eles serão julgados primeiro (I Pedro 4:17).

(4) O Julgamento de Deus será de acordo com a luz disponível.

Versículo 12. Deus não julgará uma pessoa por um padrão que ela não teve. Todos serão julgados de acordo com a luz que tiveram. Deus julgará todos os pecadores. Se eles não tiveram a lei, Deus não irá julgá-los pela lei, mas serão julgados por pecar contra a verdade que tiveram. *E aqueles que tinham a lei, serão julgados pela desobediência à lei.*

Versículo 13. Outra vez a passagem enfatiza que não serão aqueles que ouvem e conhecem a lei que serão justificados por ela, mas aqueles que agiram de acordo com ela. Deus irá basear Seu julgamento na ação efetiva e não numa profissão vazia.

Versículo 14. Aqueles que não tiveram a lei serão julgados pela lei natural (a lei da consciência). Cada sociedade na terra tem algum conceito de moralidade, e todos os homens têm algum conceito do bem e do mal. Uma vez que o homem foi criado à imagem de Deus, ele retém, em algum grau, um senso instintivo de moralidade, e isto o distingue dos animais. Até mesmo a natureza do homem em si contém alguma direção moral. Embora os gentios não tivessem a lei de Moisés, por natureza eles reconheciam e executavam verdades contidas naquela lei. Tais verdades tornaram-se lei para eles.

Versículo 15. As obras da lei (as exigências da lei) são de alguma maneira escritas no coração de cada pessoa, na forma de consciência. A consciência permanecerá como uma testemunha contra cada indivíduo. Os ensinamentos instintivos da consciência levam-no a pensar sobre suas ações, e estes pensamentos irão acusá-lo ou defendê-lo por cada ação. Seja como for, o homem tem uma ideia da lei moral. Se seus pensamentos o acusam, ele reconhece a culpa por violar a lei moral; se seus pensamentos o defendem, ele reconhece a necessidade de se justificar à luz da lei moral, e reconhece o padrão pelo qual ele pode apelar, a saber, a lei moral. A consciência, o raciocínio, tanto no indivíduo quanto na sociedade coletiva, estabelece a lei moral.

Embora a consciência sozinha não seja suficiente para nos instruir em toda a vontade de Deus, ela, todavia, nos ensina alguma parte da vontade de Deus. Até os piores pecadores têm algum grau de conhecimento nesta área. Aqueles que não têm uma revelação específica da vontade de Deus ainda têm a lei da consciência e serão julgados por desobedecer à consciência.

Isto não significa que alguma pessoa possa ser salva somente na base de estrita aderência à lei da consciência. Quer seja julgado pela lei ou pela consciência, todos ainda estão condenados, pois todos pecaram (Romanos 3:20, 23). Ninguém jamais viveu para alcançar as demandas mínimas da consciência. A consciência, então, servirá somente como uma base de condenação para aqueles que não tiveram mais revelação da vontade de Deus.

¹¹ W. H. Griffith, *St. Paul's Epistle to the Romans* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 82, citando G. Campbell Morgan, *The Analyzed New Testament: The Epistle to the Romans*, págs. 27-29.

¹² Thomas, p. 82, citando F. Godet, *Commentary on the Romans*, I, 196.

Ninguém pode ser salvo fora do evangelho de Jesus Cristo (João 14:6; II Tessalonicenses 1:7-10). Aqueles que nunca ouviram do evangelho ainda assim violaram a lei da consciência. Portanto, eles são pecadores e precisam de um salvador. Como Romanos 1 indica, se eles louvarem a Deus e o buscarem de acordo com o conhecimento que têm Dele através da natureza e da consciência, Deus os guiará a um conhecimento salvador da verdade. (Veja Jeremias 29:13-14; Hebreus 11:6). A história de Cornélio em Atos 10 e 11 é um exemplo bom de como Deus milagrosamente providenciou um meio pelo qual uma pessoa diligente buscou ouvir a mensagem de salvação.

O princípio de julgamento de acordo com a luz (conhecimento) disponível, ligado com o princípio de julgamento de acordo com as obras, implica que nem todos sofrerão com a mesma intensidade de punição. Todos os pecadores herdarão a morte eterna (separação de Deus), e as pessoas não podem salvar a si mesmas por boas obras nem por um viver moralmente correto, mas, aparentemente, o grau de punição que elas receberão dependerá da quantidade de luz (oportunidades, conhecimento) que tiveram, e quão desobedientes foram àquela luz. Um pecador que constantemente e deliberadamente viola a sua consciência receberá ira divina maior do que aquele que tenta viver de acordo com as demandas da consciência a maior parte do tempo. Aqueles que seguem a consciência em certas áreas serão escusados naquelas áreas. (Muitas outras passagens das Escrituras indicam graus diferentes de punição, com base nas obras e na luz (conhecimento) disponível. (Mateus 12:43-45; Marcos 12:38-40; Lucas 12:42-48; II Pedro 2:20-22).

Como o versículo 12 indica, o pecado é a causa da morte. O pecado é a transgressão da lei (I João 3:4). Se alguém pecar contra a lei da consciência, ou contra a lei de Deus revelada sobrenaturalmente, perecerá.

A psicologia moderna contribui com algumas observações interessantes e relevantes para a discussão da consciência, e bem assim a descrição inicial do capítulo 1, acerca da perda da consciência. Aqui estão algumas palavras de Jerome Kagan, psicólogo notável, professor de Desenvolvimento Humano na Universidade de Harvard e autor de numerosos livros, incluindo *A Natureza da Criança*:

“Nós (falsamente) pensamos que temos que ensinar a consciência a uma criança, mesmo que a pesquisa mostre que no segundo ano todas as crianças desenvolvem um senso moral. É claro que os atos específicos que eles concebem como certos ou errados devem ser ensinados. Mas a criança é preparada pela biologia para ser sensível ao certo e ao errado, como um pássaro é preparado para cantar e um peixe preparado para nadar... Ele (o delinquente de 18 anos) teve uma consciência, mas as experiências após os dois anos de idade o levaram a perder sua habilidade para experimentar culpa e vergonha por cometer um ato anti-social. Quando as crianças têm dois anos, elas experimentam emoção especial quando pensam em fazer algo errado ou quando elas realmente o fazem... Algumas crianças, em função da vizinhança na qual vivem, dos lares nos quais sobrevivem, da televisão e filmes que assistem gradualmente perdem este sentimento. É então neste ponto que agem anti-socialmente”.¹³

(5) O julgamento de Deus descobrirá os segredos dos homens.

Versículo 16. Não podemos esconder nada de Deus. No julgamento, Deus descobrirá até o mais secreto dos pecados não arrependidos e o julgará.

Deus fará todo julgamento através de Jesus Cristo, pois Jesus Cristo é a visível manifestação corporal da plenitude de Deus (Colossenses 2:9). Os santos comparecerão diante do Tribunal de Cristo (II Coríntios 5:10). Os perversos comparecerão diante de Jesus Cristo no julgamento do grande trono branco (Atos 10:42).

Paulo escreveu que o julgamento virá “de acordo com o meu evangelho”, isto é “como o meu evangelho declara”. Paulo não designou o evangelho como sua doutrina ou interpretação privada, mas ele teve um tal sentimento e amor pela mensagem do evangelho, que podia

¹³ Jerome Kagan, “Your Mother Did it to You’ is an Excuse Americans Overuse”. U.S. New & World Report, March 25, pp. 63-64.

corretamente reivindicar que o evangelho pertencia a ele. Cada pessoa precisa se identificar com o evangelho a ponto de ele tornar-se seu.

Em conclusão, Romanos 2:1-16 proclama a certeza do julgamento, a universalidade do julgamento, os princípios do julgamento e os resultados do julgamento. Não há escape, mesmo – e especialmente – para aqueles que julgam os outros e para aqueles cheios de justiça própria.

2. Aplicação aos Judeus (2:17-29)

(17) Mas se tu és chamado judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; (18) e conheces a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei; (19) e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, (20) instruidor dos néscios, mestre de crianças, que tens na lei a forma da ciência e da verdade; (21) tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? (22) Tu, que dizes que não se deve cometer adultério, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, roubas os templos? (23) Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? (24) Assim, pois, por vossa causa, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios, como está escrito. (25) Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se guardares a lei; mas se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão tem-se tornado em incircuncisão. (26) Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura a incircuncisão não será reputada como circuncisão? (27) E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, julgará a ti, que com a letra e a circuncisão és transgressor da lei. (28) Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. (29) Mas é judeu aquele que o é interiormente, e circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus.

Romanos 2:17-29 trata especificamente do caso dos judeus. Os versículos de 1-16 tratam dos judeus cheios de justiça própria, e o versículo 17 claramente os nomeia. Podemos ver também os versículos 1-16 como uma declaração de princípios, e os versículos 17-29 como uma aplicação específica. Deus julgará os judeus de acordo com a verdade (realidade) e de acordo com os atos. Não mera profissão. Deus será imparcial; Ele não deixará o judeu pecador escapar, porque ele é um judeu e tem a lei. Deus julgará o judeu pela luz (conhecimento) que ele tem; especificamente sua obediência à lei. Deus descobrirá a hipocrisia do judeu farisaico.

Versículo 17. De acordo com o texto crítico, a palavra de abertura é realmente “*Mas se*”, em lugar de “*De facto*” ou “*Eis que*”.

Esta sessão começa descrevendo a posição exaltada e as grandes oportunidades disponíveis aos judeus. Ela focaliza os judeus típicos daqueles dias, que rejeitaram o evangelho da salvação pela fé em Jesus Cristo. Tais judeus têm a lei e colocam a sua confiança nela. Eles se gabam da sua posição em Deus.

Versículo 18. Eles conhecem a vontade de Deus, aprovam as coisas excelentes e foram instruídos na lei.

Versículo 19. Eles estão na posição de ensinar a outros. São confiantes de sua habilidade para guiar os cegos e iluminar os corações em trevas.

Versículo 20. Eles são confiantes de sua habilidade para instruir o imaturo, por causa do conhecimento e verdade que possuem.

Versículo 21. Posições superiores, no entanto, trazem responsabilidades superiores, e grandes oportunidades trazem grandes obrigações. O judeu que não coloca sua fé em Deus é culpado de não cumprir estas responsabilidades e obrigações, porque ele desobedece à mesma verdade que se tornou especial. Ele ensina a outros, mas não ensina a si mesmo.

Os versículos 21-23 descrevem a hipocrisia de tal judeu. Estes versículos mostram que ele é culpado do mesmo tipo de pecados dos gentios do capítulo 1. Primeiro, ele é culpado de pecados contra outros, tais como o roubo.

Versículo 22. Ele também comete pecados contra ele mesmo, tais como o adultério, e pecados contra Deus, tais como roubar nos templos. A Bíblia Atualizada diz “roubas os templos”, que literalmente significa “roubar dos templos”. Isto provavelmente significa o desvio de ofertas

prometidas ou dadas para uso sagrado nas sinagogas ou no Templo.

Versículo 23. Este tipo de judeu gaba-se do seu relacionamento especial com Deus e é convencido da sua habilidade para guiar e iluminar aqueles que são espiritualmente ignorantes e imaturos, mas ele mesmo não vive de acordo com seu conhecimento da verdade. Ensina aos outros a lei, mas ele mesmo viola os preceitos, assim desonrando a Deus.

Versículo 24. Esta inconsistência judaica leva os gentios a rejeitarem a Deus e até blasfemarem o nome de Deus. A citação é de Isaías 52:5 e, aparentemente, também inclui uma parte de Ezequiel 36:22. Isto tem uma aplicação poderosa para nós hoje. Nós, o “Povo do Nome”, daremos efetivamente ocasião para os pecadores blasfemem o nome de Jesus, se nós não andamos de maneira digna do Seu nome. Não é suficiente tomar o nome de Jesus no batismo; nós devemos levar verdadeiramente Seu nome em toda a parte da vida.

O *versículo 25* usa a marca física distintiva do judeu – a circuncisão – como um exemplo para esclarecer o ponto. A circuncisão era um sinal exterior, mas o judeu tinha que manifestar a fé e obediência que isto simbolizava. A circuncisão era o selo da aliança de Deus com Israel, mas o judeu tinha de cumprir os reais requerimentos da aliança. Se o judeu obedecia à lei, a circuncisão era valiosa; mas se o judeu transgredisse a lei, a circuncisão era sem valor.

Versículo 26. Ainda mais, se um gentio incircunciso seguisse os requerimentos justos da lei, Deus o recompensaria como se ele fosse um judeu circuncidado. Deus aceitaria sua obediência como se fosse circuncisão.

Versículo 27. De facto, os gentios justos comparecerão em julgamento contra os judeus que não obedeceram à lei.

Versículo 28. Em resumo, se um homem tem somente uma aparência exterior de circuncisão, ele não é verdadeiramente um judeu aos olhos de Deus.

Versículo 29. O judeu verdadeiro é aquele que o é interiormente, aquele que é circuncidado de coração, que se separou do pecado, lançando-o fora. Ele não tem meramente a lei escrita, mas foi circuncidado pelo Espírito e possui a lei do Espírito escrita no seu coração.

O Antigo Testamento firmemente apóia a definição de Paulo de um judeu verdadeiro. Muitas passagens ensinam a necessidade de ser circuncidado de coração (Deuteronómio 10:16; 30:6; Jeremias 9:26; Ezequiel 44:7-9) e ensinam a futilidade de adesão à letra somente, sem a fé do coração, que inclui obediência (Salmos 51:16-17; Isaías 1:11-19; Miquéas 6:6-8).

O judeu verdadeiro não é aquele que recebe reconhecimento e louvor dos homens, mas aquele que recebe louvor e aprovação de Deus. É interessante notar, neste contexto, que a palavra *judeu* vem de “Judá”, que significa “louvor”.

Nota: O papel da circuncisão judaica e do batismo cristão

Romanos 2:25-29 não significa que a circuncisão era desnecessária para os judeus, sob a antiga aliança. Se um judeu do sexo masculino não fosse circuncidado fisicamente, ele era cortado de povo, não podendo participar da páscoa, e ficava sujeito à penalidade divina de morte (Gênesis 17:10, 14; Êxodo 4:24-26; 12:43-44; Josué 5:2-9). Se um judeu recusasse a circuncisão, ele estaria, com certeza, manifestando descrença e desobediência, mas mera circuncisão, somente, não garantia que ele tinha a fé obediente necessária para salvação. E mais, Deus honrou a fé obediente dos gentios não circuncidados, aos quais ele não tinha dado nenhuma ordenança de circuncisão. Sob a nova aliança, Deus aboliu o requerimento da circuncisão física (Gálatas 5:6; 6:15). Hoje, nós recebemos salvação através da fé obediente, pela circuncisão do coração, sem circuncisão física.

“A circuncisão em si não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus” (I Coríntios 7:19). A circuncisão, em si, não conferia nenhuma graça; era necessária somente porque Deus a ordenou. Uma vez que Deus não ordena que os cristãos, sob a nova aliança, sejam circuncidados, isso já não tem importância, mas obedecer às ordenanças de Deus ainda é e sempre será importante. “Porque em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão, têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor” (Gálatas 5:6). Deus não mais requer circuncisão do Seu povo, mas Ele ainda requer a fé que funciona. A fé opera pelo amor, o que

significa que a fé é sempre obediente, pois, “Se alguém me ama, guardará a minha palavra...” (João 14:23). “Pois, nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura” (Gálatas 6:15). Estes três versículos equiparam o guardar dos mandamentos de Deus com fé operante e com nova vida em Cristo. Uma fé obediente em Cristo é o que vale.

Colossenses 2:11-12 compara o batismo cristão à circuncisão. Isto não insinua que o batismo é desnecessário, mas, em vez disto, indica que o batismo, sob a Nova Aliança, é pelo menos tão significativo como a circuncisão sob a Antiga Aliança. Batismo nas águas nada vale, a não ser que seja acompanhado pela fé obediente, arrependimento, circuncisão de coração. A cerimônia física não é de valor sem a obra espiritual interior. Desde que a Palavra de Deus ordena o batismo nas águas para remissão de pecados (Atos 2:38; 22:16), a recusa de ser batizado manifesta descrença e desobediência.

Da mesma forma que o judeu verdadeiro sempre foi aquele que foi circuncidado espiritualmente, assim o cristão verdadeiro é aquele que é nascido de novo, espiritualmente. Nascimento na família cristã, a profissão verbal de fé, a cerimônia de batismo, participação em sacramento e outros rituais, tornar-se, oficialmente, parte da membresia de uma igreja – nenhuma destas coisas pode fazer de alguém um cristão. O cristão verdadeiro é um judeu espiritual, que foi circuncidado espiritualmente. Ele morreu para o pecado, em arrependimento, foi sepultado com Cristo no batismo, e ressuscitou, para caminhar em novidade de vida, com o Espírito de Cristo habitando nele (Romanos 6:1-4). O novo nascimento, que envolve batismo da água e do Espírito, é a circuncisão espiritual que remove os pecados do velho homem e inicia o crente na vida nova no Espírito (Colossenses 2:11-13).

3. Respostas e Objeções (3:1-8)

(1) Que vantagem, pois, tem o judeu? ou qual a utilidade da circuncisão? (2) Muita, em todo sentido; primeiramente, porque lhe foram confiados os oráculos de Deus. (3) Pois quê? Se alguns foram infiéis, porventura a sua infidelidade anulará a fidelidade de Deus? (4) De modo nenhum; antes seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso; como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras, e venças quando fores julgado. (5) E, se a nossa injustiça prova a justiça de Deus, que diremos? Acaso Deus, que castiga com ira, é injusto? (Falo como homem). (6) De modo nenhum; do contrário, como julgará Deus o mundo? (7) Mas, se pela minha mentira abundou mais a verdade de Deus para sua glória, por que sou eu ainda julgado como pecador? (8) E por que não dizemos: Façamos o mal para que venha o bem? - como alguns caluniosamente afirmam que dizemos; a condenação dos quais é justa.

A concisão desta passagem e a dificuldade em traduzir a fraseologia tradicional dificulta seu entendimento. Outras traduções serão particularmente úteis aqui.

Neste ponto da discussão, Paulo, inspirado, previu alguns desafios ao seu ensinamento, particularmente por parte dos judeus, que poderiam ver Romanos 2:25-29 como uma negação da exclusividade dos judeus como o povo escolhido por Deus. De uma maneira caracteristicamente paulina, esta passagem levanta antecipadamente as objeções, responde-as brevemente, para manter o interesse do leitor sobre o caso, e, então, difere uma maior discussão do assunto para um momento mais apropriado, no desenvolvimento lógico do argumento.

Romanos 3:1-8 é, na realidade, uma digressão da linha principal do pensamento nesta parte da epístola. Ao nosso ver, esta consiste de quatro objeções interligadas.

(1) Que vantagem tem o judeu?

Versículo 1. Esta objeção é compreensível à luz do ensinamento de que os judeus circuncidados poderiam falhar em ter a aprovação de Deus, enquanto que o gentio não circuncidado poderia receber a mesma aprovação que os judeus. Se isto é verdade, qual é o valor da circuncisão? A doutrina enunciada no capítulo 2 parece desfazer a designação de Israel como a nação escolhida por Deus e o mandamento de Deus para que os judeus sejam circuncidados.

Versículo 2. Em vez de responder que o judaísmo estava sem valor, este versículo responde que os judeus tiveram muitas vantagens, em diversas maneiras. Primeiro, e de maior importância,

está o facto de que Deus confiou aos judeus os Seus oráculos. (Outras vantagens judaicas são mencionadas em Romanos 9:4-5.) Os judeus tiveram o supremo tesouro da Palavra de Deus. Eles, de facto, tiveram maiores privilégios, mas é claro que isto lhes impôs maiores responsabilidades.

A palavra *oráculo* significa “palavras divinas ou expressões divinas”, e, neste contexto, ela refere-se claramente ao Antigo Testamento. Esta designação revela a exaltada natureza da inspiração das Escrituras. Se as Escrituras são efetivamente as expressões escritas de Deus, então a inspiração deve abranger cada palavra.

(2) *A descrença judaica anula a fidelidade de Deus?*

Versículo 3. Se os judeus não creram em Deus, como Romanos 2 indica, isto não anularia as promessas de Deus feitas a eles no Antigo Testamento, tornando assim Deus infiel? Uma vez que o capítulo 2 acusa os judeus de não obedecerem à Palavra de Deus, consequentemente, eles não creram na Palavra. Neste caso, não foi a suposta vantagem de ter a Palavra efetivamente anulada? Esta objeção nos leva forçosamente a uma de duas conclusões: Ou a afirmação da descrença judaica é errada, ou a doutrina de Romanos destrói de facto a exclusividade judaica, como estabelecida por Deus, e mostra Deus como sendo infiel.

Versículo 4. Paulo responde a esta objeção com uma expressão negativa e enfática: “De modo algum!” A descrença do homem não pode destruir a fidelidade de Deus. A palavra de Deus é verdadeira, ainda quando isto significa que todo o homem é mentiroso. De facto, a infidelidade real do homem faz a fidelidade de Deus mais evidente. Ao declarar esta reivindicação, Romanos 3:4 cita Salmos 51:4. Aquele Salmo é a oração de arrependimento de David, depois do seu pecado com Bate-Seba. No versículo 3, ele confessou seu pecado, e, no versículo 4, ele reconheceu que seu pecado serviu para demonstrar quão justo e sem culpa Deus é. Romanos 3:4 fala como se a própria maneira de Deus julgar estivesse em julgamento. Então, conclui que o pecado do homem prova que a Palavra de Deus é certa e vindica Seu julgamento. Longe de destruir a Palavra de Deus, então, a infidelidade judaica somente serve para salientar a fidelidade de Deus.

Romanos 9:11 trata em maior detalhe destas duas primeiras objeções e de outras questões relacionadas a elas.

(3) *Se o pecado do homem salienta a justiça de Deus, como pode Deus punir, com justiça, o homem pelo pecado?*

Versículo 5. Esta objeção surge da resposta à objeção precedente. Se o pecado do homem efetivamente traz maior glória a Deus, é, então, Deus injusto em condenar o pecado?

Esta objeção é tão fraca e blasfema que Paulo sentiu-se compelido a anotar, parenteticamente: “Falo como homem”.

Versículo 6. De novo, ele replicou enfaticamente: “Certamente não!” O versículo derruba rapidamente o argumento, indicando que, se isto fosse, válido Deus não poderia julgar o mundo. Supõe-se que os oponentes de Paulo criam que Deus verdadeiramente julgará o mundo no último dia, e é claro que o Antigo Testamento ensina esta verdade de forma indubitável.

A implicação da resposta precedente é esta: O simples facto de Deus poder, do mal, tirar o bem não justifica a prática do mal. O pecado é mal em si mesmo e, se entregue a si mesmo, nunca levará a bons resultados. Por exemplo, os irmãos de José o venderam à escravidão, por causa dos motivos pecaminosos de ódio, inveja, e ganância. Deus fez da permanência de José no Egito um meio de salvação para sua família, mas isto não diminuiu a culpa dos seus irmãos. Se eles não tivessem pecado, Deus, ainda assim, teria abençoado José e trazido libertação a sua família. Se Deus não tivesse intervindo, as consequências do seu pecado teriam sido desastrosas para a família inteira. Deus trouxe o bem de uma situação, *apesar* do pecado dos irmãos de José, e não *por causa* do seu pecado.

O *Versículo 7* reitera a objeção, personalizando-a: “Se a minha mentira salienta a verdade de Deus e traz maior glória a Ele, como Deus pode ainda me condenar pelo meu pecado? Se eu tenho feito um favor para Deus, como ele pode me punir por isto?” Esta afirmação leva diretamente à última objeção.

(4) *Por que não fazer o mal, para que possa vir o bem?*

Versículo 8. Esta objeção é a extensão lógica da precedente e quer dizer que o fim justifica o

meio. Em outras palavras, se o resultado final é bom não importa que os meios para o alcançar sejam maus. Por exemplo, esta falsa doutrina permitiria que alguém mentisse por uma causa justa ou violasse outras éticas bíblicas, quando fosse conveniente fazê-lo, numa situação particular. Se o nosso pecado demonstra a graça de Deus, então não podemos e devemos pecar, quanto mais, melhor?

Alguns reportavam, caluniosamente, que Paulo ensinava isto, e alguns afirmavam que esta era a sua doutrina. Talvez alguns distorcessem deliberadamente o ensinamento de Paulo, para desacreditá-lo, enquanto outros o citavam como autoridade, por ensinarem, eles mesmos, esta doutrina.

Até hoje, muitos distorcem esta doutrina da justificação pela fé, usando-a para ensinar que a graça de Deus cobre o “crente” automaticamente, ainda que ele continue a viver no pecado. As doutrinas de ética situacional (os padrões de moralidade não são absolutos, mas mudam de acordo com as circunstâncias), “somente crer” (salvação por fé mental, sem arrependimento genuíno e obediência), e “uma vez salvo, salvo para sempre” (segurança eterna incondicional nesta vida apesar do pecado habitual e não arrependido) na verdade encorajam o povo a permanecer no pecado. Acreditando que estão salvos, enquanto continua a viver no pecado, eles crêem que estão demonstrando a graça e a misericórdia de Deus.

Romanos 3:8 rejeita a doutrina de que os fins justificam os meios, a doutrina de que o crente pode continuar a pecar, pois isso trará maior glória a Deus. Aqueles que afirmam que Paulo ensinou isto merecem a condenação que haverão de receber.

Romanos 6 vai mais além relativamente à implicação destas duas últimas objeções.

C. Conclusão: O Mundo Inteiro É Culpado (Romanos 3:9-20)

(9) Pois quê? Somos melhores do que eles? De maneira nenhuma, pois já demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado; (10) como está escrito: Não há justo, nem sequer um. (11) Não há quem entenda; não há quem busque a Deus. (12) Todos se extraviaram; juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só. (13) A sua garganta é um sepulcro aberto; com as suas línguas tratam enganosamente; peçonha de áspides está debaixo dos seus lábios; (14) a sua boca está cheia de maldição e amargura. (15) Os seus pés são ligeiros para derramar sangue. (16) Nos seus caminhos há destruição e miséria; (17) e não conheceram o caminho da paz. (18) Não há temor de Deus diante dos seus olhos. (19) Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que se cale toda boca e todo o mundo fique sujeito ao juízo de Deus; (20) porquanto pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele; pois o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado.

Romanos 1:18-3:8 proclama a culpa tanto dos judeus, como dos gentios e respondem às objeções judaicas. Romanos 3:9-20 declara e comprova pelas Escrituras a conclusão do tema: o mundo inteiro é culpado diante de Deus.

Versículo 9. À luz desta evidência, os judeus não eram melhores do que os gentios. Apesar de Deus ter confiado aos judeus maiores privilégios e tesouros espirituais, tanto os judeus como os gentios são igualmente pecaminosos à vista de Deus. Com respeito à nossa posição diante de Deus, ninguém é superior a outrem. Todos estão sob o pecado.

Entendemos esta questão do versículo 9 como querendo dizer: “São os judeus melhores do que os gentios?” Alguns comentaristas interpretam o significado deste verso como: “Somos nós, os judeus tornados melhores pelos gentios?” ou “Somos nós (escritor e leitores) melhores do que os gentios e os judeus pecaminosos?” Em qualquer caso, permanece a conclusão de que todos são pecadores.

A frase “debaixo do pecado” aparece também em Gálatas 3:22, e Romanos 7:14 usa “vendido sob o pecado”. Esta frase significa mais do que simplesmente cometer atos pecaminosos. Ela expressa que a raça humana inteira caiu sob o domínio do pecado e que todo ser humano

colocou-se sob o controle de uma natureza pecaminosa.

Versículo 10. Para provar esta afirmação, Paulo citou várias passagens do Antigo Testamento (Romanos 3:10-18). Estas citações demonstram o caráter mau do homem, sua conduta má (no falar e no agir) e a raiz do seu mal (não temer a Deus).

Podemos classificar as acusações em nove categorias. As primeiras seis são citações de Salmos 14:1-3, as quais, por sua vez, são totalmente repetidas em Salmos 53:1-3 e, parcialmente, em Eclesiastes 7:20. As outras citações são identificadas abaixo.

(1) Injustiça

Versículo 11.

(2) Falta de entendimento espiritual

(3) Falha em buscar a Deus

Versículo 12.

(4) Desviar-se de Deus (apostasia)

(5) Inutilidade (uma vida vazia)

(6) Recusar-se a fazer do bem

Versículo 13.

(7) Pecados da língua, incluindo engano e conversas venenosas (Salmos 5:9; 140:3).

Versículo 14.

Os pecados da língua incluem também murmurações e amargura (Salmos 10:7).

Versículo 15.

(8) Violência (Isaías 59:7-8). O espírito violento manifesta-se no desejo de derramar sangue.

Versículo 16. A língua causa a destruição e a miséria.

Versículo 17. Ela leva os homens a não seguir a paz.

Versículo 18.

(9) Não temer a Deus (não tendo reverência ou respeito para com Deus e a Sua lei) (Salmos 36:1).

As primeiras seis acusações (Romanos 3:10-12) se aplicam à raça humana inteira, no seu estado não regenerado. Ninguém é justo à vista de Deus, pois todos pecaram. Ninguém tem entendimento espiritual, ninguém segue os caminhos de Deus completamente, ninguém é útil para Ele, ninguém pratica a bondade total. De facto, não há quem busque a Deus. Como Romanos 1:18--32 retrata, o homem, se deixado sozinho por Deus, nunca busca a Deus, mas torna-se progressivamente mais pecaminoso. Como Romanos 2:4 indica, a bondade de Deus é necessária para levar o homem ao arrependimento.

Em Romanos 3:11, vemos mais uma vez a necessidade da graça prévia (a graça que precede à salvação). Deus tem manifestado Sua graça a toda a humanidade, atraindo pessoas para Ele e habilitando-as a buscá-lo e arrepender-se do pecado. Sem esta obra divina, nenhum de nós buscaria a Deus para louvá-IO e viver para Ele.

Versículo 19. Nem todas as acusações na lista do capítulo 3 aplicam-se igualmente a todos os indivíduos, da mesma forma que todos os gentios não são culpados de todos os pecados constantes do capítulo 1, e nem todos os judeus são culpados de todos os pecados constantes do capítulo 2. Quando lidas nos seus contextos originais, as passagens citadas em Romanos 3:3-18 aparentemente referem-se a grupos específicos de pessoas, em vez da raça humana como um todo. No entanto, estes são exemplos da pecaminosidade da raça humana. Estes exemplos têm relevância particular para os judeus e para qualquer outra pessoa que aceita o Antigo Testamento. Deus pretendia que estas passagens tivessem relevância específica para aqueles aos quais Ele deu o Antigo Testamento.

Interessantemente, o versículo 19 usa o termo *lei* para cobrir todas as citações do Antigo Testamento. Originalmente, os hebreus classificavam o Antigo Testamento completo em duas partes: Lei e Profetas. Posteriormente, dividiram-no em três partes: Lei (os Cinco livros de Moisés), Profetas (História, Profetas maiores e Profetas menores) e Escritos (poesias, literatura sábia, diversos). Muitos judeus consideravam os livros de Moisés como superiores aos outros livros,

enquanto os samaritanos rejeitavam tudo, menos os cinco livros da Lei. O uso do termo *Lei*, para descrever citações de Salmos e Isaías, indica que todos os livros do Antigo Testamento são igualmente inspirados. Os Profetas e os Escritos são tão inspirados quanto a Lei original.

Romanos 3:19-20 dá o fechamento da primeira grande secção doutrinária da epístola. Estes versículos são aparentemente baseados em Salmos 143:2. Eles enunciam duas conclusões profundas:

(1) ***O mundo inteiro é culpado diante de Deus.*** Todos pecaram e não têm escusa; todos são culpados, todos precisam da justiça de Deus. (Romanos 3:23 declara novamente esta verdade).

(2) ***Ninguém pode ser justificado pelos atos da Lei.***

Versículo 20. Gálatas 2:16 e 3:11 também declaram esta verdade. Ninguém pode ser salvo com base em boas obras ou na observância estrita da Lei. Nenhum pecado pode ser absolvido pela Lei. Ninguém pode ser salvo pela lei, quer seja a lei da consciência quer seja a lei escrita.

Como é que esta segunda conclusão se segue da discussão precedente da pecaminosidade do homem? Primeiro, isto é evidente, pela observação. Os gentios tinham a lei da consciência e os judeus tinham a lei de Moisés, mas em nenhum caso a lei os impediu de pecar ou os salvou do pecado.

Segundo, isto se torna evidente, pelo estudo da natureza e o propósito da lei em si. A lei não perdoa a quem a transgredir; ela o condena. Nenhuma quantidade de adesão à lei ou a prática de boas obras compensará ou erradicará violações passadas da lei. Uma vez que todos os homens têm transgredido a lei de Deus, a lei não os pode abençoar, mas pode somente condenar.

Para tornar este ponto claro, o versículo 20 menciona o propósito da lei, explicado mais plenamente em Romanos 5:20 e 7:7-13. Ele responde esta potencial pergunta ou objeção: Se a lei não pode absolver o pecado do homem, qual é o seu propósito? A lei não intercede, nem salva, mas ela comunica o conhecimento do pecado.

Ela faz isto através de, pelo menos, três maneiras: (1) A Lei mostra ao homem o que é o pecado; (2) Ela mostra ao homem que ele é um pecador; (3) Ela mostra ao homem sua necessidade de salvação. Através da lei, o homem se torna consciente da definição do pecado, das consequências do pecado e da existência da sua própria natureza pecaminosa. O homem começa a reconhecer que, por seu próprio poder, ele não pode alcançar os requerimentos santos e justos de Deus. Finalmente, a lei prova ao homem que ele não pode alcançar justiça sem a graça divina. Ela é o aio que nos conduz a Cristo (Gálatas 3:24).

III.

Justificação pela Fé (3:21-5:21)

Os meios de receber a justiça de Deus

A. A Doutrina Explicada (3:21-31).....	38
1. A doutrina declarada (3:21-26).....	38
2. Inferências tiradas da doutrina (3:27-31).....	41
Nota: Definição de fé salvadora.....	42
B. Provas Tiradas da Escritura (4:1-25).....	44
1. Abraão e David (4:1-8).....	45
2. A Justificação pela Fé é para todos (4:9-12).....	45
3. A promessa de Deus vem pela fé, não pela lei (4:13-17a)	
4. A fé de Abraão examinada e aplicada (4:17b-25).....	47
Nota: Uma vista completa da justificação.....	48
C. Bênçãos Permanentes da Justificação (5:1-11).....	50
D. Aplicação Universal (5:12-21).....	52
	55

Justificação Pela Fé (3:21-5:21)

Depois de demonstrar, tanto pela observação, como pelas Escrituras, a culpa universal da humanidade, o Livro de Romanos proclama a provisão de Deus e a solução para o dilema humano. Primeiro, declara a doutrina da justificação pela fé, baseada na obra expiatória de Jesus Cristo, e tira algumas conclusões importantes. A seguir, ele prova a doutrina das Escrituras hebraicas. Depois de estabelecer a doutrina, descreve os benefícios da justificação, tanto nesta vida, como na eternidade. A secção se conclui contrastando Adão e Cristo, mostrando assim a aplicação universal do princípio da justificação. Gálatas 2-4 também trata da justificação pela fé e toca em muitos dos mesmos pontos.

A. A Doutrina Explicada (3:21-31)

Doutrinariamente, esta é uma das passagens mais significativas do livro inteiro. Ela declara a doutrina central da epístola – justificação pela fé, e desenvolve algumas consequências importantes e lógicas dessa doutrina. Após discutir esta passagem, inserimos uma nota sobre fé salvadora, porque uma correta compreensão da fé é essencial para o entendimento da doutrina da justificação pela fé.

1. A doutrina declarada (3:21-26)

(21) Mas agora, sem lei, tem-se manifestado a justiça de Deus, que é atestada pela lei e pelos profetas; (22) isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos os que crêem; pois não há distinção. (23) Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; (24) sendo justificados gratuitamente pela sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, (25) ao qual Deus propôs como propiciação, pela fé, no seu sangue, para demonstração da sua justiça por ter ele na sua paciência, deixado de lado os delitos outrora cometidos; (26) para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e também justificador daquele que tem fé em Jesus.

Versículo 21. Tendo concluído que todos os homens estão sob pecado (Romanos 3:9-20), a epístola explica o caminho da justiça de Deus, a única coisa que trazer salvação ao homem pecaminoso. Este caminho de justiça não vem pela lei. O texto grego não tem o artigo definido “a”, antes da primeira ocorrência da palavra *lei*, no versículo 21 (como está em algumas traduções). Isto indica que a referência é ao princípio da lei. A lei revela o pecado, mas ela não purifica do pecado ou torna alguém justo. Nós recebemos a justiça de Deus independentemente da lei. O Livro de Romanos não apresentou um novo caminho de salvação. Ao contrário, “a Lei e os Profetas” – a designação hebraica para o Antigo Testamento, atestam acerca do caminho de salvação explicado em Romanos.

Versículo 22. Esta justiça de Deus vem “*dia pisteos Iesou Christou*”, isto é, “através da fé em Jesus Cristo”. “Através da fé” significa que fé é o meio ou instrumento pelo qual recebemos justiça. “Em Jesus Cristo” significa que Jesus Cristo é o objeto da nossa fé, e não que possuímos a fé de Cristo, como alguém poderia interpretar de algumas versões, como na Bíblia em inglês (KJV), “por fé de Jesus Cristo”.

A Justiça de Deus vem a todos que crêem. (O texto crítico omite as palavras “e sobre todos”.) O grego usa o particípio presente, que indica ação contínua presente. Assim, literalmente, diz: “todos os que crêem”. *O Comentário Bíblico Wycliffe* faz a seguinte observação: “O particípio presente deixa claro que isto é uma entrega da vida inteira a Cristo, vista na sua resposta de

confiança no dia-a-dia”.¹⁴

A última parte do versículo 22 está ligada com o versículo 23. Não há diferença entre judeus e gentios na maneira de receber a justiça de Deus, pois todos pecaram.

O *Versículo 23* recapitula a secção precedente, afirmando que todo indivíduo tem pecado e é culpado diante de Deus. (Veja I Reis 8:46; II Crônicas 6:36.) Acharmos o particípio presente outra vez na segunda metade deste versículo, de modo que poderia ser lido todos “estão carecendo” da glória de Deus. Todos estão continuamente falhando em obter da glória de Deus; todos estão falhando em alcançar os objetivos do plano original ou ideal de Deus para o homem. Isto não significa que todos têm pecado da mesma maneira. Da perspectiva humana, alguns cometem pecados mais numerosos e mais terríveis do que outros. Da perspectiva de Deus, no entanto, qualquer pecado é suficiente para nos separar completamente da Sua presença santa. É semelhante a um grupo de pessoas tentando pular para alcançar a lua. Um atleta, no grupo, pode pular mais alto do que os outros, mas do ponto de vista do firmamento, mesmo seus esforços são pateticamente inadequados.

Versículo 24. O que acontece com o pecador que coloca sua fé em Jesus Cristo? Ele é justificado. A palavra *justificado* é um termo legal, significando uma posição correta ou vindicação aos olhos da lei. No contexto deste versículo, o verbo “justificar” significa “considerar justo”, “declarar justo”. Deus declara o crente “justo” e, portanto, com direito a todos os privilégios daquela posição, incluindo salvação eterna. Deus remove a culpa e a condenação do pecado. Ele remove a mancha do pecado, tanto do Seu registo como da consciência do homem. “Um homem que tem fé é agora livremente absolvido aos olhos de Deus pela sua generosa intervenção, no Ato Redentor de Jesus Cristo” (*Phillips*).

Devemos considerar o novo nascimento como uma experiência única, integrada, que ocorre no início do processo de salvação, e devemos ver justificação como um evento instantâneo, que coincide com o novo nascimento, dando início a uma vida de fé. Deus nos declara justos e nos trata como justos, a partir do novo nascimento e daí por diante. É claro que é necessária uma justificação contínua, por atos pecaminosos cometidos após o novo nascimento. Justificação não significa que efetivamente nos *tornamos* completamente justos naquele momento. Tornar-se justo é o processo de santificação, que começa com o novo nascimento e continua até a volta do Senhor. Na vinda de Cristo, Deus porá sobre nós a perfeição absoluta, sem pecado, e, tanto estaremos na posição de justos, como *seremos*, de facto, completamente justos.

A justificação vem gratuitamente. Ela vem através da fé, não por obras ou obediência da lei. A justificação não é merecida, nem adquirida. A fonte de justificação é a graça de Deus. Graça é o favor imerecido de Deus para com o homem.

O versículo 24 descreve nossa salvação em termos de redenção. Redenção significa a libertação completa, através do pagamento de um preço. Refere-se ao ato de comprar de um escravo, para poder libertá-lo. A Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento, antes da época de Cristo) usou a mesma palavra grega *apolutrosis*, para traduzir a palavra hebraica relativa a parente remidor, de Levítico 25:47-49. De acordo com aquela passagem, se alguém se vendeu à escravidão para pagar suas dívidas, um parente próximo poderia redimi-lo (comprar a sua liberdade). Deus se manifestou na carne, através de Jesus Cristo, para que Ele pudesse se tornar nosso irmão (Romanos 8:29; Hebreus 2:17) e, portanto, nosso parente redentor.

Versículo 25. Este versículo descreve a obra salvadora de Cristo como a “propiciação”. Propiciação é algo que permite Deus agir com misericórdia e perdão. É um sacrifício de expiação; algo que desvia a ira de Deus e tira o pecado; um apaziguamento da ira divina; a satisfação da justiça divina. A Septuaginta usou a mesma palavra grega, *hilasterion*, como sua tradução do “propiciatório”. O propiciatório era a tampa dourada da Arca da Aliança que estava no Lugar Santíssimo do Tabernáculo. Uma vez por ano, o sumo sacerdote aspergia sangue sobre o

¹⁴ 1 *The Wycliffe Bible Commentary*. Pág. 1192.

propiciatório, para expiar os pecados do povo. Assim, a palavra *propiciação* aqui pode significar o “lugar de expiação”.

Jesus Cristo é nosso meio por receber o perdão e misericórdia de Deus; Ele é o nosso propiciatório ou lugar de expiação. Uma vez que Deus é santo e justo, Ele não pode ignorar o pecado ou ter comunhão com o homem pecaminoso. A natureza de Deus exige que o pecado do homem tenha como resultado sua separação Dele. Separação eterna de Deus é a morte espiritual final (Apocalipse 20:14). Assim os princípios da justiça divina requerem morte para o pecado (Romanos 6:23). O amor e a misericórdia de Deus, no entanto, procuraram restaurar o homem à comunhão com Ele. A graça de Deus proveu o sacrifício substituinte pelo nosso pecado, através da morte do Homem sem pecado, Jesus Cristo. Cristo tomou nosso lugar e sofreu a pena do pecado em nosso lugar. Se cremos em Cristo e no que Ele fez por nós, então Sua obra se torna efetiva em nossas vidas. A morte de Cristo alcançou os requerimentos da justiça de Deus, habilitando Deus a perdoar nosso pecado, sem violar a Sua natureza santa e Sua Palavra.

A morte de Cristo é, de facto, um apaziguamento ou um desvio da ira divina. Não foi efetivada para obrigar Deus a nos amar, mas aconteceu porque Ele nos amou (João 3:16). Isto revelou, tanto a Sua ira contra o pecado, como a Sua misericórdia para o pecador. Isto não foi uma oferta de apaziguamento feita pelo homem ou por uma segunda deidade; Deus mesmo proveu o sacrifício. (Veja Gênesis 22:8; Isaías 59:16; 63:5). Deus apresentou publicamente o homem Cristo, como um sacrifício de expiação. (Veja Hebreus 10:1-20).

Cristo é a nossa propiciação “por seu sangue, através de fé”. Estas são duas frases independentes no grego, e não uma só, como aparece em outras traduções deste versículo. Em outras palavras, a propiciação é efetiva por causa de duas coisas: sangue e fé. A propiciação em si mesma veio através do sangue de Cristo. Nós aplicamos a propiciação as nossas vidas através da fé.

A base da justificação, então, é o sangue de Cristo. O sangue é essencial para a vida; ele supre o oxigênio e os nutrientes que sustentam a vida de todo o corpo. “Porque a vida da carne está no sangue..., portanto a vida de toda carne é o seu sangue...” (Levítico 17:11, 14). O derramamento de sangue representa vida dada em morte. O sangue de Cristo representa a vida sem pecado que Ele viveu na terra e voluntariamente deu sobre a cruz. O sangue de Cristo representa a morte de Cristo.

A morte propiciatória de Cristo serve para manifestar a justiça de Deus de duas maneiras. Primeiro, mostra que Deus estava agindo justamente, quando Ele, temporariamente, passou por cima (fez que não viu) os pecados cometidos no passado. Apesar de muitas traduções usarem a palavra *remissão*, a palavra grega é *paresis*, que significa “passar por cima”, em vez de *aphesis*, “remissão ou perdão”. Este texto está se referindo aos pecados cometidos antes da cruz. No Antigo Testamento, Deus perdoava o pecado e justificava o homem, tratando-os como justos, apesar de ninguém ainda ter pago a penalidade pelo pecado. Na Sua paciência, Ele, aparentemente, ignorava o pecado daquelas pessoas. (Veja Atos 17:30). Isto cria um problema teológico: É tão errado justificar o iníquo, como o é condenar o justo (Provérbios 17:15). Uma vez que é injusto ignorar o erro, como poderia Deus ignorar o pecado e ainda ser justo?

A morte de Cristo justificou Deus nesta área. Isto é, ela vindicou a justiça de Deus; ela mostrou ou declarou que Deus é justo. Ela demonstrou que Deus não tinha ignorado o pecado humano e não estava indiferente a ele, mas de facto requereu a penalidade a ser paga pelo pecado.

Deus não vive no tempo como nós vivemos. Ele sabe o futuro com certeza e pode tratar de coisas que não existem como se já existissem (Romanos 4:17). Ele perdoou pecados e justificou o homem do Antigo Testamento, em paciente antecipação da cruz. Ele podia agir sobre um evento futuro, porque Ele o tinha predestinado desde a fundação do mundo (I Pedro 1:18-20). Ele mostrou misericórdia em antecipação da demonstração da Sua justiça no Calvário.

Ninguém nas épocas passadas podia ter sido salvo sem o Calvário. Sem o derramamento de sangue não há remissão (Hebreus 9:22), e o sangue de animais não podia ser suficiente para tirar os pecados do homem (Hebreus 10:4). Os sacrifícios do Antigo Testamento não perdoaram realmente ou remiram o pecado, mas somente cobriram o pecado temporariamente. A palavra hebraica para expiação, *kaphar*, literalmente significa “uma cobertura”. Os pecados foram cobertos da vista de

Deus, esperando para serem tratados permanentemente pela cruz: os santos do Antigo Testamento expressaram sua fé em Deus, pela obediência ao Seu mandamento de oferecer sacrifício de sangue pelos seus pecados. Na atualidade, a morte de Cristo tirou seus pecados, e Sua obra foi feita efetiva nas suas vidas pela sua fé obediente em Deus.

Versículo 26. O primeiro propósito da morte de Cristo, então, foi justificar a Deus – demonstrar a justiça de Deus. Ela mostra que Deus era justo no Seu procedimento com o pecado antes da cruz. Ela também mostra que Deus é justo ao perdoar o pecado agora. Ele não esquece o pecado, nem o perdoa, contrariamente aos Seus declarados princípios de justiça, mas exigiu pagamento completo no Calvário.

O segundo propósito da morte de Cristo foi justificar o homem – declarar o crente justo. Ela permite que Deus seja o justificador daquele que crê em Jesus. A morte de Cristo é uma redenção e uma propiciação que providencia para o homem um meio de salvação.

Em resumo, Romanos 3:21-26 é uma das passagens-chave do Livro de Romanos e, de facto, da Bíblia inteira. Ela explica os princípios fundamentais da salvação para toda a humanidade e enuncia a doutrina da justificação pela fé: com base na morte de Cristo, Deus, gratuitamente, declara os pecadores justos, através da sua fé em Jesus Cristo. A passagem descreve a provisão de salvação de Deus, de três pontos de vista: em termos de tribunal, nós somos justificados (declarados justos); em termos de mercado de escravos, nós somos redimidos (libertos, pelo pagamento de um preço), em termos do templo, nós temos uma propiciação (um sacrifício de expiação ou um lugar de expiação).

2. Inferências Tiradas da Doutrina (3:27-31)

(27) Onde está logo a jactância? Foi excluída. Por que lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé. (28) concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei. (29) É porventura Deus somente dos judeus? Não é também dos gentios? Também dos gentios, certamente, (30) se é que Deus é um só, que pela fé há de justificar a circuncisão, e também por meio da fé a incircuncisão. (31) Anulamos, pois, a lei pela fé? De modo nenhum; antes estabelecemos a lei.

Da declaração da doutrina de justificação pela fé, seguem-se três conclusões:

(1) *Justificação pela fé exclui jactância.*

Versículo 27. Aqui, a palavra *lei* significa “um princípio”. Uma vez que a salvação do homem é baseada no princípio da fé, não no princípio de obras, nenhum homem pode vangloriar-se da sua salvação. Nossa salvação é baseada na obra Daquele em quem temos nossa fé, não em nossas obras. Nossa salvação vem pelo “crer, não pelo realizar”. (Phillips)

Versículo 28. A palavra “*concluímos*”, aqui, significa “reconhecemos”. Este versículo não proclama justificação pela fé como uma nova conclusão, mas o termo é usado para mostrar a razão pela qual a jactância é excluída.

Este versículo declara novamente a doutrina de justificação pela fé em termos claros: Deus nos considera justos por causa da nossa fé Nele, não por causa de boas obras ou estrita adesão à lei. Nós somos justificados “à parte das obras da lei”. Não podemos ganhar salvação de qualquer maneira. Ao conceder-nos salvação, Deus não está recompensando nossas boas obras ou nossa santidade. Não vivemos santos para podermos ser salvos; vivemos santos porque somos salvos. Não trabalhamos para a salvação; trabalhamos por causa da salvação; não nos “tornamos bons para receber a Deus”; nós “recebemos a Deus para sermos bons”. Enquanto continuarmos a caminhar pela fé, nós temos a segurança da salvação.

Isto não implica que podemos viver de forma desobediente e ainda sermos salvos, mas que a conformidade à lei, em si, não é base de salvação. Além disso, isto não significa que a fé salvadora falhará em produzir obediência à lei de Deus. A falha em obedecer ou manifestar boas obras significa uma lacuna fundamental de fé. Erdman comentou corretamente sobre o assunto: “Como Paulo mostra em outros lugares, a fé resultará em obediência, e a justificação levará a um viver

santo, mas a verdade que a justificação é somente pela fé é o coração de Cristianismo”.¹⁵ 2 F.F. Bruce observou no *The Tyndale New Testament Commentaries* que a fé genuína sempre produz obras:

Todavia, embora os homens sejam justificados, neste sentido, pela fé somente, “a fé que justifica não está só”; ela é, como Paulo diz em Gálatas 5:6, “a fé que atua pelo amor” – e a maneira pela qual ela funciona é descrita em detalhes práticos nos capítulos 12 e 15 desta Epístola. Mas isto pertence a um estágio do argumento que está mais adiante; no momento, o importante é enfatizar que é pela fé, não por aquilo que ele faz, que o homem recebe a graça justificadora de Deus.¹⁶

(2) Justificação pela fé é para toda a humanidade.

Versículo 29. Uma vez que Deus é Deus tanto dos judeus, como dos gentios, o caminho da salvação não pode pertencer exclusivamente aos judeus, mas deve estar disponível a toda a humanidade.

Versículo 30. O caráter verdadeiro de Deus, assim, demonstra que a justificação pela fé deve ser para toda a humanidade. O versículo alude ao credo fundamental do judaísmo: Deus é UM (Deuteronómio 6:4). Há somente um Deus, portanto pode haver apenas um plano de salvação. Fazer da lei um meio de salvação contraditória esta verdade, pois Deus deu a lei somente aos judeus. Portanto, a salvação deve vir pela fé, e salvação pela fé deve ser a mesma, tanto para os judeus, como para os gentios.

(3) Justificação pela fé estabelece a lei.

Versículo 31. Justificação pela fé não anula a lei, mas a apóia e cumpre. Aqui, Romanos responde à objeção de que sua doutrina torna a lei desnecessária. Paulo enfaticamente replicou, de modo típico, que, ao contrário, justificação pela fé mostra o propósito verdadeiro da lei e depende da lei para sua validade. O homem só precisa ser justificado, porque a lei, em primeiro lugar, o condenou. A morte de Cristo foi necessária, somente porque a lei, em primeiro lugar, requereu a penalidade da morte. Ao ensinar a necessidade do sacrifício de Cristo e a necessidade de justificação pela fé em Cristo, Romanos endossa a validade da lei. Romanos rejeita a lei como o meio de salvação, mas a sustenta como o padrão moral de conduta.

Independente de que ou de qual aspecto da lei ou de qual definição de “lei” consideremos, justificação pela fé confirma a lei. Se “lei” significa o Antigo Testamento, o Antigo Testamento ensina justificação pela fé (Romanos 4). Se “lei” significa a lei cerimonial, Cristo cumpriu todos os seus requisitos, literalmente, e nós cumprimos seus tipos espiritualmente, pela fé em Cristo (Colossenses 2:13-17). Se “lei” significa a lei moral, nós a cumprimos, ao andar no Espírito, que nos dá poder para cumprir toda a justiça ensinada pela lei (Romanos 8:4).

Nota: Definição de fé salvadora

Uma vez que pessoas interpretam a doutrina da justificação pela fé como significando “o simples crer”, é importante, neste momento, explicar claramente o que fé salvadora significa no Novo Testamento. Portanto, estabeleceremos brevemente diversos conceitos-chave, relativos à fé salvadora. (Para mais discussão deste assunto, veja o capítulo 2 do livro “O Novo Nascimento”, por David K. Bernard).

(1) **O Livro de Romanos foi escrito para a igreja.** O livro foi escrito para crentes batizados e cheios do Espírito Santo, para explicar a base da sua salvação, não para converter descrentes. Não havia necessidade de dizer aos cristãos romanos como nascer de novo, mas eles precisavam saber o significado doutrinário da sua experiência. Eles já tinham nascido de novo pela fé. Para continuar na salvação, eles precisavam continuar a andar pela fé, e não voltar ao legalismo judaico.

(2) **Fé significa mais do que consentimento mental ou aceitação intelectual: ela inclui**

¹⁵ Erdman, pág. 60.

¹⁶ F.F. Bruce. *The Epistle to the Romans*, Vol. 6 of *The Tyndale New Testament Commentaries*, R.v.G. Tasker (ed.) (Grand Rapids: Eerdmans, 1963), pág. 109.

crença, confiança, compromisso, e obediência. Com respeito ao verbo grego “crer” (*pisteuo*), Thayer's *Greek-English Lexicon of the New Testament* declara: “Usado especialmente para a fé pela qual o homem abraça Jesus, isto é, a convicção, confiança cheia de regozijo de que Jesus é o Messias – o autor, divinamente indicado, da salvação eterna no Reino de Deus, juntamente com a obediência a Cristo”.¹⁷ Vine's *Expository Dictionary of New Testament Words* diz que os elementos principais da “fé” (o substantivo grego *pistis*), em sua relação com Deus, são: “(1) uma firme convicção... (2) uma rendição pessoal... [e] (3) uma conduta inspirada por tal rendição... Tudo isto contradiz a crença no seu simples exercício natural, que consiste em uma opinião baseada em uma boa fé, sem a necessária referência a sua prova”.¹⁸ (Veja também nossos comentários sobre Romanos 1:17 e 2:6-10, bem como nossas notas sobre circuncisão, depois de 2:25-29).

Fé salvadora, então, inclui tanto apropriação ou aplicação, como aceitação. Não podemos separá-la da obediência (Atos 6:7; Romanos 1:5; 2:6-10; 10:16; 16:26; Hebreus 11:7-8). Obediência à Palavra de Deus é absolutamente necessária para a salvação (Mateus 7:21-27; João 14:15, 23; Romanos 15:18; II Tessalonicenses 1:7-10; Hebreus 5:9; I Pedro 4:17; I João 2:3-5; 5:1-3). A Fé somente é viva através de resposta, comprometimento e ação (Tiago 2:14-26). É possível ter um grau inicial de fé em Cristo e ainda não ser salvo, se não há aceitação completa, comprometimento e obediência (Mateus 7:21-23; João 2:23-25; 12:42; Atos 8:6-23; 10:1-6, combinado com 11:14; Tiago 2:19).

Como Dietrich Bonhoeffer disse, crer é obedecer e obedecer é crer. Bonhoeffer escreveu contra a heresia da “graça barata”, na qual o “assentimento intelectual... é considerado como sendo ele mesmo suficiente para assegurar remissão de pecados”, o que “resulta na justificação do pecado sem a justificação do pecador arrependido que se aparta do pecado”.¹⁹ Como ele indicou, Cristo não pediu apenas uma decisão mental ou uma aceitação verbal, mas por uma obediência ativa, quando Ele ordenou a Seus discípulos, “Segue-me!” Bonhoeffer enfatizou a necessidade de obediência:

A resposta dos discípulos é um ato de obediência, não uma confissão de fé em Jesus... Pois fé é real somente quando há obediência, nunca sem ela, e fé somente se torna fé no ato de obediência... O passo de obediência deve ser tomado antes que a fé seja possível. A não ser que obedeça, um homem não pode crer... Ninguém quer saber sobre sua fé ou descrença; as ordens recebidas devem gerar o ato de obediência imediata. Então, você se encontrará na situação onde a fé se torna possível e onde a fé existe no verdadeiro sentido da palavra.²⁰

Daniel Fuller, do Seminário Teológico Fuller, enfatizou, da mesma forma, que, através da história, a salvação sempre tem vindo pela graça, através de fé, que inclui a “obediência de fé”:

A “obra da fé”, ou a “obediência da fé”, pressupõe uma conexão inseparável entre fé e as obras dela resultantes. Uma vez que a conexão é *inseparável*, e a fé genuína não pode produzir nada a não ser obras, a Bíblia algumas vezes fala da fé, e algumas vezes das obras, quando fala da condição a ser alcançada para receber perdão de pecados... Nós evitamos o legalismo, na mesma medida que reconhecemos quão doentes estamos e olhamos além de nós mesmos e, com completa confiança na qualificação do Médico e no seu desejo de nos curar, seguimos suas instruções (a obediência de fé!) *para podermos ficar* sãos... A obediência de fé é *sola fide* (“somente pela fé”), pois a obediência é motivada totalmente pela fé e não é algo acrescentado à fé como fosse coordenado com ela.²¹

¹⁷ Joseph Thayer, *A Greek-English Lexicon of The New Testament* (1885; rpt. Grand Rapids: Eerdmans), pág. 511.

¹⁸ W.E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words* (Old Tappan, N.J.: Fleming H. Revell, 1940), pág. 411.

¹⁹ Bonhoeffer, págs. 45, 47.

²⁰ Ibid, págs. 61, 69, 72-74.

²¹ Daniel Fuller, *Gospel and Law: Contrast or Continuum?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1980), págs. 113, 118-19. Ênfase no original.

Justificação pela fé não significa aceitação mental, em vez de obediência, nem significa o crer em vez do fazer. Antes, significa pleitear os méritos de Cristo, em vez de nossos próprios méritos. Significa crer em Cristo, o que, por sua vez, significa crer na Sua Palavra, ou seja, aceitar e obedecer à Sua Palavra em nossas vidas. Fé, incluindo a obediência da fé, não ganha ou merece salvação, mas é uma condição de salvação. Deus não salva sem ela. Assim, Noé foi justificado pela fé obediente: “Pela fé Noé... preparou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual... se tornou herdeiro da justiça que vem da fé” (Hebreus 11:7).

(3) ***Fé Salvadora é um relacionamento contínuo, não somente um ponto no tempo*** (Romanos 1:16-17; 11:22; I Coríntios 15:1-2; I Timóteo 4:16). A fé não é somente uma condição intelectual que existe em um ponto no tempo, mas é uma atitude contínua e uma maneira de viver. Finalmente, a salvação está ainda no futuro (Atos 15:11; Romanos 8:24; 13:11; Hebreus 9:28). Para herdar a vida eterna, devemos viver continuamente pela fé, o que significa andar em obediência. Se persistirmos no pecado, sem arrependimento, não estamos vivendo pela fé.

(4) ***Pela fé, arrependemo-nos do pecado, obedecemos ao mandamento de ser batizado, recebemos remissão dos pecados no batismo, recebemos o Espírito Santo e vivemos uma vida santa.*** (Marcos 1:15; 16:16; João 7:38-39; Atos 8:12-17; 11:15-17; 19:16; Gálatas 3:14; Efésios 1:13). Nós somos lavados, santificados, e justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de Deus (I Coríntios 6:11). Os obedientes recebem o Espírito Santo (Atos 5:32). Nós levamos a cabo o processo de crer em Jesus quando obedecemos Atos 2:38.

Obedecer a Atos 2:38 não é salvação pelas obras. Arrependimento, batismo nas águas, e o batismo do Espírito Santo não são obras do homem para ganhar salvação, mas obras de Deus que efetuam salvação em nós. Deus é Aquele que opera a obra salvadora envolvida. Ou nós permitimos a Deus operar em nós (pela fé/obediência) ou nos recusamos a deixá-lo operar (pela descrença/desobediência). Ele é Aquele que nos chama, nos guia até Ele, muda nossas mentes e direção (no arrependimento), lava nossos pecados (nas águas batismais), enche-nos do Seu Espírito, habilita-nos para o viver santo, e preserva-nos na Sua graça. Nossas tentativas para arrepender, receber remissão de pecados no batismo nas águas, e receber o Espírito Santo seriam de nenhum proveito se não fosse pela graça de Deus. A morte, sepultamento, e ressurreição de Cristo compraram estes benefícios para nós. Nossa fé em Cristo os aplica a nossas vidas. Justificação pela fé não elimina o novo nascimento, mas explica como nós recebemos o novo nascimento.

Se uma pessoa crê em Jesus, ela obedecerá ao mandamento de Cristo para se arrepender e ser batizada, e Deus remittirá seus pecados. Se ela não tem fé, não se arrependerá e nem será batizada, ou, se for batizada, o batismo não terá validade. Se uma pessoa crê em Jesus, de acordo com as Escrituras, ela se entregará totalmente a Cristo, e Deus a encherá com o Espírito Santo. Se ela não tem fé não receberá o Espírito Santo.

Em conclusão, fé é o meio pelo qual o homem apodera-se da graça de Deus. É o meio pelo qual nós nos rendemos a Deus, obedecemos à Sua Palavra, e Lhe permitimos realizar Sua obra salvadora em nós. ***Fé salvadora*** é: (1) aceitação do evangelho de Jesus Cristo como o único meio de nossa salvação e (2) obediência àquele evangelho (aplicação ou apropriação daquele evangelho). O *Evangelho de Jesus Cristo* é a boa nova de que Jesus morreu, foi sepultado, e ressurgiu para nossa salvação (I Coríntios 15:1-4). *Nossa resposta ao evangelho* é arrependimento do pecado, batismo em o nome de Jesus Cristo, e recebimento do Espírito Santo, como a Igreja Apostólica fez (Atos 2:1-4, 37-39).

Fé em Cristo encontra expressão na obediência a Atos 2:38, assim habilitando o pecador a ser nascido da água e do Espírito, sem o que ele não pode ser salvo (João 3:3-5). Fé, então, preserva a pessoa nascida de novo em um relacionamento contínuo com Cristo, o que inclui obediência contínua e uma vida de santidade, através do poder do Espírito de Deus que nele habita.

B. Prova da Escritura (4:1-25)

Romanos 4 usa o exemplo de Abraão, apoiado por uma citação dos escritos de David, para provar que Deus tem sempre justificado o povo pela fé e não pelas obras ou pela lei. Da história de

Abraão, mais dois princípios importantes são extraídos: (1) Justificação pela fé é o plano de Deus para toda a humanidade; (2) Nós somente podemos somente receber as bênçãos de Abraão pela fé, não pelas obras. O capítulo examina o tipo de fé que Abraão tinha e aplica as lições aprendidas aos leitores. Se e somente se nós temos a mesma fé inabalável que Abraão tinha em Deus, então nós seremos justificados como Abraão o foi. Após a discussão da fé de Abraão, inserimos uma nota, resumindo a doutrina completa da justificação, como ensinada nas Escrituras.

1. Abraão e David (4:1-8)

(1) Que diremos, pois, ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? (2) Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus. (3) Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. (4) Ora, ao que trabalha não se lhe conta a recompensa como dádiva, mas sim como dívida; (5) porém ao que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é contada como justiça; (6) assim também David declara bem-aventurado o homem a quem Deus atribui a justiça sem as obras, dizendo: (7) Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos. (8) Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputará o pecado.

A prova das Escrituras, da justificação pela fé, começa com o exemplo de Abraão. A experiência de Abraão não é usada como uma prefiguração ou predição, mas como um caso real de justificação pela fé. A aliança de Deus com Abraão precedeu Sua entrega da lei a Moisés. Então, ao usar este exemplo, Paulo demonstrou que a justificação pela fé foi o método de Deus para a salvação, mesmo antes da lei.

Nenhum exemplo melhor do que Abraão poderia ter sido escolhido, porque os judeus o tinham na mais alta estima, como o pai da sua raça. A aliança de Deus com Abraão formava a base do seu status como o povo escolhido de Deus. A marca da circuncisão, que os separava dos gentios, era o sinal da aliança que Deus tinha dado a Abraão. Além do mais, Deus chamou a Abraão Seu amigo (Isaías 41:8). Se ele não poderia ser salvo com base nas obras, quem mais poderia?

Versículo 1. A frase “segundo a carne” pode ter duas interpretações possíveis. Se ela modifica “Abraão nosso pai”, então essa passagem tem particular aplicação aos crentes judaicos. Se ela modifica “ter alcançado”, ela se refere à vida e ações de Abraão, lembrando-nos que sua natureza humana era igual à nossa. Em qualquer caso, Abraão é pai de todos os que andam pela fé (versículo 11-12).

Versículo 2. Se Abraão fosse considerado justo com base em suas obras, ele poderia jactar-se de si mesmo e não em Deus. Verdadeiramente, Abraão não foi salvo pelas suas obras e nada teve de que se gabar na presença de Deus.

Versículo 3. Em vez disto, de acordo com a Escritura, ele creu em Deus, e Deus o reconheceu por justo. A citação é de Gênesis 15:6. O Novo Testamento cita este versículo em Gálatas 3:6 e Tiago 2:23.

O mesmo verbo grego *logizomai* aparece nos versículos 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 22, 23 e 24. Originalmente, ele referia-se a cálculo numérica, mas esta passagem o usa metaforicamente, significando contabilizar, valer para, reconhecer, creditar, imputar, ou passar para a conta de alguém.

O versículo 3 não significa que a fé em si mesma é meritória. Fé em si não é justiça, nem se torna justiça. O valor da fé depende totalmente do objeto da fé – neste caso, Deus. A fé deriva sua eficácia não daquele que confia, mas daquele em quem se confia. Fé é a condição, não a base da salvação. Ela é o método ou canal, não a base para receber salvação. A salvação depende de Deus.

Versículo 4. Quando alguém trabalha, seu empregador não credita seu salário a ele como **um presente**, mas paga-lhe, em cumprimento da sua obrigação. Se Deus creditou a fé de Abraão como justiça, então Abraão não ganhou justiça pelas obras.

Versículo 5. Quando **um** homem não tenta basear a salvação nas obras, mas, em vez disso, crê em Deus, sua fé é reconhecida como justiça. Ele recebe justiça de Deus, como uma dádiva

gratuita (graça), não como o pagamento de uma dívida.

Em particular, Deus considera o incrédulo como justo. Isto parece chocante, especialmente para a mente judaica, mas isto é a essência da justificação pela fé. Deus considera como justos aqueles que não merecem a salvação, que não podem ganhá-la e que não a ganham. É claro, ele os considera justos pela sua fé, o que significa que eles não O estão rejeitando, mas estão voltando a ele em arrependimento.

Versículo 6. Para sustentar esta declaração surpreendente, o versículo 6 apela para as palavras de David em Salmos 32:1-2. David é um exemplo de alguém sob a lei. Ao usar tanto Abraão como David como exemplos, o capítulo 4 estabelece que o plano de salvação de Deus era a justificação pela fé, tanto antes, quanto durante a lei. Não é de surpreender, então, que este seja ainda o Seu plano hoje.

David falou da bênção de receber justiça à parte das obras. Esta imputação ou crédito de justiça efetivamente coloca o pecador em posição correta diante de Deus.

Versículo 7. O pecador recebe perdão de pecado; Deus providência uma cobertura ou uma expiação por seus pecados.

Versículo 8. Deus não credita seu pecado contra ele. Há tanto a imputação de justiça e a não imputação do pecado. Quando nós lemos todo o Salmo 32, não achamos nenhuma passagem indicando que David recebeu perdão sobre a base de obras. As únicas bases de absolvição que vemos no salmo são a confissão que David fez de seu pecado e seu apelo para a misericórdia de Deus.

A citação de Gênesis e Salmos demonstra que o Antigo Testamento ensina justificação pela fé. O Novo Testamento mostra-nos mais claramente como Deus é capaz de oferecer justificação pela fé, a saber, na base da morte, sepultamento, e ressurreição de Cristo.

2. Justificação pela fé é para todos (4:9-12)

(9) Vem, pois, esta bem-aventurança sobre a circuncisão somente, ou também sobre a incircuncisão? Porque dizemos: A Abraão foi imputada a fé como justiça. (10) Como, pois, lhe foi imputada? Estando na circuncisão, ou na incircuncisão? Não na circuncisão, mas sim na incircuncisão. (11) E recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé que teve quando ainda não era circuncidado, para que fosse pai de todos os que crêem, estando eles na incircuncisão, a fim de que a justiça lhes seja imputada, (12) bem como fosse pai dos circuncisos, dos que não somente são da circuncisão, mas também andam nas pisadas daquela fé que teve nosso pai Abraão, antes de ser circuncidado.

Versículo 9 antecipa a tentação judaica de limitar a bênção da justificação pela fé ao judeu. Para refutar isto, ele volta ao primeiro exemplo de justificação pela fé – Abraão, em Gênesis 15:6.

Versículo 10. Abraão foi justificado pela fé muito antes de ser circuncidado. Abraão foi justificado pela fé antes do nascimento de Ismael (Gênesis 15:1-6). Ismael nasceu quando Abraão tinha 86 anos de idade (Gênesis 16:16). Deus deu o selo da circuncisão a Abraão quando ele estava com 99 anos de idade (Gênesis 17:1, 10). Assim, Abraão foi justificado pela fé pelo menos 13 anos antes da sua circuncisão. Em termos judaicos, ele era um gentio incircunciso quando foi justificado pela fé.

Versículo 11. Sua circuncisão foi um sinal e o selo da sua justiça que recebeu antes da circuncisão. A circuncisão não transmitiu justiça, mas certificou a sua justiça. Desta maneira, Abraão é o pai de todos os que crêem, mesmo dos crentes que não são circuncidados. O plano de Deus é estender a salvação a toda a humanidade num princípio de fé. Os gentios, portanto, podem ser justificados pela fé e receber justiça imputada. A salvação vem para crentes não circuncidados.

O *Versículo 12.* Em vez de ser o pai dos circuncidados, Abraão é na verdade o pai dos crentes. Uma vez que isto é verdade, ele é o pai dos circuncidados somente se eles também andam pela fé, como ele fez. Em outras palavras, circuncisão sozinha não torna alguém um filho de Abraão. Para ser considerado filho de Abraão, alguém precisa também andar na fé que Abraão teve

enquanto era incircunciso. Os herdeiros verdadeiros de Abraão são somente aqueles que têm fé em Deus.

Esta é uma surpreendente reversão de exclusivismo judaico. A secção começa com a ideia revolucionária (para os judeus) de que os gentios incircuncisos podem também ser salvos, se eles crêem. Ela termina com a conclusão chocante de que os judeus não serão salvos, a menos que tenham fé como os crentes (gentios) incircuncisos, dos quais seu antepassado Abraão era um. Em vez dos judeus terem exclusividade de salvação, eles podem facilmente perder completamente a salvação, enquanto os gentios a obtêm.

Devemos notar que esta secção não ataca a ordem de Deus para o judeu do Antigo Testamento ser circuncidado, nem a sua necessidade de obedecer. Ela mostra que a circuncisão em si mesma não pode conferir salvação. Abraão foi salvo antes da circuncisão. O facto de não estar circuncidado naquele momento não era um sinal de descrença e desobediência, porque Deus ainda não tinha dado o mandamento. Uma vez dado o mandamento por Deus, a falta da circuncisão indicava descrença e desobediência, o que é incompatível com a justificação pela fé. Por esta razão, Deus desligava os judeus do sexo masculino não circuncidados, como alguém que tinha quebrado a aliança de Deus (Gênesis 17:10-14). (Veja nota depois de Romanos 2:17-29.)

Podemos tirar uma analogia do batismo nas águas, como faz Colossenses 2:1-12. O batismo nas águas em si mesmo não pode conferir salvação. Aquele que baseia sua salvação no batismo nas águas – ou em qualquer outra ordenança ou cerimônia, mas que não tem a fé que ela representa, não será justificado. Santos do Antigo Testamento foram salvos sem batismo nas águas, porque Deus não lhes tinha dado o mandamento. Na Igreja do Novo Testamento, no entanto, Deus ordenou o batismo nas águas e prometeu lavar o pecado no batismo (Atos 2:38; 10:48; 22:16). A recusa em obedecer este mandamento significa descrença e desobediência, que é incompatível com justificação pela fé. É uma recusa em entrar na nova aliança com Deus. Quando uma pessoa começa a crer no evangelho, arrepender-se-á e será batizada em o nome de Jesus e terá seus pecados remidos.

3. A Promessa de Deus vem pela fé, não pela lei (4:13-17a)

(13) Porque não foi pela lei que veio a Abraão, ou à sua descendência, a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo, mas pela justiça da fé. (14) Pois, se os que são da lei são herdeiros, logo a fé é vã e a promessa é anulada. (15) Porque a lei opera a ira; mas onde não há lei também não há transgressão. (16) Porquanto procede da fé o ser herdeiro, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a descendência, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé que teve Abraão, o qual é pai de todos nós. (17) (como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí...)

Versículo 13. Esta secção enfatiza que a promessa de Deus a Abraão e seus descendentes vem através de fé, não pela lei. As ideias nesta passagem são estritamente paralelas àqueles em Gálatas 3:1-29. A promessa aludida é a herança do mundo. Enquanto nenhum versículo do Antigo Testamento expressa a promessa nestes termos precisamente, a ideia é expressa em tais passagens como Gênesis 12:2-3 e 22:17-18. Deus prometeu a multiplicar os descendentes de Abraão, dá-lhes vitória sobre seus inimigos, e abençoar todas as nações através da semente de Abraão.

Versículo 14. Esta promessa veio pela fé, não pela lei. A lei não estava ainda em existência, portanto, quando Deus deu a promessa, Ele, obviamente, não baseou a promessa na lei. Ele a deu independentemente da lei. Ele não pediu para Abraão seguir a lei, mas para aceitar a promessa, pela fé. Como Gálatas 3:17-18 salienta, “... A lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a invalida, de forma a abolir a promessa. Porque, se a herança provém da lei, já não provém da promessa; mas Deus pela promessa a deu gratuitamente a Abraão”.

A única maneira de receber a promessa é aceitá-la pela fé. A promessa não é uma dívida, de modo que ninguém pode usar a lei para ganhar ou impor o cumprimento de uma promessa gratuita. Promessa e lei são dois métodos mutuamente exclusivos para receber algo. Se a promessa é

condicionada a uma lei inexistente, então toda a base da promessa é nula e sem valor. Se a promessa pertence somente àqueles que têm a lei, então não é verdadeiramente uma promessa. A fé se torna irrelevante e a promessa sem valor.

Versículo 15. Uma vez que todos os homens são pecadores, a única coisa que a lei pode fazer é trazer ira. A lei define o pecado. Onde não há lei, não pode haver violação da lei. Uma vez que o homem não pode cumprir a lei, ela sempre traz condenação.

Versículo 16. Por esta razão, para obter a promessa, não a podemos ganhar pela lei. Em vez disso, precisamos reconhecer que a promessa é uma dádiva gratuita de Deus (graça) que só podemos receber pela fé. “É da fé” significa “a promessa vem pela fé”.

Deus deu a promessa para todos os descendentes de Abraão. Se a promessa fosse pela lei, nem todos os descendentes de Abraão poderiam ter a promessa, mas somente aqueles que tinham a lei. Por esta razão a promessa deve ser pela graça, através da fé, para que possa ser garantida a todos os descendentes de Abraão. A promessa da herança, então, vem a todos os que têm a fé de Abraão, e não somente àqueles que têm a lei. Abraão é o pai de todos nós.

Versículo 17 a. Para provar este ponto, este versículo cita Gênesis 17:5. Deus prometeu fazer de Abraão o pai de muitas nações. Se a promessa veio somente pela lei, ele seria o pai de somente uma nação, a nação a quem Deus deu a lei. Uma vez que ele é o pai de muitas nações, ele deve ser o pai de todos aqueles que têm fé, não somente daqueles que têm a lei.

Cristo veio para derramar as bênçãos de Abraão sobre os gentios, particularmente a promessa do Espírito (Gálatas 3:14). Todos os que pertencem a Cristo são descendentes de Abraão e herdeiros da promessa (Gálatas 3:29). Para qualificar esta herança, é preciso ter a fé de Abraão que Romanos 4 examina em seguida.

4. A fé de Abraão examinada e aplicada (4: 17b-25)

(17b)...perante aquele no qual creu, a saber, Deus, que vivifica os mortos, e chama as coisas que não são, como se já fossem. (18) O qual, em esperança, creu contra a esperança, para que se tornasse pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: Assim será a tua descendência; (19) e sem se enfraquecer na fé, considerou o seu próprio corpo já amortecido (pois tinha quase cem anos), e o amortecimento do ventre de Sara; (20) contudo, à vista da promessa de Deus, não vacilou por incredulidade, antes foi fortalecido na fé, dando glória a Deus, (21) e estando certíssimo de que o que Deus tinha prometido, também era poderoso para o fazer. (22) Pelo que também isso lhe foi imputado como justiça. (23) Ora, não é só por causa dele que está escrito que lhe foi imputado; (24) mas também por causa de nós a quem há de ser imputado, a nós os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor; (25) o qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitado para a nossa justificação.

Esta seção explica a fé de Abraão, o primeiro exemplo de justificação pela fé. Para ser o herdeiro de Abraão, é preciso ter a fé de Abraão, portanto, é importante saber que tipo de fé Abraão teve.

Versículo 17b. Originalmente, a Bíblia foi escrita sem as divisões de capítulos e versículos, ou pontuação que temos hoje. Os tradutores têm acrescentado estes detalhes, para facilitar a leitura, compreensão, e referência. Embora úteis, estas adições não são inspiradas. Para o presente propósito, é conveniente dividir o versículo 17, uma vez que ele contém uma transição de pensamento. A tradução inglesa nomeada como *New International Version* divide o verso 17 em duas sentenças, a segunda das quais dá início a esta seção: “Ele é nosso pai aos olhos de Deus, em quem ele creu – o Deus que dá vida aos mortos e chama as coisas que não são como se já existissem.”

Voltando ao pensamento do versículo 16, interrompido por uma frase parentética, o versículo 17 reitera que, à vista de Deus, Abraão é o pai de todos nós. Os versículos 17-21 descrevem a fé de Abraão.

(1) ***Fé no Deus Onipotente, e Onisciente.*** A análise da fé de Abraão começa descrevendo o

objeto da sua fé. Como vimos antes, a fé não é eficaz em si mesmo. Seu poder depende totalmente daquele em quem temos fé. Devemos colocar ênfase no objeto da fé e não no ato de crer ou na qualidade da fé. Adoradores de deuses falsos podem ter tanta fé quanto nós, ou até mais fé do que nós, mas sua fé é vã.

Deus deve ser o objeto da fé – o único Deus verdadeiro, que é onipotente (todo poderoso) e onisciente (sabe todas as coisas). Abraão creu no Deus onipotente – o Deus que pode fazer os mortos voltarem a viver. Apesar de esta ser uma descrição típica judaica de Deus, em relação a Abraão ela teve particular significância, em virtude de Deus ter restaurado a capacidade reprodutiva dele e de Sara, a qual já se encontrava amortecida (versículo 19).

Abraão também creu no Deus onisciente – o Deus que conhece o futuro, que pode falar de coisas não existentes como se já existissem. Porque Ele é onipotente, quando Ele faz isso, Ele lhes dá existência real. Quando Deus disse: “Haja luz”, a luz veio a existir onde nenhuma luz tinha existido antes. Uma vez que Deus saiba o futuro, com certeza Ele pode agir sobre eventos futuros como se eles já tivessem ocorrido. Aqui também, isto teve particular relevância no caso de Abraão, porque Deus o chamou de pai de uma multidão de nações, trocando o seu nome de Abrão (pai alto) para Abraão (pai de uma multidão), antes que Isaque tivesse nascido (Gênesis 17:4-5).

(2) Fé contra desvantagens.

Versículo 18. Embora a sua situação fosse estatisticamente sem esperança, do ponto de vista humano ou natural, ainda assim, Abraão creu em esperança.

(3) Fé na Palavra de Deus. Especificamente, Abraão creu na promessa que Deus havia falado a ele. Ele simplesmente aceitou a palavra de Deus. Consequentemente, ele se tornou o pai de muitas nações, exatamente como Deus tinha prometido. A citação da promessa de Deus é de Gênesis 15:5.

(4) Fé, apesar de circunstâncias especiais adversas.

Versículo 19. Abraão e Sara estavam muito velhos e fisicamente incapazes de conceber. Do ponto de vista reprodutivo, o corpo de Abraão estava morto e o ventre de Sara estava também morto. Não somente as probabilidades estavam contra eles, mas eles tinham informações específicas que tornavam a sua situação impossível. Abraão, no entanto, não deixou estas circunstâncias especiais destruírem sua fé. O versículo significa que Abraão não estava ignorante das circunstâncias adversas, mas que as considerou. Depois desta consideração, ele ainda creu que a Palavra de Deus pesava mais do que elas. Se a tradução tradicional está correta, o versículo significa que Abraão recusou-se a considerar as circunstâncias (acima da promessa de Deus). De qualquer maneira o ponto é o mesmo: Abraão não deixou as circunstâncias adversas especiais destruírem a sua fé.

(5) Fé que não vacila.

Versículo 20. Se nossa fé vacila e se transforma em dúvida, nada podemos receber de Deus (Tiago 1:6-8). Abraão não vacilou diante da promessa de Deus, pela de descrença, mas, ao contrário, verdadeiramente se tornou mais forte na fé e continuamente dava glória a Deus.

(6) Fé que leva a um total convencimento.

Versículo 21. Abraão foi totalmente persuadido de que Deus podia fazer o que prometeu.

O *Versículo 22* cita Gênesis 15:6 outra vez, salientando que Deus considerou Abraão como justo, porque ele teve o tipo de fé que os versículos 17-21 descrevem.

Claramente, a fé de Abraão era mais que uma “crença fácil” ou consentimento mental. Ela era uma fé forte e imóvel em Deus, que o levou a confiar e obedecer à Palavra de Deus sob todas as circunstâncias. Claramente, a fé de Abraão foi mais do que uma única confissão que garantisse, em seguida, segurança eterna incondicional. Ela foi uma fé constante e contínua que o motivou a esperar pacientemente, sem vacilar, até que a promessa de Deus veio a se cumprir.

Quando estudamos o texto do Antigo Testamento, do qual Paulo tirou seu ensinamento sobre a fé de Abraão, achamos impossível separar a fé de Abraão da sua obediência. “Pela fé Abraão obedeceu” (Hebreus 11:8). A Bíblia não registra que Deus justificou Abraão com base em uma atitude mental, sem uma resposta obediente à Palavra de Deus. Ao contrário, a Bíblia registra a

justificação de Abraão pela fé, depois que ele obedeceu completamente ao mandamento de Deus para sair do seu país e de entre seus parentes (Gênesis 12:1) e creu completamente na promessa de Deus de fazer dele uma grande nação (Gênesis 12:2). A passagem que descreve sua justificação pela fé (Gênesis 15:6) veio depois que ele deixou Ur (Gênesis 12), entrou definitivamente em Canaã, separou-se de Ló (Gênesis 13), venceu o medo de ficar sem filhos e creu na promessa de Deus de que ele teria um filho (Gênesis 15:1-4).

Deus cumpriu Suas promessas a Abraão, porque Abraão Lhe obedeceu: “... nela serão benditas todas as nações da terra: porquanto obedeceste à minha voz” (Gênesis 22:18). Para Isaque, Deus disse: “... Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra; porque Abraão obedeceu à minha palavra, e guardou os meus mandados, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis” (Gênesis 26:4-5). Se a passagem precedente significa que Deus abençoou Abraão com base nas obras, então não estaria correto usar Abraão para demonstrar justificação pela fé. Ainda mais, isto invalidaria o argumento de Romanos 4:13-17, de que podemos receber as promessas de Deus somente com base na fé, não na lei. O único meio de reconciliar a história de Gênesis com o seu uso em Romanos é reconhecer que fé e obediência são inseparáveis. Ter fé é obedecer e obedecer é ter fé. Ao honrar a obediência de Abraão, Deus simplesmente honrou sua fé; Ele não pagou uma dívida que Abraão mereceu por suas de boas obras. O exemplo de Abraão, como usado em Romanos, demonstra que fé justificante é uma fé obediente, e perseverante.

Versículo 23. Romanos 4:23-25 aplica a fé de Abraão a nós. A Bíblia não registra a justificação de Abraão pela fé apenas por causa dele.

Versículo 24. É também por causa de nós. A experiência de Abraão nos ensina que nós também podemos receber justificação pela fé. Se nós cremos no Espírito de Deus, que ressuscitou Jesus dos mortos, nós também podemos receber justiça imputada. Aqui, nós vemos um paralelo parecido com a fé de Abraão. Nós devemos crer no mesmo único e verdadeiro Deus que Abraão creu. Nós devemos crer que este Deus pode trazer vida da morte, da mesma forma que Abraão creu. Em particular, crer na ressurreição de Cristo é essencial para a salvação (Romanos 10:9). Aqueles que negam milagres, particularmente a ressurreição de Jesus, não têm o tipo de fé de Abraão e não serão justificados. Nós devemos crer, também, que nosso Deus sabe o futuro com certeza, da mesma forma que Abraão creu, do contrário, não temos certeza de vitória eterna sobre Satanás, pecado, e morte.

O *Versículo 25* descreve o fundamento da justificação pela fé. O Espírito de Deus entregou o homem Cristo para ser sacrificado, por causa dos nossos pecados. Nossos pecados fizeram a morte de Cristo necessária. Para poder nos perdoar dos nossos pecados, Ele teve que morrer. O Espírito de Deus ressuscitou a Cristo, por causa da nossa justificação. (A preposição grega *dia*, traduzida “por causa de”, é a mesma em ambas as orações do versículo 25)²² Para nos poder justificar, Cristo teve que ser ressuscitado. A ressurreição não aconteceu porque já estávamos justificados, ou para demonstrar a nossa justificação. A ressurreição efetivamente torna a justificação possível; é essencial para a nossa justificação. A morte de Cristo e a Sua ressurreição estão inseparavelmente unidas; devemos vê-las como um todo singular que torna justificação disponível a nós. Sem Sua ressurreição nós não temos justificação.

Nota: Uma vista completa da justificação

Neste ponto, é útil sumariar o ensinamento da epístola sobre justificação e compará-lo com referências da justificação em outros lugares no Novo Testamento.

A **fonte** da justificação é a graça de Deus. Deus é Aquele que nos justifica (Romanos 8:33). Ele providencia justificação como uma dádiva, gratuita e imerecida (Romanos 3:24).

A **base** da justificação é o sangue de Cristo. O sangue de Cristo comprou nossa justificação e habilitou Deus a providenciar justificação de uma maneira consistente com Seus princípios de

²² Na versão utilizada nesta edição do português, a mesma preposição foi traduzida como “para a nossa justificação”, neste verso, o que não muda o seu sentido - NT.

justiça (Romanos 3:24-25). O sangue de Cristo refere-se à morte sacrificial de Cristo, e a ressurreição de Cristo foi necessária para tornar a morte efetiva (Romanos 4:25). Em todas as épocas, a justificação (toda a obra de salvação) tem sido pela graça, através da fé, baseada no sangue de Cristo (Romanos 3:24-25; Efésios 2:8-9; Tito 3:4-6; Hebreus 9:22-28; 10:1-22).

O *meio* da justificação é a fé. Nós recebemos justificação em nossas vidas e a aplicamos sobre uma base individual, através da fé em Jesus (Romanos 3:22; 5:1). Fé em Cristo inclui obediência ao Seu evangelho.

O *momento* de justificação, nesta dispensação, é o momento do novo nascimento (o nascimento da água e do Espírito falado em João 3:3-5). A justificação ocorre quando nós respondemos ao evangelho, através de obediência de fé. No Novo Testamento, era da igreja, que começou no Dia de Pentecostes, Deus nos justifica, através da fé, quando nós nos arrependemos do pecado, recebemos o batismo nas águas em o nome de Jesus, e recebemos o Espírito Santo (Atos 2:37-38; I Coríntios 6:11).

A *evidência* ou *fruto* da justificação são palavras e obras. Jesus disse que nós seremos justificados ou condenados, no dia do julgamento, por nossas palavras (Mateus 12:36-37). O Livro de Tiago diz que somos justificados por obras (Tiago 2:24). Estes ensinamentos não contradizem Romanos, mas falam de *ser justificado* no sentido de “mostrar que é justo”. Se tivermos fé, produziremos boas palavras e boas obras, como evidência de nossa fé vivificante. Se não tivermos fé, nossas palavras e obras serão más, e elas nos condenarão. (Veja os comentários sobre Romanos 2:6-10, para mais discussão sobre o julgamento de acordo com as obras).

Alguns supõem que os ensinamentos de Romanos e Tiago sobre este assunto são contraditórios. Uma vez que o Espírito Santo inspirou ambos os livros, eles são infalíveis e verdadeiros, sem nenhuma contradição entre si. Eles se harmonizam e se complementam, apresentando uma teologia unificada. Tiago 2:14-26 ensina, na verdade, que não podemos separar fé de obras. Não podemos separar fé de comprometimento, resposta e ação. Romanos 3:21-25 ensina que obras aceitáveis podem vir somente de fé; Tiago 2:14-26 ensina que obras sempre virão de fé aceitável. Romanos diz que somos justificados por fé; Tiago diz que o tipo de fé que justifica produzirá necessariamente obras.

O Livro de Tiago reconhece que toda boa e perfeita dádiva, que certamente inclui salvação, é de Deus e não ganha por obras de homens (Tiago 1:17). As epístolas Paulinas reconhecem que graça salvadora e fé salvadora sempre produzirão boas obras e piedade de vida (Efésios 2:8-10; Tito 2:11-12; 3:1, 8). Ao descrever os heróis da fé, Hebreus 11 podia descrever sua fé, citando suas obras de fé, pois somente por obras pode alguém demonstrar fé.

Aqui estão alguns extratos relevantes do ensinamento de Tiago: “Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?... Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma. Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras... Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta? Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque? Bem vês que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada. E cumpriu-se a Escritura, que diz: E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado o amigo de Deus. Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé... Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta. (Tiago 2:14, 17-18, 20-24, 26).

Tiago fala de uma fé professada que falha em afetar a conduta. Tal fé é morta e verdadeiramente não é fé. Por exemplo, a fé de Abraão mostrou-se genuína quando ele obedeceu à ordem de Deus de oferecer Isaque no altar. É claro que ele tinha sido justificado pela fé anos antes, mas aquela justificação pela fé provou-se real pela vida de contínua obediência. O registo das Escrituras, de sua justificação pela fé, foi demonstrado – trazido à tona, cumprido, ratificado²³ –

²³ Thayer, 518.

pela sua obediência. Se Abraão tivesse recusado obedecer a Deus, sua fé se teria mostrado deficiente. Ela não teria sido o tipo de fé salvadora que Romanos e Tiago apresentam.

Tanto Romanos como Tiago usam Abraão para ilustrar seu ensinamento - ambos citando Gênesis 15:6 - e, assim, o conceito fundamental de fé é o mesmo em ambos os livros. Ambos os livros reconhecem que fé obediente é a única fé genuína. Romanos enfatiza que a salvação de Abraão - e a nossa - veio por fé vivente, não por obras mortas da lei. Tiago enfatiza que na vida de Abraão, e na nossa, a única fé genuína é a fé procedente de boas obras.

Em outras palavras, Romanos e Tiago tocam em dois pontos diferentes, mas são baseados na mesma teologia. O mapa a seguir mostra como eles usaram os termos de maneiras diferentes e em contextos diferentes:

Uso Diferente dos Termos em Romanos e Tiago

<u>Termo</u>	<u>Romanos 3-4</u>	<u>Tiago 2</u>
Fé	Fé viva; confiança total e comprometimento.	Fé morta; simples profissão e assentimento mental.
Obras	Obras mortas; feitas para ganhar salvação.	Obras vivas; fruto de uma fé viva.
Justificado	Declarado justo por Deus.	Demonstrado ser justo diante de Deus e dos homens.

Resumindo, *nós somos declarados justos somente através de fé* - fé obediente, fé que produz obras, não através da lei ou atos feitos para ganhar salvação (Romanos 3:24-25). *Nós demonstramos que somos justos somente através de obras*, e fé genuína produz obras, inevitavelmente; não apenas por uma fé mental, ou uma profissão de fé somente (Tiago 2:14-26). Para aqueles que pensam que fé salvadora é meramente aceitação mental ou profissão verbal, Tiago estaria, enfaticamente, contradizendo Romanos, e a Palavra de Deus não seria perfeita. Para aqueles que reconhecem que fé salvadora inclui obediência, Romanos e Tiago formam uma unidade, complementando-se um ao outro.

C. Bênçãos Permanentes da Justificação (5:1-11)

(1) Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; (2) Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. (3) E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, (4) E a paciência a experiência, e a experiência a esperança. (5) E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. (6) Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. (7) Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém ouse morrer. (8) Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. (9) Logo muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. (10) Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. (11) E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação.

O capítulo 5 conclui a discussão da justificação e prepara o leitor para o assunto da santificação, discutido nos capítulos 6-8. Depois de explicar e provar a doutrina da justificação pela fé, nos capítulos 3 e 4, Romanos examina as bênçãos que acompanham a justificação (5:1-11). O capítulo 5 enfatiza que a justificação pela fé traz resultados duradouros; é a solução completa para a condição do homem. Em particular, a fé produz três bênçãos: paz, gozo e esperança.

Versículo 1. A primeira bênção da justificação pela fé é a paz com Deus, através de nosso Senhor Jesus Cristo. Paz, aqui, não é tranquilidade de mente (embora que isto esteja incluído), mas o relacionamento com Deus. Antes da justificação, nós éramos inimigos de Deus e sujeitos à ira divina. Agora, através da morte propiciatória de Jesus Cristo, temos um relacionamento de paz com Deus. O verbo grego, aqui, expressa a ação contínua presente: “Nós estamos tendo paz com Deus”. Uma outra versão antiga é “Deixa-nos ter paz com Deus”, mas, numa base textual e lógica, a maioria dos estudantes aceita a versão tradicional.

Versículo 2. Através da obra de Cristo e através de nossa fé nEle, temos também acesso à graça de Deus. O grego diz literalmente, “Nós temos tido acesso”, referindo-se ao momento em que primeiramente entramos na graça de Deus, por ocasião do novo nascimento. Permanecemos agora naquela graça. Como resultado, regozijamo-nos na esperança da glória de Deus. Esta é a esperança de glória futura a ser revelada em nós (Romanos 8:18).

O mesmo verbo grego *kauchaomai* aparece nos versículos 2, 3, e 11, e significa “exultar ou jactar-se”. Por razões de estilo a versão King James (KJV) a traduziu de modo variado nestas passagens, como “regozijar-se, gloriar-se, e ter gozo”. O capítulo 5 efetivamente registra três coisas nas quais podemos nos jactar, exultar ou regozijar: (1) na esperança da glória de Deus; (2) na tribulação; e (3) em Deus mesmo.

Versículo 3. O segundo objeto de nosso gozo é a tribulação ou aflição. Não somente podemos exultar na esperança da glória futura, mas também podemos alegrar-nos com a tribulação presente. A Igreja Primitiva regozijava-se na perseguição (Atos 5:41) e nas provações (Tiago 1:2). Para eles, a tribulação era um sinal que acompanhava a entrada no reino de Deus (Atos 14:22) e a persistência em meio à tribulação era uma evidência de que finalmente alcançariam o galardão (II Tessalonicenses 1:4-5). Em outras palavras, os sofrimentos não destroem nossa esperança, mas, em vez disto, confirmam nossa esperança.

Como isto pode ser? Como podemos regozijar-nos nas aflições presentes? Isto é explicado na sequência lógica de quatro passos: (1) A tribulação produz perseverança (persistência). Tiago 1:3, da mesma forma diz: “Sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança”.

Versículo 4. (2) Perseverança produz caráter. A palavra grega aqui significa prova, aprovação, no sentido de aprovado; um caráter maduro e provado. (3) Um caráter provado produz a esperança – esperança de um galardão futuro e glória futura.

Versículo 5. (4) A esperança, produzida desta maneira, nunca desapontará, porque confia no amor de Deus. Com este último passo, é mostrado que a tribulação presente certamente levará à glória futura. Assim, podemos regozijar-nos na tribulação presente, vendo-a como a confirmação de glória futura. Não somente podemos nos regozijar, apesar da tribulação, mas podemos regozijar-nos por causa da tribulação presente, pois ela dá início a um processo que, se deixarmos, nos levará inevitavelmente à glória futura.

O amor de Deus, sobre o qual este processo inteiro é baseado, é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, o Espírito de Deus dado gratuitamente a nós. Desta maneira, a obra presente do Espírito em nossas vidas é a promessa de nossa herança futura (Romanos 8:23; Efésios 1:13-14).

O *Versículo 6* prova, em seguida, que as bênçãos da justificação são duradouras e que nós podemos ter confiança em nossa salvação futura. A passagem mostra que o amor de Deus é a base destas bênçãos. Ao analisar o tipo de amor que Deus tem para conosco, ele mostra porque podemos ter confiança total na permanência de nossa salvação.

Que tipo de amor tem Deus para conosco? Este amor motivou Cristo a morrer em nosso favor, quando éramos fracos e incapazes de ajudar-nos a nós mesmos. A morte de Cristo veio no tempo apontado por Deus, ou em tempo oportuno para nós. Cristo morreu por nós enquanto éramos ímpios. (Isto explica como Deus pode justificar os ímpios, como declarado em Romanos 4:5).

Versículo 7. Na experiência humana, raramente alguém morrerá por um homem justo. Se alguém morrer por um homem bom, este é um ato muito ousado, esticando ao máximo os limites da

natureza humana. Por consequência, é impensável alguém morrer deliberadamente em favor de um homem mau.

Versículo 8. No entanto, isto é exatamente o que Cristo fez por nós. Enquanto éramos ainda pecadores, Cristo morreu em nosso favor. Este ato recomenda, confirma, manifesta, mostra, prova e estabelece o amor de Deus por nós. A ordem das palavras em grego coloca ênfase no pronome possessivo. Deus demonstra Seu *próprio* amor para conosco.

Isto faz sentido somente se entendemos a unicidade da Divindade. Como é que a morte de Cristo mostra o amor de Deus, enfaticamente o *Seu próprio* amor, se Cristo e Deus forem duas pessoas separadas? Será que Deus amou o mundo de tal maneira que Ele enviou outrem para sofrer pelo mundo? Não. Deus amou o mundo de tal maneira que Ele manifestou a Si mesmo em carne como o Filho de Deus e sacrificou aquela vida humana por nós. Deus nos amou de tal maneira que Ele deu a Si mesmo. "... Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo..." (II Coríntios 5:19). Nosso Pai e Criador se tornou nosso Salvador e Redentor (Deuteronômio 32:6; Isaías 63: 16; Malaquias 2:10; Colossenses 1:14-22).

O *Versículo 9* ressalta a permanência das bênçãos da justificação, ao usar o termo "muito mais", que aparece também nos versículos 10, 15, 17, e 20. Se Cristo morreu por nós enquanto éramos pecadores ímpios, quanto muito mais Ele fará por nós, agora que pertencemos a Ele? Se ele nos considerou como justos quando éramos ímpios, Ele certamente nos salvará agora que somos dEle.

Este versículo descreve nossa justificação como uma ocorrência do passado, referindo-se a nossa experiência do novo nascimento. Esta veio pelo (literalmente, "no") sangue de Jesus. Como nossos comentários de Romanos 3:25 sugerem, o sangue de Jesus representa Sua vida entregue na morte. De acordo com Romanos 4:25, Sua morte seria ineficaz sem a Sua ressurreição. Portanto, o sangue salvador de Cristo significa Sua morte, sepultamento e ressurreição, para nossa salvação. Nós não somos justificados por alguma aplicação mística do sangue físico de Cristo, mas por nossa identificação com Sua morte, sepultamento e ressurreição, através da obediência de fé.

Enquanto a justificação é um evento passado para nós, a salvação, no seu sentido completo, está ainda no futuro. Através de Cristo, seremos salvos da ira futura de Deus sobre os pecadores, no julgamento. Ser salvo significa, literalmente, ser mantido ou preservado.

Versículo 10. Este versículo recapitula o pensamento dos versículos 6-9. Enquanto nós éramos inimigos de Deus, Deus nos reconciliou com Ele, pela morte do Seu Filho. Ser reconciliado significa ser restaurado ao favor, restaurado a um relacionamento anteriormente quebrado. Esta é uma outra maneira de olhar para a morte de Cristo. Do ponto de vista de Deus, a morte de Cristo é uma propiciação; do ponto de vista do homem, é uma reconciliação. Deus é propiciado; o homem é reconciliado.

Se a morte de Cristo serviu para nos reconciliar, quanto mais Sua vida agora nos preservará? Comparando os versículos 6-9 com o versículo 10, nós vemos as seguintes expressões paralelas: ímpios/pecadores e inimigos, justificação e reconciliação, o sangue de Cristo e a morte de Cristo.

O ponto-chave é este: Deus já fez a parte difícil em nossa salvação, então podemos estar seguros de que Ele fará tudo o que for necessário para manter nossa salvação até o fim. Humanamente falando, a parte difícil foi a morte do Homem Cristo, considerando-se principalmente que aquela morte foi por um povo que não a mereceu, nem a apreciou. Teologicamente, a parte difícil foi o considerar os ímpios como justos e restaurar inimigos à comunhão. A parte fácil é manter-nos em comunhão, agora que somos Seus amigos. A parte fácil é dar-nos poder para permanecer salvos, agora que somos salvos, e queremos permanecer justos.

Deus toma a parte ativa em nossa reconciliação. Nós somos os recipientes passivos. Deus nos reconciliou com Ele; nós somos reconciliados com Ele. Não podemos conseguir reconciliação por nossas boas obras; ela vem somente pela morte de Cristo. Deus a provê; nós recebemos. É claro que nós devemos aceitar Sua morte e aplicá-la a nossas vidas, pela fé obediente.

Novamente, vemos a unicidade de Deus em Cristo. Como Deus poderia nos reconciliar pela morte de Cristo, se Deus e Cristo fossem pessoas separadas? Uma vez que Deus (a soma total da

divindade) foi encarnado em Cristo, Deus estava de verdade nos reconciliando consigo mesmo, quando o Homem Cristo morreu (II Coríntios 5:19; Colossenses 2:9-10).

Nós somos salvos por Sua vida, e, literalmente, “na Sua vida”. O que nos mantém e preserva em nosso relacionamento com Deus é a vida de Cristo em nós, o poder da Sua vida em nós. O Espírito que levantou Cristo dos mortos habita em nós e nos dá poder santificador (Atos 1:8; Romanos 8:3-4, 11).

Salvação não é somente uma experiência única do passado; ela é também presente e futura. O crente é salvo pela participação presente e futura na vida de Cristo. Se o crente se desliga da vida de Cristo, ele perde sua salvação presente e sua esperança de salvação futura. Se ele permanecer na vida de Cristo, ele tem segurança de salvação futura.

Resumindo, nós somos reconciliados pela morte de Cristo, mas salvos por Sua vida. Não é suficiente olhar para trás para a morte de Cristo *por* nós; devemos também ter Sua vida de ressurreição *em* nós. Justificação e reconciliação, ambas ocorrem quando nós nos identificamos com a morte, sepultamento, e ressurreição de Cristo, no momento de nosso novo nascimento. Salvação, no entanto, é mais do que um único evento; é um processo de vida que consiste de santificação progressiva, até a glorificação final. A justificação e a reconciliação são baseadas no sangue ou morte de Cristo, mas a santificação é baseada na Sua vida (Seu Espírito vivendo em nós). Cristo não somente nos justifica e reconcilia, Ele também nos salva (preserva). Enquanto permanecemos em Cristo, e Cristo vive em nós, nós temos garantia de salvação eterna. Podemos ter confiança que as bênçãos da justificação são permanentes.

Versículo 11. Não somente temos confiança em nossa salvação, regozijando-nos na esperança da glória futura e em meio à tribulação presente, mas também podemos regozijar-nos no próprio Deus. Regozijamo-nos em Deus, através de Jesus Cristo, porque Cristo é nosso único acesso a Deus. A graça de Deus, a demonstração do Seu amor, justificação, e reconciliação vêm a nós somente através da Sua manifestação na carne, como Jesus.

Regozijamo-nos em Deus, através de Cristo, porque de Deus, através de Cristo recebemos “a reconciliação”. A KJV (a versão mais usada no inglês) diz que recebemos “a expiação” (the atonement), sendo esta a única vez que ela usa esta palavra no Novo Testamento. A palavra grega *Katallage*, usada em forma de verbo no versículo 10 e em forma substantiva no versículo 11, no entanto, não tem o mesmo significado que a palavra inglesa moderna *expiação* (atonement). O verbo em inglês, *Atone*, no Antigo Testamento, é a tradução da palavra hebraica que significa “cobrir, expiar, desculpar, perdoar”. A palavra grega, no versículo 11, significa “reconciliação ou restauração ao favor”, e este significado se adequa ao contexto. Esta foi a conotação original da palavra inglesa “at-one-ment”.

D. Aplicação Universal (5:12-21)

(12) Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram. (13) Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. (14) No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não tinham pecado à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir. (15) Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. (16) E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. (17) Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. (18) Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. (19) Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos. (20) Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado

abundou, superabundou a graça; (21) Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.

Esta é uma passagem difícil, particularmente versículos 12-14, por causa da fraseologia concisa. Esta passagem contrasta Adão e Cristo *como* as duas cabeças representativas da raça humana. Ela demonstra que o princípio de justificação se aplica a toda humanidade. Toda a humanidade necessita de justificação e toda a humanidade pode receber justificação. Toda a humanidade está sob pecado, por causa de um homem – Adão, e toda a humanidade pode obter justiça por um homem – Cristo. Esta passagem também forma uma ponte para a discussão da santificação, que começa no capítulo 6.

Versículo 12. Toda a humanidade está sob pecado e necessitada de justificação. O capítulo 3 ensina que todos os homens pecaram, mas o capítulo 5 ensina que todos os homens nascem sob o domínio do pecado e com uma natureza pecaminosa. Esta passagem não fala de *pecados* (atos pecaminosos), mas de *pecado* (natureza pecaminosa). Atos pecaminosos nos condenam, mas eles são apenas sintomas de nosso problema de raiz, que é a natureza pecaminosa.

O pecado entrou no mundo através de um homem – Adão. Isto se refere ao evento histórico do pecado de Adão no Jardim do Éden. Apesar de Eva render-se à tentação primeiro, Adão era o cabeça da família, o representante da raça, e seu ato teve consequências legais para seus descendentes. A palavra hebraica *Adão* efetivamente significa “homem ou humanidade”, incluindo tanto o macho como a fêmea (Gênesis 5:2). Eva foi enganada, mas Adão não o foi (I Timóteo 2:14). Ele pecou por uma deliberada, consciente violação do mandamento de Deus.

A morte entrou no mundo como um resultado direto do pecado, pois a lei de Deus demandava morte pelo pecado. Deus falou para Adão e Eva que, se eles violassem Seu mandamento, eles certamente morreriam (Gênesis 2:17). No contexto de Gênesis, isto se refere primeiramente à morte física, no entanto, a morte física é um símbolo da morte espiritual (separação de Deus). Isto explica porque até pessoas nascidas de novo morrerão fisicamente (a não ser que Cristo retorne antes). Todas as pessoas nascidas dentro de uma raça pecaminosa estão sujeitas à sentença original de morte.

A sentença de morte passou para todos os homens “porque todos pecaram”. Isto aparentemente significa que todos estão sujeitos à morte, porque, de algum modo, todos pecaram em Adão. Isto não diz apenas que todos merecem a morte porque todos têm cometido seus próprios pecados, ainda que isto seja certamente verdade, como explicado em Romanos 3:23 e 6:23. Se nós reduzirmos a declaração ao último significado, então o capítulo 5, no seu argumento, não vai além do capítulo 3. Ainda mais, o pecado de Adão não seria a razão pela qual o pecado e a morte reinam sobre toda a humanidade, como o versículo 12 declara. Nós não teríamos nenhuma explicação para a morte de crianças e de cristãos, ou para a luta universal do homem com a natureza pecaminosa.

Como disse Watchman Nee, “O ensinamento de Romanos não é que somos pecadores porque cometemos pecados, mas que pecamos porque somos pecadores. Somos pecadores pela nossa própria constituição”.²⁴ Romanos 5:19 declara novamente esta verdade: “... Pela desobediência muitos se tornaram pecadores...”

De que maneira, então, pecamos em Adão? Esta declaração parece violar nosso conceito de responsabilidade e contabilidade individual. Não parece ser justo para nós sermos condenados por causa do pecado de nossos antepassados. Talvez algumas observações aqui nos ajudarão.

Primeiro, é uma verdade inegável que as vidas das crianças são afetadas pelas decisões e ações dos pais e de outros antepassados. As duas influências sobre uma pessoa são hereditariedade (completamente determinado pela linhagem ou descendência) e o ambiente (determinado largamente pelos pais, nos primeiros anos cruciais). Nee explicou esta solidariedade familiar:

²⁴ Watchman Nee, *The Normal Christian Life* (Wheaton.. 111.: Tyndale House Publishers, 1957), pág. 35.

“Podes ver a unicidade da vida humana? Nossa vida vem de Adão. Se teu bisavô tivesse morrido na idade de três anos, onde estarias tu? Terias morrido com ele! Tua experiência está contida na dele. E exatamente da mesma maneira, a experiência de cada um de nós está contida naquela de Adão”.²⁵

Segundo, a Bíblia ensina o princípio da solidariedade familiar. Em Josué 7, a família inteira sofreu a penalidade da morte, por causa do pecado de Acã, seu pai e marido. Em Hebreus 7:9-10, o pagamento do dízimo por Abraão é imputado a seu descendente, Levi, ainda não nascido.

Terceiro, a condenação por causa do pecado de Adão não significa condenação eterna, independentemente de pecados pessoais. Esta passagem ensina que o homem não tem base de salvação em si mesmo, mas isto não significa que Deus julgará um indivíduo pelo ato pecaminoso de Adão. O pecado de Adão nos condena a nascermos com uma natureza pecaminosa e sofrer morte física, mas seu ato não nos condena à perdição eterna. Nossos próprios pecados deliberados o farão. A culpa não é imputada; ela é pessoal, (versículo 13). Os filhos de Acã morreram por causa do seu pecado, mas Deus não os condenou necessariamente à perdição eterna. Filhos de alcoólatras e criminosos sofrem muitas coisas por causa do pecado dos seus pais, mas não são condenados por estes pecados. As consequências físicas e temporais dos pecados de uma geração podem ser sentidas por gerações subsequentes (Êxodo 20:5; 34:7; Números 14:18; Deuteronômio 5:9), mas Deus não pune alguém espiritualmente por causa dos pecados dos seus pais (Jeremias 31:29-30; Ezequiel 18:2-4). O filho justo de um pai ímpio não é culpado dos pecados do seu pai (Ezequiel 18:14-17).

Quarto, se parece injusto que soframos por causa do pecado de um homem, a injustiça não é de Deus. Deus não é responsável pelo pecado do homem ou pela falha do homem em transmitir o conhecimento de Deus às gerações futuras. Com Adão, e outra vez com Noé, Deus estabeleceu a humanidade em justiça e com um conhecimento pleno dEle. O homem é responsável pelo pecado e Deus é justo em condenar toda a humanidade. No entanto, Deus providenciou graciosamente a salvação, através de Cristo. Se parece injusto para nós sofrermos por causa de um homem, então Deus compensou sobremaneira por esta “injustiça”, ao oferecer-nos a salvação através de um homem – Cristo. Nós não merecemos a salvação; nós a recebemos pela graça. Como um homem nos levou ao pecado injustamente, assim um homem nos leva imerecidamente à justiça (Romanos 5:18-19).

Em resumo, Romanos 5:12 e 5:19 ensinam que nós nos tornamos pecadores por causa de Adão. Isto é chamado às vezes “a doutrina do pecado original” ou “pecado imputado”. Podemos ver isto em uma de duas maneiras.

Primeiro, alguns ensinam que nós herdamos a natureza pecaminosa e culpa de Adão. Sob este ponto de vista, nós somos realmente culpados do pecado de Adão; Deus nos imputa o pecado de Adão e a culpa de Adão. A Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental ensinam isto, e também muitos protestantes, incluindo aqueles que crêem na predestinação. O problema aqui é que Deus nos condenaria independentemente de nossos atos pessoais, o que parece violar os princípios básicos da justiça, revelados pela consciência e pelas Escrituras. Neste caso, até mesmo os infantes seriam culpados diante de Deus. Consequentemente, católicos e ortodoxos praticam batismo de infantes, numa tentativa de remir o pecado original. À sua vista, o infante não batizado que morre não pode ir para o céu, embora os católicos procurem mitigar o horror desta doutrina, inventando limbo, um lugar especial para bebês não batizados. Os protestantes que aderem a este ponto de vista, normalmente, não insistem na essencialidade do batismo infantil, mas ensinam que Deus salva os infantes através da fé dos seus pais, ou através de “fé” que Deus lhes concede.

O segundo ponto de vista é que nós herdamos a natureza pecaminosa de Adão, mas não a culpa, independentemente de atos pessoais. Como foi indicado na discussão anterior, este ponto de vista parece mais compatível com o ensinamento bíblico da justiça divina. Devemos notar que a natureza pecaminosa é mais do que a tendência ou predisposição que os seres humanos possam vencer em seu próprio poder. Antes, é um desejo ativo e uma compulsão a pecar que somente o

²⁵ Idem, pág. 39.

Espírito Santo pode vencer.

A doutrina da natureza pecaminosa corresponde à experiência universal da humanidade. Todos lutam com desejos, ações e hábitos maus, fortes demais para conquistar sem a intervenção divina. Temos a evidência da natureza pecaminosa congênita no temperamento egoísta, teimoso, indisciplinado do bebê. Nenhuma criança nasce com o fruto do Espírito, e os pais devem ensinar ativamente as virtudes cristãs aos seus filhos. Por outro lado, nenhuma criança precisa ser ensinada a cobiçar, roubar, mentir, enganar, e assim por diante. Elas recorrem a tais coisas automaticamente, quando é vantajoso ou conveniente agir assim.

Muitas passagens das escrituras ensinam, não somente que todos os homens pecaram, mas também que todos os homens não regenerados estão sob a escravidão do pecado e que todos os homens têm uma natureza pecaminosa, com a qual precisam lutar (Salmos 51:5; Jeremias 17:9; Romanos 3:9; 7:14; Gálatas 3:22; 5:16-17; Efésios 2:3; I João 1:8).

É claro que, quando uma pessoa alcança a idade em que Deus a considera responsável por pecados individuais, não há diferença prática entre os dois pontos de vista descritos acima. A natureza pecaminosa sempre produzirá atos pecaminosos que trazem condenação.

Erdman resumiu estes dois pontos de vista alternativos da declaração, “todos pecaram”, no versículo 12.

Esta última declaração é comumente interpretada, como significando que a culpa de Adão tem sido imputada aos seus descendentes. Ela, mais provavelmente, refere-se à culpa real em que os homens incorrem por causa daquela tendência para o mau que eles herdaram, que se acredita ser um resultado da desobediência de Adão. Ela deve, provavelmente, ser interpretada como uma declaração simples da prevalência universal do pecado e da morte, que é a sua penalidade, para que Paulo pudesse compará-la com a larga influência da obra salvadora de Cristo.²⁶

O *Versículo 13* interrompe o argumento para explicar que o pecado e a morte reinaram no mundo até antes da lei de Moisés. É claro que Deus não imputa pecado na ausência da lei. Desde que o pecado é a transgressão da lei (I João 3:4), Deus não considera qualquer pessoa responsável pelo pecado, onde não há lei para definir e prescrever o pecado. Não há culpa pessoal independentemente de violações pessoais da lei.

A última parte do versículo 13 não diz “a lei”, significando a lei de Moisés, mas simplesmente diz “lei”, significando o princípio da lei. Deus não reconhece pecado sem um código de lei, mas isto não significa que Ele não reconhece qualquer pecado antes da lei de Moisés. Mesmo antes de Moisés, Deus deu aos homens certas leis para obedecer. No mínimo, Deus considera todos responsáveis pela lei da consciência (Romanos 2:12-15). Ainda mais, todos têm pecado, ainda que seja somente contra a consciência (Romanos 3:23).

Versículo 14. Antes da lei de Moisés, a morte reinou sobre a humanidade. O povo, de Adão a Moisés, morreu. Isto em si mesmo demonstra que o pecado estava no mundo durante aquela época. Mesmo que nem todos tenham pecado da mesma maneira que Adão o fez, eles ainda morreram.

Isto não implica que alguns homens viveram vidas sem pecado. Adão pecou por quebrar o mandamento específico que Deus lhe tinha dado. Antes de Moisés, nem todos tinham mandamentos específicos de Deus, portanto todos não pecaram como Adão o fez. Todos pecaram de alguma forma, no entanto, por violar a lei da consciência. Ainda mais, o versículo implica que alguns pecaram como Adão o fez. Alguns tiveram mandamentos específicos de Deus e os desobedeceram.

Adão é um tipo ou figura Daquela que havia de vir, Cristo. Adão foi o primeiro cabeça ou representante da raça humana, mas ele falhou em cumprir a intenção de Deus para a humanidade. Para poder executar o plano de Deus para a humanidade, Cristo veio como o segundo Adão, ou segunda cabeça da raça humana (I Coríntios 15:45-49). Como um homem, Ele é o primogênito da família espiritual de Deus – o primeiro a vencer o pecado e a morte (Romanos 8:29; Colossenses

²⁶ Erdman, pág. 73.

1:15, 18). Ele é Aquele que devemos seguir. Tudo o que perdemos em Adão ganhamos muito mais em Cristo (Romanos 5:15). O representante verdadeiro e protótipo da humanidade é Cristo, e a função de Adão é apenas um tipo imperfeito da função de Cristo.

Os versículos 15-21 trazem um vívido contraste entre Adão e Cristo: Seja o que for que perdemos em Adão, ganhamos muito mais em Cristo. Por um homem, Adão, o pecado e a morte vieram a reinar sobre nós, mas podemos obter justiça e vida por um homem, Cristo.

Versículo 15. (A fraseologia dos versículos 15-16 na Bíblia em inglês *KJV* é um tanto confusa, mas outras traduções esclarecem o sentido.) O dom gratuito não é semelhante à ofensa. Apesar das funções similares de Adão e Cristo, o contraste entre suas ações (e as consequências dessas ações) é grande. Adão trouxe morte a toda a humanidade, mas Cristo trouxe o dom gratuito da graça de Deus a todos (a oferta de salvação para a vida eterna). Esta graça abunda e transborda para todos.

No grego, a palavra traduzida por “muitos” tem o artigo definido, então, literalmente, significa “os muitos”, ou toda a humanidade. O mesmo ocorre no versículo 19.

Os versículos 15, 17, e 20 usam o termo “muito mais”, indicando que nossos benefícios em Cristo são muito maiores do que a extensão de nossa perda em Adão. O mesmo termo aparece nos versículos 9 e 10. Consequentemente, o capítulo inteiro enfatiza as bênçãos superabundantes da graça de Deus. A graça de Deus excede o pecado; ela é muito mais poderosa do que o pecado. Há algumas maneiras específicas nas quais isto é a verdade: Adão pecou uma vez, mas o ato singular de obediência de Cristo cobre muitos pecados (versículo 16). O pecado de Adão nos leva a morrer temporariamente, mas o ato obediente de Cristo nos habilita a viver eternamente (versículos 17 e 21).

Versículo 16. O contraste continua. O pecado singular de Adão trouxe julgamento, resultando em condenação, mas o dom gratuito de salvação cobre muitos pecados e resulta em justificação. Os versículos 16-18 usam a linguagem de um tribunal, para descrever a situação da humanidade.

Versículo 17. A transgressão singular de Adão trouxe morte para o mundo inteiro, mas, através de Cristo, reinaremos em vida. Aqui, o particípio presente grego literalmente significa que nós “estamos recebendo” a graça abundante e o dom da justiça. Apesar de Cristo ter morrido pelo mundo inteiro, e os benefícios do Seu ato estarem disponíveis a todos, somente aqueles que estão recebendo presentemente Seu dom da justiça efetivamente herdarão vida eterna.

Isto exclui a doutrina de universalismo (a doutrina de que todos serão salvos), que alguns ensinam a partir desta passagem. Muitos povos não serão salvos (Mateus 7:13-14; Apocalipse 20:14-15). Esta passagem ensina somente que cada pessoa pode receber justificação pela fé, não que cada pessoa, de facto, o fará. Cristo tornou a salvação disponível a todos, mas nem todos aceitarão a graça de Deus pela fé e aplica-la-ão em sua vida.

Versículo 18. Devemos voltar ao versículo 16 para achar os dois assuntos das duas metades de versículo 18. Pela transgressão de Adão, o *julgamento* veio a todos os homens, mas pelo ato de justiça de Cristo, o *dom gratuito* de salvação, veio a todos os homens. Adão trouxe condenação, mas Cristo traz justificação para a vida. O ato justo singular que traz justificação é a morte, sepultamento, e ressurreição de Cristo, que é **um** todo, unificado e inseparável (Romanos 4:25; 6:4). O benefício deste ato não é meramente a obra negativa de tirar o pecado e punição, mas também a obra positiva de imputar justiça e conceder vida. (Veja II Coríntios 5:21; Gálatas 2:20.)

Versículo 19. Através da desobediência de Adão, “os muitos” (toda a humanidade) foram constituídos como pecadores. (Veja o comentário sobre o versículo 12 para mais discussão de como nós nos tornamos pecadores através de Adão). Através da obediência de Cristo, “os muitos” (toda a humanidade que crê) serão tidos como justos. A obediência de Cristo foi especificamente Sua morte na cruz, mas Sua morte efetivamente culminou uma vida inteira de obediência (Filipenses 2:5-8). Cristo viveu Sua vida inteira em nosso lugar; Ele foi quem carregou nossos pecados, foi nosso substituto e propiciação, através de Sua vida.

O princípio representativo aplica-se em ambas as direções. Embora todos nós nos tenhamos

tornado pecadores, por causa de Adão, todos nós podemos nos tornar justos, através de Cristo. A expressão implica não somente justificação (como nos versículos precedentes), mas também santificação. Deus não nos considera como justos, mas Ele realmente nos torna justos, habilitando-nos a vencer a natureza pecaminosa recebida por herança. O versículo 19, assim, nos prepara para mudar a discussão da justificação (capítulos 3-5) para a santificação (capítulos 6-8).

Versículo 20. Este versículo, junto com os versículos 12-13, explica como a lei de Moisés cabe neste quadro. O versículo 12 diz que o pecado “entrou” (*eiserchomai*) no mundo, enquanto o versículo 20, literalmente, diz que a lei “veio ao lado” (*pareiserchomai*). O pecado veio primeiro, então a lei de Moisés juntou-se ao pecado.

A lei teve um propósito temporário: fazer o reconhecimento do pecado abundar ou aumentar. Isto é, Deus deu a lei para identificar o pecado, ou revelar claramente, e convencer o homem dele. Ele deu a lei para fazer do mal uma ofensa legal. O pecado já estava em existência, mas, sem a lei, o homem não estava plenamente ciente da sua atitude desobediente e não podia ser plenamente julgado por toda a sua conduta, que era contrária à intenção original de Deus para a raça humana. Ao definir mais o pecado, a lei o aumentou. Ainda mais, por causa da natureza perversa do homem, a lei efetivamente estimulou mais pecado no homem. Quanto mais o pecado era definido, mais o homem pecaminoso revelava sua rebelião.

Embora Deus tenha dado a lei por propósitos bons e necessários, ela teve o efeito de aumentar o pecado. No entanto, a graça de Deus sempre opera mais ligeiro do que o pecado. À medida que o pecado aumenta, a graça transborda. Quanto mais o pecado condena, mais a graça perdoa. Quanto mais pecaminosa a época ou o ambiente, quanto mais Deus dá graça para vencer o pecado. Assim, ninguém pode usar o ambiente pecaminoso como desculpa para sua falha em viver para Deus. (Veja II Coríntios 9:8; 12:9; Tiago 4:6).

Versículo 21. Uma última comparação resume o contraste entre Adão e Cristo. Como o pecado reinou na morte, ainda assim a graça pode reinar em justiça para trazer vida eterna. Como uma vez vivemos no pecado, tendo como resultado a morte, se aceitamos a graça de Deus e vivemos na Sua justiça, receberemos vida eterna. Este caminho de salvação vem através de Jesus Cristo nosso Senhor.

I V.

A Vida do Crente

(6:1-8:39)

A Vida de santidade que resulta de receber a justiça de Deus

A. Morto para o Pecado, Vivo para Deus (6:1-14).....	63
B. Livre do Pecado, Escravo da Justiça (6:15-23).....	66
C. Livre da lei (7:1-13).....	67
D. Incapacidade da Carne (7:14-25).....	71
E. A Vida no Espírito (8:1-39).....	74
1. Poder do Espírito (8:1-4).....	74
2. Carne contra Espírito (8:5-11).....	76
3. Responsabilidade e privilégios (8:12-17a).....	77
4. Sofrimento e glória (8:17b-30).....	78
5. Segurança da salvação (8:31-39).....	82

Vida do Crente (6:1-8:39)

Tendo explicado como alguém se torna cristão, Romanos descreve, então, como o cristão deve viver. Romanos 3-5 ensina justificação pela fé; Romanos 6-8 ensina santificação pela fé. Se alguém foi verdadeiramente justificado, ele será santificado.

Santificação significa *separação*, particularmente separação do pecado. A palavra grega é *hagiasmos*, que Bauer Arndt e Gingrich definem como santidade, consagração, ou santificação. A Bíblia em inglês, *KJV*, às vezes, traduz a palavra como “*santidade*” (Romanos 6:19, 22) e, outras vezes, como “*santificação*” (I Coríntios 1:30; II Tessalonicenses 2:13). Teologicamente falando, santificação significa (1) o estado de separação do pecado e dedicação a Deus e (2) o processo de se tornar progressivamente mais santo. Justificação significa ser declarado justo; santificação significa tornar-se efetivamente justo, na vida diária. Santificação começa com justificação/regeneração, mas continua com uma obra progressiva do Espírito, através de nossas vidas (I Coríntios 6:11; I Tessalonicenses 3:13; II Tessalonicenses 2:13; I Tessalonicenses 5:23).

Santificação, então, significa viver uma vida de vitória sobre o pecado. Ela inclui libertação do poder do pecado e união com o Cristo vivo. A mesma graça que remove a culpa de pecados passados está disponível para nos ajudar a vencer o pecado no presente e no futuro. O evangelho de Cristo provê, não somente o remédio para os atos pecaminosos, mas também o remédio para a natureza pecaminosa.

Griffith Thomas explicou o relacionamento entre justificação e santificação (santidade):

Justificação é a porta estreita, através da qual nós entramos para o caminho estreito da santidade, e, a partir deste ponto estamos ligados com o caminho e não com a porta. Até agora, o contraste tem sido entre ira e justificação; agora deve ser entre o pecado e a santidade.²⁷

Charles Erdman descreveu de que maneira um entendimento correto de justificação pela fé necessariamente levará à santificação:

A falácia comum..., na maioria das críticas da doutrina de justificação, consiste na falha em entender o que significa fé. Se fé denota mera aceitação de dogmas, ou a repetição de um credo, então aceitar alguém como justo, em virtude de sua fé, seria absurdo e injusto; mas fé descreve um relacionamento pessoal com Cristo. Para o crente, ela significa confiança em Cristo, obediência a Cristo, amor por Cristo; e tal confiança e obediência e amor resultam, inevitavelmente, em pureza e santidade, em uma vida de serviço altruístico. Justificação pela fé não pode encorajar o pecado, ou permitir o pecado, ou desacreditar a lei de Deus. Antes, ela deve resultar em justiça e obediência verdadeiras. Justificação, portanto, produz santificação. As duas podem ser separadas em pensamento, mas elas estão unidas em experiência.²⁸

Mesmo antes dos ensinamentos explícitos de Romanos 6-8, a doutrina da santificação já está implícita em Romanos 3:8, 3:31, 5:10, e 5:19. O capítulo 6 ensina que os cristãos não podem continuar a viver no pecado. O capítulo 7 explica que não podemos ter sucesso neste empreendimento por confiar na lei ou na carne. O capítulo 8 proclama que podemos cumprir este compromisso andando segundo o Espírito. Da mesma forma que fomos justificados pela fé em Cristo, assim devemos continuar a andar pela fé Nele e permitir que Seu Espírito em nós nos habilite diariamente para o viver santo.

²⁷ Thomas, pág. 163.

²⁸ Erdman, pág. 77.

A. Morto para o Pecado, Vivo para Deus (6:1-14)

(1) Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? (2) De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? (3) Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? (4) De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. (5) Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; (6) Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado. (7) Porque aquele que está morto está justificado do pecado. (8) Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos; (9) Sabendo que, tendo sido Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte não mais tem domínio sobre ele. (10) Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. (11) Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor. (12) Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências; (13) Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça. (14) Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.

O capítulo 6 pergunta: “os cristãos devem pecar?” Ele divide a indagação em duas partes: (1) Devemos pecar para poder obter a graça? (versículo 1). Isto é, a graça encoraja o pecado? (2) Devemos pecar porque estamos sob a graça? Ou seja, a graça permite o pecado? (versículo 15). A resposta a ambas as perguntas é um ressonante “Não!” Os versículos 1-14 analisam a primeira pergunta.

Versículo 1. O capítulo 5 conclui a discussão da justificação pela fé. O capítulo 6 pergunta quais são as consequências lógicas daquela doutrina na vida de um cristão. Alguns poderiam supor que a justificação pela fé encoraja o pecado. Afinal de contas, de acordo com Romanos 5:20, quanto mais pecado há, quanto maior é a graça de Deus para salvar-nos do pecado. Isto implica em que devemos pecar mais, para podermos obter mais graça? Os cristãos devem continuar a pecar para poder demonstrar a graça de Deus mais vividamente e para experimentar Seu perdão em maior medida?

Versículo 2. Absolutamente não! Qualquer um que pensa assim tem um entendimento básico incorreto da vida cristã. Essa pessoa não reconhece que o cristão morreu para o pecado. A forma do verbo grego aqui é aorista, indicando que a morte ocorreu numa época específica no passado. Uma vez que o cristão morreu para o pecado, seria contraditório que ele continuasse a viver no pecado.

Ser morto para o pecado não significa que somos incapazes de pecar (versículos 12-13), mas sim que nos convertemos, deixando o pecado para trás (versículo 4). Significa que fomos libertados do domínio do pecado (versículos 7, 14 e 18).

Versículo 3. O resto desta secção oferece 3 três passos a serem tomados para se viver uma vida de vitória: (1) *Saber* (versículos 3-10); (2) *Considerar* (versículos 11-12); (3) *Oferecer* (apresentar - versões Corrigida e Melhores Textos) (versículos 13-14).

Primeiro, devemos saber o que aconteceu conosco quando fomos convertidos ou justificados. Há uma nota de surpresa e desalento na pergunta de Paulo àqueles que continuaram a pecar: “Não sabeis o que vos aconteceu?”

Especificamente, nos identificamos com a morte de Jesus Cristo. Quando fomos batizados em Cristo, aplicamos Sua morte e sepultamento a nossas vidas. A morte ao pecado indica arrependimento, pois a definição de arrependimento é voltar do pecado para Deus. Arrependimento significa morte para o antigo estilo de vida; morte para a gratificação da luxúria do pecado. Nosso batismo nas águas significa que morremos com Cristo. O batismo nas águas não tem valor até que o arrependimento tenha acontecido (Marcos 1:4-5; Lucas 3:7-8; Atos 2:38), portanto nosso batismo

anuncia nossa morte ao pecado. No batismo, nós nos identificamos pessoalmente com Cristo, no momento em que Seu corpo jazia num estado de morte.

Devemos notar a importância colocada no batismo nas águas. F. F. Bruce comentou:

Desta e de outras referências ao batismo nos escritos de Paulo, é certo que ele não considerava o batismo como uma “opção extra” na vida cristã, e que ele não teria admitido o fenômeno de um “crente não batizado...” Fé em Cristo e batismo eram, de facto, não tanto duas experiências distintas, como partes de um todo, mas fé em Cristo é um elemento essencial no batismo.²⁹

O batismo nas águas é uma identificação pessoal com Cristo: Ele nos coloca em Cristo. “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes”. (Gálatas 3:27). É claro que ambos, água e Espírito, são componentes necessários do novo nascimento. Então, verdadeiramente, um batismo composto de ambos, água e Espírito, nos coloca no corpo de Cristo (João 3:5; Atos 2:38; Efésios 4:5; I Coríntios 12:13).

Versículo 4. Batismo, então, é uma identificação com o estado de morte de Cristo, especificamente, uma identificação com o Seu sepultamento. Colossenses 2:12 repete este versículo, dizendo “Tendo sido sepultado juntamente com ele”. Da mesma forma que o homem Cristo morreu e foi sepultado (depois de morto), nós morremos para o pecado, no arrependimento, e somos batizados, quando arrependidos.

O propósito primário aqui não é ensinar o modo correto do batismo, mas a referência ao batismo somente faz sentido se o batismo for por imersão. Comparar o batismo nas águas ao sepultamento é incompreensível, a menos que admitamos a imersão. A pessoa não é sepultada aspergindo-se alguns grãos de areia sobre o corpo; o corpo é totalmente submerso debaixo da terra. *The Pulpit Commentary* observa aqui:

A referência antes é à forma de batismo, a saber, por imersão, que foi entendido a significar sepultamento, e portanto morte... Como nosso sepultamento (ou imersão total) nas águas batismais foi seguido por total aparecimento, então nossa morte com Cristo ao pecado, que aquela imersão simbolizou, é para ser seguida pela nossa ressurreição com ele a uma vida nova.³⁰

Da mesma forma, os ensinamentos inspirados de Paulo aqui fazem sentido somente se o batismo é em o nome de Jesus Cristo. O batismo é uma identificação pessoal e um sepultamento com Cristo, não com três pessoas separadas de uma Trindade. Somente Jesus Cristo morreu e foi sepultado em nosso favor.

Tanto Paulo como a igreja de Roma devem ter conhecido somente o batismo por imersão, em o nome de Jesus Cristo. Do contrário, Paulo não teria pensado no batismo como um *sepultamento* com Cristo e esperado que seus leitores o vissem como tal. Devemos praticar o batismo desta maneira também, porque esta foi, claramente a prática da igreja primitiva, e porque somente fazendo assim podemos preservar a significância bíblica e o simbolismo do batismo.

Se tivermos nos identificado com a morte e sepultamento de Cristo, também nos identificaremos com Sua ressurreição. Assim como Deus ressuscitou o homem Cristo da morte, nós devemos nos levantar do arrependimento e batismo nas águas para andar em novidade de vida. O versículo não se refere meramente à ressurreição corporal futura, depois da morte física, mas a uma vida nova agora.

Recebemos esta novidade de vida através da habitação do Espírito de Cristo. “Agora, porém, libertados da lei... servimos em novidade de espírito...” (Romanos 7:6). “Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte” (Romanos 8:2). “Se, porém, Cristo está em vós... o Espírito é vida” (Romanos 8:10). O aspecto negativo da conversão é a morte para o pecado, que é simbolizada e completada pelo sepultamento com Cristo, no batismo nas

²⁹ Bruce, pág. 136.

³⁰ J. Barmby, *Romans* (Exposition), *The Pulpit Commentary*, H. D. M. Spence e Joseph Exell (eds.) (Rpt. 1981; Grand Rapids: Eerdmans), XVIII, 293-94.

águas. O aspecto positivo da conversão é a vida nova em Cristo, que recebemos pelo Espírito Santo.

O *Versículo 5* continua a analogia com a ressurreição. Se nós nos identificamos com a morte de Cristo, certamente nós nos identificaremos com Sua ressurreição e viveremos uma vida transformada. A palavra traduzida como “plantados juntamente” significa “unidos, crescidos juntos”.

Versículo 6. Quando pensamos acerca da nossa conversão, então, devemos reconhecer que o nosso velho homem foi crucificado com Cristo. Neste contexto, o “velho homem” é a velha personalidade dominada pelo pecado, o homem não regenerado, o velho estilo de vida pecaminoso, ou o domínio do pecado. Ele não é a natureza pecaminosa em si, a qual ainda está em nós (Gálatas 5:16-17; I João 1:8). Ainda temos a capacidade de pecar. Ainda temos a natureza pecaminosa com o seu desejo de pecar. No entanto, não estamos mais sob o controle da natureza pecaminosa, porque o Espírito nos dá poder para vencer. A natureza pecaminosa em si não morreu, mas o domínio da natureza pecaminosa morreu (versículos 7, 9 e 14). Nós éramos escravos do pecado, mas agora temos poder sobre o pecado (versículo 6 e 18).

Versículo 7. Uma vez que morremos para o pecado, estamos livres do pecado. (Veja João 8:34-36; I Pedro 2:24). Pressão ou tortura podem forçar alguém a fazer muitas coisas, mas depois que esta pessoa morre, seus opressores não têm mais poder sobre ela. Similarmente, uma vez mortos para o pecado, este não tem mais poder para nos dominar ou condenar. A palavra grega traduzida como “libertos”, neste versículo, [na versão inglesa utilizada no original] é traduzida literalmente e corretamente como “justificados”. Todavia, o capítulo descreve mais do que liberdade da condenação, posto que os versículos 14 e 18 usam uma palavra grega diferente para descrever a efetiva liberdade da compulsão do pecado e do estilo de vida pecaminoso.

Versículo 8. Nós morremos com Cristo na cruz. No calvário, Cristo comprou nossa salvação e destruiu o poder do pecado sobre nós, mas estes benefícios não são conferidos sobre toda a humanidade automaticamente. A pessoa deve ainda aplicar a morte de Cristo à sua vida, e isto ocorre quando ela se arrepende. Da mesma forma que Cristo morreu e ressuscitou para uma vida nova, nós devemos morrer para o pecado e, então, viver uma vida nova, livre do pecado. Se nós compartilhamos Sua morte, podemos, também, compartilhar Sua vida.

Versículo 9. Tendo ressuscitado dos mortos, Cristo jamais morrerá outra vez. A morte não tem mais poder sobre Ele. Para continuar a aplicação, uma vez que fomos convertidos e ressuscitamos em novidade de vida, é preciso nunca mais voltar ao velho estilo de vida pecaminoso. O pecado não mais tem qualquer poder para nos forçar a obedecer suas ordens.

Versículo 10. Cristo morreu uma vez, como o sacrifício pelo pecado. Desde então, o homem Cristo vive sempre para Deus. Da mesma forma, nós devemos morrer para o pecado uma vez e, daquele momento em diante, viver para Deus.

Em resumo, quando nós nos arrependemos, fomos batizados em nome de Jesus e recebemos o Espírito Santo, aplicamos o evangelho – a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo, as nossas vidas. Precisamos saber e reconhecer o que significa isto. Temos agora poder para viver uma vida nova de vitória sobre o pecado. Nós não somos obrigados a nos render à tentação; podemos e devemos vencê-la, pelo poder do Espírito.

Versículo 11. O segundo passo para vencer o pecado é *considerar-nos* como mortos para o pecado. O verbo grego é *logizomai*, que é a mesma palavra usada tão frequentemente no capítulo 4. É um termo da contabilidade, e ela significa considerar, calcular, contar, ou levar em conta. Aqui, ela significa avaliar ou considerar como o resultado de cálculos. Baseados no conhecimento daquilo que já nos aconteceu, devemos nos considerar como mortos ao pecado. Uma vez que reconhecemos que morremos para o pecado e, portanto, que o pecado não tem poder sobre nós, devemos agir sobre nosso conhecimento e desconhecer o domínio do pecado. Devemos nos considerar, ser e agir como somos, verdadeiramente mortos para o pecado e vivos para Deus. Devemos levar em conta este facto; devemos contá-lo como verdadeiro. (O texto crítico omite as palavras “nosso Senhor”).

Como Jerry Bridges escreveu em seu livro *The Pursuit of Holiness*, devemos admitir nossa responsabilidade pela santidade. Deus já deu a nós, crentes cheios do Espírito, todo o poder que

precisamos; é nossa responsabilidade, agora, agir sobre o que nós sabemos e recebemos. Em vez de meramente continuar a orar por vitória sobre o pecado, devemos começar a andar em obediência. Se nós pecamos é porque escolhemos desobedecer. Se nós vivemos uma vida de derrota é porque nos temos permitido retroceder, sob a influência do pecado.

O homem morto é insensível a todas as formas de persuasão e tentação. De uma maneira semelhante, devemos ser insensíveis à sedução do pecado. Morremos em Cristo e fomos declarados justos; agora, devemos agir de acordo. Devemos aprender a ser, na prática, o que já somos pela fé em Cristo.

Versículo 12. Em resumo, não devemos deixar o pecado reinar sobre nós. Não devemos obedecer à luxúria pecaminosa. Esta admoestação mostra que enfrentamos um perigo real do pecado, reafirmando seu controle sobre nós. Ao mesmo tempo, este versículo também nos dá garantia de que podemos vencer o pecado. O pecado podia reinar em nossas vidas, mas, agora que somos nascidos de novo, não devemos permiti-lo.

Versículo 13. O terceiro passo para vencer o pecado é *apresentar-nos* (ou *render-nos*) a nós mesmos – não ao pecado, mas a Deus. Não devemos oferecer os membros de nosso corpo ao pecado, mas a Deus. Não devemos empregar nossos membros corporais como instrumentos do pecado, mas como instrumentos da justiça. Romanos 12:1 usa a mesma palavra grega para admoestar-nos a “apresentar” nossos corpos a Deus.

Como é que um filho de Deus apresenta ou rende seu corpo ao pecado? Isto normalmente começa ao permitir-se ele ficar insensível ao Espírito, ao participar de situações questionáveis, ou a recusar-se a escutar a consciência, a Palavra de Deus, o Espírito de Deus, e os líderes espirituais. Apresentamos nossos corpos a Deus andando em obediência e seguindo a liderança do Espírito, incluindo coisas básicas, tais como: a oração, estudos bíblicos, frequência aos cultos, louvor, adoração e seguir os líderes espirituais. Da mesma forma que uma vez apresentamos nossos corpos ao pecado, assim, agora, devemos apresentar a nós mesmos a Deus (versículo 19).

Versículo 14. Deus não pretende que o pecado domine a pessoa nascida de novo. Se nós soubermos (conhecemos), considerarmos, e nos apresentarmos (render-nos), então o pecado não terá domínio sobre nós. Isto é particularmente verdadeiro, porque não estamos sob a lei, mas sob a graça, e a graça dá mais do que a lei. Como o capítulo 7 demonstra, a lei não dá poder sobre o pecado, mas, na época da plenitude da graça, temos o poder, através do Espírito.

B. Livre do Pecado, Escravo da Justiça (6:15-23)

(15) Pois que? Pecaremos porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo nenhum. (16) Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedecéis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? (17) Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues. (18) E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. (19) Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne; pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia, e à maldade para maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para santificação. (20) Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça. (21) E que fruto tínheis então das coisas de que agora vos envergonhais? Porque o fim delas é a morte. (22) Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna. (23) Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor.

O *Versículo 15* começa com uma análise da segunda pergunta do capítulo 6: Devemos continuar no pecado, porque estamos sob a graça? A graça permite o pecado? Esta é uma tentação comum hoje. Sob a lei, a punição para o pecado era normalmente rápida e severa. Na época da graça, no entanto, a ênfase está na disponibilidade do perdão. Consequentemente, muitas pessoas pensam: “Deixa-nos pecar porque a graça é abundante. Deixa-nos pecar, quando agradável ou conveniente; podemos sempre ser perdoados mais tarde”.

Esta atitude é incompatível com o verdadeiro cristianismo. Embora Deus, graciosamente, perdoe e restaure o penitente, Ele não deixa passar o pecado não arrependido. Aqueles que pensam que a graça é uma licença para pecar, e que não se arrependem sinceramente, não são perdoados, mas somente enganam-se a si mesmos.

Agora, estamos sob a graça e não sob a lei, mas isto não significa que podemos ignorar o pecado. Em todo tempo, a salvação sempre foi pela graça, através da fé. A transição da época da lei para a época da graça não reflete uma mudança na maneira de Deus ver o pecado, mas somente o desenvolver do cumprimento do Seu plano redentor. A lei revela o pecado, enquanto graça supre o remédio para o pecado. A lei comanda, mas não habilita. Graça, ao contrário, dá poder para superar o pecado e fazer a vontade de Deus (Filipenses 2:13). Longe de permitir o pecado, a graça o repudia.

Versículo 16. Para tornar este ponto claro, o versículo 16 usa uma analogia com a escravidão. (A palavra grega *doulos*, aqui, significa, literalmente, “escravo”). A graça de Deus nos dá liberdade para escolher entre dois senhores – o pecado ou Deus. Aquele a quem dermos nossos corpos mostra quem é o nosso mestre. Se escolhermos viver no pecado, então somos escravos do pecado, e o resultado final é a morte. Se escolhermos obedecer a Deus, então nos tornamos Seus escravos, e o resultado é a justiça.

Versículo 17. Todos nós éramos escravos do pecado. A natureza pecaminosa nos dominava e nos compelia a pecar. O verbo está no passado, enfatizando que não somos mais escravos do pecado. Quando obedecemos de coração à doutrina à qual fomos confiados, recebemos libertação. Devemos ser agradecidos, pois agora temos poder sobre o pecado. O versículo enfatiza a obediência, a doutrina e a conversão do coração. Isto elimina todas as formas de “crença fácil” e mostra o significado bíblico da conversão, regeneração, e justificação pela fé.

Versículo 18. Por obediência à doutrina, então, fomos libertados da escravidão do pecado. O antigo mestre não tem mais poder sobre nós. Isto não significa que estamos livres *para* pecar; significa que estamos livres *do* pecado. Não há um estado intermediário entre pecado e justiça; os dois são mutuamente exclusivos. Por definição, se pecamos não estamos vivendo em justiça e se somos justos não estamos vivendo em pecado. Assim, se estamos verdadeiramente livres do pecado, então somos escravos da justiça – ou seja, estamos vivendo em submissão total à justiça.

Esta analogia à escravidão não significa que Deus nos força a servi-lo, mas corresponde à escravidão do amor de Êxodo 21:1-6. Agora, podemos escolher, mas, uma vez tendo escolhido Deus como nosso mestre, devemos obedecer-lhe. Não podemos viver num estado independente no qual sirvamos nem ao pecado, nem a Deus. Qualquer tentativa de viver à parte da vontade de Deus é uma manifestação de orgulho e auto-suficiência, que é pecado.

O *Versículo 19* reconhece que está sendo usada uma ilustração imperfeita, tomada da sociedade humana, mas Paula a usa, porque desta maneira, o assunto fica mais fácil de ser compreendido por nossas mentes carnis e finitas. Nossa posição de cristão não é semelhante à escravidão de nenhuma maneira, pois Romanos, mais tarde, nos descreve como a esposa de Cristo (Romanos 7:4-6) e, também, como filhos adotivos de Deus (Romanos 8:15-17). Não somos simplesmente escravos, mas somos amigos de Deus (João 15: 15). No entanto, analogia à escravidão enfatiza dois pontos- chave: (1) Devemos renunciar completamente ao estilo de vida pecaminoso e (2) devemos nos submeter totalmente a Deus, obedecendo-lhe em todas as coisas. Jesus também comparou a vida cristã a uma escolha entre dois senhores (Lucas 16:13).

Nós, uma vez, demos os membros do nosso corpo ao pecado, o que nos levou a uma vida de pecado cada vez mais vil. Semelhantemente, devemos agora colocá-los à disposição de Deus, para a prática de atos justos, levando assim uma vida de santidade, ou santificação. (A palavra grega *hagiasmos*, usada nos versículos 19 e 22, é traduzida às vezes como “santidade” e, às vezes, como “santificação”). Aqui, há uma chave muito importante para o viver vitorioso. Da mesma maneira que nos entregamos ao pecado, podemos agora nos entregar a Deus. Pecávamos, por receber um pensamento tentador, mantê-lo, visualizar o pecado, entregando nossos corpos, e, finalmente, desenvolver hábitos pecaminosos. Agora, quando recebemos ensinamento bíblico ou citações

espirituais, devemos tomar o cuidado de mantê-los, visualizar a vontade de Deus, nos entregar a elas e desenvolver hábitos justos.

O *Versículo 20* declara o complemento lógico do versículo 18. Quando éramos escravos do pecado, por definição não tínhamos nenhum relacionamento com a justiça.

Versículo 21. Todavia, ser “livres” da justiça não era algo maravilhoso. Os pecados que cometemos naquele estado são vergonhosos para nós agora. (Por esta razão, não devemos nunca fazer sensacionalismo ou jactar-nos de um passado pecaminoso, mas devemos somente glorificar o Salvador). E mais, aqueles pecados não resultaram em nada de bom, mas somente nos condenaram à morte.

O *Versículo 22* continua desenvolvendo o raciocínio do versículo 18. Ser livre do pecado significa ser escravo de Deus. Temos uma escolha entre servir ao pecado ou servir a Deus, e um exclui o outro. Quando servimos a Deus, o resultado será santidade (santificação), neste mundo, e vida eterna no mundo vindouro. Se servirmos Deus, Ele produzirá santidade em nós (nos santificará) e nos preparará para uma eternidade com Ele.

O *Versículo 23* faz um contraste entre o pecado e Deus, o salário e o dom, a morte e a vida. Se continuarmos no pecado, o pagamento final que ganharemos será a morte eterna. Se colocarmos nossa fé em Deus, não ganhamos nada [ou seja, não merecemos nada por causa disto], mas gozaremos a graça de Deus. Receberemos o dom da vida eterna, que vem através de Jesus Cristo, nosso mestre.

Esta é uma lei espiritual de aplicação geral. Apesar de muitas pessoas a aplicarem primeiramente aos não convertidos, no contexto, ela se refere primeiro ao cristão. Se o cristão permanece ou retorna ao estilo de vida pecaminoso, ele não gozará vida eterna. Somente vivendo na graça de Deus e usando o poder vencedor provido pela graça é que ele herdará a vida eterna.

Em resumo, o capítulo 6 estabelece que um cristão não deve pecar. Ainda que batalhemos contra os desejos da natureza pecaminosa, temos poder, através de Cristo, para subjugar aqueles desejos. Se pecarmos, num momento de fraqueza, podemos arrepender-nos e confessar a Deus, assim recebendo Seu perdão. No entanto, o pecado deve ser uma exceção, e nunca a regra em nossas vidas. Devemos renunciar continuamente ao estilo de vida pecaminoso. *“Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo”* (I João 2:1). *“Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”* (I João 1:9).

Romanos 6, então, refuta a noção de que um cristão tem que pecar regularmente. Ele também contradiz a doutrina da segurança eterna incondicional, que afirma que um cristão retém sua salvação, ainda que ele continue a pecar após a conversão, sem se arrepender. A justificação resulta em santificação, e não podemos separar as duas. Se não há evidência de santificação em nossas vidas, então, também não estamos vivendo num estado de justificação. A graça de Deus não somente nos justifica, mas também nos santifica. O cristão pode e deve viver vitoriosamente sobre o pecado, como Erdman, sabiamente, declarou:

A vida cristã... não é meramente negativa. Ela não consiste simplesmente na libertação do pecado. Ela é uma nova e ressurgida vida, vivida pelo poder do Cristo ressurgido... Nossas vis paixões e más disposições estão ainda ativas e poderosas. Devemos, no entanto, desconhecer seu reinado. Devemos confiar em Cristo para nos dar força. A vida de um cristão não precisa ser simplesmente de conflito sem fim; ela deve ser, cada vez mais, uma vida de vitória contínua.³¹

C. Livre da Lei (7:1-13)

(1) Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive? (2) Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido. (3) De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for de outro marido; mas, morto o marido, livre está

³¹ Erdman, pág. 79.

da lei, e assim não será adúltera, se for de outro marido. (4) Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais de outro, daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus. (5) Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte. (6) Mas agora temos sido libertados da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra. (7) Que diremos pois? É a lei pecado? De modo nenhum. Mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás. (8) Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, operou em mim toda a concupiscência; porquanto sem a lei estava morto o pecado. (9) E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri. (10) E o mandamento, que era para vida, achei eu que me era para morte. (11) Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou. (12) E assim a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom. (13) Logo tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno.

O capítulo 6 ensina que os cristãos não deveriam continuar a pecar; o capítulo 7 mostra que isso não pode ser conseguido por esforço próprio, ou por tentar uma pessoa, por seus próprios méritos, cumprir a lei.

Versículo 1. No grego, o versículo começa com “Ou”. Romanos 6:14 afirma que os cristãos não estão sob a lei, e Romanos 7:1 traz este pensamento outra vez, para demonstrar sua veracidade. O argumento é endereçado àqueles que conhecem a lei. Se isto significa a lei de Moisés, então a igreja de Roma, aparentemente, continha muitos judeus convertidos e gentios “tementes a Deus”. Em qualquer caso, o princípio geral é que a lei somente controla uma pessoa enquanto ela vive. Ela não tem poder depois que a pessoa morre.

Versículo 2. Para ilustrar, os versículos 2-4 usam uma analogia com o casamento. No plano de Deus, o casamento não pode ser rompido, a não ser pela morte. Os votos do casamento mantêm esposo e esposa juntos, enquanto ambos viverem, e o divórcio não está no plano de Deus (Malaquias 2:13-16; Marcos 10:1-12; Lucas 16:18; I Coríntios 7:39).

Versículo 3. Assim, se uma mulher casar com outro homem, enquanto seu esposo ainda vive, ela transgredir a lei de Deus e se torna uma adúltera. Se ela casar com outro homem depois que seu primeiro esposo morre, então ela é moralmente pura à vista de Deus. O propósito primário não é ensinar sobre o casamento, mas usar um facto bem conhecido sobre a lei de Deus: que o casamento é válido até à morte e não além disso – para ilustrar nossa liberdade da lei.

O *Versículo 4* faz uma aplicação espiritual. Nós somos a esposa, a lei foi o nosso primeiro esposo, e o Cristo ressuscitado é o nosso segundo esposo. Enquanto vivíamos no estado não regenerado, estávamos ligados à lei. Identificando-nos com a morte de Cristo, no entanto, morremos para a lei. A lei não tem mais poder sobre nós, depois da morte, no arrependimento. No momento do novo nascimento, então, ficamos livres para casar com o Cristo ressuscitado, e, fazendo assim, nos tornamos capazes de produzir fruto espiritual para Deus.

O que significa dizer que estamos livres da lei? Cristo sofreu por nós a penalidade da lei, que é a morte, e cumpriu a lei em nosso lugar. A lei não pode nos condenar ou colocar demandas sobre nós, enquanto ficarmos em Cristo. Estamos livres de: (1) a penalidade da lei; (2) a tentativa de cumprir a lei e agradar a Deus somente por esforços humanos; (3) o poder destrutivo da lei, originado no facto de o homem confiar erradamente nela para sua justificação; e (4) as exigências da lei. (Para mais discussão, veja a anotação sobre legalismo e liberdade cristã, no capítulo 6 deste livro, e, também, o capítulo 3 do livro *Santidade Prática: Uma Segunda Olhada* por David K. Bernard).

É claro, que estamos ainda sob a lei moral de Deus. A natureza moral de Deus e a Sua lei são eternas. Elas não dependem da lei de Moisés. Ensinando-nos a não pecar, o capítulo 6 nos exorta, ainda, a viver de acordo com a lei moral, pois, por definição, pecar é transgredir a lei (I João

3:4).

Romanos 7:6 mostra que a alternativa da lei não é o viver sem lei ou imoralidade, mas santidade, através de Cristo. Fomos libertos da lei, para que possamos servir a Deus, através do Espírito. A *NIV* (uma versão da Bíblia em inglês) diz que “*fomos libertos da lei para que sirvamos no caminho novo do Espírito, e não no caminho velho do código escrito*”. Não devemos mais tentar fazer a vontade de Deus, simplesmente lendo uma lista de mandamentos externos, e tentar forçar uma natureza pecaminosa a se conformar com eles. Em vez disto, através do batismo do Espírito Santo, recebemos a lei de Deus em nosso coração, bem como o poder sobrenatural para cumpri-la. Servimos a Cristo, não como escravos, mas como uma esposa devota, com amor. Em resumo, serviço cristão verdadeiro vem através do poder do Espírito e não pelo mandamento da lei.

Versículo 7. Se a lei de Moisés não deu poder sobre o pecado, mas, na verdade, despertou a concupiscência pecaminosa, é ela pecaminosa? O versículo 7 antecipa esta acusação e a nega enfaticamente. A lei veio de Deus e é boa, pra propósito pelo qual ela foi dada por Deus. Romanos rejeita a lei, como o meio de salvação, mas a sustenta, como um aio (Romanos 7:7, 13) e um padrão moral de conduta para os cristãos (Romanos 3:21; 8:4).

Para explicar a razão para a lei de Moisés, os versículos de 7 a 13 explicam sua natureza e propósito. Nesta passagem, a palavra *lei*, em grego, às vezes, aparece com o artigo definido e, às vezes, vem sem ele. A variação parece ser significativa aqui, com “a lei” significando a lei de Moisés e “lei” significando lei, como um princípio, ou lei em geral. “A lei” aparece no versículo 7 e no versículo 12. “Lei” aparece nos versículos 7, 8, e 9.³²

A lei de Moisés revela a natureza, existência, poder, e resultado do pecado. Ela mostra ao homem sua pecaminosidade e sua necessidade de salvação, e, como tal, é uma parte importante do plano redentor de Deus para a humanidade. Sem algum tipo de lei, não saberíamos o que é o pecado, pois a lei define o pecado para nós. Por exemplo, não saberíamos o que é a cobiça, ou reconheceríamos o que é pecaminoso, se não houvesse uma lei que assim o definisse. A citação é dos Dez Mandamentos (Êxodo 20:17; Deuteronômio 5:21).

Esta passagem está escrita na primeira pessoa, usando, aparentemente, um exemplo da experiência pessoal de Paulo. É possível que a passagem use a primeira pessoa para representar a humanidade como um todo.

Versículo 8. O mandamento nos disse o que era errado e nos advertiu de que a penalidade para os transgressores era a morte. Na teoria, o mandamento deveria ter-nos motivado a não pecar, mas, na prática, a natureza pecaminosa que existe dentro de nós usou a lei como uma oportunidade para promover os maus desejos. (A palavra *concupiscência* significa luxúria, lascívia, desejo intenso de bens ou gozos materiais, apetite sexual. Esta palavra vem da mesma palavra grega que é traduzida como luxúria, lascívia e cobiça, no versículo 7 e em outras passagens do Novo Testamento). Como isto pode ser? Primeiro, a lei revela os desejos pecaminosos escondidos que não seriam reconhecidos, como pecaminosos, de outra maneira. Segundo, quando a lei confronta a natureza pecaminosa, ela pode efetivamente provocar mais pecado – a bem conhecida síndrome do “fruto proibido”. Quanto mais algo é proibido, mais nós o desejamos.

O pecado é imputado e tem o poder de matar somente se houver algum tipo de lei que proíba o comportamento pecaminoso e estabeleça a penalidade da morte pelo pecado. No mundo secular, por exemplo, ninguém pode ser preso, julgado e condenado por um ato a, não ser que alguma lei estabeleça que este ato é criminoso.

Versículo 9. Antes que qualquer princípio da lei se tornasse efetivo em nossas vidas, estávamos vivos, isto é, não tínhamos consciência do pecado e nenhuma condenação. Paulo podia estar falando da sua experiência pessoal, na sua infância, ou, teoricamente, do estado da raça humana antes a lei.

Depois que aprendemos os princípios da lei, a natureza pecaminosa nos fez violar a lei,

³² Este raciocínio não fará muito sentido se tomarmos a maioria das traduções na língua portuguesa. Assim, o melhor é ler apenas raciocinando do ponto de vista do original grego, como explanado pelo autor. (NT).

então ficamos debaixo da condenação; morremos espiritualmente. A palavra grega traduzida como “reviveu”, aqui, pode simplesmente significar “retornar à vida”. Quando a lei veio, o pecado tornou a viver. Desde a queda, os seres humanos têm uma natureza pecaminosa, mas, somente quando veio a lei é que veio também o reconhecimento do pecado. A lei revela a existência da natureza pecaminosa que jaz dentro de nós.

Versículo 10. Originalmente, a lei de Deus tinha a finalidade de nos ensinar como viver espiritualmente, mas, uma vez que éramos pecaminosos por natureza, nos tornamos violadores da lei e sujeitos à penalidade da morte. Em vez de nos dar a vida, então, a lei trouxe morte.

O *Versículo 11* personifica o pecado, para retratar seu papel. O pecado é semelhante a um assassino que fica à espreita, mas sem uma arma. Quando a lei veio, dada para o nosso bem, o pecado viu nela a sua oportunidade e nos enganou, levando-nos a desobedecer à lei de Deus. Desta maneira, o pecado aproveitou-se da lei e a usou para nos matar. É provável que a referência seja especificamente ao Jardim do Éden, quando satanás enganou Eva (I Timóteo 2:14). Mentindo para ela sobre as consequências de comer o fruto proibido, satanás persuadiu Eva a violar a primeira lei de Deus, trazendo, assim, pela primeira vez, o pecado para dentro da raça humana.

Versículo 12. A lei é santa, justa e boa. Não é má. Ela somente se torna prejudicial, quando nós a violamos ou a usamos erradamente.

Versículo 13. Não podemos culpar a lei pela nossa morte espiritual. O pecado, não a lei, é realmente a causa direta da morte. Para ilustrar, podemos tomar como exemplo o automóvel. Ele é uma invenção maravilhosa que tem trazido grandes benefícios à sociedade e à economia. No entanto, quando alguém o dirige de uma maneira negligente, ele pode causar grande destruição e morte. Ainda que tais consequências não tivessem acontecido sem ele, não podemos culpar o automóvel, pois o verdadeiro culpado não é a invenção, mas o seu operador. Um outro exemplo, quando um criminoso é preso ou executado, as consequências para ele e sua família são severas. No entanto, a legislação, o juiz e o júri não são os culpados por sua condenação. O próprio criminoso é o culpado. A lei é boa, e ela não é a responsável pela nossa morte. O pecado o é. O pecado usa a lei como uma arma, mas é o pecado quem efetivamente causa a morte espiritual.

Como é que a lei é boa, e por que Deus a deu, se o pecado pode nos matar por causa dela? Como pode a lei de Moisés ser boa, se estamos tão felizes agora por termos sido libertos dela? A lei revela o pecado como ele é, mostrando-o como excessivamente mau. Antes da lei de Moisés, os homens tiveram algum conhecimento do pecado, mas não reconheciam quão longe estavam do plano de Deus. A lei de Moisés revelou plenamente a definição do pecado (Romanos 3:20; 5:20), a malignidade do pecado (Romanos 7:13), e o resultado do pecado, que é a morte (Romanos 4:15).

Se pudéssemos aprender verdadeiramente as lições da lei, então estaríamos totalmente preparados para vencer o pecado. Nós nos tornaríamos a Deus em arrependimento e usaríamos o poder do Espírito para vencer o pecado diariamente. Por exemplo, se entendêssemos verdadeiramente o quanto Deus ama a verdade e odeia a mentira e o quanto mentir nos polui espiritualmente, não veríamos o mentir como sendo simplesmente uma indiscrição social, mas como o pecado horrível que realmente é. Somente quando reconhecemos a malignidade do pecado é que desejamos verdadeiramente a santidade.

D. A Incapacidade da Carne (7:14-25)

(14) Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. (15) Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço. (16) E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. (17) De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. (18) Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. (19) Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. (20) Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. (21) Acho então esta lei em mim, que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. (22) Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; (23) Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha

contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. (24) Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? (25) Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor. Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado.

Esta secção descreve aquele que é “carnal”, vendido à escravidão do pecado (versículo 14); que está sujeito à lei do pecado e da morte (versículos 17-24). Esta descrição tem confundido muitas pessoas e tem dado oportunidade a muitas interpretações diferentes. A chave para entender esta passagem é reconhecer que ela não descreve a vida cristã normal. O cristão é livre do domínio do pecado (6:18) e livre da lei do pecado e da morte (8:2). A carnalidade leva à morte (8:6), não à vida eterna. Em vista do forte ensinamento dos capítulos 6 e 8, qualquer que seja o significado de Romanos 7, não pode ser o de que uma natureza pecaminosa ainda controla os cristãos ou os força a pecar regularmente.

Quem é que esta passagem descreve? Paulo escreveu na primeira pessoa, falando, aparentemente, de uma experiência pessoal. Sua experiência deve ter uma aplicação geral, de outro modo, Deus não o teria inspirado a incluí-la aqui. A narrativa na primeira pessoa demonstra vividamente o dilema humano e ajuda o leitor a identificar-se com ele pessoalmente.

Uma vez que a consideração não cabe ao cristão, muitos comentaristas propõem que a passagem descreve uma pessoa não regenerada. Uma vez que o escritor reconhece a lei de Deus, a passagem parece ser particularmente dirigida ao judeu não regenerado. Consequentemente, alguns propõem que ela descreve a vida de Paulo sob a lei, antes da conversão.

Embora este ponto de vista seja plausível, o uso do presente do indicativo põe em dúvida tal entendimento. Possivelmente, o presente do indicativo foi usado pela mesma razão pela qual foi usada a primeira pessoa – tornar a descrição mais vívida, relevante e imediata. É mais provável que o presente do indicativo indique que a passagem poderia se aplicar ao cristão no seu estado regenerado presente bem, como ao seu estado passado, não regenerado. O ponto principal é este: Romanos 7:14-25 descreve alguém que tenta ser bom e viver santo por seus próprios esforços, seja ele nascido de novo ou não. Em outras palavras, a passagem descreve a natureza carnal de Paulo ou de qualquer outro indivíduo, quando visto sozinho – ela descreve o que mesmo uma pessoa nascida de novo aparenta, quando tenta viver para Deus somente pelo esforço humano (versículo).

O capítulo 6 nos admoesta a viver acima do pecado. O capítulo 7 descreve aquele que tenta fazer isso confiando na carne. Isto é particularmente evidente pelo uso frequente das palavras *Eu* e *meu*. O capítulo 8 nos mostra a única maneira de viver uma vida santa e caminhar segundo o Espírito, como indicado pelo uso frequente da palavra *Espírito*.

Os capítulos 7-8 discutem quatro leis espirituais (princípios):

(1) *A Lei de Deus* (7:22, 25) – mandamentos morais de Deus; a lei moral de Deus. Ela é santa, justa, e boa, mas ela não dá ao homem poder sobre o pecado (7:14; 7:16; 8:3).

(2) *A Lei da mente* (7:22-23) – a o homem interior, a consciência. Ela pode aceitar e desejar seguir a lei de Deus, mas não tem poder sobre a lei do pecado (7:18, 25).

(3) *A Lei do pecado* (7:23) – a natureza pecaminosa; o domínio do pecado; a compulsão para quebrar a lei de Deus. Ela controla o homem e suas ações. Ela subjuga a lei da mente, e a lei de Deus somente não pode vencê-la (7:20-21).

(4) *Lei do Espírito* (8:2) – o Espírito Santo habitando no crente; o princípio do andar segundo o Espírito. Somente esta lei dá poder sobre a lei do pecado e sobre a lei da morte – o resultado do pecado (8:1-4).

Versículo 14. A Lei de Deus pertence ao Espírito, é feita por Ele e é cheia Dele. A lei não pode tornar o homem espiritual, porquanto ele tem uma natureza pecaminosa e não pode cumprir a lei. O homem não somente peca, mas ele é também dominado pela concupiscência pecaminosa (Romanos 3:9; 5:12, 19). A lei em si é boa, mas o legalismo e o esforço humano para se tornar espiritual através da obras da lei – são vãos.

Os versículos 15-23 mostram a tentativa fútil da carne para ser justa.

O *Versículo 15* começa com um paradoxo. “Porque, o que faço, não o aprovo” (*KJV*). A palavra grega traduzida aqui como “aprovo” é *ginosko*, que significa “Eu sei, eu compreendo, ou eu reconheço”. Assim, embora a frase possa significar: “eu não aprovo as minhas ações”, é mais provavelmente que ela signifique: “eu não compreendo minhas ações”. O quebra-cabeça desnorteante é que, ainda que o homem deseje fazer o bem, ele se acha fazendo o mal, que ele odeia. Ele age contrário aos seus desejos interiores.

Versículo 16. Reconhecendo que faz coisas más, o homem está aprovando a lei moral de Deus. A mente (consciência), assim, apóia a lei de Deus.

Versículo 17. A lei da mente e a lei de Deus, juntas, não podem impedir o homem de pecar. A natureza pecaminosa domina o homem, levando-o a violar a sua própria consciência. Isto não escusa ou justifica o pecado, mas simplesmente expressa a experiência humana.

Versículo 18. A carne (natureza pecaminosa) não contém nada de bom. Embora a mente do homem possa reconhecer o que é bom, e embora o homem não regenerado possa ter muitas características nobres, não há, na verdade, nada no homem que possa vencer o pecado. Não há nada no homem que mereça salvação. O homem pode desejar o bem, mas ele não tem o poder para fazê-lo. (Em contraposição, a pessoa cheia do Espírito tem o poder para cumprir os requerimentos justos da lei – Romanos 8:4, porque Deus lhe dá tanto o desejo como o poder para fazer a Sua vontade (Filipenses 2:13).

O *Versículo 19* repete o versículo 15. O homem quer fazer o bem, mas ele acaba fazendo o mal.

O *Versículo 20* reitera versículo 17, explicando que a natureza pecaminosa é a causa desta situação. Novamente, isto não nega a responsabilidade do homem por seus pecados, mas descreve a sua natureza pecaminosa.

O *Versículo 21* define a lei do pecado: O mal está presente mesmo na vida do homem que quer fazer o bem.

O *Versículo 22* delinea a lei da mente: O homem em si mesmo, ainda que não tenha o Espírito de Deus, pode reconhecer alegremente a bondade da lei moral de Deus. (Os judeus são um exemplo disto).

Versículo 23. Tal pessoa, mesmo assim, continua sem poder, efetivamente, cumprir a lei de Deus em si mesma, pois, além da lei da mente, um outro princípio está operando no seu corpo. A lei do pecado batalha contra a lei da mente e a subjuga. Ela captura o homem e o faz prisioneiro do pecado, contra a sua vontade.

Versículo 24. Os últimos dois versículos do capítulo 7 resumem o problema. Paulo exclamou: “desventurado homem que sou!” e, então, perguntou: “quem me livrará do corpo desta morte?”

Versículo 25. Ao contemplar tal situação agonizante Paulo exclamou, num inspirado agradecimento, pois ele já tinha experimentado a resposta na sua própria vida: “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor”. A resposta já veio, através de Cristo.

A próxima frase recapitula o problema: O homem pode admitir a lei de Deus na sua mente, mas, na carne, ele continua a pecar. É muito importante não ver esta última frase como a solução, o que alguns fazem, porque eles seguem a expressão de agradecimento. Seria uma solução estranha de facto, pois permitiria que o cristão permanecesse no pecado, contrariamente ao ensinamento enfático dos capítulos 6 e 8.

Reconhecimento esta dificuldade, alguns comentaristas propõem que as duas frases do versículo 25 foram, de alguma maneira, acidentalmente trocados no processo de transmissão e, agora, devem ser mudadas para a posição contrária. Isto faria com que o versículo fosse mais fácil de entender, mas não precisamos depender de tal explicação. Podemos resolver a confusão da forma a seguir. O versículo 24 apresenta o problema. A primeira frase do versículo 25 é uma exclamação parentética de agradecimento – e tais digressões são típicas do estilo dos escritos inspirados de Paulo – enquanto ele impacientemente antecipa a solução. Então, a segunda sentença do versículo 25 resume o dilema do homem, antes que o capítulo 8 prossiga, dando a resposta. Bruce explicou

isto muito bem:

“Eu mesmo” (*autos ego*) é enfático: “Sou eu, por mim mesmo, quem experimente esta derrota e frustração, mas “eu”, como um cristão, não sou deixado a “mim mesmo”: “A lei do Espírito da vida de Cristo Jesus” veio habitar dentro de mim, e Sua presença e poder fazem uma poderosa diferença.³³

Em conclusão, Romanos 7:14-25 não descreve uma vida cristã normal. O cristão não tem que pecar um pouquinho cada dia. O cristão não está reduzido a uma vida frustrada de desejar fazer o bem, mas ser continuamente vencido pelo pecado. Santidade não significa conhecer o bem na mente e continuar a pecar no corpo.

Romanos 7:14-25 não descreve o conflito de duas naturezas – carne e Espírito – em um crente. Se assim fosse, estaria dizendo que a carne seria sempre a vitoriosa! Antes, ele descreve a luta entre a carne (natureza pecaminosa) e a mente do homem, que tenta obedecer à lei de Deus por seus próprios esforços. Como tal, ele aplica-se tanto ao homem não regenerado quanto ao homem regenerado que não está andando no Espírito. (Há um conflito entre a carne e o Espírito, no crente – descrito em Romanos 8:5-14 e Gálatas 5:16-26 – mas neste conflito o Espírito pode ser sempre vitorioso).

Há duas lições importantes em Romanos 7: (1) A incapacidade da carne – sem a graça de Deus não há nada em nós que possa vencer o pecado. (2). A inadequação da lei – A lei não nos dá poder sobre a natureza pecaminosa. Da mesma forma que a lei não nos pode justificar, ela também não nos pode santificar.

Em suma, a santidade cristã não vem pelo cumprimento externo dos mandamentos (lei de Deus) ou pelo desejo humano de fazer o bem (a lei da mente). Antes, a santificação vem pelo poder interno, dado pelo Espírito de Deus (a lei do Espírito).

E. A Vida no Espírito (8:1-39)

Romanos 8 apresenta o plano de Deus para a vida cristã normal – a vida no Espírito. Consequentemente, ele é o ponto alto (o clímax) desta seção (capítulos 6-8), que, em si mesma, é o ponto alto de Romanos. O cristão pode vencer o pecado e viver uma vida santa, vida santificada através do poder do Espírito, andando segundo o Espírito e não segundo a carne. Ele tem a responsabilidade, mas também o privilégio da santificação. Ele enfrenta sofrimento agora, mas a glória futura espera por ele. Se o cristão continuar a permitir que o Espírito Santo guie e controle a sua vida, então, independentemente das circunstâncias, ele tem a certeza da salvação agora e na eternidade.

1. Poder no Espírito (8:1-4)

(1) Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito. (2) Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. (3) Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; (4) Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. (5) Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito. (6) Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. (7) Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. (8) Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus.

Versículo 1. Aqueles que estão “em” Cristo Jesus – aqueles que crêem nEle, vivem nEle, e O têm habitando neles - não estão sob condenação. Seu registro é limpo à vista de Deus, e suas

³³ Bruce, pág. 156.

próprias consciências estão limpas. O cristão não deve deixar Satanás, outras pessoas, ou sua própria consciência condená-lo por pecados do passado. É claro, se ele ainda vive no pecado, ele deve sentir condenação, e isto deveria motivá-lo a arrepender-se e receber perdão.

O resto do capítulo 8 trata do viver santo e cheio do Espírito. Entretanto, a santidade não ganha a salvação, pois desde o início da vida cristã já estamos livres da condenação. O versículo 1, assim, mostra que a justificação vem antes da santificação. A graça dá antes de requerer.

A última parte do versículo 1 (“que não andam...”) está ausente dos manuscritos mais antigos e, portanto, do texto crítico. Muitos estudiosos da Bíblia supõem que ela foi acrescentada durante o processo de transmissão, sob a influência da mesma frase no versículo 4.

Versículo 2. A lei do Espírito – o princípio espiritual da vida em Cristo Jesus – nos livrou da lei do pecado e da morte. A natureza pecaminosa nos dominou, levando-nos a cometer atos pecaminosos que trazem a morte, e nem a lei de Deus, nem a lei da mente, poderiam nos livrar. Através da habitação do Espírito de Cristo, temos agora liberdade do ciclo vicioso do pecado e da morte.

Versículo 3. A lei de Deus, como dada a Moisés, não podia nos livrar do pecado e da morte. Ela era muito fraca, porque dependia da carne humana fraca para o seu cumprimento. Ela requeria o que a natureza humana pecaminosa não podia prover.

Para remediar esta deficiência, Deus enviou Seu próprio Filho - Ele manifestou-se a Si mesmo em carne – para prover um sacrifício de expiação pelo pecado. Ele não veio em carne pecaminosa, mas na “semelhança” de carne pecaminosa. Jesus Cristo foi plenamente humano em todos os aspectos, mas Ele não teve uma natureza pecaminosa e Ele não pecou (Hebreus 2: 17-18; 4:15; I João 3:5). Ele teve uma completa, inocente, natureza humana, como Adão a teve originalmente. Por Sua encarnação, morte, sepultamento e ressurreição, Jesus Cristo se tornou nosso sacrifício pelo pecado e destruiu o poder do pecado sobre nós.

O *Versículo 4* apresenta o propósito da redenção: para cumprir a justiça da lei *em nós*. O propósito da justificação é a santificação. Jesus Cristo veio para fazer o que a lei não podia fazer – dar-nos poder sobre o pecado, para nos habilitar a satisfazer os requerimentos justos da lei. Deus não nos salvou para que possamos continuar a pecar e ser desculpados. Deus nos salva para que Ele possa cumprir Seu plano original para a raça humana. Ele quer um povo santo – um povo com o qual Ele pode ter comunhão e comunicação.

Como podemos cumprir os requerimentos da lei? Podemos fazer isso somente por andar segundo o Espírito e não segundo a carne (natureza pecaminosa). Devemos viver na dependência diária do Espírito de Deus que habita em nós, confiando nEle para liderança e poder. Não podemos depender da carne. Em vez de tentar satisfazer as demandas da lei por esforços humanos, o Espírito, que habita em nós, nos concede internamente o desejo e o poder para viver de acordo com a vontade santa de Deus. Desta maneira, o Espírito cumpre a profecia de Jeremias 31:31-34. Ali, Deus prometeu fazer uma nova aliança com Seu povo, colocando Sua lei em suas mentes e escrevendo-a nos seus corações.

Bruce explicou desta maneira a vida no Espírito:

A santidade Cristã não é um assunto de meticulosa conformidade aos preceitos individuais de um código externo; ela é antes uma questão do Espírito Santo produzir seu fruto na vida... A lei prescreve a vida de santidade, mas ela era sem poder para produzir tal vida, por causa da incapacidade da matéria humana que tinha para usar. Mas o que a lei foi impotente fazer, Deus fez por nós... Tudo o que a lei requeria, pela conformidade à vontade de Deus, é agora realizado nas vidas daqueles que são controlados pelo Espírito Santo e estão libertos da sua escravidão à velha ordem. Os mandamentos de Deus agora se tornaram a habilitação de Deus?³⁴

Deus não nos dá poder inerente sobre o pecado, para que possamos vencer o pecado em nós mesmos. Em vez disto, Deus mesmo se torna o poder que habita em nós para vencer o pecado. Não

³⁴ Bruce, pág. 162

vencemos o pecado pelas nossas lutas, mas por depender do Seu Espírito. Estamos ainda totalmente dependentes da liderança, controle e poder diário do Espírito. A santificação está baseada num relacionamento íntimo com o Espírito de Deus em tempo integral.

Desta maneira, Romanos 8:1-4 responde ao dilema de Romanos 7:24-25. Através do poder do Espírito, temos a possibilidade de perseguir a santidade.

2. Carne Contra Espírito (8:5-11)

(9) Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. (10) E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça. (11) E, se o Espírito daquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita. Versículo 5.

Há dois princípios no viver, duas atitudes, duas estradas para seguir: podemos caminhar segundo a carne ou segundo o Espírito. Paulo escreveu isto aos cristãos. Naquele contexto, ele não estava meramente contrastando a vida não regenerada com a vida regenerada, mas estava apresentando a escolha ainda aberta ao homem regenerado.

A primeira opção é viver de acordo com a carne (natureza pecaminosa). Isto significa obedecer à carne e deixá-la assumir o controlo. Aqueles que fazem esta escolha colocam suas prioridades na carne. Eles suprem primeiramente as necessidades e desejos do homem físico, e procuram gratificar os desejos pecaminosos. Eles adotam o sistema de valores do mundo e disputam o sucesso mundano, fama, riquezas, possessões materiais e poder, em detrimento do crescimento espiritual.

A segunda opção é viver de acordo com o Espírito. Isto significa seguir a liderança do Espírito e deixar o Espírito tomar o controlo. Aqueles que fazem esta escolha colocam suas prioridades na vontade de Deus. Eles são sensíveis ao Espírito. Eles buscam em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça. Eles são fiéis na oração, estudo da Bíblia, frequência à igreja, e apoio financeiro da obra de Deus.

Como é que podemos determinar que opção estamos fazendo? Devemos avaliar nossas prioridades, uso do tempo, uso do dinheiro, pensamentos, atitudes, vestimentas, ações e entretenimentos. Em todas as coisas devemos comparar nossas vidas com a Palavra de Deus.

Versículo 6. A palavra *carnal* significa “relativo à carne”. Portanto, ser carnal significa ter uma mente segundo a carne. Se escolhermos a primeira opção, a carnalidade – o resultado será morte (versículo 6) e inimizade contra Deus (versículo 7). Claramente, o cristão não pode continuar a viver no pecado, não arrependido, e ainda herdar a vida eterna. Se escolhermos a segunda opção, - espiritualidade – o resultado será vida e paz com Deus.

O *Versículo 7* mostra o resultado da carnalidade. A mente carnal é totalmente contrária a Deus. Ela não obedece à lei de Deus. De facto, como Romanos 7:14-25 mostra, a carne não pode fazer isto.

O *Versículo 8* usa a frase “na carne” como o equivalente a “andar de acordo com a carne, viver de acordo com a carne, atentar para as coisas da carne”. Simplificando, aqueles que estão “na” carne não podem agradar a Deus. O homem não pode salvar ou santificar si mesmo.

O *Versículo 9* faz um contraste entre aqueles que estão “na” carne e aqueles que estão “no” Espírito. Este contraste não é somente entre o não regenerado e o regenerado, mas, como o contexto do capítulo inteiro indica, é o contraste entre aqueles que são controlados pela carne e aqueles que são controlados pelo Espírito, quer sejam nascidos de novo, quer não.

Se o Espírito “habita” em nós, estamos “no” Espírito e não “na” carne. Isto significa mais do que receber o Espírito em algum ponto no tempo; significa ter a presença contínua do Espírito em nossas vidas. Significa mais do que falar em outras línguas, “gritar”, ou exercer dons espirituais; significa deixar o Espírito controlar todos os aspectos de nossas vidas. No contexto, estar “no”

Espírito ou ter o Espírito “habitando” em nós é equivalente a “andar de acordo com o Espírito, viver de acordo com o Espírito, ou atentar para as coisas do Espírito”.

O Versículo 9 acrescenta uma declaração forte com respeito à necessidade de ter o Espírito. Devemos ter o Espírito Santo em nossas vidas, para sermos cristãos. Para poder pertencer a Cristo e herdar vida eterna com Ele, devemos, primeiramente, receber o Espírito Santo e, então, continuar permitindo que o Espírito controle nossas vidas.

Devemos notar que o “Espírito de Deus” é o mesmo que o “Espírito de Cristo”. Não há separação na Bíblia entre Deus, Cristo e o Espírito. Cristo é Deus manifesto. O Espírito Santo é Deus mesmo (Atos 5:3-4). Então, o Espírito Santo é a natureza espiritual do Cristo ressuscitado (II Coríntios 3:17). De facto, se o Espírito habita em nós, temos Cristo em nós (Romanos 8:10).

Versículo 10. Embora estejamos no Espírito, o corpo está morto, por causa do pecado. Mesmo para o crente, o corpo físico é mortal e sujeito à morte, porque ele nasceu numa raça pecaminosa. Talvez o versículo também signifique que a carne está espiritualmente morta ou sem valor. Não obstante, podemos ter vida espiritual agora e na eternidade, por causa de nossa posição de justos à vista de Deus. Como a KJV e a NIV [como também a Bíblia em português] indicam, por não estar a letra E, de *espírito*, em maiúsculo, a ênfase parece ser na vida que gozamos em nosso espírito humano (que certamente vem do Espírito de Deus).

Através desta passagem, o contexto deve determinar se aqui está-se tratando do espírito humano ou do Espírito de Deus, porque o texto grego não distingue entre *espírito* e *Espírito*. Uma vez que o espírito do cristão está submisso e submergido no Espírito de Deus, frequentemente o ensinamento prático é o mesmo, em qualquer dos sentidos.

Versículo 11. A vida espiritual seria uma bênção suficiente, mas Deus também tem um plano para salvar o corpo. Embora devamos morrer fisicamente, um dia o Espírito ressuscitará e glorificará nossos corpos mortais. O Espírito que habita em nós é o mesmo Espírito que habitou em Cristo e O ressuscitou, então, Ele pode e fará a mesma coisa por nós.

Como vemos outra vez, o Espírito de Deus é o mesmo Espírito que habitou em Cristo. Há somente um Espírito de Deus (I Coríntios 12:13; Efésios 4:4); de facto, Deus é Espírito (João 4:24). O Espírito que habitou em Cristo era toda a plenitude da Divindade (Colossenses 2:9). Os títulos de Pai, Cristo, e Espírito não dividem a Divindade em personagens separadas, mas refere-se a relacionamentos, funções, ou ofícios diferentes do único Deus. Qualquer que seja o título que usemos, é o mesmo Deus quem opera. Podemos dizer que o Pai ressuscitou o corpo de Cristo (Atos 2:24; Efésios 1:17-20), ou que Jesus o fez (João 2:19-21), ou que o Espírito o fez (Romanos 8:11):

O resultado de ter o Espírito habitando em nós é duplo. (1) Nós gozamos vida espiritual agora e para sempre. (2) Um dia receberemos ressurreição física e imortalidade.

3. Responsabilidade e Privilégios (8:12-17a)

(12) De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne. (13) Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. (14) Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus. (15) Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. (16) O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. (17a) E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e co-herdeiros de Cristo...

Versículo 12. Comparando os resultados da carnalidade com os resultados da espiritualidade, é claro que somos devedores - mas não devedores à carne. A implicação é que devemos tudo ao Espírito, mas, à carne, não devemos nada. A carne diz: “Você deve divertir-se”, mas, na verdade, não devemos nada à carne, porque ela nunca fez, nem pode fazer, alguma coisa boa por nós. A carne ainda está em nós, mas não devemos viver de acordo com ela.

Versículo 13. Se nós, como pessoas nascidas de novo, persistirmos em viver de acordo com

a carne, morreremos. É por isso que não devemos nada à carne. Vemos aqui, outra vez, uma negação explícita da doutrina da segurança eterna incondicional (“uma vez salvo, salvo para sempre”).

Somos devedores ao Espírito. Em vista daquilo que Deus fez e fará por nós, devemos a Ele o viver de acordo com o Espírito e matar as obras da carne. A palavra *mortificar* significa matar, diminuir ou extinguir a vitalidade do corpo. A palavra básica grega está no presente do indicativo, indicando que devemos continuamente extinguir ou extirpar as práticas da natureza pecaminosa. Podemos fazer isto somente pelo poder do Espírito. Somente fazendo assim, poderemos viver espiritualmente.

Alguém comparou a vida humana com uma árvore. Como pecadores, éramos como árvores produzindo frutos pecaminosos. No arrependimento e batismo nas águas, cortamos a árvore velha de pecado, deixando uma parte do tronco. Quando recebemos o Espírito Santo, um broto foi enxertado no velho tronco. E as duas naturezas começaram a coexistir numa só árvore. Para viver a vida cristã, devemos permitir que o broto novo cresça e produza fruto espiritual. Ao mesmo tempo, devemos continuamente cortar os brotos que saem do tronco velho. Caso contrário, aqueles brotos do tronco (a velha natureza pecaminosa) estenderão seus galhos e envolverão o broto novo (a natureza espiritual), impedindo seu crescimento, fazendo-o, finalmente, murchar e morrer. Através do Espírito, devemos continuamente negar os desejos pecaminosos, recusando nutrir a natureza pecaminosa ou dar-lhe quaisquer oportunidades para vingar.

Versículo 14. Somente aqueles que são guiados (particípio presente) pelo Espírito de Deus são verdadeiramente os filhos de Deus. A salvação não está baseada somente numa única experiência do passado, mas numa submissão ao Espírito ao longo da vida. A pessoa nascida de novo que torna a viver segundo a carne não é “renascida”, mas sim desapropriada e deserdada. Ao nascer de novo, ela tornou-se um filho de Deus, mas, por não permanecer continuamente naquele relacionamento, não gozará os benefícios eternos daquela filiação, a não ser que se arrependa e seja restaurado àquela condição.

O *Versículo 15* usa uma analogia com a adoção. A regeneração, que não é mencionada aqui, refere-se à nossa nova natureza, mas a adoção refere-se à nossa posição e privilégios. Os dois termos são meios complementares de ver o que Deus faz na conversão. A analogia da adoção enfatiza que não somos apenas crianças pequenas, mas filhos adultos e, portanto, herdeiros de Deus.

Quando recebemos o Espírito Santo, não recebemos o espírito de escravidão e temor. Na velha vida, vivíamos sob a escravidão do pecado e podíamos somente temer o julgamento de Deus. Deus nos tem dado o Seu Espírito, para que possamos ter libertação do pecado e um relacionamento amoroso de pai e filho com Ele. A analogia a um escravo, do capítulo 6, ilustrou um princípio importante do viver cristão, mas não é adequado (Romanos 6:19). A analogia da adoção é muito melhor. Antes, não éramos filhos espirituais de Deus e não tínhamos direito à herança espiritual. Deus nos adotou e, assim, nos conferiu todas as Suas riquezas e benefícios, embora não tivéssemos direito a elas.

O Espírito nos adota dentro da família de Deus (Romanos 8:15) e é este o primeiro benefício de nossa adoção (Gálatas 4:6). O Espírito nos habilita a chamar Deus de “Aba, Pai”. *Aba* é a palavra aramaica para pai. Não é a palavra formal, mas a palavra familiar ou íntima que uma criança usaria para chamar seu próprio pai, semelhante à palavra *papai ou paizinho*. Jesus chamou Seu Pai desta forma, na Sua oração agonizante no Getsêmani (Marcos 14:36). Deus nos dá o Espírito do Seu Filho, para que possamos chamá-lo de nosso Pai, da mesma forma que o homem Cristo o fez (Gálatas 4:6).

Versículo 16. O Espírito não somente nos adota, mas atesta nossa condição de filho. Aquele que nasceu de novo tem o Espírito habitando nele, e o Espírito testifica com seu espírito que ele é de facto filho de Deus. A experiência espiritual subjetiva apóia o testemunho objetivo das Escrituras. Isto pode referir-se também ao falar em línguas, ainda que línguas somente não provem a presença do Espírito habitando no crente, se há ausência de fruto espiritual.

Versículo 17 a. Uma vez que Deus nos adotou, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com

o homem Cristo. O filho adotado tem todos os privilégios de um filho natural. Tudo a o que o Filho Unigênito tem direito, nós temos, pela graça. Tudo o que o homem Cristo ganhou por Ele mesmo, como um homem sem pecado, nós herdamos por crer nEle.

Em resumo, a santidade não é somente uma *possibilidade* para nós (Romanos 8:1-4); é também nossa *responsabilidade* ou obrigação (Romanos 8:12-14). Além disso, é nosso *privilégio* (Romanos 8:15-17).

4. Sofrimento e Glória (8:17b-30)

(17b)... Se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados. (18) Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada. (19) Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. (20) Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, (21) Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. (22) Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. (23) E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo. (24) Porque em esperança fomos salvos. Ora a esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê como o esperará? (25) Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos. (26) E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. (27) E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos. (28) E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. (29) Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. (30) E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou.

Versículo 17 b. Se somos verdadeiramente co-herdeiros com Cristo, então devemos estar prontos a participar do Seu sofrimento, bem como da Sua glória. Comunhão com Cristo inclui ambos. Muitas pessoas querem conhecer a Cristo no “poder da Sua ressurreição”, mas poucos estão dispostos a conhecê-lo na “comunhão do Seu sofrimento” (Filipenses 3:10). Não podemos colaborar com Cristo na redenção, mas devemos renunciar à vida do mundo, para ganhar a vida celestial (Lucas 9:23-25). Devemos participar do sofrimento de Cristo, antes de podermos gozar da Sua glória (I Pedro 4:12-13). A morte vem antes da ressurreição, o Calvário, antes do Pentecostes.

A ênfase da frase está na glória. O sofrimento terreno é apenas o prelúdio da glória eterna.

Versículo 18. O sofrimento presente não deveria desanimar-nos, pois a glória futura será muito maior do que o sofrimento de hoje. De facto, a glória por vir excede em muito o sofrimento presente, a ponto de este último não merecer sequer ser mencionado. Quando Jesus disser: “Muito bem, servo bom e fiel” e enxugar todas as lágrimas de nossos olhos, saberemos que valeu todo o sofrimento.

Versículo 19. Nossa glória futura é tão grande que toda a criação espera ansiosamente a revelação de nosso novo estado, como filhos de Deus. Os versículos 19-22 personificam a criação e atribuem a ela todas as emoções humanas de antecipação e anelo. (A *KJV* traduz a mesma palavra grega como “criatura”, nos versículos 19, 20 e 21, e, como “criação” no versículo 22. Esta última (criação) é a preferida nas traduções mais modernas da Bíblia).

No pensamento de Deus, somos já Seus filhos, mas isto ainda não foi revelado ao mundo. O mundo ainda não goza as bênçãos que virão quando Cristo estabelecer Seu reino na terra, e nós reinarmos com Ele.

Versículo 20. A criação anela a libertação, porque ela está sujeita à “vaidade”, “futilidade ou frustração”, como é traduzido em outras versões da Bíblia. A criação, em si mesma, está agora sob a

maldição do pecado. A natureza não escolheu voluntariamente ficar assim, mas Deus a colocou sob a maldição, por causa do pecado da Sua mais elevada criação e criatura feita à Sua imagem, o homem. Deus falou a Adão, *“Maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo”*. (Gênesis 3:17-18). A morte entrou no mundo através do pecado (Romanos 5:12). Aparentemente, o estresse, a desarmonia, a doença, a morte, a decomposição, e a destruição eram desconhecidos na criação de Deus, até à queda do homem. Naquele tempo, Deus sujeitou a natureza à maldição, entretanto, Ele o fez em esperança.

Versículo 21. Aquela esperança é a libertação futura da criação da sua escravidão à decomposição, libertação esta que ocorrerá quando os filhos de Deus entrarem na sua plena herança. Um dia, a natureza não estará mais sob a maldição (Apocalipse 22:3). Deus restaurará a criação à sua beleza, harmonia e paz original. Aparentemente, isto envolverá uma mudança na competição pela vida, na natureza dos predadores, e na “sobrevivência dos mais hábeis”. Agora, numa escala limitada, muitas plantas e animais coexistem num relacionamento harmonioso benéfico a ambos, uma condição conhecida na biologia como simbiose. As abelhas vivem do néctar das plantas e, por seu turno, asseguram a propagação das plantas, ao carregar o pólen de flor em flor. Alguns pássaros tiram insetos e parasitas de animais grandes, recebendo sua refeição por seus esforços. O homem cuida de rebanhos de vacas leiteiras e recebe, troca, leite, manteiga e queijo. Tudo indica que, quando Cristo estabelecer Seu reino na terra, ele restaurará a criação a seu equilíbrio, seu relacionamento simbiótico, onde nada será ferido ou destruído (Isaías 11:6-10).

O *versículo 22* descreve graficamente o atual curso das coisas, ao personificar a natureza e descrever sua agonia. A criação inteira está gemendo e em dores de parto, até que venha a nova ordem das coisas chegue à existência. É possível que isto descreva o desequilíbrio e as convulsões físicas de nosso planeta, evidenciado pelos furacões, tornados, vulcões, e terremotos.

Versículo 23. Não somente a criação geme e luta sob a maldição e deseja a libertação, mas nós também, que temos o Espírito, o fazemos. Não recebemos, ainda, a salvação final. O Espírito Santo representa “as primícias” – a colheita inicial do fruto amadurecido antes do tempo próprio da colheita. [A Bíblia em português, nesta passagem, fala do penhor do Espírito]. O Espírito Santo é somente o sinal inicial, a entrada, a garantia de nossa herança final (Efésios 1:13-14).

Ainda lutamos com a natureza pecaminosa, fraqueza física, enfermidade, e mortalidade. Ainda estamos aguardando a herança plena, o complemento de nossa adoção como filhos, que é a redenção de nosso corpo. Gozamos a salvação espiritual agora e somos já filhos de Deus, mas ainda não recebemos todos os benefícios da salvação. Quando Cristo vier, a natureza do pecado será destruída, e nossos corpos mortais se tornarão imortais. Nossa adoção será reconhecida diante de todos, e nós receberemos a plenitude da nossa condição de filhos.

Versículo 24. Fomos salvos nesta esperança da glorificação futura. Em tempos de desânimo, devemos lembrar-nos que esperança significa esperar por algo que ainda não vemos. Se pudéssemos vê-la, e tê-la agora, não haveria necessidade de esperança.

Versículo 25. Uma vez que estamos vivendo pela esperança daquilo que não vemos, devemos ter paciência. Através da fé e paciência herdamos a promessa (Hebreus 6:12). Vemos mais uma vez que salvação não é simplesmente uma confissão de fé num ponto determinado do tempo, mas uma vida inteira de confiança paciente em Deus.

Versículo 26. A esperança da glória futura deveria ser o suficiente para nos sustentar nos sofrimentos presentes, mas a graça de Deus tem ainda mais para nos oferecer. Deus não somente promete libertação futura, mas também provê ajuda presente, por Seu Espírito. Da mesma forma que Deus nos dá esperança para futuro, Ele também nos ajuda nas provas de hoje. A palavra grega traduzida por “enfermidades” na *KJV* significa fraqueza humana e limitações, não doenças. [A Bíblia em português usa a palavra fraquezas].

Há momentos em que sabemos o que precisamos, e sabemos como orar pela situação. Muitas vezes, entretanto, não conhecemos a resposta para nossos problemas, e, portanto, nem sabemos como orar acerca do assunto. Em tais casos, o Espírito intercede em nosso favor com

gemidos inexprimíveis. Há um nível profundo de oração intercessória, na qual o Espírito toma o controle de nossas mentes e ora através de nós. Isto pode certamente incluir o falar em línguas, que I Coríntios 14:15 descreve como o orar “com o espírito”. Isto pode significar, também, gemidos e suspiros, enquanto estamos em oração intercessória. Nem toda a oração está neste nível, mas, às vezes precisamos a esta profundidade de oração. Se desejamos ser uma igreja sobrenatural, de avivamento, e ter a palavra de sabedoria, palavra de conhecimento, e o discernimento de espíritos, então devemos ter oração intercessória, no Espírito.

Versículo 27. Quando o Espírito ora através de nós desta maneira, podemos ter confiança que nossas orações estão na vontade de Deus. O Espírito de Deus certamente fará intercessão, de acordo com a vontade de Deus, pois o Espírito é o próprio Deus (Atos 5:3-4). Portanto, o Deus que ouve nossas orações e conhece nossos pensamentos certamente conhecerá a mente do Espírito.

O Versículo 27 não separa a Divindade em duas pessoas, com uma pessoa intercedendo e uma outra pessoa ouvindo a oração. Se assim fosse, quem seria o intercessor – o Espírito Santo (Versículo 26) ou Cristo (versículo 34)? Quem é O que sonda os corações – Deus (o Pai) (versículo 27) ou o Espírito Santo (I Coríntios 2:10)? O Espírito é simplesmente Deus em atividade. O Espírito não é mais uma pessoa separada de Deus do que o espírito do homem é uma pessoa separada daquele homem. Da mesma forma que o espírito do homem conhece seus pensamentos, o Espírito de Deus conhece a mente e vontade de Deus (I Coríntios 2:11).

O *Versículo 28* proclama a providência de Deus. Não somente temos assegurado o nosso futuro, mas também o nosso presente. Se Deus tem glória futura para nós, e estamos agora no caminho que leva a ela, então o próprio presente deve estar nas mãos de Deus. Deus sabe como lidar com as nossas atuais, incluindo o sofrimento, para que resultem no nosso. Alguns manuscritos dizem: “Todas as coisas cooperam juntas”; outros dizem, “Deus opera todas as coisas juntas”.

Deus está no controle de nossas vidas, e Ele não deixará que circunstâncias externas impeçam Sua vontade para nossas vidas. Ele nunca permitirá algo tão terrível que Ele não pode consertar. Ele nunca permitirá uma tentação grande demais para nós, ou uma tentação sem meios de escape (I Coríntios 10:13). Ainda quando Satanás faça o mal cair sobre nós, Deus trará o bem, apesar disto. Deus pode até usar o mal para fazer coisas boas acontecerem. Por exemplo, homens pecaminosos fizeram José se tornar um escravo e, finalmente, um prisioneiro numa terra estranha, mas Deus usou aquelas mesmas circunstâncias para exaltar José e livrar sua família da fome. Seus irmãos agiram maliciosamente, mas Deus permitiu-lhes agir assim, para trazer o bem (Gênesis 50:20). Semelhantemente, Deus mudou a pretendida maldição de Balaão sobre Israel em uma bênção (Deuteronômio 23:5). (Veja também Provérbios 12:13, 21; Esdras 8:22-23.).

Romanos 8:28 não significa que podemos sempre identificar resultados positivos de cada provação ou tragédia. Todas as coisas operam “juntas” para produzir o derradeiro bem. Os ingredientes individuais de um bolo podem ser muitos ruins ou de sabor desagradável, quando provados ou comidos isoladamente, mas, quando são misturados nas proporções corretas, e o bolo é assado da maneira correta, o resultado final é muito saboroso. Muitas cores diferentes – escuras e claras – são usadas juntas para produzir uma linda tapeçaria ou pintura. Todas as experiências da vida, tomadas juntas, moldam nosso caráter, fazem-nos o que somos e nos trazem até aonde estamos. Há ocasiões em que as provações nos motivam a servir a Deus, desenvolver nosso caráter, manter-nos num estado de dependência em Deus. Sem elas, somente Deus sabe como nós seríamos. No final, quando alcançarmos o céu e olharmos para trás na vida como um todo, seremos capazes de confessar: “todas as coisas cooperaram juntas para o nosso bem”.

Esta promessa é somente para aqueles que amam a Deus e que são chamados de acordo com Seu plano. Se não amamos a Deus com uma entrega e comprometimento total, ou se não estamos vivendo de acordo com Seu plano, então devemos nos arrepender e corrigir nossas vidas, antes de poder reivindicar a promessa.

O *Versículo 29* demonstra a providência de Deus, apresentando Seu plano eterno para a salvação do homem. Este plano tem cinco fases:

(1) *Presciência.* O plano de Deus começou com Seu conhecimento do futuro. Antes que Ele

criasse o homem, Ele sabia que o homem cairia no pecado. Consequentemente, antes da criação do mundo Ele já tinha planejado o Calvário (I Pedro 1:18-20). Ele previu que alguns homens aceitariam Sua oferta de salvação e que Ele teria uma Igreja, por isso Ele desenhou o plano de salvação eterna para Sua Igreja.

(2) *Predestinação*. Deus predestinou Sua igreja para ser moldada na semelhança do Seu Filho. Predestinar significa preordenar, determinar antes, planejar antes do tempo, sem nenhuma possibilidade de alteração. Predestinação aplica-se ao plano de Deus, e não ao destino de cada indivíduo. Deus predestinou a encarnação, a expiação, a igreja e a derradeira salvação de todos na igreja. Estes eventos foram destinados para acontecerem, apesar de qualquer outra coisa. O indivíduo ainda tem a liberdade de escolher se quer ou não ficar na igreja. O pronome “aos” (àqueles que) está no plural, indicando que um grupo é predestinado, não o indivíduo.

O ponto é que a salvação do crente não é somente um desejo ou uma mera possibilidade. Ela é um evento absolutamente certo, se tão somente o crente permanecer no plano de Deus. Além disso, a salvação consistirá de uma transformação na imagem do Filho, a imagem de Deus em carne humana. Nós não nos tornaremos deuses, mas receberemos uma natureza sem pecado e um corpo imortal semelhante àquele do homem Cristo.

Deus não pretendia para o Filho fosse o único homem a vencer o pecado e a morte. Deus veio em carne, para poder ter muitos filhos. O homem Cristo é o primeiro na família espiritual de Deus, mas Deus pretende que o Filho tenha muitos “irmãos mais novos” que entrem na família depois dEle. Cristo é nosso irmão (Hebreus 2:17). Ele é o primogênito, pelo facto de ser Ele é o cabeça da igreja, ter preeminência, e ter sido o primeiro a vencer o pecado e a morte (Colossenses 1:15, 18; Apocalipse 1:5). Devemos seguir em Seus passos e nos tornar co-herdeiros com Ele (Romanos 8:17). Se colocarmos nossa fé nEle, algum dia nos tornaremos verdadeiramente como Ele é (I João 3:2). Quando nossas faltas e falhas provocam o desânimo, não devemos nos entregar, pois, se tão somente permanecermos no plano de Deus, temos a garantia de vitória derradeira total e permanente.

Versículo 30.

(3) *Chamada*. Primeiramente, Deus sabia que Ele teria uma igreja, então, Ele predestinou Sua salvação final. Baseado no Seu plano, Ele então começou a chamar os homens para se submeterem ao ele. A oferta de salvação se estende a todos (João 3:16; II Pedro 3:9; Apocalipse 22:17), mas somente aqueles que respondem em fé são escolhidos. “*Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos*” (Mateus 20:16). Romanos 8:30 fala de uma chamada efetiva. Somente aqueles que respondem à graça de Deus são efetivamente chamados para fora do pecado. Eles se tornam “os chamados”. A palavra grega é *ekklesia*, que significa “chamados para fora”.

(4) *Justificação*. Deus justifica aqueles que Ele chama para fora do pecado. Ele os considera como justos.

(5) *Glorificação*. O passo final na salvação do homem é a glorificação, que é a culminação do processo de santificação. Finalmente, os justos receberão corpos sem pecado e glorificados.

O Versículo 30 fala da glorificação no passado, embora a seção toda indique que ela está no futuro. Isto mostra que, na mente de Deus, a glorificação é como se já tivesse acontecido. Ela é absolutamente certa. Deus já a proveu para nós; nós estamos simplesmente esperando para recebê-la publicamente. Aos olhos do mundo, não somos nada, mas, aos olhos de Deus, somos reis e sacerdotes. Já somos Seus filhos; estamos somente esperando a revelação de nosso estado (Romanos 8:19). Se tão somente permanecermos no programa de Deus, certamente herdaremos a glória eterna com Jesus Cristo. Esta seção termina como iniciou – com uma promessa de glória futura com o Senhor.

5. Segurança de Salvação (8:31-39)

(31) *Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? (32) Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas? (33) Quem tentará acusação contra os escolhidos de*

Deus? É Deus quem os justifica. (34) Quem é que condena? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. (35) Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? (36) Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia; Somos reputados como ovelhas para o matadouro. (37) Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. (38) Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, (39) Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.

Romanos 6-8, que descreve a vida cristã vitoriosa, é a mais gloriosa seção de Romanos. O capítulo 8 é o ponto alto desta seção, e os versículos 31-39 são o ápice daquele capítulo. Em resumo, estes versículos são o desenvolvimento de todo o Livro de Romanos.

Esta seção final de Romanos 8 proclama garantia de salvação. A provisão de salvação de Deus permanecerá, apesar das circunstâncias e de toda oposição. Esta não é a doutrina da eleição incondicional, nem a doutrina da segurança eterna incondicional, mas a doutrina da garantia de salvação. Se quisermos ser salvos, podemos sê-lo. Se escolhermos permanecer em Cristo e manter nossa fé nEle, absolutamente nada poderá tirar nossa salvação.

Versículo 31. À vista do grande plano de Deus para a salvação da humanidade, o que podemos concluir? Primeiro, Deus é nosso protetor. Com Deus ao nosso lado, não importa quem se nos opõe. Com Sua ajuda podemos vencer toda oposição. Deus mais uma pessoa sempre constituem uma maioria. *“O Senhor está comigo: não temerei. Que me poderá fazer o homem?”* (Salmo 118:6).

Versículo 32. Deus é nosso provedor. Deus deu Sua mais alta dádiva, quando deu Seu Filho unigênito para morrer por nós. *“Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos”.* (João 15:13). Se Deus estava disposto a assumir a vida humana e abrir mão daquela vida por nós, certamente Ele nos dará, gratuitamente, qualquer outra coisa que precisemos, para permanecer até o fim. Se Ele já pagou o mais alto preço, podemos descansar seguros que Ele nos proverá com graça sustentadora, durante o resto deste caminho. Ele não nos trouxe até este ponto para nos deixar. Ele protegerá Seu custoso investimento em nós.

Versículo 33. Deus é o nosso justificador. Quem pode nos condenar, quando Deus nos proclama justos? Se Deus, o Juiz Supremo, nos absolve, ninguém pode dizer que somos culpados.

Versículo 34. Ninguém pode nos condenar, porque recebemos perdão através da morte, ressurreição e atual intercessão de Cristo. Sua morte comprou a nossa justificação, e Sua ressurreição tornou Sua morte efetiva (Romanos 4:25). Sua presente intercessão refere-se à disponibilidade presente do sacrifício de Cristo para cobrir nossos pecados. Mesmo se pecamos, após nossa justificação inicial, podemos receber perdão, pela confissão, pois Cristo presentemente atua como nosso advogado (I João 1:9; 2:1). Isto não significa que Cristo está presentemente orando por nós, ou oferecendo sacrifício em nosso favor, pois Ele ofereceu um sacrifício pelos pecados de uma vez para sempre, e Sua obra de expiação foi completa (Hebreus 10:10-14). O que isto significa é que a aplicação da Sua expiação continua, pois Seu sacrifício de expiação está sempre presente diante de Deus. Ela ainda está disponível para ser aplicada às nossas vidas e pagar pelos nossos pecados.

O versículo 34 diz que Cristo está à direita de Deus. Isto não é um posicionamento físico de dois deuses, pois há um só Deus, que é um Espírito invisível. Cristo é Deus manifestado em carne humana, e Deus não tem nenhum corpo físico à parte de Cristo. Há um trono no céu, e Um naquele trono – Jesus (Apocalipse 4:2; 22:3-4). Através da Bíblia a mão direita é símbolo de poder e preeminência (Êxodo 15:6; Salmo 110:1; Mateus 26:64; Efésios 1:20-22; I Pedro 3:22). Na cultura bíblica, o braço direito representa força. O lugar mais honrável numa festa era o assento à mão direita do anfitrião.

Por Seu sacrifício, então, o homem Cristo ganha a posição suprema de poder. Ele tem o poder para nos salvar. Através da Sua expiação, nós temos acesso imediato à sala do trono. Hebreus

10:12 usa o mesmo simbolismo para sublinhar a finalidade da obra expiatória de Cristo: “Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus”.

Versículo 35. Os últimos cinco versículos concluem que nenhuma força externa pode separar-nos de Deus (apesar de podermos nos afastar dEle, da mesma forma que escolhemos vir a Ele). Para demonstrar este ponto, esta seção regista todos os possíveis obstáculos e conclui que, mesmo assim, eles não podem nos separar do amor de Deus. Podemos os classificar em seis categorias:

(1) *Circunstâncias Adversas*, inclusive tribulação (problemas), aflição (miséria), perseguição, fome, nudez, perigo (risco) e espada (morte violenta). Como II Coríntios 11:23-33 revela, Paulo falou de uma experiência pessoal considerável em todas estas áreas.

O *Versículo 36* cita Salmos 44:22, para mostrar que o povo de Deus frequentemente enfrenta sofrimento e morte pela causa de Deus.

Versículo 37. Mesmo nestas circunstâncias severas, ainda somos mais que vencedores através de Cristo. Nós não vamos ter prolongar a nossa luta contra o inimigo até o último segundo, para obter a vitória somente pouco antes de desmaiar, exaustos. Não precisamos ficar tão esgotados que mal possamos nos arrastar através dos portões de pérola. Ao contrário, somos super vencedores. No Espírito, temos poder mais do que suficiente para vencer todos os inimigos. Através de Cristo, esmagaremos totalmente Satanás debaixo de nossos pés (Romanos 16:20).

Versículo 38. Paulo falou de uma convicção firme, baseada na Palavra de Deus, a inspiração do Espírito e na sua própria experiência.

(2) *Vida e morte.* Algumas pessoas temem o que a vida pode nos proporcionar; outros temem a morte. Nem as vicissitudes das circunstâncias da vida, nem a experiência desconhecida da morte podem nos separar do amor de Deus.

(3) *Poderes de todos os tipos* - anjos (bons ou maus), governadores (humanos ou espirituais) e qualquer outro tipo de poder (natural ou sobrenatural).

(4) *Tempo* - eventos do presente e do futuro.

Versículo 39.

(5) *Espaço* - todo o espaço, do ponto mais alto à maior profundidade. O tempo e espaço cobrem todas as dimensões do pensamento finito do homem.

(6) *Qualquer outra coisa na criação* - qualquer outro ser criado, qualquer outra coisa concebível, qualquer coisa não coberta pelas categorias precedentes.

Depois de registar exaustivamente todas as possibilidades, o versículo 39 afirma que nada pode nos separar do amor de Deus, o qual temos recebido através de nosso Senhor Jesus Cristo. Nós temos garantia de salvação.

Ao concluir Romanos 8, devemos notar a importância que este capítulo coloca no Espírito de Deus. O Espírito nos dá poder para viver como justos (versículo 4) e nos dará o poder da ressurreição (versículo 11). O Espírito nos adota para a família de Deus (versículo 15) e é o penhor de nossa herança (versículo 23). Em resumo, devemos ter o Espírito habitando em nós, para sermos verdadeiros cristãos (versículo 9). Através do poder do Espírito Santo, temos vida abundante e vitoriosa.

V.

A Condição de Israel

(9:1-11:36)

A rejeição da justiça de Deus por Israel, em relação ao passado, presente e futuro.

A. As Promessas de Deus Não São para Todos do Israel Natural (9:1-13).....	86
B. A Soberania de Deus (9:14-29).....	90
C. A Rejeição de Deus por Israel Deve-se à sua Incredulidade (9:30-10:21).....	94
D. O Remanescente Presente e a Restauração Futura de Israel (11:1-36).....	102
1. A rejeição de Israel é somente parcial (11:1-10)...	102
2. A rejeição de Israel é somente temporária (11:11- 32).....	104
3. Doxologia (11:33-36).....	108

A Condição de Israel

(9:1-11:36)

Para os leitores modernos, esta porção de Romanos é um parêntesis; ela não parece estar diretamente ligada à proposição central do livro. Para as pessoas dos dias de Paulo, entretanto, esta seção teve uma relevância imediata, porque respondeu a objeções que estavam sendo feitas, na época, ao evangelho. Estas objeções originaram-se do relacionamento de Israel com o evangelho, particularmente a aparente eliminação de todas as distinções entre judeus e gentios, o evangelho, tanto quanto a, ainda hoje, quase universal rejeição judaica do evangelho. Romanos 3:1-4 antecipou-se a tais objeções.

Especificamente, a rejeição judaica do evangelho levou o povo levantar as seguintes questões: (1) Se a doutrina da justificação pela fé não era nova, mas estava baseada no Antigo Testamento e no patriarca hebreu, Abraão, por que o povo de Israel, escolhido por Deus, não a estava recebendo? Podemos ver a força desta objeção, através de uma questão semelhante em nossos dias: Se a Bíblia, na verdade, ensina o batismo em nome de Jesus, o batismo do Espírito Santo, com a evidência de falar em outras línguas, e a Unicidade de Deus, por que estas doutrinas não são aceitas pela grande maioria da Cristandade histórica? (2) Por que Deus tem, aparentemente, rejeitado Israel, Seu povo escolhido, em favor de uma igreja predominantemente de gentios? (3) O que acontecerá com as promessas de Deus a Israel? Elas ficarão sem se cumprir? A Sua Palavra falhará?

Além disso, havia o perigo de que os cristãos gentios desacreditassem os judeus, até mesmo os judeus cristãos, por causa da aparente rejeição da nação judaica por Deus. Ao mesmo tempo, havia o perigo oposto de que os cristãos judeus reagissem a esta situação, enfatizando indevidamente suas tradições judaicas.

Os capítulos 9-11 de Romanos dão as seguintes respostas às objeções antecedentes, colocando a posição de Israel na sua própria perspectiva: (1) As promessas de Deus nunca foram feitas a todo o Israel natural, mas somente para os verdadeiros filhos verdadeiros, isto é, para aqueles que andavam pela fé. (2) Deus é absolutamente soberano nas Suas ações, e nós não temos o direito de questionar Suas decisões. (3) Na verdade, a rejeição de Israel por Deus não é arbitrária; é devida à descrença e obstinação de Israel. (4) A rejeição de Israel por Deus é somente parcial e temporária. Deus ainda tem um lugar para os judeus no Seu plano divino.

Algumas pessoas usam esta passagem para ensinar a doutrina calvinista da predestinação ou eleição incondicional. Esta doutrina declara que Deus mesmo decide e predetermina quem será salvo e quem será perdido, sem a interferência da fé ou escolha humanas. Romanos não ensina esta doutrina. Esta seção, como um todo, discute a posição nacional, e não a salvação individual. Ela proclama a soberania de Deus, mas também a escolha livre do homem e a responsabilidade moral individual.

A. As Promessas de Deus Não São Para Todos do Israel Natural (9:1-13)

(1) Em Cristo digo a verdade, não minto (dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo): (2) Que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. (3) Porque eu mesmo poderia desejar ser anátema de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; (4) Que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e as alianças, e a lei, e o culto, e as promessas; (5) Dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém. (6) Não que a palavra de Deus haja faltado, porque nem todos os que são de Israel são israelitas; (7) Nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. (8) Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência. (9) Porque a palavra da promessa é esta: Por este tempo virei, e Sara terá um filho. (10) E não

somente esta, mas também Rebeca, quando concebeu de um, de Isaque, nosso pai; (11) Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), (12) Foi-lhe dito a ela: O maior servirá o menor. (13) Como está escrito: Amei a Jacó, e odiei a Esaú.

Versículo 1. Os primeiros três versículos incluem uma introdução muito pessoal a esta secção, expressando a preocupação profunda de Paulo para com Israel. Ele começou afirmando, em termos fortes, sua sinceridade. Ele podia dizer estas coisas, como um cristão, com uma consciência limpa e sem nenhuma reprovação do Espírito Santo que nele habitava.

Versículo 2. Ele vivia com grande tristeza (mágoa) e dor (angústia) incessante. Estas palavras revelam a intensidade da sua preocupação para com os judeus não salvos, que tinham rejeitado Seu Messias, Senhor e Salvador.

Versículo 3. Sua preocupação era tão forte que ele desejava ser, ele mesmo, anátema e, portanto, separado de Cristo, se isto pudesse salvar os judeus, seus compatriotas. Este sentimento é muito difícil de ser compreendido por nós, porque a lei da auto-preservação está instintivamente diante de nossas mentes. Devemos compreender as palavras de Paulo como uma expressão de emoção, entretanto, ilógica. Ele não disse realmente que desejava isto, somente que “poderia desejar”. Nem disse que isso poderia de facto acontecer, pois ele ensinou que somos salvos somente por aquilo que Cristo fez por nós. Ele sabia que não poderia acrescentar nada à obra expiatória de Cristo, mas estava disposto a fazer qualquer sacrifício necessário para alcançar os judeus com o evangelho. Ele sentiu o verdadeiro amor de Cristo por eles. Paulo sabia que não poderia efetivamente tomar lugar deles, mas Cristo o fez, tornando-se “maldição” por eles na cruz (Gálatas 3:13), e Paulo sentiu o mesmo amor que motivou a Cristo.

A preocupação de Paulo por seu povo pode ser comparada à oração intercessória de Moisés em favor dos israelitas, depois que eles adoraram o bezerro de ouro: “Agora, pois, perdoa o seu pecado, se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito” (Êxodo 32:32). Deste exemplo destes dois ganhadores de almas bem sucedidos, podemos aprender muito acerca da preocupação intercessória e amor para com os pecadores.

Um fator que contribuía para aumentar a preocupação pessoal de Paulo era a ligação de parentesco natural. Ele, naturalmente, tinha um amor especial por aqueles da sua própria nação. É claro que isto não o impedia de pregar àqueles de outras nações e raças; de facto, ele se tornou o maior missionário já enviado aos gentios.

Versículo 4. O próprio povo de Paulo eram os israelitas. Nos versículos 4-5 ele registou as bênçãos especiais, privilégios, ou vantagens que Deus tinha dado aos judeus, coisas estas que fizeram a sua rejeição do evangelho ainda mais trágica. (A lista responde mais completamente à objeção de 3:1).

(1) *A adoção* (condição de filho). De todas as nações, Deus escolheu os israelitas primeiro, para os abençoar e usar de maneira especial no Seu plano. “Israel é meu filho, meu primogênito” (Êxodo 4:22).

(2) *A glória.* Deus revelou Sua glória a Israel, como a nenhuma outra nação. Em particular, Sua *shekinah* (nuvem de glória visível) habitou com eles no Tabernáculo.

(3) *As alianças.* Eles foram os herdeiros de alianças mútuas e especiais entre Deus e Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, e David.

(4) *A legislação.* Eles receberam a mais alta revelação da Palavra de Deus e da Sua vontade até aquela época - os Dez Mandamentos e a lei de Moisés, dados no Monte Sinai.

(5) *O culto.* Deus lhes deu ordenanças religiosas especiais que ensinavam grandes verdades espirituais. Eles estavam numa posição em que podiam servir a Deus mais completamente do que qualquer outro povo.

(6) *As promessas.* Todas as promessas do Antigo Testamento pertenciam a eles, incluindo as promessas de salvação, libertação, cura, proteção, preservação, prosperidade, e outras bênçãos.

Versículo 5.

(7) *Os patriarcas*. Eles tinham uma linhagem ilustre de grandes homens de fé e coragem, começando com Abraão.

(8) *O Messias*. Finalmente, e acima de tudo, o Salvador do mundo veio através da sua linhagem humana. (A palavra grega *Cristo* é equivalente à palavra hebraica *Messias*, ambas significando “O Ungido”). Infelizmente, a nação judaica como um todo rejeitou este último e maior privilégio, quando rejeitaram Jesus Cristo. Como homem, Jesus Cristo nasceu dos judeus. O versículo 5 acrescenta, rapidamente, no entanto, que Ele é também Aquele que governa sobre tudo, o Deus supremo. Ele é o Deus que é bendito e que deve ser bendito para sempre. Segundo a carne, Ele era um judeu; segundo o Espírito, Ele era e é Deus. A descrição da humanidade e divindade de Cristo, aqui, corresponde a uma declaração semelhante encontrada no capítulo 1:3-4. Esta declaração encontrada em 9:5 é, de toda a epístola, a afirmação mais direta e poderosa da suprema divindade de Jesus Cristo. Ela O identifica como o único Deus do Antigo Testamento, pois um judeu jamais usaria o título *Deus* para se referir a qualquer um, a não ser Jeová: “*Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR!*” (Deuteronômio 6:4).

Algumas versões modernas tentam quebrar a última parte do versículo 5 em duas partes, separando as referências a Cristo e a Deus. Assim a *Revised Standard Version* traduz, “Bendito para sempre seja Deus sobre tudo”. Tal tradução provoca uma quebra anormal, artificial, neste versículo e não cabe no contexto. A última parte deste versículo está descrevendo a Cristo; não há, portanto, razão para ela concluir com um louvor a Deus, não relacionado com o tema e à parte de Cristo. É mais natural vê-lo como um paralelo do capítulo 1:3-4, descrevendo a humanidade e divindade de Cristo, e como um paralelo do capítulo 1:25, um louvor semelhante que se refere ao substantivo precedente.

Versículo 6. Depois de apresentar o problema – a condição não salva de Israel, a passagem explica que a falta não está com Deus. A Palavra de Deus não falhou. A implicação é que os judeus têm falhado com Deus.

Embora os judeus fossem o povo escolhido de Deus, a falta de Israel em aceitar o evangelho não significava que a Palavra de Deus tivesse sido ineficaz, ou que o propósito de Deus tivesse falhado. Os versículos 6-13 demonstram que, desde o início, as promessas de Deus não foram feitas para toda a descendência natural de Abraão, mas somente para aqueles que andavam na fé de Abraão. (Veja 4:12-13). Há uma distinção entre o Israel natural e o Israel espiritual. Nem todos os israelitas por descendência natural são israelitas espirituais, pela fé. Assim, não era de se esperar que todo o Israel natural herdasse as promessas de Deus.

Versículo 7. Simplesmente porque alguém é um descendente físico de Abraão, isto não faz dele um filho espiritual de Abraão ou um herdeiro das promessas de Deus para Abraão. Assim como João Batista pregou: “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento, e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão”. (Lucas 3:8).

Demonstrando que nem todos os descendentes naturais de Abraão eram, automaticamente, herdeiros das promessas espirituais, Paulo citou Gênesis 21:12. Em Gênesis 21:10-12, Deus escolheu Isaque como o legítimo herdeiro de Abraão e, especificamente, excluiu Ismael daquela posição.

Versículo 8. Ismael foi o filho que Abraão teve com Hagar, serva de Sara. Como tal, ele representava um esquema prematuro de Abraão e Sara para fazer a promessa de Deus se cumprir por meios naturais. Ele não era filho da esposa legítima de Abraão e não era o cumprimento da promessa de Deus de dar a Abraão e Sara um herdeiro. Isaque, ao contrário, nasceu como resultado da obra miraculosa de Deus. Ele foi o cumprimento direto da promessa de Deus. Assim, os descendentes de Ismael eram somente descendentes de Abraão segundo a carne; eles não tinham o direito às promessas especiais que Deus deu aos herdeiros de Abraão. Deus pretendia que Suas promessas a Abraão fossem cumpridas nos descendentes de Isaque; eles eram os herdeiros verdadeiros.

Versículo 9. Gênesis 18:10 e 18:14 registam a promessa de Deus de que Sara daria à luz um

filho que seria herdeiro de Abraão. Isaque, não Ismael, foi o cumprimento daquela promessa. A implicação da discussão precedente é esta: de início, Deus estabeleceu a dicotomia entre os descendentes naturais de Abraão e seus herdeiros espirituais, de modo que Ele não é injusto em ainda fazer a mesma distinção.

Versículo 10. Os versículos 10-13 dão um segundo exemplo deste princípio: A história de Jacó e Esaú, ambos filhos de Isaque e Rebeca. Como os versículos 12-13 explicam, Deus escolheu Jacó como o herdeiro, mas excluiu Esaú.

O *Versículo 11* é parentético. Ele explica que a escolha de Deus de fazer Jacó o herdeiro não se baseou nas boas ou más obras dos dois irmãos. Deus fez a escolha antes que eles nascessem. Isto mostra que a decisão baseia-se no poder e soberania de Deus e não nos esforços dos homens.

Versículo 12. Como registado em Gênesis 25:23, Deus revelou a Rebeca que seu filho menor, Jacó, ganharia ascendência sobre seu filho mais velho, Esaú. Esta profecia aplicou-se primeiramente a seus descendentes, antes que aos dois irmãos individualmente, pois em nenhum lugar, no livro de Gênesis, achamos Esaú efetivamente servindo a Jacó. De facto, a profecia completa em Gênesis 25:23 é “Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor”. Deus escolheu os descendentes de Jacó para serem os herdeiros espirituais, não os descendentes de Esaú.

Versículo 13. Como suporte adicional, o versículo 13 cita Malaquias 1:2-3. Malaquias escreveu séculos depois dos eventos de Gênesis, portanto, a referência outra vez é para duas nações, não dois indivíduos.

A declaração, “Amei a Jacó, mas odiei” não significa que Deus detestou Esaú, repugnou-se dele, ou guardou animosidade pessoal e inimizade contra ele. Em vez disto, é uma expressão idiomática que indica escolha ou preferência, significa, “Eu escolhi Jacó em vez de Esaú”. Lucas 14:26 usa uma linguagem semelhante: “Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo”. Jesus não nos pediu para desprezar nossa família, mas, sim para escolher a Ele primeiro, acima de nossa família, dando a Ele o primeiro lugar. Todos os nossos outros relacionamentos devem parecer sem cor, quando comparados com o nosso amor por Ele.

Os exemplos precedentes não ensinam que Deus predestina cada indivíduo para a salvação ou condenação, sem considerar a sua fé. O assunto não é, de forma alguma, a salvação pessoal, mas o lugar dos indivíduos e seus descendentes no propósito de Deus para a história humana. Deus escolheu os descendentes de Jacó para serem os herdeiros da aliança Abraâmica e para revelar o Messias, mas isto não assegurou, automaticamente, a salvação pessoal de Jacó, nem excluiu, automaticamente, Esaú de ser salvo. E mais, embora Deus tenha planejado antecipadamente o papel histórico de Jacó, Jacó ainda teve a liberdade para aceitar ou rejeitar a vontade de Deus para sua vida.

Por que Deus escolheu Jacó em vez de Esaú, quando os costumes tradicionais da época teriam feito do irmão mais velho o herdeiro? Certamente, Deus previu que Jacó daria valor à primogenitura, com seu significado espiritual, enquanto Esaú a trataria negligentemente. Não obstante, Jacó foi enganoso e pecaminoso nos seus primeiros negócios, e o versículo 11, especificamente, estabelece que Deus não baseou Sua escolha sobre as obras de nenhum dos irmãos. Talvez possamos discernir um significado tipológico na escolha dos herdeiros, por Deus. Vez após vez, no Antigo Testamento, Deus inverteu o padrão normal e escolheu o menor sobre o maior: Sete e Caim, Isaque e Ismael, Jacó e Esaú, José e seus irmãos, Efraim e Manassés, David e seus irmãos, Salomão e seus irmãos. Da mesma maneira, o segundo Adão – Cristo, substituiu o primeiro Adão como o cabeça da raça humana. No crente nascido de novo, o novo homem – a natureza regenerada, tem poder sobre o velho homem – o estilo de vida não regenerado, o domínio do pecado. O mais velho deve servir ao mais novo; a carne deve servir ao Espírito. Em vez de receber nossa herança de Adão, através de uma natureza pecaminosa, podemos herdá-la de Cristo, através do Espírito que habita em nós.

Em resumo, o verdadeiro povo de Deus são os filhos da promessa. As bênçãos não vêm pela

linhagem física, mas pelas promessas de Deus, e, como já consta do capítulo 4:13-16, recebemos as promessas somente através da fé. Desde o começo, Deus nunca tem derramado Suas bênçãos com base nas obras humanas, mas sempre por Sua escolha e Sua graça.

A aplicação contextual imediata desta verdade é que devemos distinguir entre o Israel natural e o espiritual. A predominante rejeição judaica do evangelho não desacredita o evangelho. Antes, ela demonstra que muitos judeus não tiveram a fé de Abraão e não eram os herdeiros espirituais das promessas de Deus a Abraão.

Há também uma importante aplicação para a igreja hoje: a distinção entre a igreja visível e a invisível. A igreja visível consiste daqueles que se associam com a estrutura visível da igreja na terra. Nem todos eles têm fé verdadeira. Dentro desta igreja visível, está a igreja verdadeira e invisível, composta de crentes que realmente permitem ao Espírito de Deus reinar em suas vidas. Ninguém tem direito aos privilégios espirituais, bênçãos, ou salvação por causa de uma associação exterior com a igreja, ou pelo nascimento natural. Para herdar as promessas espirituais, bênçãos, e vida eterna, devemos experimentar o novo nascimento e continuar a viver pela fé.

B. A Soberania de Deus (9:14-29)

(14) Que diremos pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma. (15) Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. (16) Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece. (17) Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. (18) Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece a quem quer. (19) Dir-me-ás então: Por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem tem resistido à sua vontade? (20) Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? (21) Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? (22) E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a perdição; (23) Para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, (24) Os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios? (25) Como também diz em Oseias: Chamarei meu povo ao que não era meu povo; E amada à que não era amada. (26) E sucederá que no lugar em que lhes foi dito: Vós não sois meu povo; Aí serão chamados filhos do Deus vivo. (27) Também Isaías clama acerca de Israel: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo. (28) Porque ele completará a obra e abrevia-la-á em justiça; porque o Senhor fará breve a obra sobre a terra. (29) E como antes disse Isaías: Se o Senhor dos Exércitos nos não deixara descendência, Teríamos nos tornado como Sodoma, e teríamos sido feitos como Gomorra.

A secção precedente estabeleceu que as promessas de Deus nunca foram tencionadas serem de todos os descendentes naturais de Abraão. Portanto, não era de admirar que muitos judeus não estivessem herdando as promessas de Deus. Esta secção afirma que Deus é soberano em Sua escolha de quem Ele irá abençoar. Ele não tem que nos revelar Suas razões. Ele é justo e misericordioso em tudo o que faz.

Versículo 14. Por Seu ato soberano, Deus tem escolhido alguns e rejeitado outros. Isto não faz Deus injusto. Deus é justo em exercitar Sua soberania. Ao defender a justiça divina, Paulo, mais uma vez, usou sua frase característica de negação enfática.

O *Versículo 15* usa Êxodo 33:19 para ilustrar a liberdade de escolha de Deus. Em particular, Deus tem a liberdade de ser misericordioso e compassivo. Êxodo 33:19 descreve a decisão de Deus de perdoar Israel por sua idolatria, depois que eles adoraram o bezerro de ouro.

Este exemplo foi particularmente relevante como resposta aos judeus que estavam levantando objeções à proclamação do evangelho por Paulo. Com efeito, mensagem inspirada de Paulo para eles foi: “Em vez de achar falta no processo de seleção de Deus, vocês deveriam

reconhecer graciosamente a soberania de Deus, pois Ele usou Sua liberdade de escolha para mostrar misericórdia aos seus antepassados. Ao contrário, se vocês insistem em que Deus devesse ser restrito em conceder misericórdia, então a nação judaica inteira seria excluída da Sua escolha, de uma vez para sempre, por causa do seu pecado no Sinai”.

Ainda há uma implicação de grande importância: Se os judeus estão dispostos a reconhecer o direito de Deus para perdoar a nação judaica pecaminosa, então eles devem também admitir que Deus é justo para estender misericórdia aos gentios pecaminosos. A existência de uma igreja predominantemente de gentios, portanto, não compromete a justiça de Deus.

Versículo 16. A salvação do homem não se origina de uma decisão ou esforço humanos, mas da graça e misericórdia de Deus. O homem pecaminoso não tem direito à salvação. Em si mesmo, ele não tem capacidade para escolher ou ganhar salvação. O homem pecaminoso pode ser salvo somente porque Deus escolheu, livremente, oferecer salvação a toda a humanidade. É claro que isto não anula a responsabilidade do homem em aceitar e responder à oferta de Deus.

Versículo 17. Da mesma forma que Deus tem a liberdade de ser misericordioso, Ele também tem a liberdade de endurecer corações. Ambos os aspectos estão incluídos na soberania de Deus. O versículo 17 prova isto, ao citar Êxodo 9:16, que registra a mensagem que Deus deu a Moisés para ser entregue a Faraó. Deus tornou Faraó poderoso e o habilitou a permanecer no poder, para executar o Seu propósito. Deus permitiu àquele faraó obstinado chegar ao trono do Egito, naquela época, para poder demonstrar Seu poder e declarar Seu nome a toda a humanidade. Deus demonstraria claramente Sua onipotência, ao libertar, milagrosamente, o Seu povo do domínio do reino mais poderoso da época.

A citação revela que o nome de Deus representa Seu poder. Conhecer o nome de Deus significa mais do que conhecer uma palavra; significa conhecer o Seu poder. Possuir o Seu nome é possuir Seu poder. A igreja do Novo Testamento tem o nome mais alto de divindade, jamais revelado à humanidade – o nome de Jesus (Filipenses 2:9-11). Jesus é a plenitude da Divindade encarnada (Colossenses 2:9), e Ele tem todo o poder (Mateus 28:18). Possuir o nome de Jesus é ter todo o poder de Deus. Assim, Jesus disse, “Se me pedirdes alguma coisa em Meu nome, eu o farei” (João 14:14). Pedro e João levantaram o homem coxo “em o nome de Jesus Cristo, o Nazareno” (Atos 3:6). Quando o Sinédrio perguntou, “Com que poder ou em nome de quem fizeste isto?” Pedro replicou: “Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno... E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”. (Atos 4:7, 10, 12).

Usando citações do Antigo Testamento, o versículo 17 demonstra a natureza exaltada da sua inspiração. Êxodo 9:16 registra uma declaração direta de Deus, mas o versículo 17 atribui a declaração às Escrituras. Em outras palavras, quando a Bíblia diz algo isto equivale a dizer que Deus está dizendo algo.

Versículo 18. Para resumir, Deus é soberano tanto para mostrar sua misericórdia a alguns, como para endurecer corações de outros. Isto não significa que Deus condena arbitrariamente e incondicionalmente alguns indivíduos com a condenação eterna. Ele mostra misericórdia ao penitente e rejeita o impenitente. Deus de facto endureceu o coração de Faraó (Êxodo 10:1), mas isto foi devido à própria recusa de Faraó de se submeter a Deus. A Bíblia também declara que Faraó endureceu seu próprio coração (Êxodo 8:15) e exaltou a si mesmo (Êxodo 9:17). Porque Faraó recusou escutar a Deus, Deus permitiu-lhe endurecer seu coração, e de facto o endureceu, para que o propósito de Deus pudesse ser cumprido. Semelhantemente, em Romanos 1, Deus entregou os gentios a uma mente réproba, porque eles não queriam reter o conhecimento dEle.

Deus não abençoa caprichosamente alguns e amaldiçoa outros. Sua Palavra é a mesma para todos. Ele opera de acordo com princípios universais. Os resultados diferentes que Sua Palavra produz nas vidas das pessoas são devidos às condições diferentes dos seus corações, e não a um preconceito da Sua parte. A Palavra de Deus, como aplicada a Faraó, endureceu seu coração por causa do orgulho e rebelião de Faraó. Se Faraó tivesse sido humilde, a mesma Palavra de Deus o teria amolecido. Para ilustrar, o mesmo sol endurece argila, mas derrete a cera.

Deus não forçou Faraó a agir como agiu, mas o uso que Deus fez do Faraó é uma linda ilustração da Sua presciência. Deus previu a obstinação de Faraó e lhe permitiu alcançar sua posição, porque Deus viu como Faraó poderia adiantar Seus planos. Sabendo o tipo de pessoa que era Faraó, Ele podia usá-lo como um instrumento para fazer Sua obra. Se Faraó tivesse sido responsivo a Deus, Deus podia tê-lo usado para alcançar Seu propósito de uma maneira diferente. Deus prevê a dureza do homem e a usa no Seu plano. Não importa o caminho que o homem toma, Deus tem um plano que funcionará. No final, Deus sempre prevalece, quer o indivíduo obedeça quer não.

Mais uma vez, esta passagem usa um exemplo que força os judeus a concordarem com o plano de Deus. Se eles aprovavam a sua existência como uma nação, eles tinham que admitir a liberdade de Deus para endurecer corações. Do contrário, Ele teria errado em endurecer o coração de Faraó e libertar Israel da escravidão. Se eles concordavam que Deus agiu justamente ao endurecer o coração do incrédulo Faraó, eles teriam que admitir que Deus foi justo ao endurecer o Israel incrédulo.

Versículo 19. A soberania de Deus dá razão a outra objeção: Como Deus pode achar falta naqueles que não podem resistir a Ele? (Romanos 3:5-8 tinha tocado brevemente neste problema). Em vez de dar uma resposta imediata e direta, Paulo insistiu em estabelecer, primeiro, um princípio fundamental: Nós não temos o direito de questionar a Deus neste assunto. A objeção é controvertida, porque não podemos julgar a Deus. O assunto verdadeiro é reverência, submissão a Deus. Paulo não rejeitou as questões de quem busca sinceramente, mas as objeções de um rebelde incrédulo.

Versículo 20. Deus é justo, porque Ele é nosso Deus e Criador. Seres criados não têm o direito de colocar Seu Criador em julgamento. Não podemos questionar as razões de Deus, por lidar com o povo desta ou daquela maneira.

O *Versículo 21* usa a analogia de vasos de barro, comparando Deus com o oleiro e o homem com a argila. Isto vem, aparentemente, de Isaías 29:16 e 45:9, ambos os quais indicam que a argila não pode questionar o oleiro. Jeremias 18:1-11 similarmente compara a nação de Israel à argila nas mãos de Deus, como o oleiro. A analogia não é verdadeira em todos os detalhes, mas ilustra um ponto importante: da mesma forma que a argila não pode questionar ou repreender o oleiro, então o homem não pode julgar a Deus. Devemos notar que o uso da argila pelo oleiro é determinado, em grande parte, pela sua composição, qualidade e maleabilidade. Em Jeremias 18:1-11, Deus estabeleceu Sua prerrogativa de moldar Israel como Ele determinasse, e, então, declarou que perdoaria ou julgaria qualquer nação baseado na sua resposta a Ele.

O oleiro tem poder para tomar uma porção de argila e fazer peças diferentes barro. Ele pode designar alguns para usos nobres, outros, para usos comuns e outros, ainda, para usos vulgares. Similarmente, Deus tem o direito de usar pessoas como Ele deseja.

Versículo 22. O que importa se Deus quer usar diversos vasos de diversas maneiras? Não temos o direito de reclamar. O versículo 22 não diz que Deus é arbitrário no Seu uso de pessoas, mas somente diz: “que direis”. Antes que Romanos dê qualquer raciocínio para o uso das pessoas por Deus, ele primeiramente estabelece que não temos o direito de questionar Deus nesta área.

De facto, Deus não é arbitrário. Ele tem sido muito paciente com os maus. Deus deseja demonstrar Sua ira contra o pecado e Seu poder sobre toda a humanidade. Como Deus e Criador, Ele certamente tem o direito de fazer qualquer coisa que deseje. No entanto, o facto é que Ele tem aguentado, com grande paciência, os objetos da Sua ira. Estas pessoas são preparadas, destinadas, ou designadas para destruição final. Ao usar um participio passivo aqui, a passagem recusa-se a dizer que Deus os preparou para punição. Isto contrasta nitidamente com a declaração paralela no versículo 23. A implicação é que elas são responsáveis por si mesmas, por sua condenação. Deus não é responsável pelo pecado, somente pela graça.

Versículo 23. E mais, Deus deseja demonstrar as riquezas da Sua glória aos objetos de Sua misericórdia. Ele tem planejado há muito tempo que essas pessoas recebam sua glória. Ao contrário do versículo 22, o verbo ativo claramente designa Deus como o preparador dos vasos de

misericórdia. Se qualquer um recebe misericórdia, o crédito pertence a Deus; salvação vem somente pela graça de Deus e intervenção direta de Deus. Isto não significa que Deus tem predestinado certos indivíduos para serem salvos. Ele tem simplesmente planejado que todos os que respondem ao Seu chamado recebem glória, e Ele prevê quem de facto responderá. De acordo com o Seu plano, todos os que respondem a Sua misericórdia são predestinados para receber glória. (Veja 8:29-30 para uma declaração similar e mais detalhada).

A ênfase, então, é sobre a misericórdia de Deus. Para aqueles que rejeitam Sua misericórdia, Ele ainda é muito paciente. Para aqueles que aceitam Sua misericórdia, Ele dará glória.

Versículo 24. Deus tem estendido Sua misericórdia tanto aos judeus como aos gentios. A oferta é para “qualquer pessoa”. Aqueles que respondem, tanto judeus como os gentios, se tornam “os chamados para fora”. Como em 8:30, o versículo fala de um chamado eficaz. Somente aqueles que aceitam a oferta de salvação são efetivamente considerados “os chamados de Deus”.

Versículo 25. Sabendo que os judeus questionariam o chamado dos gentios por Deus, o apóstolo inspirado apresentou prova das Escrituras. Primeiro, ele citou Oseias 2:23, onde Deus ofereceu Sua misericórdia àqueles que não eram Seu povo e não “Seu amado”.

Versículo 26. Ele citou então, Oseias 1:10, onde Deus prometeu que aqueles que não eram o Seu povo se tornariam filhos de Deus. No contexto original de Oseias, estes dois versículos se referem ao povo de Israel que se tinha desviado. Embora o povo de Israel tivesse perdido sua posição espiritual, por causa da infidelidade, Deus prometeu restaurá-los a um relacionamento especial com Ele. O versículo 26 extrai um princípio desse versículo do Antigo Testamento e o aplica aos gentios. Se Deus chamaria ao Israel desviado, que tinha perdido sua posição escolhida, Ele também chamaria os gentios, embora eles não tivessem originariamente uma posição especial de escolhidos.

Versículo 27. O Antigo Testamento não somente indicou que Deus chamaria os gentios, mas também predisse que somente um remanescente de Israel seria salvo. Isto está claro em Isaías 10:22-23. Embora os israelitas fossem numerosos, a maioria deles foi destruída pela conquista, e somente o remanescente retornou do cativeiro. Novamente, a passagem extrai um princípio e o aplica a uma situação existente. No Antigo Testamento, Deus destruiu Seu povo por causa da descrença, mas preservou um remanescente. Nos dias de Paulo, Deus operaria da mesma forma.

O versículo 28 continua a citação. O texto crítico tem uma forma mais curta para este versículo, que é: “Pois o Senhor terminara a obra e a encurtará sobre a terra”. E mais, em vez de “obra”, a tradução mais apropriada aqui é “palavra” ou “conta”. Esta forma curta é mais aproximada do texto hebraico, e bem assim da tradução de Isaías, como está na *KJV* e na *NKJV* [e também nas traduções para a língua portuguesa]. A forma mais comprida deste versículo segue a Septuaginta. O significado não foi afetado expressivamente em qualquer das traduções. O versículo significa, “Pois o Senhor cumprirá a sua sentença sobre a terra com rapidez e finalidade” (*NIV*).

Versículo 29. Como prova adicional, o versículo 29 cita as palavras precedentes de Isaías 1:9, outra vez da Septuaginta. Este versículo demonstra a bondade de Deus para com Israel. A não ser que Deus estendesse Sua graça, Israel teria sido destruído totalmente, como Sodoma e Gomorra. O “Senhor dos Exércitos” (Jeová Sabaoth), termo que aparece também em Tiago 5:4, é um título hebraico frequentemente usado por Deus no Antigo Testamento. Ele significa literalmente “O SENHOR Todo-Poderoso”.

Em conclusão, Romanos 9:14-29 analisa a questão da rejeição judaica e aceitação dos gentios do ponto de vista de Deus. Misericórdia e julgamento pertencem somente a Deus. Por definição, ninguém tem direito a reivindicar graça. Deus não é injusto por reter a graça de alguns. Deus pode apresentar condições sob as quais podemos receber graça, mas nós não podemos impor a Ele quaisquer condições.

Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que Deus tem revelado claramente as condições sob as quais Ele exerce esta soberania. A Bíblia inteira testifica que Deus perdoará o pecador arrependido. O Livro de Romanos ensina que Deus salvará a todos que coloquem sua fé nEle e

obedeçam à Sua Palavra.

Na realidade, a graça de Deus é muito maior do que poderíamos esperar. Deus é absolutamente soberano, mas Ele nunca age de forma excêntrica. Ele nunca condena aqueles que deveriam ser salvos, mas Ele sempre salva aqueles que merecem estar perdidos.

Finalmente, o Antigo Testamento predisse que Deus agiria misericordiosamente em chamar os gentios e preservar o remanescente judaico, apesar da descrença judaica.

Isto refuta efetivamente qualquer objeção que a doutrina de Paulo é incorreta ou que Deus é injusto por rejeitar Israel como um todo. Primeiro, os judeus não têm nenhum direito de questionar a Deus. Segundo, a ação de Deus para com os judeus está de acordo com as condições que Ele já proclamou, a saber, que Ele já os rejeitou, por causa da sua incredulidade (9:30-10:21). Terceiro, Ele está agindo misericordiosamente com todos. Quarto, as Escrituras dos judeus indicam que Deus chamaria os gentios e rejeitaria todos os judeus, salvo um remanescente.

Aqueles que ensinam a doutrina da eleição incondicional dependem fortemente de Romanos 9, particularmente os versículos 14-29. Portanto, isto é somente o estágio preliminar do argumento. Antes que Romanos termine a discussão da condição de Israel, ele dissipa claramente qualquer noção de eleição incondicional ou segurança eterna incondicional, especialmente no capítulo 11:17-22. Todos os homens são pecadores, mas, pela graça, Deus tem dado a cada um a capacidade para aceitar ou rejeitar a oferta de Deus, de salvação. O homem é responsável por sua resposta a Deus, e Deus elege salvar aqueles que respondem a Ele em fé.

C. A Rejeição de Israel por Deus Deve-se à sua Incredulidade (9:30-10:21)

(30) Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justiça? Sim, mas a justiça que é pela fé. (31) Mas Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou à lei da justiça. (32) Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da lei; tropeçaram na pedra de tropeço; (33) Como está escrito: Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço, e uma rocha de escândalo; E todo aquele que crer nela não será confundido. (1) Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação. (2) Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento. (3) Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus. (4) Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê. (5) Ora Moisés descreve a justiça que é pela lei, dizendo: O homem que fizer estas coisas viverá por elas. (6) Mas a justiça que é pela fé diz assim: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? (isto é, a trazer do alto a Cristo). (7) Ou: Quem descerá ao abismo? (isto é, a tornar a trazer dentre os mortos a Cristo). (8) Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos, (9) A saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. (10) Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. (11) Porque a Escritura diz: Todo aquele que nele crer não será confundido. (12) Porquanto não há diferença entre judeu e grego; porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. (13) Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. (14) Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? (15) E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam o evangelho de paz; dos que trazem alegres novas de boas coisas. (16) Mas nem todos têm obedecido ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem creu na nossa pregação? (17) De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus. (18) Mas digo: Porventura não ouviram? Sim, por certo, pois Por toda a terra saiu a voz deles, E as suas palavras até aos confins do mundo. (19) Mas digo: Porventura Israel não o soube? Primeiramente diz Moisés: Eu vos porei em ciúmes com aqueles que não são povo. Com gente insensata vos provocarei à ira. (20) E Isaías ousadamente diz: Fui achado pelos que não me buscavam, Fui manifestado aos que por mim não perguntavam. (21) Mas para Israel diz: Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente.

Depois de falar do problema da rejeição de Israel do ponto de vista de Deus, estabelecendo que Deus é soberano e que o homem não tem o direito de questionar Suas ações, Romanos, então, analisa a questão do ponto de vista do homem. De facto, a rejeição de Deus para com Israel não foi arbitrária, mas devida à incredulidade do povo. Depois de proclamar a soberania de Deus, Romanos salienta a responsabilidade de Israel (e do homem).

Versículo 30. Os versículos 25-29 usam o Antigo Testamento para demonstrar como Deus se voltaria para os gentios e preservaria somente um remanescente de Israel. Isto veio a acontecer na igreja. Por quê?

É verdade, temos que admitir que, até então, os gentios não buscavam a justiça de Deus. Historicamente, eles eram pagãos e não louvavam ao Deus verdadeiro. No entanto, muitos gentios receberam a justiça de Deus, que vem através da fé, porque eles responderam, em fé, à pregação do evangelho e foram justificados.

Versículo 31. Por outro lado, os judeus, como um todo, não receberam a justiça de Deus. Embora eles, zelosamente, seguissem a lei da justiça, eles não a alcançaram efetivamente. Eles tentavam cumprir a lei de Moisés, que foi a lei da justiça dada a eles, mas eles nunca a atingiram.

A maioria dos comentaristas interpreta a “lei da justiça” como significando o princípio da justiça, ou justificação pela fé. É provável que a “lei da justiça” seja efetivamente a lei de Moisés, uma vez que aquela foi a lei específica seguida pelos judeus. O texto crítico apóia esta opinião, ao omitir as palavras “da justiça” no final do versículo. Isto é, os judeus seguiram a lei de Moisés, mas nunca efetivamente a cumpriram apropriadamente. Eles não a implementaram nem aprenderam dela, da forma que Deus pretendia.

Versículo 32. Por que os judeus não receberam o que eles tão diligentemente buscavam? Eles o buscavam pelas obras e não pela fé. Em vez de confiarem em Deus para a salvação, eles tentaram ganhar a salvação pelas obras, buscando a justiça legal ou justiça decorrente de guardar a lei.

A maioria dos comentaristas supõe que a primeira parte deste versículo refere-se ao princípio da justiça, mas, como no versículo 31, a referência pode ser à lei de Moisés. O alvo dos judeus não estava errado, mas seu método para obter o alvo era errado. As palavras “como que” contrastam o método correto e verdadeiro de implementar a lei de Deus e receber a justiça de Deus (isto é, pela fé) com um método falso e presumido (isto é, pelas obras).

Os judeus compreenderam mal o propósito da lei. Eles pensaram, erroneamente que podiam obter justiça pelas obras da lei, o que foi uma distorção grosseira do propósito original de Deus ao dar a lei. Deus deu a lei para definir o pecado, demonstrar a pecaminosidade do homem, provar a necessidade que o homem tinha de salvação, levar o homem a confiar em Deus como seu único Salvador, e conduzir os homens a Cristo (Romanos 3:20; 5:20; 7:7; Gálatas 3:24). Em vez disto, a maioria dos judeus, nos dias de Paulo, tentaram usar a lei como uma técnica para salvar a si mesmo. Com a auto-justificação, eles confiaram na sua própria habilidade para guardar a lei e, assim, merecer a salvação. Eles perderam o significado intrínseco da lei.

O texto crítico diz, simplesmente, “pelas obras”, em vez de “pelas obras da lei” [como na versão Corrigida]. Se correto, isto reforça o pensamento de que a lei de Moisés em si mesma não foi a culpada, mas, em verdade, a culpa está nos judeus em não a usar apropriadamente. Daniel Fuller ofereceu esta explicação para os versículos 31-32a: “A razão da falha [de Israel] foi que eles tentaram cumprir a lei através da sua noção extravagante sobre as obras, das quais eles podiam se gabar, enquanto que o padrão objetivo da lei mosaica, em si, não ensinava nada além de obediência pela fé, que exclui toda jactância”.³⁵

Porque os judeus estavam procurando justiça, ou a lei da justiça, pelas obras e não pela fé, eles não reconheceram o Messias quando Ele veio. Ele se tornou uma pedra de tropeço para eles, em vez da pedra de esquina (alicerce ou fundação). Em suma, Deus rejeitou os judeus por causa da sua incredulidade – por causa da sua rejeição do Messias.

³⁵ Fuller, pp. 73-74.

O *Versículo 33* combina Isaías 8:14 com Isaías 28:16 e os usa para demonstrar a rejeição judaica do Messias. O versículo anterior profetizou que Deus se tornaria uma pedra de tropeço para Israel, uma pedra que leva o homem a cair. O versículo posterior prometeu que Deus colocaria em Sião uma pedra de alicerce, uma pedra de esquina, na qual os homens poderiam confiar seguramente. Romanos toma a descrição negativa do versículo anterior e a intercala na promessa positiva do versículo posterior. Cristo veio para a pedra de esquina para Seu povo, mas, em vez disso, Ele se tornou uma pedra que os fez tropeçar, porque eles se recusaram a crer nEle.

O texto hebraico de Isaías 28:16 diz: “Quem crer, não agirá apressadamente”, isto é, não terá temor. A Septuaginta, citada aqui, diz que o crente não será envergonhado, isto é, embaraçado ou desapontado. De qualquer maneira, a ideia central é a mesma: aquele que confia em Deus não agirá em desespero, pois ele sabe que Deus virá em seu socorro; sua confiança não está mal fundada.

Interessantemente, no Antigo Testamento, a pedra de tropeço é Jeová (Isaías 8:11-14), mas, neste contexto, é Jesus – uma outra prova de que Jesus é Jeová. I Pedro 2:6-8 cita os mesmos dois versículos de Isaías e os aplica a Cristo.

Capítulo 10, versículo 1. Como em 9:13, Paulo expressou sua profunda preocupação por Israel (o texto crítico diz “por eles”) para que eles pudessem ser salvos.

Versículo 2. A situação era particularmente angustiante para ele, porque os judeus tinham muito zelo, mas seu zelo não era baseado no conhecimento. Os judeus não entenderam o plano de Deus, portanto seu zelo era em vão. Paulo certamente podia testificar desta situação, porque sua vida foi um exemplo primordial. Antes da sua conversão, ele era muito zeloso, buscando a justiça pelas obras da lei (Filipenses 3:4-6), mas, ao mesmo tempo, ele rejeitava a Cristo e perseguia os cristãos.

Versículo 3. Os judeus preferiram ignorar a maneira correta de receber a justiça de Deus, que vem somente pela fé. Eles recusaram o caminho de Deus e tentaram usar seus próprios métodos de obras. Isto foi inescusável, pois, como já foi mostrado, as Escrituras ensinam justificação pela fé e apontam para o Messias.

Versículo 4. Se eles tivessem buscado a justiça da maneira que Deus sempre quis e estudado as Escrituras, eles teriam aceitado a Cristo, pois Cristo é “o fim da lei”. A palavra grega traduzida “fim” é *telas*, significando “fim, alvo, resultado”. Em todo o tempo, a lei apontou para Cristo, levando o homem a um lugar onde ele poderia reconhecer e aceitar Cristo como o Salvador. “*De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados*” (Gálatas 3:24). *Telos* pode também significar “término ou cessação”, que poderia ser o significado secundário aqui. Se assim for, significa que estamos livres da lei, como discutido em 7:1-13 e em nossa anotação após 15:13. “*Mas tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio*” (Gálatas 3:25). Isto não significa que podemos desobedecer à lei moral de Deus, pois Deus ainda requer a obediência da fé (16:26), e Ele nos deu o Espírito para nos habilitar a cumprir os requerimentos justos da lei (8:4). O evangelho de justificação pela fé em Cristo não destrói a lei; ele restabelece a lei ao seu propósito e significado original (3:31). O pensamento central é que Cristo é o cumprimento da lei; Ele é a culminação de tudo o que a lei ensinou verdadeiramente.

Cristo é o fim da lei, especificamente, para nos trazer justiça. Ele é nossa justiça. Todos os que crêem nEle têm Sua justiça imputada sobre si. Se os judeus tivessem seguido a lei corretamente, eles teriam seguido o caminho da fé e teriam confiado em Cristo. Fazendo assim, eles teriam recebido a justiça que procuravam.

O *Versículo 5* descreve a justiça que vem pela lei. Ele cita Levítico 18:5 que registra a mensagem que Deus deu a Moisés para os israelitas. Deus falou a Israel que, se eles guardassem seus estatutos e juízos, eles viveriam. A justiça da lei, então, consiste no agir.

A maioria dos comentaristas contrasta o versículo 5 com os versículos 6-8, vendo duas maneiras mutuamente exclusivas de receber justiça – pela lei ou pela fé. É muito importante, no entanto, evitar qualquer implicação de que o homem poderia ser justificado pelas obras, mesmo no Antigo Testamento, pois todo o Livro de Romanos refuta tal doutrina. Em todas as épocas, a salvação tem sido pela graça, através da fé, baseada na morte expiatória de Cristo. A fé salvadora

sempre foi expressada pela obediência aos mandamentos de Deus. Cristo foi o único sacrifício capaz de remir o pecado (Romanos 3:25; Hebreus 9:22; 10:1-18), e os santos do Antigo Testamento foram salvos pela fé em Deus, tanto antes como durante a lei de Moisés (Romanos 4; Hebreus 11).

Se afirmamos que Romanos 10:5-8 apresenta a justiça pela lei, em contraste com a justiça pela fé, então, devemos admitir, como a maioria dos comentaristas o faz, que, na realidade, ninguém pode alcançar justiça pela lei. A justiça pela lei seria apenas hipotética, não real. A lei demandava obediência perfeita. Na teoria, se alguém aderisse à lei de forma perfeita, herdaria vida, mas, na prática, a natureza pecaminosa torna impossível a alguém viver de maneira perfeita. Uma vez que todos são pecadores, a lei não pode nos justificar ou nos dar vida (Gálatas 3:10-12, 21). Ela pode somente condenar os pecadores à morte. A lei define o que é justiça, mas ela não concede justiça ou dá poder para viver de forma justa.

Há algumas dificuldades, no entanto, com esta explicação, com relação a Levítico 18:5. Este versículo torna promessa de Deus, de vida para Israel, apenas hipotética, e não real, apresentando-O como alguém que dá uma promessa inalcançável. Ele coloca Moisés, como citado no versículo 5, contra Moisés, como citado nos versículos 6-8. Isto, aparentemente, faz com que Romanos negue a presente aplicação de Levítico 18:5, o qual não seria nada convincente para os opositores judaicos, que seria contrário ao seu frequente uso do Antigo Testamento para sustentar sua doutrina.

Há uma maneira de interpretar o versículo 5 que evita tais dificuldades. Em vez de descrever o contraste espiritual entre dois métodos contraditórios para obter justiça – um hipotético e um real – talvez Romanos esteja simplesmente combatendo a má interpretação judaica de Levítico 18:5. Os fariseus interpretavam erroneamente Levítico 18:5, para apoiar seus ensinamentos de que a justiça vem pelas obras da lei, mas Romanos mostra como Levítico 18:5 deve verdadeiramente ser cumprido – pela obediência da fé. Há uma “justiça da lei” falsa – legalismo judaico, abuso farisaico da lei, tentando ganhar salvação pelas obras da lei. O Novo Testamento opõe-se a este aspecto falso, quando ensina contra a “lei”, nas epístolas paulinas (Gálatas 3:12; Filipenses 3:9). Gálatas 3:12 contrasta as palavras de Levítico 18:5 com o caminho da fé, aparentemente referindo-se a má interpretação farisaica de Levítico 18:5.

Por outro lado, há uma verdadeira “justiça da lei”, que vem pela obediência da fé (Romanos 1:5; 16:26). A verdadeira justiça ensinada pela lei não é nenhuma outra que não a justiça que vem pela fé. Esta é a maneira correta de explicar Marcos 10:17-19, onde um certo homem de posição perguntou para Jesus como ele poderia herdar a vida eterna. Jesus lhe disse para guardar os mandamentos. Jesus não ofereceu salvação pelas obras, mas o aconselhou a viver para Deus e obedecer à Palavra de Deus (de amor e fé). Da mesma forma, esta é a maneira correta de explicar Romanos 2:13, que diz: “... os que praticam a lei hão de ser justificados”. Romanos 10:5 cita Moisés como o autor de Levítico 18:5, indicando que está citando este versículo para mostrar seu verdadeiro significado, opondo-se à sua má interpretação farisaica. Assim, tanto o versículo 5, como os versículos 6-8 ensinam a obediência da fé como a única maneira de justificação através das Escrituras. Os versículos 6-8 (Deuteronômio 30:12-14) explicam como cumprir o versículo 5 (Levítico 18:5).

Esta segunda explicação do versículo 5 dá força plena ao conectivo “*ora*”, no início do versículo. O versículo 4 diz que Cristo é o cumprimento da lei. O versículo 5, mais trabalhado nos versículos 6-8, demonstra como isto é verdade, mostrando que a lei realmente ensina a obediência da fé.

A primeira explicação do versículo 5, dada acima, tem mérito, enquanto mostra o erro da interpretação farisaica de Levítico 18:5. Obviamente, o homem pecaminoso não pode cumprir cada demanda da lei perfeitamente. Mesmo o Antigo Testamento reconhece que todos os homens são pecaminosos, precisam de perdão e não podem depender de si mesmos para a salvação (I Reis 8:46; II Crônicas 6:36; Salmos 14:1-3; 51:5; Provérbios 20:9; Isaías 64:6; Jeremias 17:9). Os santos do Antigo Testamento apresentavam sacrifícios pelos pecados e transgressões, para expiar suas falhas. Assim, era errado interpretar a promessa de Deus em Levítico 18:5 como uma garantia legalística de salvação, para aqueles que tinham obras perfeitas. Até os santos do Antigo Testamento

reconheciam que tinham que depender da misericórdia e graça de Deus e, assim, tinham que andar pela fé. Levítico 18:5, tomado em conjunto com outras passagens do Antigo Testamento, jamais teve a intenção de ser uma oferta hipotética inalcançável de salvação pelas obras. Em vez disso, foi a promessa de Deus de que teria comunhão e que providenciaria salvação para aqueles que obedecessem à Sua Palavra, pela fé, e para aqueles que, pela mesma fé, voltassem a Ele em arrependimento, buscando misericórdia, quando violassem a Sua Palavra.

Versículo 6. Os versículos 6-8 explicam a justiça da fé, fraseando Deuteronomio 30:12-14 e inserindo um rápido comentário. Seguindo nossa explicação do versículo 5, os versículos 6-8 não são um sério contraste com o versículo 5, mas provêm a explicação correta para ele. A palavra grega traduzida por “mas”, no início do versículo 6, não é forte adversativa *alla*, mas a conjunção *de*, que significa “e” ou “mas”, como um adversativo mais fraco.

Em Deuteronomio 30:11-14, lemos: “Porque este mandamento, que hoje te ordeno, não te é encoberto, e tampouco está longe de ti. Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga, e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Nem tampouco está além do mar, para dizeres: Quem passará por nós além do mar, para que no-lo traga, e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Porque esta palavra está mui perto de ti, na tua boca, e no teu coração, para a cumprires”. Deuteronomio 30 é parte das últimas instruções de Moisés a Israel, antes da sua morte. Os versículos 12, 13, e 14 terminam enfatizando a necessidade de obediência, e o versículo 16 baseia a obediência na ordem para amar Deus.

A citação de Deuteronomio 30:12-14 enfatiza a disponibilidade de justiça pela fé. O homem não precisa buscar pela Palavra de Deus (e a justiça de Deus) em lugares distantes. Ela não está nos céus, longe do alcance do homem. Romanos aplica isto a Cristo: Não precisamos trazer Cristo do céu; A encarnação já aconteceu!

Versículo 7. Nem está a palavra de Deus nas profundezas, além do alcance do homem. Deuteronomio refere-se ao mar, mas Romanos faz uma aplicação moderna a Cristo como estando nas profundezas da terra. A palavra grega para “profundezas”, ou “abismo” é “*abussos*”, que significa “abismos, profundezas, submundo”. Aqui, ela significa, aparentemente, habitação dos mortos, enquanto que, em outras passagens, ela se refere à habitação dos demônios ou anjos maus (Lucas 8:31; Apocalipse 9:11; 11:7; 17:8; 20:3). Neste contexto, ela se refere ao sepultamento de Cristo no túmulo. Ela poderia também ser uma referência à descida de Cristo ao hades, enquanto Seu corpo jazia no túmulo, onde ele, aparentemente, proclamou vitória sobre o submundo e a liberdade para os justos mortos (Atos 2:27). (Para referências relativas à possível descida ao hades, veja também Efésios 4:8-10; I Pedro 3:19 e Apocalipse 1:18). Em qualquer caso, não precisamos fazer a ressurreição acontecer; ela já aconteceu. Deus já proveu tudo o que precisamos para receber a justiça pela fé.

Versículo 8. De facto, como as Escrituras declaram, a Palavra de Deus está muito perto de todos. Romanos faz a aplicação ao evangelho da fé, que os apóstolos pregaram. A Palavra de Deus e o caminho da justiça de Deus não estão muito longe; a igreja já está pregando justiça. Assim, é enfatizada a acessibilidade à mensagem da salvação.

Como a nossa discussão do versículo 5 indicou, os versículos 6-8 não apresentam um método novo de salvação, que contraste com os ensinamentos da lei e elimine a necessidade de obediência. Se assim fosse, Romanos estaria tirando Deuteronomio 30:12-14 fora do contexto e distorcendo o seu significado original. Isto não apenas teria sido uma hermenêutica pobre, mas destruiria o uso anterior do Antigo Testamento, para sustentar a doutrina da justificação pela fé (Romanos 4), e não teria convencido os opositores judaicos de Paulo. Romanos dá a interpretação correta de Deuteronomio 30:12-14 e a usa corretamente. Ele não usa as palavras levianamente, porém, cita as Escrituras, para sustentar sua doutrina.

Romanos usa Deuteronomio 30:12-14 para descrever o caminho para receber a justiça ensinada pela lei. A passagem de Deuteronomio não é meramente profética do Novo Testamento; ela teve uma aplicação direta àqueles que estavam sob a lei. É um exemplo, na própria lei, de que a justiça é pela fé. A única maneira de receber justiça é pela fé (Romanos 10:6), por crer e confessar

(Romanos 10:9-10), ou, em outras palavras, pela obediência da fé (Deuteronómio 30:12-14). Considerando que Deuteronómio 30:12-14 diz que os mandamentos de Deus estão facilmente disponíveis a Israel, para que eles o possam obedecer, a paráfrase em Romanos diz que Cristo (Romanos 10:6-7) e a pregação de Cristo (Romanos 10:8) estão disponíveis para todos nós. Assim, tanto a lei como a pregação de Cristo apontam para a mesma conclusão: a obediência da fé.

Versículo 9. Confissão e crença são as bases da salvação final. As duas palavras apontam para a conformidade exterior e interior à Palavra de Deus.

O primeiro requerimento, para a salvação mencionada aqui, é: “com a tua boca confessares a Jesus como Senhor”. Isto significa, literalmente, “confessar com tua boca que Jesus é o Senhor”. Isto é mais do que uma fórmula verbal mecânica, portanto, pois a confissão deve ser verdadeira e sincera. Muitos confessarão verbalmente a Jesus como Senhor, mas não serão salvos (Mateus 7:21-23). Para Jesus ser verdadeiramente Senhor de nossas vidas, precisamos nos submeter a Ele como nosso Mestre e obedecer à Sua palavra. Como Jesus disse: “Por que me chamais: Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu vos mando?” (Lucas 6:46). Confessar a Jesus como Senhor, então, é a obediência da fé.

Em particular, confessar a Jesus como Senhor ocorre, inicialmente, quando nos arrependemos do pecado, somos batizados em Seu nome, e recebemos Seu Espírito. No batismo, invocamos o nome do Senhor para a lavagem de nossos pecados (Atos 22:16). Somente pelo Espírito podemos verdadeiramente confessar Jesus como Senhor (I Coríntios 12:3). O Espírito deve iluminar nossas mentes, para podermos entender quem Jesus realmente é, e o Espírito nos dará o poder requerido para obedecer, diariamente, a Jesus como Senhor. Bruce comenta: “Esta é a confissão... a qual, como diz Paulo, em I Coríntios 12:3, ninguém pode fazer, exceto ‘no Espírito Santo’... se estamos pensando em uma ocasião excepcional para fazer tal confissão, devemos mais provavelmente pensar naquela primeira confissão... feita no batismo cristão”.³⁶

O segundo requisito indispensável para a salvação é “crer, no coração, que Deus ressuscitou [Jesus] dentro os mortos”. Como discutido na Parte III, fé salvadora inclui obediência à Palavra de Deus. O “coração” significa o ser mais íntimo do homem, e o crer do coração envolve as emoções, o intelecto, e a própria vontade. Se nós cremos verdadeiramente em Jesus, teremos um testemunho triplo em nossas vidas: sangue, água, e Espírito (I João 5:1, 8-10).

O objeto específico da fé é a ressurreição de Jesus Cristo. A ressurreição de Cristo é o evento culminante do evangelho, o qual é a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (I Coríntios 15:1-4). A fé não é necessária para reconhecer a morte e sepultamento de Cristo; somente aqueles que aceitam Sua ressurreição miraculosa, efetivamente, crêem no poder sobrenatural de Deus. A morte de Cristo não teria poder nenhum para justificar, sem a ressurreição (Romanos 4:25; I Coríntios 15:17). Crer na ressurreição de Cristo, então, é a forma abreviada de crer na completa mensagem do evangelho, especificamente, a obra expiatória de Cristo para nossa salvação. É claro que uma aceitação mental, sem uma resposta prática, não é suficiente. Nós confiamos especificamente na ressurreição de Cristo e a aplicamos nas nossas próprias vidas, vivendo uma vida nova no Espírito (Romanos 6:4; 7:6; 8:2).

The Pulpit Commentary explica bem confissão e crença:

Confissão do Senhor Jesus com a boca deve ser entendida como expressar, genericamente, não somente um juramento, sem medo, da fé cristã, mas, também, uma vida consistente... A crença mencionada aqui é... uma fé operante vivente, não somente uma convicção intelectual. Nem a crença que Deus ressuscitou o Senhor Jesus dentre os mortos deve ser tomada como significando crença neste único artigo do Credo somente, pois carrega com ela a crença no evangelho, de modo geral.³⁷

O *Versículo 10* declara novamente os dois pontos essenciais do versículo 9 e distingue suas funções. A crença nos leva à justiça, isto é, à justificação pela fé. A confissão nos leva à salvação, à final e permanente libertação, que receberemos na vinda de Cristo (Romanos 8:23-25; 13:11; I

³⁶ Bruce, p. 205.

³⁷ Barmby, *The Pulpit Commentary*, XVIII, 293-294.

Pedro 1:5, 9). Mantemos nossa salvação presente e temos garantia da salvação futura, se continuarmos a confessar, com palavras e ações, que Jesus é o Senhor de nossas vidas. “Por fé somente somos justificados; mas, pela confissão numa vida efetiva, que é o fruto da fé, nossa salvação é assegurada”.³⁸

Os versículos 9-10, então, expressam, numa declaração breve, a mensagem do evangelho (versículo 8) que, por sua vez, harmoniza-se com o verdadeiro ensinamento da lei (versículos 5-8). A explicação de Felix Fluckiger, de Romanos 10:5-10, citado com aprovação por Daniel Fuller, é muito útil:

Moisés requeria que o homem cumprisse a justiça requerida pela lei, para poder viver. Mas este requerimento não é cumprido por sucessos super humanos... [A justiça requerida pela lei] é cumprida, antes, através da Palavra que está no coração e na boca – que, de acordo com 10:10, é ter fé e confessar o Senhor... A vida que Moisés promete, de acordo com 10:5, é, portanto, para ser gozada por aqueles que crêem e confessam. A obediência da fé, assim, se torna o próprio cumprimento da lei, que requer justiça e promete vida àqueles que fazem justiça.³⁹

Muitas pessoas usam os versículos 9-10 como uma fórmula mecânica para salvação e negam que tais coisas, como arrependimento, batismo nas águas, e o batismo do Espírito Santo sejam, de qualquer maneira, uma parte da salvação do Novo Testamento. Mas, em vez disto, devemos ver a crença e a confissão como base da salvação, que engloba tudo o que o Novo Testamento ordena ao homem cumprir. Diversos pontos mostram que a fé e a confissão não são coisas diferentes ou separadas da mensagem de Atos 2:38.

(1) *Paulo estava escrevendo para pessoas que nasceram de novo; ele não estava explicando, a incrédulos, como nascer de novo.* Ele sabia que podia resumir brevemente a mensagem do evangelho, referindo-se aos dois princípios fundamentais, sem que, com isto, o sentido se tornasse vago ou mal compreendido.

(2) *No contexto, Romanos explica que a rejeição de Israel por Deus foi devida à incredulidade de Israel.* Para Israel ser salvo, o assunto fundamental era a confissão e a fé em Jesus. Paulo não confrontou os judeus sobre batismo nas águas ou o batismo do Espírito Santo. Eles tinham que resolver o assunto mais básico primeiro: aceitar Jesus como o Messias, Senhor, e Salvador. Se eles fizessem isto, tudo o mais se seguiria.

(3) *Romanos não anula a necessidade de obediência à Palavra de Deus.* O Texto do Antigo Testamento usado aqui, Deuteronômio 30:11-14, coloca uma forte ênfase na obediência. A Palavra de Deus está disponível a nós, precisamente, para que nós a obedecemos. Romanos 10:16, da mesma forma, enfatiza obediência, igualando a falta de obediência com a falta de fé. (Veja nossas anotações: “Definição de fé salvadora”, depois do capítulo 3, e “Uma olhada completa à justificação”, depois do capítulo 4).

(4) *Propriamente entendidas, crença e confissão incluem obediência à mensagem de Atos 2:38, como já foi mostrado no comentário do versículo 9.* Crença e confissão, certamente, significam mais do que reconhecimento mental e verbal, pois, até os demônios crêem e confessam Cristo nesta extensão (Mateus 8:29; Tiago 2:19).

(5) *A ênfase nos versículos 6-10 está na disponibilidade da mensagem que Paulo pregou.* Devemos entender a exortação, para crer e confessar, exatamente neste sentido. Isto é, que devemos crer e confessar o que Paulo e os outros apóstolos pregaram. Paulo ensinou que os “crentes” devem ser batizados em nome de Jesus e receber o Espírito Santo, com a evidência de falar em outras línguas (Atos 19:1-6).

Versículo 11. Enquanto os versículos 6-10 enfatizam a disponibilidade e a acessibilidade da salvação, os versículos 11-13 enfatizam que a salvação é para todos. O versículo 11 cita a última parte de Isaías 28:16, outra vez, mas usa uma palavra extra, para enfatizar que todos os que crêem

³⁸ Idem, p.294.

³⁹ Felix Fluckiger, “Cristus, des Gesetzes telos”, Theologische Zeitschrift, 11 (1955), 155, citado em Fuller, p. 70.

em Cristo serão salvos. Romanos 9:33, literalmente, diz, “Aquele que crer nele não será envergonhado”, mas Romanos 10:11 declara, literalmente: “Todo aquele que nele crer não será confundido”.

Versículo 12. Deus oferece salvação para ambos, judeus e gregos (isto é, gentios, como em 1:16). Não há distinção ou discriminação pela raça, origem ou cultura. As riquezas da graça de Deus estão disponíveis para todos que O invocam.

Versículo 13. Para sustentar a declaração da imparcialidade de Deus, o versículo 13 cita Joel 2:32. “E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”, com a ênfase no *todo aquele*. Como nos versículos 9-10, o versículo 13 não é uma forma mecânica para a salvação, separada da obediência ao evangelho. Simplesmente invocar o Senhor, verbalmente, não salva (Mateus 7:21-23). Invocar Jesus significa orar a Ele, entregar-se totalmente a Ele, para receber misericórdia, e depender exclusivamente dEle, para salvação. Invocar genuinamente o Senhor requer fé (versículo 14), e fé genuína inclui obediência (versículo 16). Pedro aplicou o mesmo versículo, encontrado em Joel, ao derramamento do Espírito Santo no Dia de Pentecostes (Atos 2:21). Invocar o nome do Senhor inclui o invocar o Seu nome no batismo (Atos 22:16).

Devemos notar que, em Joel, a promessa de salvação foi para todos os que invocaram Jeová, mas Romanos aplica esta promessa àqueles que invocaram Jesus, provando, mais uma vez, a identidade de Jeová e Jesus.

Versículo 14. Os versículos 14-17 explicam como as pessoas podem ter fé qualificadora, para mostrar como os judeus tinham toda oportunidade para crer. Por uma série de questões retóricas, a passagem usa, numa ordem inversa, os passos necessários para alguém crer em Cristo e O invocar:

- (1) Enviar pregadores do evangelho;
- (2) Pregar o evangelho de Cristo;
- (3) Ouvir o evangelho de Cristo;
- (4) Crer em Cristo;
- (5) Invocar a Cristo.

Claramente, Deus não considera como inocentes aqueles que nunca ouviram o evangelho. Como os capítulos 1-3 ensinam, todos os homens têm uma oportunidade para conhecer a Deus, através da natureza e da consciência, e todos são condenados como pecadores, quer sejam julgados pela lei, quer pela consciência. A única esperança de salvação para eles é pela fé em Cristo, mas, sem a pregação do evangelho, eles não podem ter fé nEle.

O *Versículo 15* registra o primeiro passo necessário – o envio de pregadores. A citação em louvor da pregação é de Isaías 52:7. (O texto crítico apresenta a citação de forma simples: “*que formosos são os pés do que anuncia as boas novas!*”) Naum 1:15 também contém uma linguagem similar. O versículo salienta a importância de enviar pregadores através do mundo. A esperança do homem, de salvação, depende do envio de pregadores do evangelho.

Versículo 16. Infelizmente, nem todos os que ouvem o evangelho o obedecem. Ao registrar aquelas palavras, talvez Paulo estivesse pensando, particularmente, nos judeus que, como um todo, não tinham obedecido ao evangelho. Como expressado em Isaías 53:1, o povo não creu na mensagem de Isaías. Há uma conexão significativa e essencial, aqui, entre a fé e a obediência. A falta de obediência indica falta de fé e é equivalente a ela. .

Versículo 17. Resumindo, fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é a palavra de Cristo. A palavra grega para “mensagem” [Na Versão Melhores Textos], no versículo 16, é a mesma palavra grega para “ouvir” [Na Versão Melhores Textos] no versículo 17. A “palavra” não é a palavra *gerallogos*, mas a palavra mais específica, *rhema*, aqui que significa “mensagem, comando, ordem, ou direção”, isto é, a pregação de Cristo. As pessoas são habilitadas a ter fé em Cristo somente se ouvirem a pregação de Cristo.

Versículo 18. Os versículos 18-21 apresentam a conclusão sobre os judeus, mostrando que eles tinham a oportunidade para conhecer a Cristo, como esboçado nos versículos 14-17. Eles não poderiam oferecer a desculpa de ignorância.

Será que a análise precedente, de como vem a fé, explica porque os judeus não têm crido em Cristo? Especificamente, eles não tinham crido porque não tinham ouvido a pregação de Cristo? Não, eles tinham ouvido. O evangelho tem sido pregado aos judeus, através do mundo, mas eles o têm rejeitado. Por exemplo, nas viagens missionárias de Paulo, ele sempre ia primeiro às sinagogas judaicas, para proclamar o evangelho. Não somente os judeus da Palestina, mas também os judeus das maiores cidades dos gentios, tinham ouvido o evangelho.

Isto lhe trouxe à mente as palavras de Salmos 19:4, que descrevem como a obra de criação de Deus, particularmente os céus, têm declarado a verdade da Sua existência, através de todo o mundo. Paulo não usou Salmos 19:4 como uma profecia direta, mas somente como uma comparação ou uma alusão literária. Da mesma forma que a mensagem dos céus tem sido proclamada universalmente, também o evangelho tem sido proclamado aos judeus em todo lugar.

Versículo 19. A incredulidade judaica é devida à falta de conhecimento? Não, eles tinham conhecimento adequado da verdade (mesmo nas suas próprias Escrituras). De facto, as Escrituras indicam que Deus se voltaria para gentios. Paulo citou Deuterónimo 32:21, e dele extraiu um princípio. Por causa da idolatria judaica, Deus disse que se tornaria para aqueles que não eram uma nação escolhida, aqueles que não tinham um entendimento espiritual. Ele os usaria para provocar Israel ao ciúme e ira. Se Israel visse as bênçãos de Deus sobre os gentios, talvez isto os motivasse a buscar a Deus seriamente e receber aquelas mesmas bênçãos que eles tinham perdido (Romanos 11:11, 14).

Versículo 20. Da mesma forma, o versículo 20 cita Isaías 65:1 e usa um princípio tirado dele. Isaías foi ainda mais além que Moisés, em afirmar que Deus se voltaria para os gentios e os abençoaria, ainda que não fossem o povo da Sua aliança. Ainda que eles não O buscassem originalmente (9:30), ainda assim, Ele Se revelaria a eles.

Versículo 21. Ao mesmo tempo, Deus tem sido muito paciente com o rebelde Israel. Como Isaías 65:2 descreve, Ele tem estendido continuamente Sua mão aos judeus, mas eles O têm desobedecido continuamente e contradito a verdade. A palavra *contradizente*, usada aqui, pode significar “contrariado, obstinado, contradizendo a verdade”.

Desobediência e obstinação indicam incredulidade. Em resumo, Deus não rejeitou Israel arbitrariamente; Ele foi muito paciente com Israel. Deus tem rejeitado Israel, por causa da sua própria incredulidade e desobediência. Israel caiu, porque eles não seguiram a obediência da fé.

D. O Remanescente Presente e a Restauração Futura de Israel (11:1-36)

Os capítulos 9-10 explicaram porque Deus tem rejeitado Israel. O capítulo 11 explica o que acontecerá às promessas de Deus para Israel. Deus não anulou Suas promessas. Ele ainda tem um lugar para o judeu, e Ele ainda tem planos para restaurar a nação judaica. A rejeição de Israel é somente parcial e temporária. Alguns judeus ainda crêem em Deus e, então, herdam Suas promessas. Um dia, a nação judaica, como um todo, voltará outra vez a Deus em fé e herdará Suas promessas feitas a ela.

1. A Rejeição de Israel é Somente Parcial (11:1-10)

(1) Digo, pois: Porventura rejeitou Deus o seu povo? De modo nenhum; porque também eu sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. (2) Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu. Ou não sabeis o que a Escritura diz de Elias, como fala a Deus contra Israel, dizendo: (3) Senhor, mataram os teus profetas, e derribaram os teus altares; e só eu fiquei, e buscam a minha alma? (4) Mas que lhe diz a resposta divina? Reservei para mim sete mil homens, que não dobraram os joelhos a Baal. (5) Assim, pois, também agora neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça. (6) Mas se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça. Se, porém, é pelas obras, já não é mais graça; de outra maneira a obra já não é obra. (7) Pois quê? O que Israel buscava não o alcançou; mas os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos. (8) Como está escrito: Deus lhes deu espírito de profundo sono, olhos para não verem, e ouvidos para não ouvirem, até ao dia de hoje. (9) E David

diz: Torne-se-lhes a sua mesa em laço, e em armadilha, E em tropeço, por sua retribuição; (10) Escureçam-se-lhes os olhos para não verem, E encurvem-se-lhes continuamente as costas.

Versículo 1. Deus não rejeitou completamente a Israel. Paulo, enfaticamente, nega tal ideia. O próprio Paulo era um exemplo desta verdade contrária: Ele era um descendente de Abraão, um israelita, da tribo de Benjamim, e mesmo assim, fazia parte da igreja. Ainda que Deus tenha rejeitado Israel como um todo, por causa da incredulidade, judeus individuais podem, pela fé, ainda participar plenamente do plano de Deus e receber Suas bênçãos.

Versículo 2. Deus não deserdou, nem repudiou o povo que Ele escolheu originalmente. Ele selecionou Israel como o Seu povo escolhido, desde o início, portanto, Ele não os rejeitará totalmente. Existem, ainda, alguns que têm fé nEle e com os quais Ele pode trabalhar. Talvez haja, aqui, uma implicação de que, uma vez que Deus conhece o futuro com absoluta certeza, Ele foi capaz de escolher um povo que Ele sabia que não falharia completamente.

Uma situação similar tinha ocorrido nos dias do profeta Elias, e Deus ainda tinha, naquela ocasião, um remanescente israelita. O texto grego diz, literalmente: “Não sabeis o que as Escrituras dizem em Elias”, significando a porção das Escrituras que se referem a Elias.

Versículo 3. Em I Reis 19:10 e, outra vez, em 19:14, Elias reclamou ou apelou a Deus contra Israel. Ele alegou que todo o Israel tinha abandonado Jeová, matado todos os Seus profetas e derrubado todos os Seus altares. Ele pensava que, em todo o Israel, somente ele ainda louvava ao Deus verdadeiro, e estava na expectativa de que o Israel incrédulo o matasse também.

Versículo 4. Deus lhe respondeu, em I Reis 19:18, garantindo-lhe que havia uma remanescente de sete mil que ainda louvavam ao Deus verdadeiro e recusavam louvar a Baal.

Versículo 5. O paralelo é claro. Nos dias de Paulo, também parecia que todo o Israel tinha abandonado a Deus. Os gentios não devem pensar, no entanto, que nenhum dos judeus seria salvo ou usado por Deus. Mesmo na época em que a igreja é predominantemente de gentios, há ainda um remanescente judaico. Uma minoria dos judeus tem recebido a graça de Deus. Deus os tem escolhido, por Sua graça (como é de facto o caso de qualquer um que é salvo).

Versículo 6. Se o remanescente judaico é salvo pela graça, então, obviamente, Deus não escolheu salvá-los na base de obras. Alguém pode receber graça (o favor não merecido de Deus), somente através da fé. Se alguém pudesse ganhar graça pelas obras, então a graça não seria graça – ela não seria imerecida. Os judeus que são salvos, então, são salvos da mesma forma que qualquer outro na igreja – pela graça, através da fé – não por legalismo judaico.

A segunda metade do verso (“Mas, se é por obras...”) está ausente nos manuscritos mais antigos e, portanto, também do texto crítico. Muitos concluem que isto foi, originariamente, uma anotação marginal, ou uma tentativa de algum copista de tornar o verso simétrico. De qualquer forma, isto declara um corolário negativo da primeira parte do verso.

O *Versículo 7* declara a conclusão sobre a condição presente de Israel. Um remanescente judaico devoto, salvo pela graça, através da fé, tem alcançado justiça. É a isto que se refere a “eleição”, os “eleitos”, ou os “escolhidos” [conforme seja a tradução]. A maioria de Israel, no entanto, não tem alcançado justiça. Deus tem endurecido a maioria dos judeus, por causa da sua incredulidade. A Bíblia, na versão inglesa, diz “cegado”; mas a palavra grega significa “endurecido ou tornado insensíveis”.

Os calvinistas falam de “os eleitos”, como aqueles que Deus escolheu, incondicionalmente, para serem salvos, sem qualquer dependência de sua resposta a Ele. A secção precedente (9:30-10:21) mostra, no entanto, que Deus tem rejeitado os israelitas, por causa da sua incredulidade. O Livro de Romanos inteiro, e o capítulo 11, em particular, mostram que Deus escolhe aqueles que respondem a Ele em fé. Certamente, a salvação vem pela eleição de Deus e a graça de Deus, mas o homem recebe a eleição e a graça de Deus através da sua fé (Romanos 3:22-24; Efésios 2:8-9). Deus inicia o processo de salvação, ao estender uma oferta a todos (Romanos 10:11-13; 11:32), mas Ele elege somente aqueles que respondem em fé.

Versículo 8. De modo típico, Romanos usa o Antigo Testamento para confirmar sua análise

da situação judaica. Mesmo que as conclusões pudessem parecer desagradáveis à nação judaica, através dos capítulos 9-11, Romanos apóia suas afirmações com as próprias Escrituras dos judeus. Para apoiar a declaração de que Deus tem endurecido Israel, Romanos usa Isaías 29:10, combinado com Deuteronómio 29:4. O teor também traz à mente Isaías 6:9-10, usado por Jesus, para descrever a rejeição dEle por Israel (Mateus 13:14-15).

Deus tem dado a Israel um espírito de dormência, insensibilidade, ou torpor [inércia]. Ele lhes tem dado olhos cegos e ouvidos surdos. Deus não fez isto por excentricidade, mas o contexto de Isaías indica que Ele o fez como uma penalidade divina pela recusa de Israel em seguir Sua Palavra.

Versículo 9. Da mesma forma, Salmos 69:22-23, citado da Septuaginta, testifica que os judeus tropeçariam e se tornariam cegos. Estas palavras são a oração de David para Deus julgar seus adversários. Uma vez que o versículo 21 aplica-se à crucificação de Cristo, os versículos 22-23 significam julgamento sobre aqueles que têm rejeitado a Cristo.

A “mesa” dos judeus era sua mesa de privilégios – suas festas santas, seu alimento abundante, e, genericamente, as bênçãos recebidas de Deus. Eles dedicavam suas festas santas a Jeová, comendo diante dEle, ou em Sua presença (Levítico 23:6; Deuteronómio 12:7, 18; 14:23). As festas, assim, representavam comunhão divina e as bênçãos da aliança. Por causa da pecaminosidade judaica, no entanto, estas bênçãos espirituais, na verdade, se tornaram em laço, uma armadilha, uma pedra de tropeço e uma retribuição. Estas bênçãos realmente vieram como uma “repercussão, como a de um bumerangue sobre eles” (Novo Testamento Amplificado), porque “aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Lucas 12:48).

Versículo 10. O restante da citação descreve seus olhos como escurecidos e suas costas como encurvadas para sempre, sob cargas pesadas. A referência à cegueira espiritual liga esta citação com os versículos 7-8.

2. A rejeição de Israel é somente temporária (11:11-32)

(11) Digo, pois: porventura tropeçaram, para que caíssem? De modo nenhum, mas pela sua queda veio a salvação aos gentios, para os incitar à emulação. (12) E se a sua queda é a riqueza do mundo, e a sua diminuição a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude! (13) Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, exalto o meu ministério; (14) Para ver se de alguma maneira posso incitar à emulação os da minha carne e salvar alguns deles. (15) Porque, se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos? (16) E, se as primícias são santas, também a massa o é; se a raiz é santa, também os ramos o são. (17) E se alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo zambujeiro, foste enxertado em lugar deles, e feito participante da raiz e da seiva da oliveira, (18) Não te glories contra os ramos; e, se contra eles te gloriasses, não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti. (19) Dirás, pois: Os ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. (20) Está bem; pela sua incredulidade foram quebrados, e tu estás em pé pela fé. Então não te ensoberbeças, mas teme. (21) Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, teme que não te poupe a ti também. (22) Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas para contigo, benignidade, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira também tu serás cortado. (23) E também eles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados; porque poderoso é Deus para os tornar a enxertar. (24) Porque, se tu foste cortado do natural zambujeiro e, contra a natureza, enxertado na boa oliveira, quanto mais esses, que são naturais, serão enxertados na sua própria oliveira! (25) Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. (26) E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, E desviará de Jacó as impiedades. (27) E esta será a minha aliança com eles, Quando eu tirar os seus pecados. (28) Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. (29) Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento. (30) Porque assim como vós também antigamente fostes

desobedientes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia pela desobediência deles, (31) Assim também estes agora foram desobedientes, para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada. (32) Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia.

O *Versículo 11* abre a secção com uma pergunta semelhante, em construção, àquela do versículo 1, e dá a mesma resposta negativa enfática. A rejeição de Israel por Deus não é final. Os israelitas tropeçaram, mas eles não estão em uma situação irrecuperável; sua situação, embora grave, não é irreversível ou incurável. Eles caíram temporariamente, não permanentemente.

De facto, o tropeço de Israel colocou em movimento uma série de eventos que levarão à sua restauração final. Através da queda de Israel, a salvação veio aos gentios. A salvação dos gentios provocará ciúmes nos judeus, para que eles novamente desejem as bênçãos de Deus. (Isto cumprirá Deuteronomio 32:21, citado em Romanos 10:19).

Versículo 12. Se a queda de Israel trouxe as riquezas da graça de Deus aos gentios, quanto mais o restabelecimento de Israel trará bênçãos ao mundo! A “plenitude” de Israel é a conversão de um grande número de judeus. Isto é um paralelo à “plenitude dos gentios” (11:25).

Deus fará acontecer a restauração judaica, porque isto beneficiará grandemente a todos. Esta passagem não explica como isto ocorrerá, mas um estudo da escatologia mostra que, imediatamente depois que os judeus voltarem a Deus e reconhecerem a Jesus como seu Messias, Cristo estabelecerá Seu reino milenar na terra. (Veja Zacarias 12-14, combinado com Apocalipse 19-20.) Os gentios não têm razão para exultar na queda dos judeus, mas, devem estar incentivados a buscar a salvação dos judeus. Apesar da queda judaica ter trazido grandes bênçãos para eles, os gentios têm muito mais a ganhar com a sua restauração.

Não deveríamos inferir que a salvação dos gentios tenha sido um intervalo accidental no plano divino, ou que Deus não teria incluído os gentios na Sua Igreja, se os judeus tivessem aceitado o Messias desde o início. Várias passagens do Antigo Testamento, muitas delas citadas em Romanos, mostram que, em todo o tempo, Deus sempre pretendeu incluir os gentios (Isaías 49:6; 54:5; Joel 2:28; Romanos 9:25-26; 10:11-13, 19-20; 15:9-12). Se os judeus, como um todo, tivessem aceitado o Messias, Deus teria, ainda, provido uma oportunidade para os gentios serem salvos. Ele busca unir ambos, judeus e gentios, na Sua igreja (Romanos 1:16; 15:7-9; Efésios 2:11-16; 3:3-7). No entanto, a realidade fática é que a rejeição judaica do Messias tornou-se o caminho para a salvação dos gentios. Por exemplo, no próprio ministério de Paulo, ele voltou-se para os gentios, cidade após cidade, depois que os judeus rejeitaram sua mensagem. Os crentes gentios tomaram a dianteira, tanto em número, quanto em influência, assumindo a posição, no plano de Deus, que os judeus tinham, tradicionalmente, gozado.

A incredulidade de Israel e a queda resultante, então, não era o desejo de Deus. Na Sua providência, no entanto, Deus transformou este desastre em uma bênção para os gentios. Além disso, até o desastre em si contém sementes da vitória final. Este é um dramático testemunho da onipotência, onisciência, e soberania de Deus.

O *Versículo 13* dirige-se aos gentios em particular, que envolve a maioria da igreja romana. Paulo foi divinamente chamado para ser um apóstolo dos gentios (1:1, 5; 15:15-16), e ele fez o máximo possível no seu ministério. Ele disse, literalmente: “Eu glorifico meu ministério”, (mas ele não estava se exaltando).

Os versículos 13-25, assim, incluem uma parte dos gentios. Paulo não lidou somente com os problemas e objeções judaicas nesta passagem. Ele também escreveu para benefício dos gentios, fazendo uso do seu ofício de apóstolo dos gentios, para mostrar como sua salvação ajudaria os judeus e como a reconversão judaica abençoaria os gentios.

Versículo 14. Ao ministrar aos gentios, Paulo esperava salvar muitos dos seus compatriotas judeus. Quanto mais ele salientasse seu ministério aos gentios, guiando-os às bênçãos de Deus, mais ele estimularia a inveja dos judeus, encorajando, assim, alguns deles a buscar as mesmas bênçãos da salvação do Novo Testamento. Isto reitera a ideia do versículo 11, e, de facto, o texto grego usa a

mesma palavra contida no versículo 11, significando “provocar a inveja”. A *KJV* [e também a versão corrigida] diz aqui: “incitar à emulação”.

O *Versículo 15* declara novamente o pensamento do versículo 12. Se a rejeição de Israel por Deus tem levado o mundo a ser reconciliado com Ele, quanto mais a aceitação final deles, por parte de Deus, significará para o mundo! De facto, significará vida tirada da morte. Isto, talvez, refira-se ao avivamento espiritual que ocorrerá no final. Pode, também, referir-se, especificamente, à ressurreição dos mortos, após a aceitação judaica de Cristo, particularmente, se cremos no arrebatamento pós-tribulação.

Versículo 16. Haverá uma restauração nacional de Israel, baseada no seu santo relacionamento original com Deus. A passagem usa duas ilustrações, para estabelecer este ponto. Primeiro, quando uma porção de farinha de trigo ou um bolo é consagrado a Deus, como as primícias; então a massa inteira ou o bolo inteiro está consagrado. (Veja Números 15:17-21). Segundo, se as raízes de uma árvore são santas, então os ramos também o são, pois a árvore inteira tira vida e sustento das raízes. As primícias e as raízes representam os patriarcas, os israelitas originais que creram em Deus. A massa inteira e os ramos representam a nação moderna de Israel, no plano de Deus.

Versículo 17. Os versículos 17-24 ampliam a metáfora da oliveira, usando-a para advertir os gentios. Mesmo na discussão da situação judaica, Paulo, sob a inspiração do Espírito, estava alerta a toda oportunidade de cumprir a sua chamada apostólica. Na metáfora, a raiz é o Israel original, os ramos são os israelitas dos dias atuais, a gordura (seiva, nutrimento) é a bênção divina de Israel e a oliveira brava (que não dá fruto) representa os gentios. Deus tirou alguns (a maioria) dos israelitas dos dias atuais, separando-os das Suas bênçãos sustentadoras. Então, Ele enxertou os gentios, que não tinham herança ou fruto espiritual no Israel espiritual, pondo-os numa posição de igualdade com o remanescente judaico. Assim, ele habilitou os gentios a gozarem das mesmas promessas e bênçãos que tinham sido dadas originariamente patriarcas hebraicos.

Versículo 18. No entanto, os gentios, na igreja, não deveriam se jactar da sua posição em Deus, ou se sentir superiores aos judeus. Se eles estão tentados a agir assim, deveriam lembrar-se que as raízes sustentam os ramos e não o contrário. Eles permanecem somente por causa dos patriarcas hebraicos da fé. A salvação vem aos gentios, através dos judeus.

Versículo 19. Os crentes gentios poderiam pensar que substituíram os judeus modernos no plano de Deus.

Versículo 20. Isto é certamente verdade. Entretanto, os judeus não foram substituídos somente para beneficiar os gentios. Eles foram tirados para fora, por causa da sua incredulidade. Isto deveria lembrar a todos nós que permanecemos somente pela fé, por manter continuamente fé obediente em Deus. O texto grego coloca ênfase extra no “pela fé”. Não há lugar para arrogância ou vaidade, mas devemos ter temor. O “temor” de Deus não é dúvida, mas é um senso de reverência e admiração. Significa temer perder nosso lugar em Deus e, assim, permanecer vigilantes e temerosos para fazer o mal.

Versículo 21. Este temor tem sua base na realidade: Deus não reteve o julgamento do Seu povo, escolhido por Ele originariamente, e, certamente, não nos poupará, se formos desobedientes, como eles o foram.

Versículo 22. Deus é, ao mesmo tempo, bom (benigno) e severo (austero). Aqueles que caíram, por sua incredulidade, trouxeram sobre si mesmos a estrita justiça divina, mas nós, que cremos, experimentamos Sua bondade. (O texto crítico refere-se, especificamente, à bondade “de Deus”). Enquanto continuarmos na Sua bondade, sem considerá-la levemente, continuaremos a gozar dela; caso contrário, nós também seremos cortados.

Esta declaração claramente refuta a doutrina da segurança eterna incondicional, perseverança dos santos, ou “uma vez salvo, salvo para sempre”. Certamente, podemos ter confiança e garantia de salvação (Romanos 8:31-39), mas somente se tivermos fé e o temor piedoso (versículo 20) e permanecermos naquela fé (versículo 22). Devemos ter fé persistente, perseverante, e isto não vem automaticamente. “O justo viverá por fé” (Romanos 1:17). “Ora, como recebestes a

Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele”, (Colossenses 2:6). Se não continuarmos a andar pela fé que é obediente, as consequências são claras: Nós mesmos seremos cortados da graça de Deus e perderemos nossa salvação, da mesma forma que os judeus incrédulos dos dias de Paulo a perderam.

Versículo 23. Além disso, Deus pode restaurar Israel à sua posição original, se eles voltarem para Ele em fé. A jactância dos gentios contra os judeus é excluída, então, por duas razões: (1) Os gentios podem cair, através da incredulidade, da mesma forma que os judeus caíram. (2) Os judeus podem ser convertidos através da fé, da mesma forma que os gentios foram convertidos.

Versículo 24. Afinal, se Deus salva aqueles que originariamente não eram Seu povo escolhido e não O louvavam, quanto mais Ele salvará aqueles que, originariamente, eram Seu povo escolhido e tiveram um relacionamento com Ele! Se Ele está disposto a enxertar ramos de oliveiras bravas (gentios), certamente Ele está disposto a enxertar os ramos naturais (judeus), outra vez, na Sua própria oliveira.

Os ramos da oliveira brava foram enxertados “contrário à natureza”. Isto pode significar simplesmente que a enxertadura em si não é um processo natural. Ninguém espera que ramos de um tipo de árvore apareçam numa árvore de outro tipo, e nem seria de se esperar, como se isto fosse uma coisa natural, que os gentios herdassem as bênçãos prometidas aos judeus. A frase poderia ter um significado mais profundo, no qual alguém, ordinariamente, enxertasse algo superior em algo inferior. Acrescentando um enxerto de qualidade superior, todos os recursos da árvore original se tornam disponíveis para produzir fruto superior. Na metáfora desta passagem, no entanto, alguma coisa inferior foi enxertada em alguma coisa superior. Ramos de oliveiras bravas não produzem frutos, então, ordinariamente, não há vantagem em enxertá-los numa outra árvore. Os gentios não tinham nada para acrescentar à herança judaica ou ao plano de Deus, entretanto, ainda que contrário à natureza, Deus os enxertou para o seu próprio benefício.

Versículo 25. Deus pode e quer restaurar Israel (versículo 24), e, de facto, haverá uma restauração futura dessa nação. Deus ainda tem um plano para a nação de Israel. Paulo queria que a igreja tivesse conhecimento desta verdade. A palavra mistério, no seu uso típico, significa alguma coisa no plano de Deus, anteriormente escondida, mas agora revelada. Paulo explicou este plano secreto, para que a igreja, que era predominantemente de gentios, não se envaidecesse. Lateralmente, ele disse: “Não sejam sábios em si mesmos”. (Praticamente a mesma frase grega aparece em 12:16).

Deus tem endurecido Israel em parte (11:7). O endurecimento é somente parcial, porque até agora há um remanescente de judeus crentes. A situação continuará até que se complete o número dos gentios. Agora é o tempo em que, no plano de Deus, tem sido dada aos gentios oportunidade suficiente, e, então, Deus decide lidar com os judeus novamente, numa base nacional. Substancialmente, a mesma frase ocorre no discurso de Cristo sobre o fim dos tempos (Lucas 21:24).

Versículo 26. Então virá a salvação nacional de Israel. Devemos notar que este versículo fala de salvação e restauração nacionais, e não de salvação de cada judeu individual. A salvação individual é sempre baseada sobre fé pessoal. O versículo 26 não significa que todos os judeus serão salvos, da mesma forma que o versículo 15 não significa que todo mundo será salvo.

Devemos também notar que esta passagem claramente prediz uma restauração nacional de Israel, não podendo, portanto, ser espiritualizada, para aplicar-se à igreja do Novo Testamento. Os capítulos 9-11 claramente distinguem Israel natural e nacional dos gentios e da igreja do Novo Testamento. O ensinamento aqui se relaciona com a salvação da nação de Israel, no fim dos tempos, como profetizado em Zacarias 12:10 e 13:8-9. Isto será cumprido, lateralmente, e não se aplica, “espiritualmente”, à igreja.

Como de praxe, Romanos apóia o ensinamento com Escrituras do Antigo Testamento, especificamente Isaías 59:20. O Redentor virá para desviar Israel do pecado. O texto hebraico do Antigo Testamento enfatiza a responsabilidade de cada indivíduo, para arrepende-se dos seus pecados, enquanto Romanos enfatiza a obra de Cristo em desviar a nação da impiedade.

Versículo 27. A citação continua, agora de Isaías 59:21 e 27:9. O último versículo vem de

uma passagem que se aplica totalmente à restauração de Israel. Jeremias 31:33-34 também contém teor semelhante. A promessa é que Deus fará uma aliança com Israel e tirará seus pecados.

Versículo 28. Além da prova das Escrituras, esta passagem oferece prova baseada no plano de Deus (versículo 28) e na natureza de Deus (versículo 29). Ambos os versículos demonstram a fidelidade de Deus, apesar da falha humana. Os judeus agora são inimigos de Deus e da igreja, porque eles rejeitaram o evangelho. Eles estão alienados de Deus e da igreja. Como já mencionado nos versículos 11-15, Deus usou esta alienação para benefício dos gentios, para lhes trazer salvação. Apesar da separação atual, entretanto, os judeus são amados de Deus, por causa das promessas que Ele deu aos seus antepassados.

Versículo 29. Deus nunca retira Seus dons ou vocação. Ele nunca muda Sua mente com respeito aos Seus planos. Indivíduos e nações podem se desqualificar, pela incredulidade e desobediência, perdendo, assim, sua herança espiritual, mas a sua mudança de posição nunca é obra de Deus. A aplicação contextual deste princípio é a seguinte: porque Deus, uma vez, escolheu a nação de Israel e lhes deu promessas especiais, Ele sempre continuará a oferecer as bênçãos daquela aliança. Presentemente, eles têm perdido estes dons, por causa da incredulidade, mas, por causa do Seu divino plano, Ele não desistirá deles, como uma nação.

Versículo 30. Finalmente, os versículos 30-32 oferecem provas do restabelecimento nacional de Israel, baseado na misericórdia de Deus. Os gentios, que agora gozam da salvação, foram uma vez desobedientes a Deus, todavia, através da desobediência dos judeus, os gentios obtiveram misericórdia. Os gentios não mereceram salvação, mas Deus usou os judeus para lhes trazer salvação.

Versículo 31. Da mesma forma, os judeus, agora, não merecem salvação, mas Deus usará os gentios para trazê-la a eles. Os judeus desobedientes receberão misericórdia, por meio da misericórdia agora derramada sobre os crentes gentios. Os versículos 11 e 14 já explicaram como a salvação dos gentios levará à salvação dos judeus.

Versículo 32. Em resumo, ninguém merece a salvação. Ambos, os judeus (no presente) e os gentios (no passado) falharam para com Deus. Deus considera todos como desobedientes (incrédulos). Literalmente, Ele “encerrou ou aprisionou” a todos. “Deus aprisionou todos os homens juntos na prisão da desobediência” (Phillips). Seu plano é de ter misericórdia de todos (incluindo os judeus desobedientes), oferecendo salvação a todos, sem distinção.

3. Doxologia (11:33-36)

(33) Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! (34) Por que quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? (35) Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? (36) Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.

Romanos conclui a discussão da posição judaica com uma passagem de louvor a Deus. Por que tal passagem é particularmente apropriada aqui? Acabamos de ver uma pequena porção da grande providência de Deus, em operar o plano de salvação para ambos, judeus e gentios. Surpreendentemente, este plano usa a incredulidade judaica para atingir o alvo. A incredulidade judaica levou diretamente à salvação dos gentios. A salvação dos gentios levará à salvação de Israel, portanto, Deus está usando, indiretamente, a incredulidade judaica, para conseguir sua própria salvação final, como uma nação. Não importa o que o homem faça, Deus sempre tem um plano para compensar a falha do homem e levá-lo de volta à vontade divina (Romanos 9:17; 11:12).

O *Versículo 33* expressa surpresa, diante da profundidade das riquezas da sabedoria e conhecimento de Deus. Sabedoria é introspecção, bom senso, habilidade para discernir corretamente e escolher corretamente. Conhecimento é compreensão da verdade, compreensão de fatos, ciência da informação. Deus demonstrou ambos, no Seu plano para a salvação do homem. (Uma tradução alternada e gramaticalmente válida trata riquezas, sabedoria e conhecimento como

três qualidades separadas). As decisões, razões e métodos de Deus estão completamente além da compreensão do homem. Por esta razão, nós O adoramos e nEle confiamos.

O *Versículo 34* cita Isaías 40:13, bem como com uma provável referência a Jeremias 23:18, para descrever como os caminhos de Deus são mais altos do que nossos caminhos. Ninguém aconselha a Deus. Ninguém pode sondar a mente de Deus, e ninguém é inteligente o suficiente para Lhe dar conselho. Ele não precisa de tal ajuda de ninguém, pois Ele é onisciente.

Versículo 35. Job 41:11 afirma que ninguém pode reclamar contra Deus. Ninguém jamais contribuiu com alguma coisa nova para Ele, e Deus não deve nada a ninguém. Ele é totalmente auto-suficiente.

Versículo 36. Todas as coisas têm sua fonte nEle, são sustentadas por Ele e servem ao Seu propósito. A Deus pertence toda a glória, através da eternidade.

VI.

Exortações Práticas para o Viver Cristão (12:1-15:13)

A justiça de Deus na vida prática

A. Conduta como Membros da Igreja (12:1-21).....	111
1. Consagração a Deus (12:1-2).....	111
2. Humildade no exercício dos dons (12:3-8).....	113
3. Princípios de amor (12:9-21).....	115
B. Conduta como Cidadãos do Estado (13:1-10).....	117
1. Deveres para com o governo civil (13:1-7).....	117
2. Deveres para com os concidadãos (13:8-10).....	119
C. Nosso Grande Incentivo e Esperança (13:11-14).....	120
D. Questões de Consciência (14:1-15:13).....	121
1. Não devemos julgar os outros (14:1-12).....	122
2. Não devemos tentar os outros (14:13-23).....	124
3. Devemos seguir o exemplo de Cristo (15:1-13).....	127
Nota: Legalismo e liberdade cristã.....	129

Exortações Práticas Para O Viver Cristão (12:1-15:13)

A exposição doutrinária de Romanos termina com o capítulo 11, mas a carta ainda não está concluída. Esta última parte do argumento da epístola aplica a teologia ao viver cristão prático. Esta secção, assim, demonstra a conexão essencial entre doutrina e vida. Não há uma contradição entre justificação e santificação pela fé, de um lado, e estas exortações práticas, do outro lado. A primeira leva inevitavelmente à última e não está completa sem ela.

Estas exortações práticas cobrem todos os aspectos da vida cristã. O capítulo 12 trata da conduta do cristão como membro de uma igreja; seu relacionamento com Deus, com o corpo unido, e com os indivíduos. Em seguida, o capítulo 13 descreve as responsabilidades do cristão com relação aos governos civis e a toda a humanidade. Os capítulos 14 e 15 explicam como lidar com as diferenças de opinião entre crentes, com respeito aos assuntos moralmente neutros.

Há muitos paralelos entre Romanos 12-13 e o Sermão de Cristo no Monte (Mateus 5-7; Lucas 6). Ainda que nenhuma das quatro narrativas do Evangelho tivesse sido escrita até aquele tempo, provavelmente a igreja tinha circulado os ensinamentos de Cristo de várias formas verbais, e mesmo escritas (Lucas 1:1), e tais escritos e informações verbais, provavelmente, estavam disponíveis a Paulo. Esta secção trata de diversos tópicos, também discutidos em I Coríntios 8, 10, 12, e 13: o corpo de Cristo, dons espirituais, amor, e liberdade cristã.

A. Conduta como Membros da Igreja (12:1-21)

A discussão do viver cristão prático começa com o relacionamento do cristão com Deus, pois todos os outros relacionamentos são edificados sobre este. Os cristãos são chamados para consagrar-se totalmente a Deus. A seguir, o capítulo discute o lugar do cristão na igreja, no corpo de Cristo. Os cristãos devem identificar seus dons e ofícios espirituais e aprender a exercitá-los em humildade. Finalmente, o capítulo apresenta alguns princípios básicos, relativos ao caráter cristão. Estes princípios incorporam a lei do amor. Eles focalizam, primeiramente, a conduta do cristão como um membro da igreja e a maneira como ele deve lidar com os seus companheiros crentes.

1. Consagração a Deus (12:1-2)

(1) Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. (2) E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.

O *Versículo 1* leva os leitores a estabelecer um relacionamento correto com Deus, através de uma completa consagração. Paulo usou uma de suas palavras prediletas – *rogar*, para frasear esta passagem, como uma exortação, em vez de uma ordem. A palavra significa “exortar, pedir, apelar, pleitear, implorar, persuadir”. Esta maneira de dirigir-se às pessoas é característica de Romanos, e, na verdade, não só de Romanos, mas de todo o Novo Testamento, em contraste com o Antigo. O facto de este versículo ser um apelo à natureza espiritual e não um comando à natureza pecaminosa não o torna menos obrigatório para o cristão, devendo, portanto, ser obedecido.

Esta exortação está ligada à exposição doutrinária precedente, pela palavra, *pois*, enfatizando a unidade essencial entre a doutrina e a vida. O propósito da doutrina é produzir vidas consagradas. Especificamente, o apelo está baseado nas misericórdias de Deus, que incluem justificação, santificação e outras bênçãos da graça compassiva de Deus, discutidas nos capítulos 1-11. Em vista destes benefícios da salvação, os cristãos são encorajados a responderem à consagração. É importante notar que não ganhamos a salvação pela consagração e reforma moral. Ao contrário, as misericórdias de Deus, gratuitamente derramadas sobre nós na salvação, motivam,

habilitam e resultam no viver santo.

Os cristãos são exortados a apresentar seus corpos a Deus. A palavra grega traduzida como “apresentar”, aqui, significa “render-se, oferecer, dedicar”. Esta é a mesma palavra traduzida como “yield” [render-se, entregar], no capítulo 6:13 e 6:19 da *KJV* [também da versão na Linguagem de Hoje, de Almeida]. Devemos oferecer nossos corpos. Por implicação, isto inclui alma e espírito, pois somente podemos oferecer o corpo pelo consentimento do homem interior, e o homem interior somente pode servir a Deus através do corpo. Tentar servir a Deus na mente ou espírito somente não é o suficiente; nosso serviço a Deus deve produzir uma transformação efetiva em nosso comportamento físico.

O cristão deve ser um sacrifício vivo. Esta é a linguagem do Antigo Testamento, mas com uma diferença significativa. O animal oferecido como sacrifício, no Antigo Testamento, era forçado a abrir mão da sua ocupação ordinária, sua independência de movimentos, sua vontade, e, finalmente, sua vida, através da morte. Nós somos exortados [embora a palavra aqui utilizada seja rogar] a sacrificar todas estas coisas voluntariamente, e não através da morte, mas através da vida contínua. Nós trocamos a velha vida de vontade própria por uma vida nova e abundante na vontade de Deus. Deus pede um sacrifício vivo e humano – pessoas que vivam suas vidas totalmente dedicadas e entregues a Ele.

Para cumprir o designo de Deus para nós, devemos adotar uma atitude de sacrifício em nosso viver. Para o mundo, para a carne e para a mente carnal, a Palavra de Deus, às vezes, parece estreita e desnecessariamente restritiva. Em tais casos, devemos lembrar que a vida cristã é de facto um sacrifício, que a Palavra de Deus e a vontade de Deus devem ter a prioridade sobre todas as nossas ambições, filosofias, tradições e hábitos. Ao oferecer-nos a nós mesmos como sacrifícios vivos, nos tornamos santos (separados e consagrados) e agradáveis a Deus.

Este é o nosso culto racional. A palavra grega traduzida como racional é *logikos*, significando “racional ou espiritual”. Se a conotação de “espiritual” predomina aqui, então a ênfase é sobre sacrifício espiritual, em oposição ao sacrifício literal e físico. Parece mais provável que o significado aqui seja “racional, lógico, inteligente, razoável, esperado”. A consagração a Deus somente pode ser esperada, depois que as Suas misericórdias forem derramadas sobre nós. Não pertencemos a nós mesmos; fomos comprados por um preço inestimável (I Coríntios 6:19-20). Depois de termos feito todo o possível para Deus, somos apenas servos inúteis; temos cumprido somente nosso dever (Lucas 17:10).

Servir a Deus é a coisa mais razoável a fazer, em vista dos benefícios nesta vida, sem mencionar as recompensas eternas. Não devemos desenvolver uma atitude ou complexo de mártir. Embora devamos disciplinar a carne a pensar e viver como um sacrifício oferecido a Deus, da perspectiva lógica, espiritual e eterna, o viver para Deus é a melhor escolha que podemos fazer.

Versículo 2. A passagem muda, da definição passiva de consagração, para uma definição ativa. O versículo 1 focaliza a entrega de nós mesmos a Deus; o versículo 2 fala da atividade – da transformação de vida – que isto envolve. O versículo prossegue com uma definição dupla da vida consagrada e santa.

Primeiro, há um aspecto negativo: Não devemos nos conformar com este mundo. A palavra traduzida como “conformado” significa “ser formado segundo ou modelado de acordo com”. A palavra para “mundo” é *aiom* que significa “época”, referindo-se aos costumes temporários ou padrões de uma sociedade mundana. Várias traduções são úteis aqui: “Não seja conformado com este mundo - esta época, formado segundo seus costumes externos e superficiais e adaptados a eles” (*Amplificada*). “Não viva de acordo com as modas da época” (*Norlie*). “Você não deve adotar os costumes deste mundo” (*Goodspeed*). “Não imite a maneira deste mundo” (*Lamsa*). “Não deixe que o mundo a sua volta coloque você em seu próprio molde” (*Phillips*). [Não vivam como vivem as pessoas deste mundo (NTLH)]. Isto não envolve somente atividades e vestimentas mundanas, mas também envolve o sistema de valores mundanos, normas de sucesso, modos operacionais e estilos de vida. O mundanismo é a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos, e a soberba da

vida (I João 2:16).

Falando positivamente, devemos nos deixar ser transformados, pela renovação das nossas mentes. A palavra grega para “transformado” é *metamorphoo*, cujo derivado na língua inglesa [e na portuguesa] retém muito do mesmo significado. É a mesma palavra usada no relato da transfiguração de Cristo (Marcos 9:2). Ela também aparece em II Coríntios 3:18, onde Paulo tinha em mente o mesmo processo espiritual: “Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor”. Esta passagem não tem em vista somente a experiência do novo nascimento (que os leitores originais já tinham tido), nem se refere a uma única experiência de consagração. Em vez disto, ela descreve o processo de crescer na graça, ser santificado, tornar-se, progressivamente, mais semelhante a Cristo, em todos os sentidos.

Esta transformação ocorre pela renovação ou remodelação de nossas mentes. Isto significa assimilar a mente de Cristo, aprender como pensar de acordo com princípios os espirituais, ou avaliar a vida pelos padrões celestiais. Isto ocorre, quando implantamos em nós a Palavra de Deus, através de ler, estudar, meditar e ouvir, bem como pela comunicação com Deus, pela oração e louvor.

Com este tipo de transformação e renovação espirituais, podemos testar, provar, ou descobrir a vontade de Deus. Cada um de nós pode conhecer e fazer a vontade de Deus para nossas vidas, se nos consagrarmos. Fazendo assim, descobriremos que a vontade de Deus é boa (para nós), agradável (para Ele), e perfeita (em todos os sentidos). Estas não são três coisas diferentes ou três estágios diferentes, como alguns supõem. Ou nós estamos na vontade de Deus, ou não estamos. É certo que podemos deixar de fazer a vontade de Deus numa certa situação e ainda reter nossa salvação, mas é perigoso e errado pretender que possamos repudiar deliberadamente a vontade de Deus para nossas vidas e ainda viver numa área periférica “aceitável ou permissiva”. Devemos procurar fazer a vontade de Deus, custe o que custar, e este versículo nos diz que ela é boa, agradável, e perfeita.

2. Humildade no exercício dos dons (12:3-8)

(3) Porque pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um. (4) Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, (5) Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. (6) De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; (7) Se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; (8) Ou o que exorta use esse dom em exortar; o que reparte faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria.

Neste ponto, Romanos 12 começa a discutir nossas posições individuais no corpo de Cristo e nosso relacionamento com os companheiros crentes.

Versículo 3. Paulo falou da graça que lhe foi dada, especificamente, em virtude do seu chamado divino como apóstolo (1:5; 15: 15). Em assim fazendo, ele mesmo se tornou um exemplo da sua mensagem. Sua mensagem inspirada a cada crente individual é: Devemos ser humildes, reconhecendo que Deus é a fonte de tudo o que alcançamos. Não devemos nos valorizar em demasia, mas devemos pensar com juízo sóbrio. Humildade não significa que a pessoa deve menosprezar-se ou pensar que é pior que os outros. Antes, é reconhecer que não somos melhores do que qualquer outra pessoa e que todos nós precisamos de Deus.

Devemos fazer esta avaliação sóbria, de acordo com a fé que Deus nos deu. Não temos nenhum motivo para estimar-nos acima dos outros, quando reconhecemos que Deus é a fonte de nossa fé, e que Deus tem dado fé a cada um de nós. Se este versículo significa que Deus dá fé a toda

a humanidade, então esta fé refere-se à capacidade para crer, a fé latente, a graça universal preveniente (graça que precede a salvação e atrai os homens à salvação). No presente contexto, no entanto, o versículo provavelmente significa que Deus tem dado fé a cada membro da igreja. O tipo de fé mencionado não é fé salvadora, mas fé que habilita-nos a viver para Deus e trabalhar para Ele. Tal fé é o produto do Espírito Santo em nós (Gálatas 5:22). Além disso, ainda que nossa fé possa parecer pequena, ela é o suficiente para cada necessidade (Mateus 17:20).

Versículo 4. Para ilustrar este ponto, o versículo 4 usa o corpo humano como uma analogia. O corpo humano tem muitas partes, mas todas as partes têm a mesma função. Há um só corpo, mas muitos membros – um corpo, diferentes funções.

O *Versículo 5* descreve a igreja como o corpo de Cristo, muito semelhantemente a I Coríntios 12:12-27. Os cristãos são membros do único corpo de Cristo. Assim, cada um é uma parte do outro; todos são mutuamente dependentes uns dos outros.

Versículo 6. Os membros da igreja têm ofícios e dons diferentes, como as partes do corpo têm funções diferentes. Por esta razão, não devemos fazer comparações de uns com os outros (II Coríntios 10:12), mas reconhecer a diversidade de funções e admitir o valor dos vários membros do corpo. Devemos buscar identificar nossos dons particulares e exercitá-los para alcançar o melhor de nossa capacidade, o benefício do corpo como um todo. Em vez de tentar executar cada tarefa possível, deveríamos concentrar-nos nas funções particulares que Deus nos tem dado e executá-las bem.

A palavra grega para dons, aqui, é *charismata*, a mesma palavra usada para os nove dons espirituais, em I Coríntios 12:4-11. Nenhuma destas listas é exaustiva. Antes, elas são representativas das formas como Deus usa os indivíduos na Sua igreja. Esta passagem registra sete dons. Poderíamos também descrevê-los como ofícios espirituais na igreja, dados por Deus. Uma pessoa poder exercitar diversos deles. Estes são verdadeiramente dons de Deus e não realizações do homem. Os sete ofícios são:

(1) **Profecia** – expressão vocal divinamente inspirada, falar para edificar os outros. Isto não envolve necessariamente predição do futuro. A palavra pode significar, especificamente, uma mensagem pública sobrenatural na linguagem dos ouvintes (I Coríntios 14:29-31), mas, aqui, ela provavelmente tem um significado mais genérico de uma proclamação ou pregação ungida (I Coríntios 14:3; Apocalipse 19:10). Se alguém tem este dom, deve exercitá-lo na proporção da sua fé – o máximo que sua medida o habilitar. Talvez isto signifique que ele deve pregar de acordo com a fé (a doutrina ou contexto de crença).

Versículo 7.

(2) **Ministério** - serviço aos outros, serviço na igreja. A palavra grega é *diakonia*, que, especificamente, inclui ofício de diácono.

(3) **Ensino** – instrução.

Versículo 8.

(4) **Exortação** – encorajamento ou conforto.

(5) **Contribuições** – repartir bênçãos materiais com os outros e com a igreja. Algumas versões dizem para fazer isto com “simplicidade”. A maioria dos comentaristas, todavia, entendem a palavra grega básica como significando “liberalidade, generosidade”, mas ela pode também significar “singeleza de coração, preocupação sincera”.

(6) **Liderança ou governos** – posição de liderança na igreja. (Um outro significado possível da palavra grega, aqui, é “auxiliar”). Os líderes devem exercer seu papel com diligência, cuidado e seriedade. Deus tem ordenado governos ou líderes na Sua igreja. É importante submeter-se à autoridade humana na igreja (Hebreus 13:17), enquanto os líderes humanos exercerem sua autoridade sob a direção de Deus, de acordo com os ensinamentos da Sua Palavra. Estes líderes não devem ser ditadores, mas exemplos e servos de todos (Marcos 10:42-45; I Pedro 5:1-3). Até os líderes estão sujeitos ao princípio da autoridade. Eles devem se submeter aos líderes superiores, e os líderes superiores devem se submeter uns aos outros e ao corpo coletivo. (Veja Atos 11:1-4; 15:29;

21:18-26; Gálatas 2:1-14).

(7) **Exercer Misericórdia** – ser misericordioso e bondoso para com os outros. Isto inclui a visitação aos enfermos, ajudar aos pobres, prestar assistência a viúvas e órfãos (Mateus 25:31-46; Gálatas 2:10; Tiago 1:27; 2:15-17). A pessoa que exerce este ofício deve fazê-lo alegremente, não com má vontade, com lamentações, ou com protecionismo.

Para resumir, cada cristão tem um dom particular, ofício, ou função na igreja (ou possivelmente diversos deles). Tudo quanto Deus tem-lhe dado a fazer, ele deve fazer usando sua capacidade plena, mas sempre com humildade.

3. Princípios de Amor (12:9-21)

(9) *O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem.* (10) *Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros.* (11) *Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor;* (12) *Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração;* (13) *Comunicai com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade;* (14) *Abençoi aos que vos perseguem, abençoai, e não amaldiçoeis.* (15) *Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram;* (16) *Sede unânimes entre vós; não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios em vós mesmos;* (17) *A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas, perante todos os homens.* (18) *Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens.* 19 *Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor.* (20) *Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça.* (21) *Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.*

Esta última porção do capítulo 12 apresenta vários conceitos práticos, relacionados com a conduta cristã, particularmente com os relacionamentos interpessoais. Embora alguns possam ver isto como uma coleção de provérbios diversos, é melhor ver como uma exposição de amor. Começando com sua menção, no versículo 9, o amor parece ser o pensamento dominante. Desta perspectiva, a passagem é semelhante à de I Coríntios 13, e as duas passagens enfatizam muitos dos mesmos pontos.

Romanos 12:9-21 não é meramente uma coleção de regras, mas uma explanação do amor. O amor afeta toda extensão de nossa vida religiosa e social. Para os propósitos deste estudo, podemos identificar 23 princípios de amor aqui, fraseados como comandos.

Versículo 9. (1) Manifestar amor (*agape*) não fingido, não disfarçado, sem engano, com sinceridade. (2) Odiar as coisas más. Esta é uma parte do amor divino: “Vós, que amais o SENHOR, detestai o mal!” (Salmo 97:10). (3) Abraçar, agarrar, apertar fortemente as coisas boas.

Versículo 10. (4) Ser ternamente afetuoso com os companheiros cristãos, em amor fraternal (*Filadélfia*). (5) Honrar um ao outro acima de si mesmo. Mostrar respeito e honra por cada um, antes que buscar honra para si mesmo. “Não fazer nada por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um aos outros superiores a si mesmo” (Filipenses 2:3).

Versículo 11. (6) Não ser negligente no que faz – ser diligente. A versão em inglês *KJV* usa a palavra *negócios*, mas não no sentido econômico da palavra, e sim no sentido original de “ocupação”. (7) Ser zeloso, ter fogo no espírito. A palavra grega significa literalmente “ferver”. (8) Sirva ao Senhor. Seja Seu escravo em todas estas coisas.

Versículo 12. (9) Ser alegre na esperança. (10) Ser paciente nas tentações e nas aflições. (Estes dois pontos são reminiscência do 5:1-5). (11) Ser fiel e persistente na oração. Manter o hábito de oração e sempre estar pronto para orar.

Versículo 13. (12) Contribuir com os santos necessitados. Como em 1:7, e através de todo o Novo Testamento, a palavra *santos* refere-se a todas as pessoas nascidas de novo. (13) Praticar a hospitalidade. O verbo grego, literalmente, significa “perseguir” hospitalidade. O substantivo grego

para hospitalidade é, lateralmente, “amar o estrangeiro” (*philoxenia*).

Versículo 14. (14) Orar por bênçãos para seus perseguidores; não os amaldiçoar. Amaldiçoar significa “pedir julgamento sobre”, “invocar o mal sobre”, “denunciar violentamente”. Este versículo, sem dúvida, está baseado nas palavras de Cristo: “Bendizeis aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam”. (Lucas 6:28).

Versículo 15. (15) Compartilhar o gozo e a tristeza dos outros. Mostrar interesse genuíno, preocupação e compaixão. Mais que mostrar simpatia, desenvolver a capacidade de empatia, participando dos sentimentos e pensamentos dos outros.

Versículo 16. (16) Viver em harmonia uns com os outros; estar de acordo. (17) Não ser arrogante ou ambicioso demais e não estar demasiadamente impressionado pelas coisas grandes e poderosas, mas antes associar-se com pessoas de baixa posição. Esta última cláusula poderia ser aplicada às coisas, em vez de pessoas, significando acomodar-se a lidas humildes, ou, como diz o rodapé da versão *NIV*, “pronto para fazer trabalhos servis”. A versão em inglês *KJV* usa a palavra *condescender*, mas, no uso moderno, a palavra tem a conotação de uma atitude condescendente, superior, que, com certeza, não é o que este versículo ensina. (18) Não ser sábio aos próprios olhos. Não ser vaidoso ou presunçoso. Isto é, aparentemente, uma citação de Provérbios 3:7a. Paulo usou a mesma linguagem em Romanos 11:25.

Versículo 17. (19) Não retribuir o mal com o mal. Isto segue os ensinamentos de Cristo de não resistir ao perverso, voltar a outra face, amar nossos inimigos, fazer o bem àqueles que nos odeiam, e assim por diante (Mateus 5:38-48). (20) Sempre tenha o cuidado de fazer o que é bom e direito à vista de todos. “Veja que seu comportamento público esteja acima de críticas” (*Phillips*). Esta é uma referência a Provérbios 3:4, particularmente na Septuaginta. Nossa honestidade não deve ser conhecida somente por Deus, mas ser evidente a todos os homens (II Coríntios 8:21). Nossas vidas, incluindo negócios e trabalhos na igreja, devem ser transparentemente honestas. Devemos evitar toda aparência do mal ou impropriedades (I Tessalonicenses 5:22).

Versículo 18. (21) Se possível, quanto depender de nós, devemos viver em paz com todos. Ao dizer “tanto quanto possível”, Paulo reconheceu que não podemos controlar os pensamentos ou ações dos outros. Para duas pessoas estarem em paz, ambas devem ter a atitude correta. Não podemos ditar a atitude dos outros, mas, da nossa parte, podemos nos recusar a retaliar, reagir violentamente, guardar ressentimentos, ou não ser amigáveis.

Versículo 19. (22) Não se vingar. Em vez disto, deixar a ira tomar o seu curso, sem a nossa participação. Alguns interpretam isto como significando que deveríamos deixar a outra parte dar vazão a sua ira. É mais provável que signifique deixar que ira de Deus (o julgamento divino) seguir o seu curso. Em outras palavras, não devemos tomar as situações em nossas próprias mãos, mas entregá-las a Deus e deixar que Ele faça o que julgar necessário. Este significado é aparente, uma vez que Paulo fez uma citação de Deuteronômio 32:35, onde Deus promete que Ele mesmo punirá todo o mal e afirma que é Sua prerrogativa fazer isso. Isto não significa que devemos desejar a vingança de Deus para satisfazer nossos sentimentos pessoais, que nossa atitude deve ser: Se qualquer vingança é devida, deixe-a com Deus.

Versículo 20. Para dar maior sustentação a este entendimento, o versículo 20 cita Provérbios 25:21-22, que nos ensina a dar comida e bebida aos nossos os inimigos em necessidade. Dizendo assim, amontoaremos brasas vivas sobre suas cabeças. Esta última declaração é obscura e tem sido a fonte de muita especulação. Alguns interpretam as brasas como um símbolo de condenação, como em Salmos 140:10. Auxiliando nosso inimigo, aumentamos sua culpa e, portanto, sua punição. Entretanto, ver isto como um conselho para levar nosso inimigo a uma punição maior, viola o ensinamento destes versículos. Identificar as brasas como punição tem algum mérito, se não olharmos este verso como se referindo aos nossos motivos, mas somente ao resultado da ação de nosso inimigo. Em outras palavras, ajudamos sinceramente nosso inimigo, por motivos nobres, mas, no final, Deus o punirá, por recusar nossa oferta de amizade.

Alguns têm proposto, ingenuamente, que este versículo refere-se à prática oriental de

carregar coisas na cabeça. Se o fogo de alguém se apagou, um amigo ou vizinho lhe daria brasas para acender seu fogo, amontoando-as numa panela sobre a cabeça. Neste caso, o versículo diz que alimentar seu inimigo é como lhe dar brasas para seu fogo.

Provavelmente, a interpretação melhor é ver as brasas como símbolo de vergonha. Por assistir nosso inimigo, nós provocaremos nele um sentimento de vergonha. Sua face se tornará quente e vermelha, como se tivessem derramado brasas sobre sua cabeça. Isto pode levá-lo ao arrependimento e reconciliação, ao passo que, se tivéssemos retribuído mal por mal, ele teria permanecido como um inimigo amargurado. Ao fazer esta conexão, alguns comentaristas têm apontado para um antigo costume egípcio de expressar penitência, carregando publicamente uma panela de brasas na cabeça.

Independentemente do significado preciso das brasas, a passagem nos ensina claramente a não desejar ou buscar vingança. A única “retaliação” ou “vingança” que é-nos permitida é fazer o bem ao nosso inimigo, com um desejo sincero de ajudá-lo, e nos tornarmos seu amigo.

Versículo 21. (23) Não deixar o mal vencer, mas vencer o mal com o bem. Esta admoestação final resume bem os ensinamentos específicos dos versículos 17-20, mas também serve como uma conclusão conveniente à passagem inteira. Em última análise, o viver cristão significa vencer o mal com o bem. Através do amor divino, podemos vencer e subjugar as forças do mal, com as forças superiores da verdade e da justiça.

B. Conduta Como Cidadãos do Estado (13:1-10)

Os cristãos não têm somente um dever de se submeter a Deus e aos seus companheiros cristãos, mas eles também têm a responsabilidade de se submeter ao governo civil. E mais, eles têm o dever de amar, não somente aos seus companheiros crentes, mas também aos seus vizinhos, seus compatriotas, e, de facto, a toda a humanidade.

1. Deveres para com o Governo Civil (13:1-7)

(1) Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. (2) Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. (3) Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. (4) Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. (5) Portanto é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. (6) Por esta razão também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. (7) Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra.

Esta passagem discute o dever do cristão de se submeter ao governo civil. O governo da igreja não é o assunto, embora muitos dos mesmos princípios apliquem-se em ambas as áreas. O ensinamento aqui é, na verdade, uma versão expandida das palavras de Cristo: “Dai, pois, a César o que é de César”, (Mateus 22:21). Ensinamento similar pode ser encontrado em Tito 3:1 e em I Pedro 2:13-17 e 4:15.

Versículo 1. Todos devem se submeter às “autoridades governantes” ou “poderes superiores” (*KJV*). Pelo contexto, está claro que Paulo está falando de governantes humanos. Nós devemos nos submeter a eles, porque Deus é a fonte de toda autoridade, e Ele estabelece os governantes. Isto não significa que Deus escolhe, aponta, ou aprova cada líder individual (embora ninguém possa exercer poder, a não ser que Deus o permita). Antes, Deus estabeleceu o princípio geral do governo humano. Ele deseja um governo ordeiro da sociedade humana, e delega autoridade ao homem para alcançar este objetivo. É claro que o estado tem autoridade divina somente para

cumprir seu próprio propósito no plano de Deus, e não por tudo o mais que possa tentar fazer.

Versículo 2. Consequentemente, aqueles que resistem ao governo humano estão na verdade resistindo a Deus. Isto resultará no seu julgamento. A *KJV* [e também a versão em portuguesa aqui utilizada] usa a palavra *condenação*, mas, originalmente, a palavra simplesmente significava “julgamento”, sem necessariamente se referir à punição eterna. Este é o significado básico da palavra grega. O julgamento mencionado provavelmente refere-se à punição infligida pelo governo, agindo como o agente de Deus, como no versículo 4. É claro que o rebelde não arrependido receberá, finalmente, também o julgamento diretamente de Deus.

Versículo 3. A função do governo no plano de Deus é manter a ordem e controlar o mal. Desta forma, o governo traz temor aos malfeitores. Se nós obedecermos à lei civil e fizermos o que é correto, não precisamos temer o governo, mas podemos, de facto, esperar o seu louvor.

Versículo 4. O governador é o ministro de Deus – *diakollos* no grego, significando “servo ou ajudante”. Deus o usa para motivar o povo a fazer o bem. Os malfeitores deveriam temê-lo, pois Deus lhe tem permitido “levar a espada” para este propósito. Ou seja, Deus também usa o governante para executar julgamento sobre os malfeitores. A referência à espada significa que o governo pode usar a força física para manter a ordem e restringir o mal. Poderia também estar-se referindo à pena de morte.

O governador civil não é necessariamente um servo de Deus em todos os aspectos, mas somente serve a Ele em manter ordem na sociedade e punir os malfeitores. Apesar da sua vida pessoal, ele é um servo de Deus neste sentido, porque é um instrumento de Deus para executar um aspecto da Sua vontade na sociedade. Isto não implica qualquer posição especial na igreja para oficiais civis, ainda que eles sejam cristãos. O estado e a igreja são duas áreas distintas e separadas de serviço.

Versículo 5. Há duas razões, então, para os cristãos submeterem-se ao governo civil: (1) Para evitar a ira, isto é, para evitar punição civil; (2) Para manter uma consciência limpa diante de Deus, uma vez que o governo humano está no plano de Deus.

Versículo 6. A submissão ao governo inclui o pagamento de impostos. Jesus mesmo pagou impostos e ensinou Seus servidores a fazer o mesmo (Mateus 17:24-27; 22:17-21). Os cristãos devem pagar os impostos, porque os impostos sustentam os oficiais civis que trabalham em tempo integral para executar o propósito de Deus. Esses oficiais civis são ministros de Deus, *leitourgos*, no grego, significando “servos públicos, administrativos ou religiosos”.

Versículo 7. Os cristãos devem cumprir todas as suas obrigações terrenas. Paulo deu quatro exemplos: (1) Tributo ou taxas - taxas cobradas diretamente pelo governo. O termo inclui os tributos exigidos por um governo estrangeiro que esteja dominando a nação, tais como os exigidos de Israel pelo Império Romano. (2) Alfândega – taxas indiretas, taxas de exportação e importação, pedágios, ou outros tipos de renda para sustentar o governo. (3) Temor – respeito, reverência. (4) Honra – os cristãos devem respeito e honra aos líderes governamentais, por seus serviços para Deus. Os líderes espirituais devem ser honrados ainda mais (I Timóteo 5:17).

A discussão precedente não depende de uma forma particular de governo, nem recomenda uma. (É claro que isto exclui a anarquia). Ainda mais, não é invalidada pelo caráter mau dos oficiais individualmente considerados. O governo, nos dias de Paulo, era exercido pelo Império Romano – um governo absoluto, ditatorial, encabeçado pelo Imperador Nero. De muitas maneiras, este governo deixava a desejar, no ideal de Deus para o governo humano, e permitia muitas práticas pecaminosas e não cristãs. No entanto, este governo apoiava a lei e a ordem de um modo geral. Seu sistema de justiça era imperfeito, mas punia assassinos, ladrões, e outros criminosos que vitimavam o povo. Claramente, então, os cristãos devem ser submissos ao governo, ainda quando a forma de governo seja falha, ou quando os governantes sejam inadequados, incompetentes ou maus. Nada nesta passagem, no entanto, impede os cristãos de buscar meios pacíficos para mudar oficiais, partidos governantes, ou até a forma do governo.

Este ensinamento supõe que o estado está executando as funções que lhe foram atribuídas

por Deus e não está ultrapassando seus limites de autoridade divinamente apontados. Não há nenhuma discussão sobre o que os cristãos deveriam fazer, caso o estado falhasse no cumprimento do seu dever. É claro que, se há um conflito direto entre a lei de Deus e a lei do homem, os cristãos devem sempre obedecer à lei de Deus (Atos 5:29). A Bíblia, portanto, nunca aprova a rebelião violenta contra o governo (Mateus 26:52). Ainda que o Império Romano fosse uma ditadura estrangeira repressiva para os judeus, Jesus e o Livro de Romanos ensinam a submissão e cooperação pacíficas. Se a consciência obriga os cristãos a desobedecer à lei civil, eles devem se submeter pacificamente à penalidade civil.

Romanos 13:1-7 ensina que os cristãos devem ser cidadãos que obedecem à lei. Isto significa que cada violação de uma ordenança civil é pecado à vista de Deus? A lei de Deus, e não a do homem, define o pecado e a moralidade. Alguma coisa poderia ser legal, no entanto imoral, enquanto que outra coisa poderia ser ilegal, mas não inerentemente imoral. Se quebrar a lei civil envolve fraude, mentira, roubo ou qualquer outra violação da lei moral de Deus, então certamente é um ato pecaminoso. Por outro lado, a violação de regulamentos menores, não morais, e não criminosos – tais como as ordenanças do trânsito – não é, necessariamente, pecado em si mesma. Em circunstâncias ordinárias, espera-se que o cristão obedeça também estes regulamentos. Se o cristão viola tal regulamento, ele deve se submeter a qualquer penalidade civil que disto resulte. Por exemplo, se ele recebe uma multa por excesso de velocidade, aos olhos da sociedade ele deve cumprir seu dever como um cidadão que obedece à lei, pagando sua multa, e é isto que ele deve fazer.

2. Deveres para com os concidadãos (13:8-10)

(8) A ninguém deveis coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. (9) Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. (10) O amor não faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da lei é o amor.

O Versículo 8 leva adiante o pensamento de dívida da secção precedente. O versículo 7 admoesta os cristãos a pagar todas as suas dívidas ao Estado, enquanto o versículo 8 os exorta a não deixar sem pagar qualquer dívida a uma outra pessoa.

Alguns têm interpretado esta declaração: “a ninguém fiqueis devendo coisa alguma”, como significando que todos os empréstimos são proibidos. No entanto, isto não parece ser uma proibição absoluta a empréstimos, pois o Antigo Testamento estabeleceu leis para regularizar os empréstimos (Deuteronómio 15:1-3; 24:10-13). Jesus contou uma parábola que elogia o ganho de juros nos empréstimos (Mateus 25:27). Além disso, Jesus ensinou os cristãos a emprestarem prontamente aos necessitados (Mateus 5:42; Lucas 6:35). Certamente, o Senhor não encorajaria os cristãos, se fosse pecaminoso pedir emprestado.

Tudo indica que esta declaração significa: “Pague toda dívida justa. Não incorra em qualquer dívida que você não pode pagar e pague no prazo estipulado”. Este entendimento cabe melhor no contexto. Da mesma forma que devemos pagar os impostos e outras dívidas justas ao governo, devemos pagar em dia todas as obrigações a qualquer outra pessoa. Assim o traduz a *NIV*: “Não deixe que nenhuma dívida fique sem ser paga”. O empréstimo para pagamento em prestações não viola esta passagem, porque as prestações não são legalmente devidas até o dia acertado no contrato para seu pagamento. Devemos notar que a bancarrota (falência) pode libertar alguém da sua obrigação legal, mas não da sua obrigação moral de pagar a dívida.

A única dívida em aberto que os cristãos deveriam ter é o amor. O grego usa o presente infinitivo “amar”, que indica ação contínua e repetida. A *NIV* diz que temos “a dívida contínua de amar um ao outro”. Em outras palavras, quando pagamos todas as dívidas, ainda devemos mais uma, da qual nunca ficaremos totalmente livres: o amor. Temos esta dívida para com todo homem,

não somente aos companheiros cristãos. Quando amamos, cumprimos a lei. O grego usa o particípio presente, “amando”, que indica ação contínua. No processo de amar aos outros, cumprimos a lei. O versículo 10 reafirma esta verdade.

Versículo 9. Para ilustrar, o versículo 9 cita vários dos Dez Mandamentos de Êxodo 20:13-17 e Deuteronómio 5:17-21. Estes mandamentos proibem o adultério, o assassinato, o roubo, o testemunho falso, e a cobiça – os quais são pecados contra outras pessoas. (O texto crítico omite o mandamento sobre o falso testemunho). Se amarmos aos outros verdadeiramente, certamente não cometeremos estes pecados contra eles. Assim, podemos resumir todos estes mandamentos, e de facto todos os outros mandamentos da lei que lidam com os relacionamentos interpessoais, na declaração de Levítico 19:18: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Paulo também citou este versículo em Gálatas 5:14: “Porque toda lei se cumpre em um só preceito, a saber: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’”. A mesma citação aparece em Tiago 2:8, onde Tiago a chamou “a lei real”.

Esta passagem não menciona aqueles mandamentos que se preocupam diretamente com nosso relacionamento com Deus, pois trata somente das dívidas para com outras pessoas. Podemos resumir aqueles outros mandamentos com Deuteronómio 6:5: “Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, e de toda a tua força”. Como Jesus ensinou que sobre os princípios gêmeos de amar a Deus e amar o nosso próximo repousam todos os ensinamentos éticos do Antigo Testamento (Mateus 22:37-40; Marcos 12:28-34). Também aprendemos da parábola de Cristo, do Bom Samaritano, que nosso próximo não é somente um amigo, um parente ou vizinho. Antes, nosso próximo é qualquer um que esteja em necessidade, ainda que seja um forasteiro, ou alguém que pertença a outro grupo racial ou social (Lucas 10:25-37).

O *Versículo 10* resume a passagem. Todos os mandamentos citados no versículo 9 proibem que causemos qualquer tipo de prejuízo a outros. Se amamos nosso próximo, não lhe faremos mal. Portanto, através do amor, cumprimos a lei.

C. Nosso Grande Incentivo e Esperança (13:11-14)

(11) E isto digo, conhecendo o tempo, que já é hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. (12) A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. (13) Andemos honestamente, como de dia; não em glotonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. (14) Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências.

Esta porção do capítulo 13 descreve a esperança que nos motiva a por em prática os ensinamentos dos capítulos 12-13. Aquele grande incentivo e esperança é a volta do Senhor Jesus Cristo. Como o capítulo 12 abre como um apelo para a consagração pessoal, o capítulo 13 termina com um apelo à santidade pessoal.

O *Versículo 11* admoesta os leitores a conhecer o tempo ou a discernir a época. Já era hora de despertar – a hora de estar pronto, vigilante e responsável – pois o dia da salvação estava se aproximando. A Bíblia, às vezes, fala da salvação como no passado, às vezes, como no presente, e, às vezes, como no futuro. Aqui, ela é mencionada como no futuro, distinguindo-a claramente, da experiência única de “crer”, ocorrida no passado. (Esta última é expressa pelo tempo aorístico no grego, que indica um ato simples no passado). O ato passado de crer corresponde ao momento da conversão, justificação, e regeneração. O momento futuro da salvação refere-se a nossa final libertação de todo o poder e efeitos do pecado, incluindo a glorificação de nossos corpos físicos, que ocorrerá na vinda de Cristo para Sua igreja. (Veja Romanos 8:23-25; Filipenses 3:20-21).

Versículo 12. A alvorada do aparecimento de Cristo está às portas. Embora, frequentemente, comparemos a vinda de Cristo como sendo à meia-noite [ou seja, de surpresa, quando menos se espere], o versículo 12 usa a analogia da alvorada, que é o mais apropriado da perspectiva do crente.

A noite de espera está quase concluída; o dia está quase pronto para romper. Nenhum ser humano pode saber quando Cristo voltará (Mateus 24:36), mas Paulo estava esperando a volta de Cristo nos seus dias. Paulo não estava errado em esperar pela Sua volta, pois o Senhor quer que Sua Igreja, em cada época, esteja pronta e esperando pela Sua vinda (Mateus 24:44). Quando Paulo escreveu: “Vem chegando o dia”, Deus estava encorajando os crentes a estarem sempre esperando a vinda do Senhor. Se a vinda de Cristo estava às portas quase 2.000 anos atrás, quanto muito mais ela estará hoje!

Visto que a alvorada se aproxima, qual deveria ser nossa resposta? Primeiro, devemos lançar fora as obras das trevas, isto é, as obras pecaminosas. Segundo, devemos nos revestir com a armadura da luz, ou seja, a armadura da justiça. A imagem é a de um soldado que está se preparando para um novo dia de trabalho. A analogia da armadura está ampliada em Efésios 6:11-18.

Versículo 13. Terceiro, devemos andar corretamente, como durante o dia, evitando atividades pecaminosas. Em outras palavras, devemos viver e agir honestamente, convenientemente e decentemente. Devemos agir como se estivéssemos vivendo de dia, com todos os nossos atos expostos a todos. (Veja 12:17). Devemos evitar as atividades pecaminosas da “noite”. O contraste entre o dia e a noite é remanescente das palavras de Cristo com respeito à luz e às trevas: “... Os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras. Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus” (João 3:19-21).

O versículo registra seis atividades más que devem ser evitadas, ordenadas em três pares de pecados intimamente ligados.

- (1) *Orgias* – festins licenciosos, farras, desordens, tumultos, anarquia.
- (2) *Bebedeiras* – intoxicação, vício de embriaguês, embebedar-se.
- (3) *Impudicícias* – falta de pudor, sensualidade, lascívia, impureza sexual.
- (4) *Dissoluções* – excessos, indecência, perversão de costumes, devassidão, libertinagem. A palavra tem uma conotação sexual aqui, por causa da sua conexão com a palavra precedente.
- (5) *Contendas* – debates, alterações, disputas, controvérsias, guerras, lutas, combates, dissensões, desacordos.
- (6) *Ciúmes* – ressentimento das vantagens de outrem, juntamente com a cobiça da mesma; inveja.

Versículo 14. Em vez de envolver-nos nestas atividades pecaminosas, devemos nos revestir do Senhor Jesus Cristo. Lateralmente, devemos nos revestir com ou em Cristo. Devemos nos tornar semelhantes a Cristo em todos os sentidos. Esta exortação é semelhante às contidas em Efésios 4:24 e Colossenses 3:12.

Não devemos dar qualquer oportunidade à carne (a natureza pecaminosa) para satisfazer sua concupiscência. Não devemos participar de qualquer coisa que possa estimular os desejos ocultos. O grego usa uma palavra que literalmente significa “provisão, planos, presciência, ou premeditação”. Em vez de deixar nossa natureza pecaminosa planejar os meios satisfazer seus desejos pecaminosos, devemos ativamente resistir ao domínio da concupiscência (6:12) e matar as obras da carne (8:13).

D. Questões de Consciência (14:1-15:13)

A porção concludente dos ensinamentos práticos de Romanos lida com as questões de consciência. Algumas coisas são claramente corretas, enquanto outras são claramente erradas, mas há algumas questões nas quais as consciências deferem. Esta secção dá normas para lidar com estas questões, sem violar consciências individuais e, ainda, sem destruir a unidade da igreja.

É muito importante notar que estas normas referem-se, somente, a questões não morais, ou moralmente indiferentes. Nenhuma violação das normas ou princípios básicos da Bíblia está em

jogo. Portanto, em tais assuntos, dois cristãos podem chegar a decisões opostas para suas vidas pessoais e ainda ter comunhão um com o outro, como crentes.

1. Não devemos julgar os outros (14:1-12)

(1) Ora, quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o, não em contendas sobre dúvidas. (2) Porque um crê que de tudo se pode comer, e outro, que é fraco, come legumes. (3) O que come não despreze o que não come; e o que não come, não julgue o que come; porque Deus o recebeu por seu. (4) Quem és tu, que julgas o servo alheio? Para seu próprio senhor ele está em pé ou cai. Mas estará firme, porque poderoso é Deus para o firmar. (5) Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em sua própria mente. (6) Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz e o que não faz caso do dia para o Senhor o não faz. O que come, para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e o que não come, para o Senhor não come, e dá graças a Deus. (7) Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si. (8) Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor. (9) Porque foi para isto que morreu Cristo, e ressurgiu, e tornou a viver, para ser Senhor, tanto dos mortos, como dos vivos. (10) Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo. (11) Porque está escrito: Como eu vivo, diz o Senhor, que todo o joelho se dobrará a mim, E toda a língua confessará a Deus. (12) De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus.

Ao tratar de assuntos de opinião, Romanos enuncia o princípio da liberdade cristã. Em áreas de convicções pessoais – em oposição às das Escrituras – temos a liberdade de agir como desejamos. Portanto, não devemos julgar um ao outro.

Versículo 1. Devemos aceitar aqueles cuja fé é fraca, sem discutir com eles ou julgá-los em áreas discutíveis. Devemos evitar controvérsias na área de opiniões pessoais. “Fé” aqui é conhecimento cristão, persuasão ou convicção, não fé salvadora ou fé preservadora. Como o versículo 2 indica, o irmão fraco não é defeituoso em caráter ou espiritualidade, mas falta-lhe maturidade e entendimento. Ele tem um critério inferior de julgamento.

Versículo 2. Como um exemplo da questão de consciência, o versículo 2 cita a controvérsia acerca de comer carne. Alguns cristãos recusavam-se a comer carne, por causa de escrúpulos de consciência. Isto podia estar acontecendo por uma de três razões: (1) crença religiosa no vegetarianismo, (2) medo de comer carne que pudesse ter sido oferecida aos ídolos (I Coríntios 8:1-13; 10:19-33), ou (3) medo de comer carne classificada como impura ou preparada de uma maneira impura, de acordo com a lei judaica (como em Daniel 1:8, 12).

O irmão fraco é descrito como alguém que se abstém. O irmão fraco não tem uma compreensão plena da sua liberdade cristã; ele tem um critério inferior de julgamento para suas ações. Romanos não denigre o irmão fraco por isso, pois é precisamente isto que ele nos ensina a não fazer. De facto, ele diz ao abstinente para ser fiel às suas convicções genuínas, para poder evitar a possibilidade do pecado (versículo 23).

É importante limitar o ensinamento sobre a liberdade cristã ao contexto. O tipo de controvérsia discutido não é uma questão de moralidade, de obedecer a uma ordem das Escrituras, ou de pôr em prática um princípio importante das Escrituras. Antes, a passagem trata de um assunto cerimonial; um assunto sem significância moral. O outro exemplo principal – a observância de dias especiais (versículo 5) – é de natureza semelhante. De facto, em ambos os casos, o Novo Testamento expressamente permite a conduta questionada (Marcos 7:19; Atos 15:19-29; Colossenses 2:16-17). O ensinamento de 14:1-15:13, então, aplica-se somente quando a Bíblia permite a conduta ou quando a Bíblia silencia com respeito ao assunto. Se a palavra de Deus trata de um assunto, especificamente ou de modo genérico, então os cristãos não têm a “liberdade” para desobedecer.

Versículo 3. A admoestação a alguém que participa de uma conduta questionada é: A pessoa que participa não deve desprezar ou olhar com superioridade para o que se abstém. Embora o que participa tenha uma compreensão superior, ele deve respeitar o ponto de vista do abstinente. A admoestação a alguém que se abstenha é: O abstinente não deve julgar ou condenar o que participa. Há duas razões para este ensinamento. Primeiro, Deus aceitou a ambos, portanto eles não podem menosprezar um ao outro.

Versículo 4. Segundo, ambos são servos que pertencem a Deus e não um ao outro. Deus é o Senhor de todos. Uma vez que nenhum cristão é o senhor do outro, nenhum cristão tem o direito de julgar o outro. Cada pessoa tem a responsabilidade de agradar a Deus, não o homem. Terceiro, Deus dará poder a ambos, participante e abstinente para os habilitar a perseverar e prestar serviço satisfatório a Ele. (Veja o versículo 10 para razões adicionais).

O texto crítico diz “O Senhor” (em vez de “Deus”, como em algumas versões) o habilitará a perseverar. Isto não altera em nada o sentido.

Versículo 5. O segundo exemplo de um tipo de controvérsia sob consideração é a observância de dias especiais. Isto envolve a designação de certos dias como sábados ou dias santos, provavelmente sob a influência da lei judaica. Outra vez, este é um assunto cerimonial e não moral, no qual a Bíblia realmente permite liberdade (Atos 15:19-29; Colossenses 2:16-17).

Alguns consideram um certo dia como sendo mais sagrado do que outro, enquanto outros consideram iguais todos os dias. Há lugar para ambas as práticas na igreja. Isto claramente exclui qualquer insistência sobre regras religiosas particulares, para um certo dia, seja o sábado, como os sábados judaicos, seja o domingo, como substituição do sábado judaico. Para os cristãos, cada dia é um dia de descanso espiritual e renovação, através do Espírito Santo. Cada dia é sagrado e apropriado para o louvor. É claro que os cristãos devem ser fiéis na assistência aos cultos da igreja local (Hebreus 10:25) e os cristãos primitivos se reuniam aos domingos, em comemoração à ressurreição do Senhor (Atos 10:7; I Coríntios 16:2), mas não há nenhum requerimento legalístico com respeito a este dia.

Nesses assuntos não morais, cada pessoa deve estar plenamente convencida na sua própria mente. Ela deve desenvolver convicções pessoais para guiar suas ações. Ela deve ter certeza de que aquilo que faz é certo. A Bíblia não recomenda ignorância ou indiferença, mas consideração mental e conclusões firmes.

Versículo 6. Independente do que a pessoa decida sobre estes assuntos, ela deve dedicar sua conduta ao Senhor. Se ela assim fizer, o Senhor aceitará sua ação. Se ela escolher observar um dia especial, ela o faz para honrar o Senhor e não por motivações legalísticas ou pagãs. Se ela comer carne, deve dar graças a Deus por ela e, assim, honra a Ele. (Aparentemente, isto se refere à prática de oferecer uma oração de agradecimento antes das refeições). Se ela se abstém e jejua, ela faz assim para honrar ao Senhor, e ainda dá graças a Deus.

Versículo 7. Nenhum cristão vive ou morre isoladamente; nossas vidas estão interligadas com a vida de Cristo. Tudo o que fizermos afeta a visão que o povo tem de Cristo. Em tudo o que fizermos devemos glorificar a Ele. Desta verdade, podemos derivar um princípio relacionado, embora não seja o significado contextual deste versículo: nossas vidas afetam outras vidas, particularmente a de outros cristãos.

Versículo 8. Não importa o que façamos – se vivemos ou morremos – somos do Senhor. Por conclusão, então, qualquer curso de ação que escolhamos em assuntos não morais podemos e devemos dedicá-lo ao Senhor.

Versículo 9. De facto, Cristo morreu e ressuscitou para que Ele pudesse ser nosso Senhor, tanto na vida como na morte.

Versículo 10. Em vista do senhorio de Cristo sobre todos nós, em todas as situações, incluindo tanto vida como morte, como podemos criticar ou mostrar desprezo uns pelos outros? Aqui o ponto está reiterado: Não devemos julgar os outros. Além das três razões dadas nos versículos 2-3, não devemos julgar, porque Deus é o juiz de cada um de nós. Todos nós

compareceremos ante o tribunal de Cristo.

O texto crítico diz “o tribunal de Deus”, mas “o tribunal de Cristo” cabe melhor no contexto. Cedo, no segundo século, tanto Policarpo como Marciano citaram esta ultima forma. Em qualquer caso, “o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento” (João 5:22). Deus nos julgará da posição de Alguém que viveu uma vida terrena, conquistou o pecado na carne e ofereceu salvação através do sacrifício da Sua vida humana. “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo” (II Coríntios 5:10).

Versículo 11. Como prova da realidade do julgamento para todos, o versículo 11 cita Isaías 45:23, que diz que todo joelho se dobrará e toda a língua confessará que Jeová é o SENHOR. Assumir que o versículo 10 refere-se ao tribunal de Cristo e, então, aplicar esta profecia acerca de Jeová a Cristo é uma forte afirmação da divindade de Cristo. O versículo estabelece que Jesus Cristo é Jeová – o único Deus do Antigo Testamento. Filipenses 2:10-11 também aplica especificamente esta declaração de Isaías a Jesus Cristo.

Versículo 12. Cada um de nós prestará contas, individualmente, de si mesmo a Deus. Isto declara novamente a razão dada no versículo 10 para não julgar uns aos outros.

Desta passagem inteira, podemos extrair três princípios, para guiar nossa conduta em assuntos não morais: (1) Cada um de nós deve ter suas convicções pessoais. (2) Cada um de nós deve seguir sua própria consciência nestes assuntos. (3) Em todas as coisas devemos reconhecer o senhorio de Jesus Cristo.

Colocarmo-nos sob a direção do Senhor nos habilitará a tolerar diferenças de opinião dentro do corpo de Cristo (mas não desobediência à Palavra de Deus). Além disso, isto nos dá uma orientação para responder às questões práticas do viver cristão diário. Ao decidir participar ou não de uma certa atividade, devemos perguntar: “Posso fazer isto para o Senhor, dando graças a Ele, glorificando a Ele, e reconhecendo Seu senhorio enquanto estou fazendo?” Como Colossenses 3:17 declara: “E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai”.

2. Não devemos tentar aos outros (14:13-23)

(13) Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão. (14) Eu sei, e estou certo no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma imunda, a não ser para aquele que a tem por imunda; para esse é imunda. (15) Mas, se por causa da comida se contrista teu irmão, já não andas conforme o amor. Não destruas por causa da tua comida aquele por quem Cristo morreu. (16) Não seja, pois, blasfemado o vosso bem; (17) Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo. (18) Porque quem nisto serve a Cristo agradável é a Deus e aceito aos homens. (19) Sigamos, pois, as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros. (20) Não destruas por causa da comida a obra de Deus. É verdade que tudo é limpo, mas mal vai para o homem que come com escândalo. (21) Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem fazer outras coisas em que teu irmão tropece, ou se escandalize, ou se enfraqueça. (22) Tens tu fé? Tem-na em ti mesmo diante de Deus. Bem-aventurado aquele que não se condena a si mesmo naquilo que aprova. (23) Mas aquele que tem dúvidas, se come está condenado, porque não come por fé; e tudo o que não é de fé é pecado.

A segunda orientação relativa a questões de consciência é tão importante quanto a primeira: não devemos tentar os outros. Não devemos usar nossa liberdade cristã de uma maneira que destruiria a fé de um irmão fraco. Não devemos levá-lo a tropeçar ou cair no seu andar cristão. Em assuntos de opinião, embora tenhamos liberdade, devemos ainda aplicar o princípio do amor.

Versículo 13 declara novamente o ponto principal dos versículos precedentes: não devemos julgar uns aos outros. Então ele declara um ponto novo: devemos tomar o cuidado para não colocar uma pedra de tropeço ou um obstáculo no caminho de nosso irmão. Não deveríamos deixar nossas

atitudes ou ações impedir a vida espiritual de outrem. (Veja Lucas 17:1-2). A mesma palavra grega significando “julgar” aparece em ambas as frases de Romanos 14:13. Em outras palavras, se quisermos fazer qualquer julgamento, antes julgar os outros, devemos julgar a nós mesmos!

O versículo usa duas palavras gregas para descrever o que não deveríamos provocar. A primeira significa uma pedra de tropeço, um obstáculo, um impedimento ou uma ocasião de ofensa. A outra significa uma armadilha ou tentação para pecar. Não devemos fazer qualquer coisa que possa levar uma outra pessoa a tropeçar no seu andar espiritual ou cair no pecado.

Versículo 14. Nada é impuro em si mesmo. Devemos limitar esta declaração ao contexto; ela, claramente, relaciona-se com comida (versículo 15). Assim, a versão *NV* traduz: “*Nenhuma comida é impura em si mesma*”. Paulo certamente reconhecia que muitas atividades poderiam ser espiritualmente impuras e pecaminosas (II Coríntios 6:17). Em si mesmas, as coisas físicas, tais como a comida, são moralmente neutras, mas elas podem se tornar impuras para nós, por causa do que elas representam para nossas consciências. Isto não significa que todas as coisas físicas são boas para usar para todos os propósitos. Por exemplo, não é benéfico, nem é a vontade de Deus para nós tomar cicuta, tomar um banho de um chá venenoso ou fumar ópio.

Paulo foi persuadido, pelo Senhor Jesus mesmo, que as comidas eram moralmente neutras. Talvez sua certeza tenha vindo por revelação direta de Cristo e a liderança do Seu Espírito, mas, provavelmente, ele também teve acesso aos ensinamentos específicos de Cristo neste assunto, que estão agora registados em Marcos 7:14-23. Cristo claramente ensinou que a comida que entra no homem não o pode corromper, mas as coisas que procedem do coração do homem podem corrompê-lo.

Versículo 15. Embora a comida não seja intrinsecamente pecaminosa, ela pode perturbar a consciência de um outro irmão. Se um irmão tem uma objeção de consciência contra comer um certo tipo de comida, não devemos comê-la na sua presença. Por exemplo, se um irmão pensa que comer carne de porco é pecaminoso (ainda que não seja), não devemos comê-la diante dele. Se o fizermos, podemos estar encorajando-o a fazer algo que ele acha que é errado, levando-o a agir contra a sua fé, sentir-se culpado, e, possivelmente, até a abandonar totalmente o seu caminhar. Ou ainda, mesmo que não participe, ele poderia perder a confiança em nosso exemplo cristão e poderia também perder a fé em Deus.

Se ferirmos seriamente nosso irmão por aquilo que comemos, então não estamos andando no amor. Não devemos deixar nossa liberdade arruinar um outro. Não devemos destruir a fé de um irmão, por participar de uma coisa relativamente pequena, como comer um certo tipo de comida, ainda que seja moralmente permitido para nós. Cristo pagou o preço máximo – Sua vida, para salvar nosso irmão; não devemos destruí-lo por causa de um prazer temporal. Não devemos insistir em nossa liberdade cristã, a ponto de ela se tornar um instrumento de devastação para nosso irmão fraco.

Devemos estar tão seguros em nossa posição em Cristo e tão desligados de nosso ego que possamos abrir mão daquilo que não é essencial, pelo bem de nossos irmãos. Se estamos sempre lutando pelos nossos “direitos” podemos nos tornar, na verdade, prisioneiros de nossa liberdade! F. F. Bruce descreveu bem o apóstolo Paulo neste sentido: “Ele estava tão completamente emancipado da escravidão espiritual que não estava escravizado nem mesmo à sua. Ele se conformava ao estilo de vida judaica, quando estava na sociedade judaica, tão alegremente como se acomodava aos hábitos gentios, quando estava convivendo com os gentios”.⁴⁰ Isto explica porque, numa ocasião, ele se submeteu a um voto judaico, envolvendo uma lei cerimonial judaica (Atos 21:18-26). Ele sabia que isto não ganharia qualquer favor com Deus, mas, por causa dos crentes judaicos, ele estava disposto a agir de acordo com a cultura judaica.

Versículo 16. O texto grego literalmente diz: “Não deixe que seu bem seja blasfemado”. Não devemos permitir que alguma coisa que é boa para nós se uma coisa prejudicial para outrem. “Não

⁴⁰ Bruce, p. 243.

deixe que o que você considera bom seja tido como mau” (NIV). “Não dê ocasião para que outros critiquem aquilo que é correto para você” (*Amplificado*).

Versículo 17. Não devemos ser insistentes em nossa liberdade de comer ou beber, pois, afinal de contas, a essência do cristianismo não está nas coisas materiais, mas nas coisas espirituais. O reino de Deus é justiça (retidão moral), gozo (alegria, deleite), e paz (tranquilidade interior) no Espírito Santo.

O Reino de Deus é o governo de Deus nos corações e vidas dos homens. Se bem que Cristo vai estabelecer um reino literal e terreno no futuro, este versículo fala do reino de Deus agora, presente dentro de nós (Lucas 17:21). Podemos entrar neste reino somente pelo novo nascimento – o nascimento da água e do Espírito (João 3:3-5). Uma vez que o reino de Deus, presentemente consiste justiça, gozo, e paz, concedidos pelo Espírito Santo, é claro que podemos participar desse reino somente através do Espírito Santo habitando em nós. O verdadeiro cristianismo brota de um relacionamento íntimo com Deus.

Versículo 18. A maneira de servir a Deus não é através de comida ou bebida, mas através de produzir fruto espiritual, pelo domínio do Espírito em nossos corações. Produzindo este fruto, obtemos tanto aceitação de Deus como aprovação do homem. (O texto crítico traz “isto” em vez de “estas coisas”. [A tradução de Almeida, na versão Corrigida, diz “nisto”, e a versão Atualizada diz “deste modo”])

Versículo 19. Os versículos 19-21 resumem o curso correto de ação em questões de consciência. Devemos seguir – literalmente, “perseguir” – a paz em todas as coisas. Devemos buscar a paz ativamente; devemos ser verdadeiramente pacificadores. Devemos buscar edificar um ao outro, erguer um ao outro, ser de benefício e encorajamento uns para os outros.

O *Versículo 20* reitera o pensamento dos versículos 14-16. Não devemos destruir a obra de Deus por causa de uma indulgência insignificante. Literalmente, não devemos “derrubar” a obra de Deus, que seria o oposto de edificá-la. Verdadeiramente, toda a comida é pura, mas, se comermos algo de uma maneira que leve outra pessoa a tropeçar, então fazemos mal. Algo permissível em si mesmo pode vir a ser pecaminoso, se leva outros a se desviarem. Podemos tentar outros a pecar, enquanto estamos fazendo algo inocente que, de si mesmo, é inocente.

Mais uma vez, devemos limitar a frase ao contexto: “Todas as coisas são de facto puras”. Esta declaração refere-se apenas aos assuntos não morais, e, especificamente à comida. Assim diz a versão NIV: “Toda comida é pura”. Também, quando o versículo nos adverte a não causar “ofensa”, não se refere a algo que desagrade ou desnorteie alguém, mas às coisas que levam outros a tropeçar no seu caminhar cristão. É claro que devemos evitar confundir ou desagradar outros em tudo que for possível, mas não precisamos viver com medo e em escravidão por causa de “crendices” pessoais dos outros. Os cristãos que se consideram maduros não podem ameaçar “tomar algo como ofensa”, para poder exigir conformidade universal às suas convicções pessoais. O ponto completo desta passagem é que os cristãos *não* devem impor suas convicções pessoais aos outros. Ao mesmo tempo, se o exercício da liberdade de um cristão puder efetivamente prejudicar o sincero caminhar espiritual de um outro cristão, então, a ação deve ser evitada.

Versículo 21. É preferível negar-nos certos prazeres pessoais, se isto evitar prejuízo espiritual a outros. (O texto crítico omite “se escandalize ou se enfraqueça”). Isto é razão suficiente para abstinência de coisas questionáveis. É por isso que devemos nos abster até da aparência do mal (I Tessalonicenses 5:22). O versículo 21 usa dois exemplos: comer carne e beber vinho (suco de uva, fermentado ou não). Talvez o verso esteja falando em termos gerais, citando um exemplo de ambos: comida e bebida, ou, talvez, esteja aludindo a controvérsias reais. Comer carne poderia ser questionado, com base no vegetarianismo, na carne oferecida a ídolos, ou carne considerada imunda sob a lei judaica. Beber suco de uva poderia ser questionado como sendo impuro sob a lei judaica (Daniel 1:8), ou proibido por um voto nazireu (temporário ou permanente) (Números 6:3). Aparentemente, todas as controvérsias neste capítulo – comida, dias especiais, bebida – são relacionadas com as leis cerimoniais judaicas ou costumes similares entre os pagãos.

Não há razão para supor que Paulo endossasse o uso de bebidas alcoólicas, o que envolve um assunto moral. Em qualquer caso, *devemos* abster-nos de bebidas alcoólicas, porque elas são uma pedra de tropeço para outros. (Para uma discussão da razão pela qual os cristãos não devem tomar bebidas alcoólicas, veja o capítulo 10 de *Santidade Prática: Uma Segunda Olhada*, por David K. Bernard).

O *versículo 22* apresenta a conclusão para alguém que participa: Se você tem fé (isto é, convicção) na sua liberdade, guarde-a para você mesmo. Exercite-a em particular, diante de Deus, mas não para chocar um irmão. Tenha certeza, no entanto, de que você, efetivamente, tem uma consciência limpa neste assunto. Felizes são aqueles que não têm nenhuma apreensão acerca daquilo que praticam, que não condenam a si mesmos por aquilo que praticam.

O *Versículo 23* apresenta a conclusão para alguém que se abstém: Se você tiver qualquer dúvida acerca de uma prática, não faça. Se alguém duvida, mas mesmo assim faz, está condenado. Isto poderia significar que alguém que age, apesar das suas dúvidas, é condenado na sua própria mente e se sente culpado. A última frase, entretanto, especificamente, declara que a violação do princípio de fé é pecado. Isto não significa que todas as obras não cristãs sejam pecaminosas, mas significa que poderemos pecar ao fazer o que outros consideram como inocente. Se cremos que algo é pecaminoso, mas, deliberadamente, o fazemos, estamos manifestando uma disposição para desobedecer e rebelar-nos contra Deus. Esta atitude é pecaminosa, ainda que o ato em si seja neutro.

3. Devemos seguir o exemplo de Cristo (15:1-13)

(1) Mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos. (2) Portanto cada um de nós agrade ao seu próximo no que é bom para edificação. (3) Porque também Cristo não agradou a si mesmo, mas, como está escrito: Sobre mim caíram as injúrias dos que te injuriavam. (4) Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança. (5) Ora, o Deus de paciência e consolação vos conceda o mesmo sentimento uns para com os outros, segundo Cristo Jesus. (6) Para que concordes, a uma boca, glorifiquéis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. (7) Portanto, recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus. (8) Digo, pois, que Jesus Cristo foi ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para que confirmasse as promessas feitas aos pais; (9) E para que os gentios glorifiquem a Deus pela sua misericórdia, como está escrito: Portanto eu te louvarei entre os gentios, E cantarei ao teu nome. (10) E outra vez diz: Alegrai-vos, gentios, com o seu povo. (11) E outra vez: Louvai ao Senhor, todos os gentios, E celebrai-o todos os povos. (12) Outra vez diz Isaías: Uma raiz em Jessé haverá, E naquele que se levantar para reger os gentios, Os gentios esperarão. (13) Ora o Deus de esperança vos encha de todo o gozo e paz em crença, para que abundeis em esperança pela virtude do Espírito Santo.

A discussão de questões de consciência conclui com uma exortação para seguir o exemplo de Cristo, de amar aos outros. Isto enfatiza a necessidade de formar uma fraternidade cristã unida.

O *Versículo 1* resume o tema do capítulo precedente: o cristão forte (aquele que tem um entendimento maduro da liberdade cristã) deve ter consideração pelo cristão fraco (aquele que tem escrúpulos de consciência contra certas práticas permissivas, mas não morais). A palavra *ora* liga o início do capítulo 15, intimamente, com o pensamento precedente. A palavra *dever* vem da mesma palavra grega em 13:8, onde se refere ao pagamento de uma dívida relacionada com o dinheiro. Cristãos maduros têm a obrigação moral de suportar ou tolerar as dúvidas dos mais fracos. Não devemos viver para agradar a nós mesmos.

Versículo 2. Devemos viver para agradar o nosso irmão na fé, buscando o que é bom para ele e procurando edificá-lo. Isto não significa a bajulação para receber o favor dele, mas o agir sinceramente no seu melhor interesse espiritual. (Nos versículos 5-7 há mais discussão sobre as nossas obrigações mútuas).

Versículo 3. Cristo é o nosso exemplo supremo neste assunto. Ele não procurou agradar a Si mesmo, mas, de Sua espontânea vontade, levou nossas desgraças, abusos, ou insultos, por causa da Sua fidelidade em fazer a vontade de Deus. A citação é de Salmos 69:9.

Versículo 4. Após citar esta passagem do Antigo Testamento, o versículo 4 relembra ao leitor o propósito das Escrituras que, para a audiência original, era o Antigo Testamento. As Escrituras foram escritas para nos instruir, particularmente, para nos dar paciência (persistência, firmeza) e conforto (encorajamento). Isto, por sua vez, produzirá esperança. Romanos 5:4 já mostrou como a perseverança nas tribulações produz esperança. É a persistência ativa que é contemplada, não a resignação passiva. Estudando os exemplos de homens piedosos nas Escrituras, aprendemos a ter paciência nas tribulações, conforto em saber que Deus nos ajudará e esperança de salvação.

Versículo 5. Os versículos 5-7 voltam ao tema da fraternidade cristã em nossas obrigações uns com os outros, que os versículos 1-2 começaram a descrever. Paulo orou para que Deus desse graça aos seus leitores, para que eles fossem unidos em mente. Deus é descrito, aqui, como a fonte da paciência e conforto que, como o versículo 4 indica, podemos receber, através da Palavra de Deus. Devemos ter um espírito de unidade “segundo Cristo Jesus” – de acordo com o exemplo de Cristo e de acordo com a vontade de Cristo, uma vez que todos nós seguimos a Cristo.

Versículo 6. Como resultado de nossa unidade, podemos nos unir nossas vozes para dar louvor e glória a Deus. Aqui, Deus é chamado “o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. Esta frase em nada diminui a divindade de Jesus, ou a unicidade de Deus. Antes, ela descreve o relacionamento da aliança singular do homem Cristo com o Pai. Ela é semelhante à frase do Antigo Testamento: “o Deus de Abraão”. Ela nos lembra a herança que Cristo ganhou como o homem sem pecado, e que nós podemos ter, através da fé em Cristo. Da mesma forma que os descendentes de Abraão receberam promessas especiais do Deus de Abraão, aqueles que crêem em Jesus Cristo e se identificam com Ele recebem promessas especiais do Deus de Jesus Cristo. “*Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus homem*” (I Timóteo 2:5). Como um homem, Cristo é o novo cabeça da raça humana (Romanos 5:14-15; 8:29).

Versículo 7. Em resumo, devemos aceitar e ter comunhão uns os outros, da mesma forma que Cristo nos aceita. (O texto crítico diz: “vos” em vez de “nos”). Como no versículo 3, aqui também nos é mostrado o exemplo de Cristo. Se Cristo aceitou alguém, certamente nós também devemos aceitar. Aceitando um ao outro, em unida comunhão, traremos louvor e glória a Deus – o desejo expresso no versículo 6 – em ações e em palavras.

Versículo 8. Os versículos 8-12 usam Cristo como o exemplo supremo de aceitação dos outros e reconciliação de diferenças. Jesus veio para servir. Como o Messias judaico, Ele veio, primeiramente, para servir aos judeus, para cumprir as promessas de Deus aos seus antepassados. (O texto crítico diz “Cristo”, em vez de “Jesus Cristo”).

Versículo 9. Ao mesmo tempo, foi o propósito de Deus, em todo o tempo, incluir os gentios na Sua igreja do Novo Testamento e deles receber louvor. Em outras palavras, Jesus veio para os gentios, tanto quanto para os judeus.

Para sustentar a afirmação de que Jesus veio, também, para os gentios, o versículo 9 cita Salmos 18:49, que é também registado em II Samuel 22:50. David falou de louvar a Deus entre os gentios, indicando que, em todo tempo, Deus queria que os gentios O conhecessem e O louvassem.

O *Versículo 10* cita, um trecho do cântico de Moisés em Deuteronômio 32:43, que exorta os gentios a louvar a Deus.

Versículo 11. Outra citação, desta vez de Salmos 117:1, exorta os gentios e todos os povos (plural) a louvar Jeová.

Versículo 12. Finalmente, Isaías 11:10, descreve, de forma específica, a missão de Jesus Cristo para os gentios. A “*raiz de Jessé*” é o Messias que viria da linhagem de David e Jessé (pai de David). Isaías 11:1 diz: “Do tronco de *Jessé* sairá um rebento, e, das suas raízes, um renovo”. Apocalipse 5:5, semelhantemente, descreve Jesus como a “Raiz de David”. Como Deus, Jesus era o

Senhor e Criador de David, mas, como homem, Ele era descendente de David. O Messias reinaria sobre os gentios e eles esperariam nEle. A citação é da Septuaginta.

A lição que aprendemos dos versículos 8-12 é que Jesus recebeu a todos e serviu a todos, sem discriminação. Ele edificou uma ponte sobre a maior de todas as divisões humanas – o abismo entre os judeus e os gentios – ao unir ambos, juntos, numa só igreja. Por implicação, devemos estar dispostos e aptos a vencer qualquer diferença na igreja, incluindo aquelas relativas a questões de consciência. Se seguirmos o exemplo de Cristo, aceitaremos todos os verdadeiros cristãos em nossos corações e comunhão.

O *Versículo 13* conclui o corpo da epístola com uma oração dirigida ao Deus de esperança. Paulo orou para que Deus enchesse seus leitores com todo gozo e paz, que são a essência do reino de Deus (14:17). Eles poderiam receber estas coisas, através da fé. Além disso, ele orou para que eles abundassem em esperança, e isto podia acontecer, através do poder do Espírito Santo. (Veja Atos 1:8).

Assim, o argumento do livro termina com uma oração para que os leitores recebessem uma experiência pessoal definida. Mais uma vez o livro sublinha a importância da fé e do Espírito Santo.

Nota: Legalismo e liberdade cristã

A falha em aplicar corretamente o ensinamento sobre questões de consciência pode levar a sérios erros. Alguns praticamente ignoram este ensinamento, promovendo, assim, o legalismo e restringindo a liberdade cristã. Outros insistem em “liberdade” de opiniões pessoais em áreas de moral, ou em áreas onde a Bíblia é clara, destruindo, assim, muitos ensinamentos práticos e bíblicos sobre a santidade. Para poder colocar Romanos 14:1-15:13 em perspectiva, discutiremos resumidamente sobre legalismo e liberdade cristã, nesta secção. Para um tratamento mais detalhado destes dois tópicos, veja os capítulos 3 e 4 do livro *Santidade Prática: Uma Segunda Olhada*, de David K. Bernard.

De modo geral, legalismo significa conformidade estrita ou excessiva a um código legal ou lista de regras. Num contexto cristão, o legalismo tem duas conotações negativas: (1) a tentativa de basear a salvação na execução de boas obras, ou na observância estrita de regras e regulamentos e (2) a imposição de regras sobre si mesmo e sobre os outros, não baseadas estas regras em ensinamentos e princípios bíblicos específicos. Somos culpados de *legalismo*, se assumirmos que o homem alcança *salvação pelas obras*, ou se pregarmos *regras sem princípios*.

Podemos evitar o legalismo, se pregarmos: (1) salvação pela fé, não pelas obras; (2) santidade, como o necessário resultado de uma nova vida em Cristo, e não o meio para obter salvação; (3) a lei moral, não a lei cerimonial; e (4) ensinamentos e princípios bíblicos, e não as tradições dos homens. Em vez de tentar forçar o viver cristão por regras externas, devemos confiar no poder do Espírito Santo e na Palavra de Deus, para desenvolver santidade nas vidas dos crentes. É claro que, para discipular os convertidos e supervisionar os santos, é necessário fazer aplicações práticas de princípios bíblicos.

O significado bíblico de *liberdade cristã* é triplo.

(1) **Libertação do pecado.** Antes da conversão, estávamos no cativeiro do pecado. Agora, como pessoas cheias do Espírito, temos poder sobre o pecado (João 8:32-36; Romanos 6:1-23).

(2) **Libertação da lei.** Isto não significa que Deus aboliu a lei moral, mas que estamos libertos da lei do Antigo Testamento, de muitas maneiras específicas. (a) *Libertação da penalidade da lei*, que é a morte (Gálatas 3:13). Cristo morreu em nosso lugar, portanto, a lei não tem mais poder para nos condenar. (b) *Libertação da tentativa de cumprir a lei contando somente com o esforço humano.* Os santos do Antigo Testamento estavam ligados à lei, como crianças aos seus tutores e preceptores (Gálatas 4). Eles não tinham poder completo para vencer a carne e cumprir a lei moral de Deus, mas, agora, nós temos aquele poder, através do Espírito (Romanos 7:5-6; 8:3-4; Hebreus 8:7-13). (c) *Libertação do poder destrutivo da lei, causado pelo abuso dela pelo homem.* A lei, que é boa em si mesma, tornou-se, na verdade, uma força prejudicial, porque o homem confiou

erroneamente nela, para justificação e, então, rejeitou a fé em Cristo (Romanos 9:31-10:4; Gálatas 2:16-21). (d) *Libertação da lei cerimonial* (Marcos 7:15; Atos 15; Gálatas 4; Colossenses 2:16-17).

(3) ***Liberdade em questões amorais***. Estamos livres para participar em qualquer atividade que não viole os ensinamentos bíblicos. Temos a liberdade de seguir opiniões individuais, desejos e a consciência, em áreas moralmente neutras, tais como o comer carne e a observância de dias determinados (Romanos 14). Nestes assuntos, não devemos julgar uns aos outros, mas devemos ser leais às nossas próprias convicções.

A liberdade cristã não anula nossa responsabilidade de obedecer aos ensinamentos bíblicos sobre santidade (Romanos 6:15; Gálatas 5:13, 19-21). A liberdade cristã não elimina nossa responsabilidade de seguir os líderes piedosos, quando eles aplicam princípios bíblicos de santidade aos assuntos contemporâneos (Hebreus 13:17; Atos 15:28-29).

Certamente, então, nossa liberdade não nos permite envolver-nos em desejos carnis, cometer pecados, ou violar a Palavra de Deus em qualquer maneira. Também encontramos, aqui, quatro regras importantes, para o correto exercício da liberdade cristã, mesmo com respeito aos assuntos amorais. Temos a liberdade cristã para participar somente em atividades moralmente neutras:

(1) *Se Deus for glorificado nela* (Romanos 14:6; I Coríntios 10:31; Colossenses 3:17).

(2) *Se ela é benéfica para nós* – se ela não é prejudicial fisicamente, mentalmente ou espiritualmente (I Coríntios 6:12; 10:23).

(3) *Se podemos manter o controlo sobre ela* – se ela não nos roubar, demasiadamente, energia, tempo ou dinheiro, ou, de qualquer outra maneira, interferir em nosso relacionamento com Deus (I Coríntios 6:12).

(4) *Se ela não é uma pedra de tropeço* – se ela não é espiritualmente prejudicial aos outros (I Coríntios 8:9-13; 10:32-33; Romanos 14:15-21).

Alguma coisa pode ser moralmente neutra em si mesma e ainda violar um destes princípios. Algumas coisas são prejudiciais para algumas pessoas e não para outras, por causa de diferenças de personalidade, maturidade, história de vida ou experiências antes da conversão. Uma certa situação poderia apresentar uma grande tentação para uma pessoa, mas não para outra. Por causa das diferenças individuais, Deus pode impressionar certas convicções pessoais em algumas pessoas e não em outras. Assim, é muito importante que cada pessoa seja fiel às suas próprias convicções e não tente derrubar as convicções dos outros.

A liberdade cristã nos ensina a ser tolerantes com as diferentes convicções pessoais e preferências de companheiros cristãos. Em nenhum caso, porém, podemos pactuar com o pecado. O legalista, que não entende a liberdade cristã, rotulará tudo como sendo ou pecaminoso ou perfeitamente permissível. Portanto, existem “pesos” ou “impressões”, bem como pecados declarados [não deixam dúvidas sobre sua pecaminosidade] (Hebreus 12:1). Algumas coisas não são necessariamente pecaminosas em si mesmas, no entanto, elas não são benéficas para o viver cristão. Em tais casos, o exercício correto da liberdade cristã nos levaria a evitá-las. Entretanto, se alguém não concorda totalmente neste assunto, podemos ainda aceitar o seu estado de cristão. Desta maneira, podemos adverti-lo do perigo de certas práticas, sem, com isto, sermos legalistas. A liberdade cristã nos permite ter comunhão com outros crentes, sem a obrigação de concordar totalmente com todas as suas convicções pessoais.

Epílogo (15:14-16:27)

Conclusão Pessoal

A. A Razão de Paulo para Escrever (15: 14-21).....	132
B. Os Planos Pessoais de Paulo (15:22-33).....	133
C. A Recomendação de Febe (16:1-2).....	136
D. Saudações aos Santos de Roma (16:3-16)	136
E. Admoestação Final (16: 17-20).....	139
F. Saudações dos Companheiros de Paulo (16:21-24).....	140
G. Doxologia (16:25-27).....	141

Epílogo (15:14-16:27)

A porção final da epístola aos Romanos toma a forma de uma conclusão pessoal. Enquanto a maior parte do livro assemelha-se mais a uma obra doutrinária, nesta secção predominam as características de uma carta. Paulo discutiu seus alvos, como um apóstolo, incluindo sua razão para escrever e seus planos pessoais para o futuro. Neste processo, ele tocou em diversos pontos, aos quais tinha aludido no prólogo, e concluiu com a recomendação de um obreiro cristão, saudações a numerosos santos romanos, instruções e advertências finais, e uma expressão de louvor a Deus, no fechamento da carta. Embora o epílogo não seja propriamente uma escritura que vise ensinamento, podemos captar muitas e valiosas lições dos comentários concludentes de Paulo.

A. A Razão de Paulo para Escrever (15:14-21)

(14) Eu próprio, meus irmãos, certo estou, a respeito de vós, que vós mesmos estais cheios de bondade, cheios de todo o conhecimento, podendo admoestar-vos uns aos outros. (15) Mas, irmãos, em parte vos escrevi mais ousadamente, como para vos trazer outra vez isto à memória, pela graça que por Deus me foi dada; (16) Que seja ministro de Jesus Cristo para os gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo. (17) De sorte que tenho glória em Jesus Cristo nas coisas que pertencem a Deus. (18) Porque não ousarei dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito, para fazer obedientes os gentios, por palavra e por obras; (19) Pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus; de maneira que desde Jerusalém, e arredores, até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Jesus Cristo. (20) E desta maneira me esforcei por anunciar o evangelho, não onde Cristo foi nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio; (21) Antes, como está escrito: Aqueles a quem não foi anunciado, o verão, E os que não ouviram o entenderão.

O Versículo 14 começa a secção concludente de Romanos, explicando o propósito de Paulo ao escrever à igreja de Roma. Como no capítulo 1, onde ele explicou porque tinha planejado visitá-los, aqui Paulo usou uma forma muito diplomática de dirigir-se a eles. Ele fez a observação de que os cristãos romanos estavam plenos de bondade, cheios de todo o conhecimento (percepção espiritual) e capazes de instruir uns aos outros (competentes). (O texto crítico diz “outros”, em vez de “uns aos outros”). Em suma, ele reconheceu que eles eram cristãos maduros, mesmo sem a sua assistência.

Versículo 15. (O texto crítico omite “irmãos”). O Versículo 15 explica porque, apesar da boa condição da igreja, Paulo sentiu a necessidade de escrever e, em particular, porque ele escreveu tão ousadamente em alguns lugares. (Talvez ele tivesse em mente as muitas vezes em que declarou: “De modo nenhum!” – particularmente, o repúdio, no capítulo 6, do pecado na vida de um cristão). Primeiro, ele viu a carta como uma valiosa forma de lembrar a eles as verdades que eles já tinham encontrado. Segundo, Deus lhe tinha concedido uma graça especial, isto é, um ministério especial para cumprir.

Versículo 16. Este ministério especial era seu chamado para ser um apóstolo para os gentios. Dando cumprimento a esta responsabilidade que lhe foi dada por Deus, Paulo, provavelmente, se sentiu compelido a ministrar em Roma, já que ela era a maior cidade gentia de seus dias.

Pregadores e professores hoje podem tirar uma lição valiosa da forma inspirada como Paulo se dirigiu aos romanos. Eles deveriam reconhecer qualquer nível de verdade e maturidade que seus ouvintes já tivessem e elogiá-los por isso. Em vez de proclamar, arrogantemente, sua intenção de corrigir cada falha na congregação, eles deveriam oferecer humildemente seus serviços e trazer verdades para a memória. Eles deveriam pregar a mensagem de Deus e cumprir o chamado de Deus, não porque eles se sintam tão capazes e pensem que a igreja é tão deficiente, mas porque Deus nos tem dado a incumbência de assim fazer. A congregação deve sentir que o pregador não está falando de si mesmo, por desejos ou motivos humanos, mas, antes, com uma comissão e unção divinas. Se Paulo, com sua grande chamada, habilidade, e realização, usou esta forma de aproximação, quanto muito mais deveriam fazer os pregadores de hoje!

O chamado de Paulo foi para ser “um ministro de Jesus Cristo para os gentios”. O substantivo

ministro aqui (grego, *leitourgos*) significa “um servo administrativo ou um servo religioso”. A tarefa de Paulo era “ministrar o evangelho de Deus”. O verbo *ministrar* (grego, *hierourgeo*) significa “realizar um serviço sagrado, atuar como um sacerdote, sacrificar”. Pregar o evangelho era um ofício sacerdotal. O propósito deste serviço era apresentar a Deus uma oferta, uma dádiva ou um sacrifício dos gentios. Paulo não estava tentando acumular um de número recorde de “decisões para Cristo”, nem um número recorde de pessoas batizadas em o nome de Jesus e cheios do Espírito Santo. Antes, ele queria oferecer um povo aceitável a Deus. Eles tinham que ser sacrificados – limpos, santos, separados do pecado, para Deus, pelo Espírito Santo.

Versículo 17. Tendo estabelecido que sua carta aos romanos era consequência de seu chamado divino e seu serviço sacerdotal, Paulo falou sobre a natureza do seu chamado, demonstrando que ele, de facto, teve um chamado apostólico. Embora recusasse exaltar a si mesmo, ele gloriou-se, ou jactou-se, em Cristo Jesus, com respeito às coisas de Deus. Ele regozijou-se naquilo que Cristo tinha feito no seu ministério.

Versículo 18. Ele recusou tomar o crédito pelas realizações dos outros, ou mesmo tomar o crédito por aquilo que tinha sido feito no seu próprio ministério; ele falou somente daquilo que Cristo tinha feito através dele. “Não ousarei falar de qualquer coisa, exceto o que Cristo tem realizado através de mim...” (NIV).

O propósito da obra de Cristo, através de Paulo, foi trazer os gentios à obediência. Outra vez, não podemos separar fé da obediência de fé (Romanos 1:5; 16:26). O ministério de Paulo não era apenas trazer os homens ao ponto de um assentimento mental, mas motivá-los a obedecer ao evangelho. Qualquer coisa menos que a completa obediência à mensagem do evangelho falha em cumprir a fé salvadora que Paulo pregou.

A obra de Cristo no ministério de Paulo abrangia tanto a palavra como a ação. Paulo proclamava ousadamente a Palavra em todo lugar por onde andava. Além disso, seu ministério cumpriu a Palavra, através de resultados físicos. Isto poderia englobar a resposta obediente dos crentes, bem como os milagres físicos realizados no seu ministério. Um ministério verdadeiramente apostólico, hoje, deve cumprir-se tanto em palavras como em ação.

Versículo 19. Especificamente, as ações incluíram poderosos sinais e prodígios, pelo poder do Espírito de Deus. Como Paulo escreveu aos Coríntios: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder” (I Coríntios 2:4). Se quisermos alcançar nosso mundo, como Paulo alcançou o dele, nós também devemos ter um ministério apostólico de milagres, realizados pelo poder do Espírito.

Através deste ministério ungido, poderoso, miraculoso, Paulo foi habilitado a pregar completamente o evangelho, de Jerusalém ao Ilírico. Jerusalém foi o ponto de partida da igreja apostólica e a sede da liderança espiritual na igreja primitiva. Ilírico era uma província romana na costa oriental do mar Adriático. Esta área, também chamada Dalmácia, ficava ao noroeste da Macedônia, onde, hoje, fica a Iugoslávia [Iugoslávia – Eslováquia – Croácia]. Esta área representou o ponto mais ocidental do ministério de Paulo até aquele tempo; nas suas jornadas, o ponto mais distante de Jerusalém.

O livro de Atos não registra que Paulo tenha pregado no Ilírico. É possível que ele tenha pregado no Ilírico quando foi à Macedônia, depois do seu ministério em Éfeso (Atos 20:1-6). Isto teria sido pouco antes de sua viagem à Jerusalém, com a oferta para os santos pobres, e pouco antes desta carta aos romanos.

Embora Paulo não tivesse pregado em cada vila situada entre Jerusalém e Ilírico, ele tinha estabelecido igrejas nas maiores cidades gentias, entre estes dois pontos. Ele tinha cumprido a sua tarefa de levar o evangelho a estas áreas, estabelecendo igrejas que poderiam continuar a obra de evangelização.

Versículo 20. O chamado de Paulo foi para ser um pioneiro. Ele esforçou-se para pregar somente onde Cristo não tinha sido pregado antes. Ele evitou deliberadamente trabalhar nas áreas onde outros tinham trabalhado. Nos outros lugares, ele descreveu a si mesmo como um semeador e como um pedreiro que põe o alicerce em uma construção (I Coríntios 3:6, 10).

Versículo 21. Ao pregar o evangelho àqueles que nunca o tinham ouvido, Paulo esforçou-se para cumprir Isaías 52:15.

Nem todo o ministério é semelhante ao de Paulo. Paulo reconheceu que outros regaram e

outros edificaram sobre o alicerce (I Coríntios 3:6-10). No entanto, pregadores hoje deveriam ter o mesmo desejo de evangelizar os perdidos, de apresentar Cristo ao povo pela primeira vez. A igreja deve avançar sempre, ativamente, nas áreas aonde ninguém jamais pregou Cristo na plenitude do evangelho. As igrejas locais nunca devem se tornar complacentes e satisfeitas com suas realizações, mas devem sempre manter um vigoroso desejo de alcançar os perdidos. Os pregadores não devem buscar posições de conforto, adquiridas pelo labor dos outros. E mais, quando eles continuam uma obra começada por outros, eles devem sempre buscar avançar ainda mais com o evangelho. Além disso, eles nunca deveriam procurar edificar um ministério ou uma congregação local, com o intuito de derrubar ou tirar do ministério de outrem.

B. Os Planos Pessoais de Paulo (15:22-33)

(22) Por isso também muitas vezes tenho sido impedido de ir ter convosco. (23) Mas agora, que não tenho mais demora nestes sítios, e tendo já há muitos anos grande desejo de ir ter convosco, (24) Quando partir para Espanha irei ter convosco; pois espero que de passagem vos verei, e que para lá seja encaminhado por vós, depois de ter gozado um pouco da vossa companhia. (25) Mas agora vou a Jerusalém para ministrar aos santos. (26) Porque pareceu bem à Macedônia e à Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém. (27) Isto lhes pareceu bem, como devedores que são para com eles. Porque, se os gentios foram participantes dos seus bens espirituais, devem também ministrar-lhes os temporais. (28) Assim que, concluído isto, e havendo-lhes consignado este fruto, de lá, passando por vós, irei à Espanha. (29) E bem sei que, indo ter convosco, chegarei com a plenitude da bênção do evangelho de Cristo. (30) E rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que combatais comigo nas vossas orações por mim a Deus; (31) Para que seja livre dos rebeldes que estão na Judeia, e que esta minha administração, que em Jerusalém faço, seja bem aceita pelos santos; (32) A fim de que, pela vontade de Deus, chegue a vós com alegria, e possa recrear-me convosco. (33) E o Deus de paz seja com todos vós. Amém.

Tendo explicado a razão da sua carta e o ministério apostólico que a incentivou, Paulo relatou, de forma resumida, seus planos pessoais. Novamente, ele assegurou aos romanos a sua intenção de visitá-los, tão cedo quanto possível, e explicou porque tinha que ir primeiramente a Jerusalém.

Versículo 22. Em 1:13 Paulo mencionou que, apesar do seu desejo ardente, ele tinha sido impedido de ir a Roma até aquele momento. Este versículo revela o que o havia impedido: a necessidade de pregar, primeiramente, em lugares onde o evangelho ainda não tinha chegado. Roma já tinha uma igreja, portanto, segundo a política descrita em 15:20-21, Paulo foi constrangido a pregar primeiro naquelas áreas, entre Jerusalém e Roma, onde não havia ainda nenhuma testemunha.

Versículo 23. Por este tempo, entretanto, ele não tinha mais oportunidade de abrir novos territórios a leste de Roma, uma vez que ele já tinha pregado completamente o evangelho, de Jerusalém ao Ilírico. Ele estava, finalmente, numa posição em que podia cumprir seu desejo de muitos anos, de visitar a igreja de Roma. (Em vista da política de ação, declarada por Paulo no versículo 20, de que não edificaria sobre o fundamento de outrem, é improvável que um outro apóstolo – como Pedro, por exemplo – tenha fundado a igreja de Roma, e ainda mais improvável que qualquer outro apóstolo fosse, naquele tempo, um bispo que presidisse a igreja de Roma).

Versículo 24. Mesmo cumprimento o seu antigo desejo de visitar Roma, no entanto, Paulo planejou fazer isso no seu caminho para abrir um novo território para o evangelho – Espanha. Parece que ele somente poderia justificar sua indulgência para consigo mesmo, usando-a para levar adiante seu ministério pioneiro. Em todos os seus planos, Paulo jamais abandonou seu intenso zelo missionário. (O texto crítico omite a frase: “irei ter convosco”).

Esta jornada proposta tinha não somente um motivo missionário, mas também um motivo pessoal, porém, mesmo a escala em Roma tinha um duplo propósito. Paulo desejava gozar a companhia dos santos romanos, tanto quanto possível, mas ele também planejou pedir o apoio deles para promover sua viagem missionária para a Espanha. Como em 1:12, Paulo, cortesmente, expressou sua alta valorização da comunhão da igreja de Roma.

A Bíblia não registra que Paulo efetivamente tenha alcançado a Espanha. Ao encerrar-se a narrativa do Livro de Atos, ele tinha chegado em Roma, todavia, em circunstâncias diferentes

daquelas que ele tinha planejado – como um prisioneiro. A evidência histórica indica que Paulo foi solto em Roma, e, então, mais tarde, aprisionado outra vez, ali, e executado. Existem tradições que indicam que ele, de facto, visitou a Espanha, entre os dois períodos em que esteve preso, mas não há evidência definida suficiente para sustentar esta suposição.

Versículo 25. Antes que Paulo pudesse visitar Roma, no entanto, ele teve uma tarefa específica a executar: ele precisava viajar a Jerusalém para ministrar aos santos lá. Aqui, o verbo grego para “ministrar” é *diakoneo* – “servir, atender, suprir, ajudar”.

Versículo 26. Especificamente, ele iria levantar contribuições financeiras nas igrejas gentias da Macedônia e Acaia, para os santos pobres de Jerusalém. Macedônia e Acaia eram províncias romanas que compreendiam a maior parte da Grécia antiga. A Macedônia ficava ao norte da própria Grécia e nela ficavam as cidades de Bereia, Tessalônica e Filipos. Na Acaia, ficavam Atenas e Corinto. Estas duas províncias eram os locais mais recentes do ministério de Paulo (Atos 19:21), mas, aparentemente, outras áreas, tais como a Galácia, também contribuíram (I Coríntios 16:1). Referências a esta coleta se acham em Atos 24:17, I Coríntios 16:1-4 e II Coríntios 8-9.

Versículo 27. Embora esta coleta fosse espontânea, Paulo a considerou como um pagamento de uma dívida moral das igrejas gentias para com a igreja mãe, em Jerusalém. Os cristãos judaicos tinham compartilhado o evangelho e todas as suas bênçãos espirituais com os gentios, portanto, estes últimos tinham uma obrigação de retribuir tal serviço (grego, *leitourgeo*) com bens materiais [“temporais”, na versão aqui utilizada]. A igreja judaica supriu as necessidades espirituais dos gentios, e era justo que os gentios suprissem as necessidades materiais dos santos pobres de Jerusalém.

Versículo 28. O verbo *consignar*, com sua conotação legal de negócios, indica que Paulo considerou como seu dever pessoal entregar esta oferta oficialmente. Ele desejou apresentar, com segurança, à igreja mãe, este fruto tangível dos seus labores. Talvez a palavra *consignar* também indique o desejo de Paulo de que aquela oferta cimentasse a comunhão entre os cristãos gentios e judaicos. Após cumprir esta sagrada missão, ele estaria livre para visitar Roma, no seu caminho para a Espanha.

Versículo 29. Ainda que sua ida a Roma fosse de algum modo retardada, por causa desse negócio, ele estava confiante que, quando finalmente fosse, iria com a plenitude da bênção e aprovação divinas. (O texto crítico omite “do evangelho”).

Versículo 30. Neste ponto, Paulo rogou, com sinceridade, à igreja de Roma que orasse pelo sucesso da sua missão. Ele pediu para que eles lutassem junto com ele em oração. Como faz 1:9, este versículo enfatiza o valor e importância da oração intercessória. Paulo, verdadeiramente, acreditava que as orações dos outros faziam uma diferença decisiva na sua vida e ministério. Ele baseou seu apelo aos romanos nos motivos mais altos: o mesmo Senhor (dele e dos romanos) e o amor (do grego, *agape*) do Espírito.

Versículo 31. Seu pedido de oração foi triplo. Sua primeira petição foi para ser liberto dos judeus incrédulos. Sua segunda petição foi para ser aceito pelos crentes judaicos. Paulo, aparentemente, viu, por antecipação, problemas em ambas as áreas, e eventos posteriores provaram que sua preocupação era correta (Atos 21). Muitos cristãos judaicos tinham dúvidas sobre ele, tendo ouvido rumores de que ele ensinava os judeus, em terras gentias, a abandonar a lei de Moisés. Os líderes em Jerusalém pediram para ele tomar um voto judaico, para assegurar ao povo que ele ainda observava costumes judaicos. Muitos incrédulos judaicos odiavam Paulo, por pregar aos gentios e, segundo pensavam, derrubar a lei de Moisés. Quando ele foi ao Templo para cumprir seu voto, eles começaram um tumulto e tentaram matá-lo. Somente a intervenção dos soldados romanos o salvou.

Versículo 32. A terceira petição de Paulo foi para que ele pudesse ir a Roma, com alegria, na vontade de Deus, e lá encontrar refrigério. Como em 1:10, Paulo foi cuidadoso em condicionar este desejo de visitar Roma à vontade de Deus. Ele queria ir a Roma, mas somente na vontade de Deus. Como em 1:12, ele enfatizou a bênção mútua que sua visita traria.

As orações de Paulo foram respondidas, no entanto, não como ele esperava. Deus de facto o libertou dos incrédulos judaicos, em Jerusalém. Ele de facto ganhou favor com os cristãos judeus. Ele de facto foi a Roma, mas como um prisioneiro. Mas, em isto, a vontade de Deus foi efetuada.

Versículo 33. Após revelar seus planos, resumidamente, Paulo confiou seus leitores ao Deus de paz. Depois de pedir-lhes que orassem por ele, ofereceu, ele mesmo, uma oração por eles. (Paulo usou o mesmo título para Deus, em 16:20. O uso similar de outros títulos pode ser achado em

C. A Recomendação de Febe (16:1-2)

(1) Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencreia, (2) Para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo.

O *Versículo 1* insere uma recomendação de Febe (forma grega), uma obreira da igreja de Cencreia, o porto oriental de Corinto. (Veja Atos 18:18). Esta passagem indica fortemente que Paulo escreveu a carta em Corinto, e que Febe entregou a carta à igreja de Roma.

Febe é chamada de “irmã”, o que demonstra o costume dos cristãos primitivos de saudar os companheiros crentes como irmãos e irmãs no Senhor. Ela era também uma “serva” da igreja de Cencreia. A palavra grega é *diakanos*, a mesma palavra traduzida como “diácono”, em Filipenses 1:1 e 1 Timóteo 3:12. É lógico, pois, concluir que Febe era uma diaconisa, ainda que alguns comentaristas sugiram que a palavra é usada, aqui, num sentido geral e não técnico. Muitos estudiosos apontam para I Timóteo 3:11, como evidência adicional de que havia diaconisas na igreja primitiva, uma vez que a palavra grega traduzida como “esposas”, nesta última passagem, pode significar simplesmente “mulheres”. [A Bíblia em português traz esta tradução]. Em qualquer caso, é evidente, de Romanos 16:1 e referências subsequentes no capítulo 16, que muitas mulheres ocuparam posições de responsabilidade e efetuaram serviços proeminentes na igreja do Novo Testamento. O uso deste processo de recomendação também é uma evidência do significativo grau de cooperação e organização existente entre as igrejas.

O *Versículo 2* chama Febe de ajudadora ou, literalmente, a “patroa ou protetora” (*grego, prostatis*). O uso desta palavra pode significar que Febe era uma mulher rica, de elevada posição social, o que poderia explicar sua disponibilidade e necessidade de uma viagem a Roma para tratar de negócios pessoais. De qualquer forma, Paulo destacou sua grande assistência a muitas pessoas, incluindo ele mesmo. Ele pediu que a igreja de Roma a recebesse de uma maneira digna dos santos e a assiste de todas as maneiras possíveis.

D. Saudações aos Santos de Roma (16:3-16)

(3) Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, (4) Os quais pela minha vida expuseram as suas cabeças; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios. (5) Saudai também a igreja que está em sua casa. Saudai a Epêneto, meu amado, que é as primícias da Acaia em Cristo. (6) Saudai a Maria, que trabalhou muito por nós. (7) Saudai a Andrônico e a Júnias, meus parentes e meus companheiros na prisão, os quais se distinguiram entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo. (8) Saudai a Amplias, meu amado no Senhor. (9) Saudai a Urbano, nosso cooperador em Cristo, e a Estáquis, meu amado. (10) Saudai a Apeles, aprovado em Cristo. Saudai aos da família de Aristóbulo. (11) Saudai a Herodião, meu parente. Saudai aos da família de Narciso, os que estão no Senhor. (12) Saudai a Trifena e a Trifosa, as quais trabalham no Senhor. Saudai à amada Pérside, a qual muito trabalhou no Senhor. (13) Saudai a Rufo, eleito no Senhor, e a sua mãe e minha. (14) Saudai a Asíncrito, a Flegonte, a Hermes, a Pátrobas, a Hermas, e aos irmãos que estão com eles. (15) Saudai a Filólogo e a Júlia, a Nereu e a sua irmã, e a Olimpas, e a todos os santos que com eles estão. (16) Saudai-vos uns aos outros com santo ósculo. As igrejas de Cristo vos saúdam.

Nesta secção, Paulo enviou saudações a vinte e seis pessoas (a maioria das quais mencionados somente aqui), dois lares, e três igrejas que funcionavam em casas. (Os dois lares provavelmente eram também igrejas em casas). Muitas das referências a estas pessoas são intrigantes e dão a ideia de que algumas dessas pessoas foram supliciadas de alguma forma, mas, na maioria dos casos, podemos somente especular, com respeito a quem eles foram e o que fizeram. Pode parecer estranho que Paulo conhecesse tantos santos numa cidade que ele nunca visitou, mas ele já tinha ouvido muitas reportagens acerca da igreja de Roma. (1:8; 16:19). Além disso, ele tinha, aparentemente, trabalhado com alguns e/ou convertido muitas destas pessoas em outros lugares, e a mudança de vida os tinha trazido, finalmente, para a cidade grande.

À primeira vista, estas saudações podem não parecer muito significantes, comparadas com o resto da epístola, no entanto, demonstram muitas verdades de grande importância. Primeiro, elas ajudam a confirmar a autenticidade da epístola. Se a epístola não fosse genuína, por que alguém incluiria tantas saudações irrelevantes que poderiam, facilmente, serem provadas como falsas?

Esta passagem mostra que o Apóstolo Pedro não era o pastor em Roma, nesta época, e, portanto, não poderia, razoavelmente, ter sido o fundador da igreja. Se ele estivesse presente, Paulo certamente o teria incluído nesta lista extensiva de saudações, considerando-se, especialmente, que ele saudou tantas pessoas obscuras. Numa passagem notavelmente cortês, teria sido estranhamente rude ignorar o bispo presidente fundador.

Devemos notar o proeminente papel das mulheres na igreja primitiva. Paulo mencionou dez mulheres neste capítulo, adicionando um comentário especial em todos os casos, menos dois. Ele usou estes termos, para descrever algumas delas: serva (possivelmente diaconisa), ajudadora, companheira de trabalho, uma notável entre os apóstolos, e trabalhadoras no evangelho. Obviamente, ele não se ofendia com mulheres trabalhando na igreja.

Devemos notar a cortesia, o afeto pessoal e amor cristão do Apóstolo Paulo. Ele tomou tempo para expressar sua apreciação sincera pelos serviços, bondade, e amizade de indivíduos, até então pessoas totalmente desconhecidas.

Além disso, a passagem demonstra a forte comunhão e a devoção sincera presente na igreja primitiva. Paulo nos deu uma bela visão da devoção, sofrimento, e labor dos santos pela causa do evangelho, bem como sua vida plena de fé, esperança e amor.

Versículo 3. Paulo, primeiramente, saudou Priscila e Áquila, um casal que tinha trabalhado juntamente com Paulo na pregação do evangelho (Atos 18:2, 18, 26; I Coríntios 16:19; II Timóteo 4:19). Priscila é o diminutivo (familiar) forma carinhosa do nome próprio Prisca, e este último nome é o que Paulo usou no texto grego. Talvez Priscila fosse de uma família Romana nobre chamada Prisca. Se for assim, sua alta posição social poderia ser uma razão para, em forte contraste com o costume normal, ela ser mencionada antes do seu marido, Áquila, que era um judeu do Ponto. É também provável que ela fosse mencionada primeiro, aqui (e na maioria das passagens citadas acima), por causa de sua personalidade mais impressiva e pelo papel mais proeminente no seu trabalho na igreja.

Versículo 4. Priscila e Áquila tinham arriscado as suas vidas em favor de Paulo. Eles tinham executado um serviço notável e digno de agradecimento de muitas igrejas gentias, bem como do próprio de Paulo. A Bíblia não regista os eventos aos quais Paulo aludiu aqui.

Versículo 5. A congregação local se reunia na casa deste casal. Embora todos os santos da cidade fossem considerados como parte de uma só igreja, não havia normalmente nenhum lugar específico, onde todos pudessem se encontrar juntos. Não havia prédios de igrejas. Normalmente, eles se encontravam em grupos pequenos, nos lares individuais. Cada ponto de encontro poderia ser chamado uma igreja, em um dos sentidos da palavra, como Paulo o fez aqui. Em muitos aspectos, o líder de igreja de uma casa local corresponderia ao pastor moderno. Aparentemente, os líderes da igreja nas casas eram presbíteros da igreja naquela cidade, com um presbítero presidente, ou bispo, sobre a cidade inteira.

É feita menção a Epêneto, que foi dos primeiros frutos da Acaia, ou Ásia, de acordo com o texto crítico. Aparentemente, ele foi o primeiro convertido de Paulo na província romana da Ásia, na Ásia Menor Ocidental (na atual Turquia).

Versículo 6. Paulo saudou uma mulher chamada Maria, que tinha trabalhado muito por “nós” ou “vós”, de acordo com o texto crítico. (Somente uma letra distingue as duas palavras no grego).

Versículo 7. Andrônico e Júnica eram parentes de Paulo e companheiros de prisão. A palavra grega para parentes pode significar tanto “homem da mesma família ou raça”, como “compatriota”. Eles foram prisioneiros com Paulo, numa ocasião desconhecida a nós. Eles também se tornaram cristãos antes de Paulo. Se eles eram, de facto, parentes consanguíneos de Paulo, como parece possível da sua aparente familiaridade com eles antes da sua conversão, então mais luz irradia sobre a conversão de Paulo. Neste caso, ele não somente tinha sido exposto à pregação de Estevão, mas também ao testemunho cristão de parentes, e, talvez, tenha lutado com esta mensagem por longo tempo. Isto ajudaria a explicar as palavras do Senhor para ele: “Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões” (Atos 9:5). Sua conversão dramática, então, não teria vindo do nada, mas teria sido a combinação de uma batalha interna no seu coração.

Andrônico e Júnias eram “notáveis entre os apóstolos”. Isto poderia significar que eles eram bem conhecidos dos apóstolos. Porém, é mais provável que signifique que eles eram bem conhecidos como apóstolos. É claro que eles não eram dos doze, mas eram apóstolos, no sentido mais lato da palavra grega, que é “um enviado com uma comissão”. Isto é semelhante ao conceito moderno de missionários pioneiros. Neste sentido, Paulo e Barnabé foram chamados apóstolos (Atos 14:14).

Existem algumas questões sobre se o segundo nome seria Júnias (feminino), como dizem a *KJV*, a *NKJV*, e muitas autoridades antigas, ou Júnias (masculino), como dizem muitas traduções modernas. Alguns manuscritos até o traduzem como Júlia (feminino). Supondo que o nome seja feminino, então Andrônico e Júnias, provavelmente, era um casal de cônjuges, como Priscila e Áquila. É claro que muitos teólogos de hoje se ofendem se alguém chamar uma mulher de apóstolo, em qualquer sentido da palavra, mesmo como parte de um casal de missionários. Bauer, Arndt, e Gingrich declaram que é impossível determinar se o nome era masculino ou feminino, mas comentam: “A possibilidade... de que este seja um nome de mulher... (comentaristas antigos consideram Andrônico e Júnias como um par casado...) merece consideração”.⁴¹

Versículo 8. Paulo saúda Ampliato, a quem ele amava profundamente no Senhor. O texto grego realmente usa a versão completa do nome, Ampliatos.

Versículo 9. Paulo também saudou a Urbano (a forma mais correta), um outro colaborador, e a Estáquios, um outro homem especialmente amado.

Versículo 10. Apeles é descrito como alguém que foi testado e aprovado. Talvez ele fosse um trabalhador veterano ou tivesse suportado tribulações severas. Paulo usou um toque pessoal, para variar suas descrições dos indivíduos, de acordo com suas características notáveis. Também foram enviadas saudações ao lar de Aristóbulo.

Versículo 11. Paulo dirigiu-se, também a Herodião, um outro parente, ou talvez meramente um companheiro judaico, e aos crentes da casa de Narciso. Possivelmente Aristóbulo e Narciso eram cidadãos proeminentes, com grandes famílias e muitos servos. Talvez, nestes dois versículos, Paulo realmente tenha se dirigido a duas igrejas que se reuniam nas casas destes dois homens.

Versículo 12. Três trabalhadoras femininas no evangelho são mencionadas aqui. Os nomes de Trifena e Trifosa sugerem que elas eram irmãs, possivelmente, gêmeas. Paulo, muito apropriadamente, referiu-se a Pérside, como “a estimada”, em vez de “minha estimada”.

Versículo 13. Rufo era, talvez, o filho de Simão, o Cireneu, o homem que carregou a cruz de Cristo (Marcos 15:21). Que Rufo, o filho de Simão, era conhecido na igreja primitiva é sugerido pelo cuidado especial que Marcos teve em mencionar seu nome. Rufo, evidentemente, teve um chamado especial de Deus na sua vida. Paulo, metaforicamente, identificou a mãe de Rufo como a sua própria; ela, evidentemente, teve um relacionamento especial e maternal com Paulo.

Versículo 14. Uma outra igreja no lar é identificada aqui. Os nomes neste versículo não ocorrem em nenhum outro lugar nas Escrituras. Hermes não era o mesmo homem que escreveu o popular livro devocional intitulado *O Pastor*, pois este foi escrito muitas gerações depois.

Versículo 15. Mais uma outra igreja no lar é citada. Filólogo e Júlia, provavelmente, eram um casal de cônjuges, ou, talvez, irmão e irmã.

O *Versículo 16* conclui estas saudações individuais exortando os romanos a saudarem uns aos outros com um ósculo santo. Não há nenhuma evidência de que fosse intenção de Deus estabelecer isto como uma ordenança especial. Antes, este era um modo típico oriental e judaico de pessoas do mesmo sexo abraçar uns aos outros e beijar uns aos outros na face. De acordo com a história da igreja antiga, os cristãos antigos praticaram o “beijo de paz”. Em essência, Romanos ordena os cristãos a saudarem uns aos outros calorosamente, como companheiros e membros da família de Deus. O equivalente moderno ocidental é apertar as mãos e, sendo do mesmo sexo, abraçar uns aos outros.

O texto crítico inclui a palavra “todas”, no início da segunda sentença do versículo. Todas as igrejas enviaram suas saudações a Roma. Sem dúvida, esta saudação veio dos delegados que estavam se juntando a Paulo, para a viagem a Jerusalém, para levar a oferta (Atos 20:4).

⁴¹ Walter Bauer, Arndt, e Gingrich, *A Greek-English Lexicon of The New Testament*, 2ª. ed (Chicago: University of Chicago Press, 1979), p. 380.

E. Admoestação Final (16:17-20)

(17) E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles. (18) Porque os tais não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu ventre; e com suaves palavras e lisonjas enganam os corações dos simples. (19) Quanto à vossa obediência, é ela conhecida de todos. Comprazo-me, pois, em vós; e quero que sejais sábios no bem, mas simples no mal. (20) E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém.

Esta admoestação soa com um tom incomum para esta epístola, pois somente aqui é que Paulo afirma sua autoridade apostólica de uma maneira tão forte. Através de toda a epístola, ele foi muito cuidadoso e diplomático, apelando para as Escrituras e para a razão, para estabelecer suas proposições, tendo em mente que ele não tinha convertido os romanos, nem mesmo ministrado a eles. Deus, evidentemente, considerou que esta advertência era muito importante e necessária, o que justifica a admoestação forte e autoritária.

Versículo 17. Esta admoestação final foi uma advertência contra os criadores de problemas. Os romanos foram fortemente encorajados a vigiar e se afastar dos encenqueiros. O resto da epístola não provê evidência da existência de tais problemas na igreja de Roma na ocasião – ao contrário, ela era altamente merecedora de elogios (1:8; 15:14; 16:19). Deus, aparentemente, estava advertindo os romanos para guardar-se contra problemas futuros. Paulo já havia enfrentado problemas sérios na Galácia, com a chegada dos judaizantes. Estes eram cristãos judaicos que insistiam que os cristãos gentios deviam guardar a lei de Moisés, para serem salvos. Paulo previu que estes forasteiros logo chegariam a Roma e lá fomentariam contendas.

Especificamente, os romanos deveriam notar e evitar aqueles que provocam divisões (facções na igreja) e ofensas (pedras de tropeço ou obstáculos para impedir que as pessoas encontrem e sirvam a Deus). Eles deveriam evitar pessoas que criam obstáculos contrários ao ensinamento que eles tinham recebido, que incluiu esta epístola.

O *Versículo 18* descreve a condição destes criadores de caso. Em vez de servirem ao Senhor, eles serviam a seus apetites ou concupiscências. Em outras palavras, eles eram mercenários. Por uma fala suave e palavras lisonjeiras, eles enganam os simples. A palavra grega traduzida como “simples” (*akakos*), aqui, significa “inocentes, sinceros, ou os que não desconfiam”. O método destes mercenários contrasta fortemente com a própria proclamação do evangelho por Paulo: “E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria... A minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder” (I Coríntios 2:1, 4). (O texto crítico diz “Senhor Cristo” em vez de “Senhor Jesus Cristo”).

O *Versículo 19* assegura os romanos da confiança que Paulo tinha neles e da sua capacidade de permanecerem fiéis. Como anotado em 1:8, a igreja de Roma tinha uma boa reputação através da cristandade, e Paulo regozijou-se nisto. Em particular, eles eram conhecidos por sua obediência. Não obstante, Deus os admoesta a que sejam sábios, com respeito ao bem, mas simplices, ou inocentes, quanto ao mal. A palavra grega traduzida como “simplices”, neste versículo (*akeraios*), significa “puro, inocente”. É a mesma palavra traduzida como “simplices” no ensinamento de Cristo, “Sede prudentes como as serpentes e simplices como as pombas” (Mateus 10:16), portanto, o versículo 19 parece ser uma alusão às palavras anteriores de Cristo.

O *Versículo 20* dá garantia de vitória. O Deus de paz (veja 15:33) trará paz na luta para destruir a oposição. Em breve, Ele esmagará a Satanás debaixo dos pés da igreja. A palavra traduzida como “breve” pode significar “logo”, ou “rapidamente”. Talvez a ênfase seja que, quando a derrota de Satanás vier, ela será rápida.

O versículo 20, evidentemente, alude a Gênesis 3:15, onde Deus falou à serpente: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Aplicando a Deus esta profecia que se refere a Cristo, Romanos, na realidade, equipara Cristo a Deus. Ele também equipara Satanás sendo ferido por Cristo com Satanás sendo esmagado debaixo dos pés da igreja. Uma vez que a igreja é o corpo de Cristo, ela participará no esmagamento de Satanás e emergirá vitoriosa sobre Satanás.

Com este tom triunfante, uma bênção é pronunciada sobre a igreja de Roma: “A graça de

nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém!” (O texto crítico omite “Cristo” e “Amém”).

Embora a admoestação forte desta secção seja um tanto incomum para o Livro de Romanos, advertências semelhantes acerca de pessoas encenqueiras, mercenárias, enganadoras, e falsos profetas são comuns nas epístolas do Novo Testamento. (Veja Filipenses 3:18-19, II Timóteo 3:6, Tito 1:10-11, II Pedro 2:12-19, e Judas 11-16).

F. Saudações dos Companheiros de Paulo (16:21-24)

(21) Saúdam-vos Timóteo, meu cooperador, e Lúcio, Jasom e Sosípatro, meus parentes. (22) Eu, Tércio, que esta carta escrevi, vos saúdo no Senhor. (23) Saúda-vos Gaio, meu hospedeiro, e de toda a igreja. Saúda-vos Erasto, procurador da cidade, e também o irmão Quarto. (24) A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém.

Aqueles que estavam com Paulo, ao tempo em que esta carta foi escrita, também enviaram suas saudações. Como faz 16:3-16, esta passagem demonstra a irmandade, o afeto, e o amor da igreja primitiva. Ela ajuda a identificar Corinto como a localidade onde o livro foi escrito. Ela também serve para autenticar a epístola, particularmente, a sua última parte.

O *Versículo 21*, evidentemente, regista saudações dos companheiros de viagem de Paulo. Timóteo, cooperador de Paulo, é bem conhecido de Atos, I e II Timóteo e várias outras referências nas epístolas de Paulo. Lúcio, Jasom e Sosípatro podem ser os mesmos homens mencionados em Atos 13:1, 17:5-7, e 20:4, mas não há nenhuma prova disto, uma vez que tais nomes eram razoavelmente comuns. Paulo menciona estes homens como seus parentes, provavelmente significando aqui somente que eram seus compatriotas ou companheiros judaicos. Lúcio (grego *Loukios*), provavelmente, não foi o escritor Lucas, do Novo Testamento, pois Paulo sempre se referiu a ele como *Loukas* (Colossenses 4:14; II Timóteo 4:11; Filemom 24). Além disso, como um gentio, Lucas não podia ser um parente de Paulo, em qualquer sentido (embora seja possível pontuar o versículo de maneira a deixar somente Jasom e Sosípatro como seus parentes).

Versículo 22. Tércio, o escriba cristão que registou a epístola para Paulo, também enviou suas saudações. Paulo tipicamente ditava suas cartas a um escriba (I Coríntios 16:21; Colossenses 4:18; II Tessalonicenses 3:17). Talvez isto ajude a explicar seu estilo vigoroso, viçoso, e estimulante, e suas interrupções frequentes e digressões no meio de pensamentos.

O *Versículo 23* regista as saudações dos cristãos da cidade onde Paulo estava, que este versículo ajuda a identificar como Corinto. Gaio foi um dos poucos convertidos em Corinto, o qual Paulo tinha batizado pessoalmente (I Coríntios 1:14). Ele era o anfitrião de Paulo nesta época, bem como o anfitrião da igreja inteira. Aparentemente, a igreja de Corinto se reunia na sua casa ou, talvez, ele fosse um bem conhecido anfitrião dos cristãos que visitavam Corinto. Gaio era um nome comum, e é provável que este aqui não seja o mesmo citado em Atos 19:29, Atos 20:4, e III João 1.

Erasto era o tesoureiro [ou procurador] da cidade. É interessante notar que pelo menos um cristão primitivo ocupava uma posição muito alta na sociedade – o procurador de uma das maiores cidades daqueles dias. Este homem, provavelmente, não era o mesmo mencionado em Atos 19:22 e II Timóteo 4:20, embora a última referência esteja ligada com Corinto. Arqueólogos descobriram um bloco de pavimentação de Corinto, do primeiro século, que tem o nome de Erasto inscrito, como o diretor de obras públicas. Se bem que as duas posições e as duas palavras gregas que as descrevem não sejam as mesmas, a *NIV* usa este último título para traduzir o versículo 23. Provavelmente, Erasto recebeu a promoção, de diretor de obras públicas, para procurador (ou tesoureiro) da cidade.

Quarto é completamente desconhecido. No grego, ele está mencionado como “o” irmão, talvez significando “nosso” irmão ou “seu” irmão. Talvez estivesse simplesmente presente quando Paulo enviou a carta. Alguns têm especulado que Tércio era o irmão mais velho de Quarto, uma vez que os nomes significam “terceiro” e “quatro”, respectivamente.

O *Versículo 24* é outra bênção invocando a graça do Senhor Jesus Cristo sobre os leitores. De acordo com o texto crítico, ela não está no original, mas talvez tenha sido acrescentada, sob a influência da bênção no versículo 20, que este praticamente repete. A maioria dos manuscritos gregos existentes coloca 16:25-27 antes do verso 24 (veja abaixo) e colocam o versículo 24 por último. O versículo 24 foi aceito como um fechamento mais adequado e mais correto do que o versículo 23, uma vez que o versículo 24 é uma bênção similar aos versículos finais das outras epístolas de Paulo.

G. Doxologia (16:25-27)

(25) Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, (26) Mas que se manifestou agora, e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé; (27) Ao único Deus, sábio, seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém.

Diferentemente das outras epístolas de Paulo, Romanos termina com uma passagem de louvor a Deus. A maioria dos manuscritos gregos coloca esta passagem após 14:23. Talvez os copistas antigos achassem que este poderia ser o final da carta, já que ela não era uma bênção, como acontece nas outras epístolas de Paulo. Uma posição alternativa pode indicar que Romanos tenha, às vezes, circulado entre outras igrejas sem a matéria pessoal dos capítulos 15 e 16. Ainda que alguém questione a colocação desta passagem, não há razão para questionar sua autenticidade.

Embora que diferente das bênçãos usuais de Paulo, esta passagem é um término apropriado para esta epístola singular. Ela ecoa temas dos versículos de abertura da epístola. Talvez Paulo tenha acrescentado este término, depois que Tércio terminou a carta e a leu para ele. Era costume de Paulo terminar suas cartas com uma anotação de próprio punho (II Tessalonicenses 3:17). Portanto, esta doxologia poderia muito bem ser o fechamento pessoal de Paulo. Esta bela canção de louvor é certamente uma conclusão adequada a este livro.

Versículo 25. Paulo dedicou seu louvor ao Deus onipotente. Ele salientou o poder de Deus para firmar os crentes romanos – algo que Paulo desejou em 1:11. Isto está implícito nas palavras “meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo”. Como em 2:16, Paulo personalizou o evangelho. Como em 1:16, Paulo enfatizou que o poder de Deus está no evangelho de Jesus Cristo.

Isto acontece de acordo com a revelação do mistério escondido nas épocas passadas. A palavra *mistério*, como usada no Novo Testamento, refere-se aos pensamentos secretos e planos de Deus escondidos da razão humana, que Deus deve revelar ao homem, se ele o pode compreender. Nos escritos de Paulo, o mistério é algo que já foi secreto, mas que, agora, está revelado.

Versículo 26. Este mistério agora se tornou conhecido de todas as nações. A revelação tornou-se possível e aconteceu sob o comando do Deus eterno. O mistério foi revelado através das “escrituras dos profetas” ou Escrituras proféticas. Isto parece significar o Antigo Testamento, mas, se é assim, como o mistério poderia ser revelado no Antigo Testamento e, ao mesmo tempo, ainda estar escondido do mundo? Talvez a resposta seja esta: Embora o Antigo Testamento contenha profecias que, quando corretamente interpretadas e proclamadas, tornam conhecidos os planos secretos de Deus para o homem, somente à luz da pregação de Jesus Cristo, pela igreja do Novo Testamento, é que o homem veio a ter um entendimento pleno daquelas profecias.

Alternativamente, talvez a referência seja à profecia do Novo Testamento – as escritas inspiradas dos autores do Novo Testamento, que estavam, então, sendo compostas, circuladas, e colecionadas. Afinal de contas, o significado primeiro de “profético” é “inspirado por Deus”, não “predizente do futuro”. A comparação com Efésios 3:5 (veja abaixo) dá crédito a esta interpretação. Exatamente, o que é o mistério aqui? Se a segunda frase do versículo 25 é uma outra declaração da primeira, então o mistério seria a pregação de Jesus Cristo. Isto é, Deus manifestou a Si mesmo na carne (I Timóteo 3:16), comprou nossa salvação, pela morte, sepultamento e ressurreição do Seu Filho, oferece salvação a toda humanidade, através da fé em Cristo e habilita o homem a arrepender-se, ser batizado em nome de Jesus, para a remissão dos pecados, e ser cheio do Espírito Santo. Este foi o plano de Deus desde o início. O Antigo Testamento profetizou acerca dele, o Novo Testamento pregou, e, agora, ele foi claramente revelado à humanidade.

Além disso, especificamente, o mistério provavelmente se refere ao plano de Deus para a igreja do Novo Testamento. Em todo o tempo, Deus planejou e o Antigo Testamento predisse que Deus estabeleceria uma nova aliança e teria um corpo de crentes cheios do Espírito e chamados para fora. Deus planejou salvar os gentios, mas, além disso, Deus planejou unir os judeus e gentios num só corpo, pelo evangelho da fé em Jesus Cristo. (Veja Romanos 3:21-31; 4:9-17; 9:24-29; 15:7-13). Este mistério está descrito em Efésios 3:3-6, e este significado específico parece se adequar melhor ao contexto de Romanos: “Como me foi este mistério manifestado pela revelação, como antes um pouco vos escrevi; Por isso, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, O

qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas; A saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho”.

O propósito desta revelação do mistério a todas nações é produzir “obediência à fé” (*NKJV*). A *KJV* a chama de “a obediência de fé”. A *NIV* diz que o mistério foi revelado “para que todas as nações pudessem crer e obedecer”. Como faz 1:17, este versículo enfatiza a justificação pela fé, e, como faz 1:5, enfatiza a obediência de fé. *The Wycliffe Bible Commentary* define isto como “a obediência que a fé coloca em operação”.⁴²

Muitas pessoas pregam corretamente a justificação pela fé, sob a autoridade do livro de Romanos. Muitas dessas mesmas pessoas, no entanto, definem fé como mero consentimento mental, aceitação intelectual, ou confissão verbal. Eles precisam entender fé como apresentada no Livro de Romanos – inseparável da obediência.

O *Versículo 27* conclui a sentença voltando ao pensamento que começou no versículo 25 – dando louvor a Deus. O apóstolo, inspirado, reconheceu um Deus que é o único sábio, ao qual ele deu glória eterna através de Cristo. Este versículo é muito semelhante a Judas 25: “Ao único Deus sábio, Salvador nosso, seja glória e majestade, domínio e poder, agora, e para todo o sempre. Amém”.

Sendo que graça e paz vêm para nós, da parte de Deus, através de Cristo (1:7), e sendo que devemos oferecer graças a Deus, através de Cristo (1:8), então devemos dar glória a Deus, através de Jesus Cristo. Deus merece glória eterna por ser quem Ele é, mas Ele merece especificamente glória eterna, por Se manifestar e prover salvação, através de Cristo. O único Deus, que Se encarnou como Jesus Cristo, reinará através da eternidade, como o Cristo exaltado, com seu corpo humano glorificado (Apocalipse 22:3-5). Sendo Jesus Cristo Deus, receberá louvor, adoração e glória da Sua igreja, através da eternidade. A Deus seja a glória, através de Jesus Cristo eternamente. Amém! – Assim seja!

⁴² The Wycliffe Bible Commentary, p. 1226.

Bibliografia

- Aland, Kurt et al., editors. *The Greek New Testament*, terceira edição. Stuttgart, West Germany: Sociedade Bíblica Unida, 1983.
- Barmby, J. *Romans*, Volume 18 do *The Pulpit Commentary*, H.D.M. Spence e Joseph Exell, editors. Reimpresso 1981, Grand Rapids: Eerdmans.
- Bauer, Walter, Arndt, W.F. e Gringrich, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, segunda edição. Chicago: Univrsity of Chicago Pres, 1979.
- Bernard, David. *The New Birth*. Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1983.
- Bernard, David. *The Oneness of God*. Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1983.
- Bernard, David. *Practical Holiness: a Second Look*. Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1983.
- Bonhoeffer, Dietrich. *The Cost of Discipleship*, segunda edição, R. H. Fuller, tradutor. New York: Macmillan, 1959.
- Bridges, Jerry. *The Pursuit of Holiness*. Colorado Springs, Co.: NavPress, 1978.
- Bruce, F. F. *The Epistle to the Romans*, Volume 6 do *The Tyndale New Testament Commentaries*, R. V. G. Tasker, editor. Grand Rapids: Eerdmans, 1963.
- Dana, H. E. e Mantey, J.R. *A Manual Grammar of the Greek New Testament*. New York: Macmillan, 1957.
- Erdman, Charles. *The Epistle of Paul to the Romans*. Philadelphia: Westminster Press, 1966.
- Fuller, Daniel. *Gospel and Law: Contrast or Continuum?* Grand Rapids: Eerdmans, 1980.
- Hiebert, D. Edmund. *An Introduction to the Pauline Epistles*. Chicago: Moody Press, 1954.
- Holy Bible, New International Version*, The. Grand Rapids: Zondervan, 1978.
- Holy Bible, The King James Version*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1982.
- Marshall, Alfred. *The Interlinear Greek-English New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1958.
- Nee, Watchman. *The Normal Christian Life*. Wheaton, IL.: Tyndale House Publishers, 1957.
- Newell, William. *Romans Verse by Verse*. Chicago: Moody Press, 1938.
- Pfeiffer, Charles e Harrison, Everest, editors. *The Wycliffe Bible Commentary*. Chicago: Moody Press, 1962.
- Phillips, J. B. *The New Testament in Modern English*. New York: Macmillan, 1958.
- Thayer, Joseph. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, 1985, reimpresso Grand Rapids: Eerdmans.
- Thomas, W. H. Griffith. *St. Paul's Epistle to the Romans*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.
- Vaughan, Curtis, editor. *The New Testament from 26 Translations*. Grand Rapids: Zondervan, 1967.
- Vine, W. E. *An Expository Dictionary of New Testament Words*. Old Tappan, N. J.: Fleming H. Revell, 1940.